EB70-MC-10.313

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

1ª Edição
2022

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

EB70-MC-10.313

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

1ª Edição
2022

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

PORTARIA - COTER/C Ex Nº 213, DE 31 DE AGOSTO DE 2022

EB: 64322.011280/2022-45

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.313 Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, 1ª edição, 2022 e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do artigo 16 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 6ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.676, de 25 de janeiro de 2022, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.313 Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, 1ª edição, 2022, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex ESTEVAM CALS THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 38, de 23 de setembro de 2022)

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

As sugestões para o aperfeiçoamento desta publicação, relacionadas aos conceitos e/ou à forma, devem ser remetidas para o *e-mail* portal.cdoutex@coter.eb.mil.br ou registradas no *site* do Centro de Doutrina do Exército http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/fale-conosco

O quadro a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

Manual	Item	Redação Atual	Redação Sugerida	Observação/Comentário

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

ÍNDICE DE ASSUNTOS

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual de campanha (MC) tem a finalidade de estabelecer os fundamentos doutrinários do emprego operacional do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt), orgânico da Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt), em situações de guerra e de não guerra.

1.1.2 Ele fornece elementos que possibilitam a padronização do preparo e do emprego do Esqd C Pqdt, no cumprimento de suas missões. Além disso, busca orientar o comandante da subunidade (Cmt SU) e seu estado-maior (EM) no planejamento, preparação, execução, coordenação e sincronização das ações desenvolvidas pelo esquadrão.

1.1.3 O manual de campanha Esqd C Pqdt deve ser usado com outros documentos doutrinários, particularmente o MC Bda Inf Pqdt, o MC Regimento de Cavalaria Mecanizado (RC Mec) e o MC Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec).

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 A partir da década de 1960, estudiosos da Doutrina Militar Terrestre da época verificaram a necessidade de que a então brigada aeroterrestre (Bda Aet) possuísse uma tropa mais móvel que as demais e com relativo poder de fogo capaz de executar missões de reconhecimento e garantir-lhe a proteção durante um assalto aeroterrestre (Ass Aet) e conquista da cabeça de ponte aérea (C Pnt Ae). Após mais de 20 anos de estudos, chegou-se à conclusão que a brigada (Bda) necessitava de uma tropa de cavalaria (Cav) com essas características em sua constituição.

1.2.2 A cavalaria paraquedista do Exército Brasileiro (EB) teve início no final de 1981, por ocasião da criação do 1º Esqd C Pqdt. Desde então, a Bda Inf Pqdt passou a contar com uma tropa com elevada mobilidade, relativa proteção blindada (Bld), potência de fogo, ação de choque e comunicações amplas e flexíveis, capaz de realizar missões de reconhecimento (Rec) e segurança (Seg) em proveito da grande unidade (GU).

1.3 O COMBATE MODERNO E O ESQUADRÃO PARAQUEDISTA

1.3.1 As forças aeroterrestres têm como características a mobilidade e a flexibilidade, aliadas ao constante estado de prontidão.

1.3.2 Por essas características, junto à capacidade de sobrevoar obstáculos e resistências interpostas, ainda que com a grande evolução nos meios de defesa aeroespacial (D Aepc), as tropas paraquedistas continuam sendo empregadas no combate moderno, pois permitem a rápida inserção de uma tropa em qualquer ponto ou região do teatro de operações (TO), principalmente por meio do salto com paraquedas ou, mais esporadicamente, por meio do pouso de aeronaves em locais específicos.

1.3.3 A Bda Inf Pqdt, na qual está inserido o Esqd C Pqdt, é um meio eficaz de pronta-resposta da Força Terrestre (F Ter), podendo ser empregada em proveito dos interesses tático, operacional, ou mesmo, estratégico.

1.3.4 No ambiente operacional contemporâneo, o Esqd C Pqdt pode ser empregado em diferentes situações que podem se desenvolver dentro de um largo espectro de intensidade de conflitos, que vão de situações de não guerra até as situações de guerra.

1.3.5 Para seu emprego, o nível de prontidão alcançado permite que em 24 horas após ser demandado, o Esqd C Pqdt esteja em condições de deslocar-se a qualquer área de interesse do escalão superior (Esc Sp), dentro do território nacional ou no exterior.

1.3.6 De modo a ampliar as capacidades das tropas paraquedistas empenhadas pela Bda Inf Pqdt em operações, o Esqd C Pqdt pode ser empregado formando forças-tarefas (FT) nível SU juntamente com os batalhões de infantaria paraquedista (BI Pqdt).

1.3.7 Dessa forma, o Esqd C Pqdt deve estar preparado e possuir capacidades operativas suficientes para, quando acionado, ser capaz de atuar tanto em situações de guerra quando de não guerra, em qualquer ambiente operacional, a fim de apoiar as operações da Bda Inf Pqdt.

CAPÍTULO II

O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 O Esqd C Pqdt é a tropa de reconhecimento e segurança da Bda Inf Pqdt, sendo, por isso, um elemento (Elm) de economia de meios. Para tal, deve ser dotado com plataformas que permitam boa mobilidade terrestre (Ter), relativa proteção blindada e potência de fogo adequada. O Esqd C Pqdt também possui as capacidades de atuar na manobra tática e na ação terrestre.

2.1.2 O Esqd C Pqdt está apto a participar de operações no amplo espectro, seja atuando isoladamente, seja compondo uma FT.

2.2 CONCEITO DE EMPREGO

2.2.1 De uma forma geral, o emprego do Esqd C Pqdt, uma vez atingida a área do objetivo, isto é, após o seu desembarque por lançamento ou aterragem, e a consequente reorganização no solo, é semelhante ao emprego de um Esqd C Mec orgânico de Bda.

2.2.2 A diferença básica reside, por conseguinte, na forma de deslocamento (Dslc) do Esqd até a região onde será empregado, deslocamento este realizado por meio de movimento aéreo. Uma particularidade do emprego é que os pelotões de cavalaria paraquedista (Pel C Pqdt) também podem ser empregados como integrantes das FT da Bda Inf Pqdt valor Btl.

2.2.3 Embora não constitua a forma normal de emprego, o Esqd C Pqdt, agindo isoladamente, pode realizar operações ofensivas e defensivas, na execução de suas missões básicas, o reconhecimento e a segurança, ou como elemento de economia de forças. Realiza também, movimentos retrógrados (Mvt Rtg), em particular a ação retardadora (Aç Rtrd), geralmente quando executando a missão básica de segurança.

2.3 MISSÃO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

2.3.1 O Esqd C Pqdt possui as seguintes missões principais:
a) participar do estabelecimento de uma C Pnt Ae;
b) realizar reconhecimento de eixo, área e zona, em frentes e profundidades compatíveis com os meios à sua disposição;
c) executar missões de segurança, em particular a proteção e a vigilância; e
d) realizar operações ofensivas, defensivas ou retrógradas, no desenvolvimento

das ações de reconhecimento e segurança, ou como elemento de economia de forças.

2.3.2 O Esqd C Pqdt é, também, empregado para:
a) realizar ligações de combate;
b) receber e planejar o emprego de meios aéreos sob controle operacional;
c) executar ações contra forças irregulares;
d) cumprir missões no quadro de defesa interna e defesa territorial;
e) conduzir operações de combate sob condições de visibilidade limitada, com o emprego de meios de visão noturna e vigilância eletrônica;
f) proporcionar limitada defesa anticarro (AC);
g) deslocar-se por meios aéreos;
h) desembarcar por meio de lançamento por paraquedas ou aterragem;
i) isolar áreas que tenham sofrido ataques ou vazamentos químicos, biológicos e nucleares (com limitações);
j) atuar como força a pé, cumprindo missões de Rec e Seg em proveito da Bda Inf Pqdt (com limitações), numa operação aeroterrestre (Op Aet), na impossibilidade do lançamento de suas viaturas (Vtr) orgânicas, inicialmente ou durante toda a operação;
k) participar de operações de amplo espectro no Brasil e no exterior;
l) organizar suas peças de manobra em estruturas organizacionais provisórias (pelotões provisórios) para atender às peculiaridades de determinadas missões que lhe forem atribuídas ou para fazer face a situações do combate; e
m) operar vetores aéreos de vigilância (SARP), compatíveis com as possibilidades e limitações da SU.

2.4 CAPACIDADES OPERATIVAS

2.4.1 O Esqd C Pqdt, em proveito da Bda Inf Pqdt, é capaz de ser empregado em grandes distâncias, desde que apoiado por uma força aérea, com o emprego de aeronaves de asa fixa ou asa móvel, o que lhe proporciona velocidade de intervenção e flexibilidade de emprego, entre áreas estratégicas diferentes do território nacional, do entorno estratégico e em área de interesse.

2.4.2 Por estar inserido na Bda Inf Pqdt, que é uma grande unidade que tem uma alta prioridade de emprego pelo Exército Brasileiro, o Esqd C Pqdt é capaz de estar em condições de ser empregado em um prazo de 24 horas.

2.5 POSSIBILIDADES

2.5.1 O Esqd C Pqdt é organizado e equipado para executar operações básicas, complementares e Operação de Cooperação e Coordenação com Agência (OCCA), notadamente operações aeroterrestres, principalmente atuando à retaguarda do inimigo, a fim de realizar missões de reconhecimento e segurança em proveito da Bda Inf Pqdt.

2.5.2 O Esqd C Pqdt é um elemento tático – administrativo dotado de meios suficientes para períodos limitados de combate (normalmente 72 horas), sem contar com ressuprimento do escalão superior.

2.6 LIMITAÇÕES

2.6.1 O Esqd C Pqdt incorpora algumas das limitações próprias das forças paraquedistas, e mais as inerentes ao seu material. Suas principais limitações são especificadas a seguir:
a) Quanto ao inimigo:
- vulnerabilidade aos ataques aéreos;
- sensibilidade ao largo emprego de minas, armas AC e aos obstáculos;
- vulnerabilidade aos efeitos das armas e agentes químicos, biológicos, nucleares; e
- vulnerabilidade na fase da reorganização.

b) Quanto ao terreno e condições meteorológicas:
- sensibilidade às condições climáticas e meteorológicas adversas; e
- sensibilidade aos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos.

c) Quantos aos meios:
- exigência de considerável apoio da força aérea (F Ae), inicial e continuado, quando empregado em Op Aet;
- dependente da disponibilidade de aeronaves;
- necessidade de considerável apoio logístico, particularmente após as 72 horas iniciais;
- dificuldade em manter o terreno conquistado, tendo em vista o seu limitado efetivo; e
- dificuldade em assegurar o sigilo desejável em virtude do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas quando em deslocamento.

2.7 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

2.7.1 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

2.7.1.1 O Esqd C Pqdt possui a seguinte estrutura organizacional básica:
a) comando (Cmdo) e estado-maior (EM);
b) 01 (um) Pel Cmdo Ap; e
c) 03 (três) Pel C Pqdt.

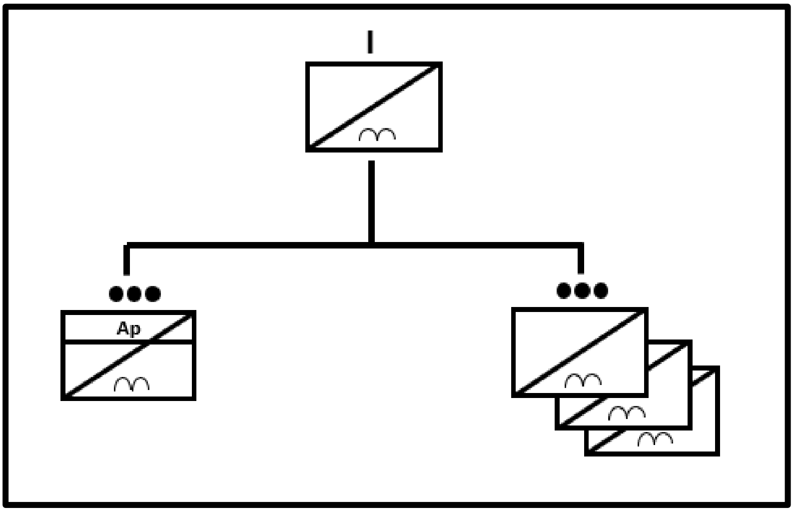


Fig 2-1 – Estrutura Organizacional do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

2.7.1.3 O Comando e o Estado-Maior

2.7.1.3.1 O comandante é o responsável pelo comando e controle da subunidade durante o preparo e o emprego e, assessorado pelo EM, planeja, organiza, coordena e controla as atividades da SU.

2.7.1.3.2 Estado-Maior
a) O subcomandante (SCmt) é o chefe do estado-maior do Esqd e o substituto eventual do comandante.
b) O EM do Esqd tem como missão assessorar o Cmt no exercício do comando.
c) O EM da SU compreende o SCmt, o oficial de pessoal (S-1), o oficial de inteligência e operações (S-2/S-3), o oficial de logística (S-4) e o oficial de saúde.

2.7.1.4 Elementos Subordinados

2.7.1.4.1 Os Pel C Pqdt constituem os elementos de manobra do Esqd C Pqdt e são constituídos pelas seguintes frações:
a) grupo comando (Gp Cmdo);
b) 02 (dois) grupos de exploradores (G Exp);
c) Seção de Mísseis Anticarro (MAC):
- 02 (duas) peças de míssil anticarro; e
- 01 (uma) peça de canhão anticarro 84 mm.

d) peça de apoio, dotada de morteiro (Mrt) 81 mm.

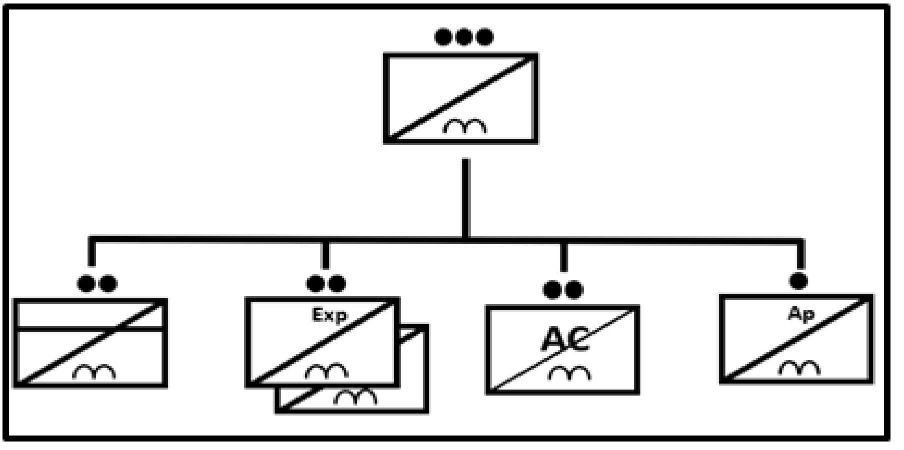


Fig 2-2 – O Pelotão de Cavalaria Paraquedista

2.7.1.4.2 As principais possibilidades dos Pel C Pqdt são:
a) estabelecer segurança (em particular a proteção e vigilância);
b) executar reconhecimentos;
c) movimentos retrógrados; e
d) combater em proveito do Esqd C Pqdt ou de unidades às quais se encontram reforçando ou integrando.

2.7.1.4.3 O Pel C Pqdt, graças à sua flexibilidade, proteção blindada e potência de fogo, é capaz de adaptar-se a qualquer situação e de engajar-se prontamente em distintos tipos de combate. É, também, capaz de grupar-se, no âmbito de sua própria unidade, para enfrentar situações especiais que se apresentem e fujam ao emprego normal de seus meios. É organizado e equipado para atuar como um conjunto, não devendo, em princípio, ser fracionado. Entretanto, pode adotar a estrutura de pelotão provisório, caso se faça necessário.

2.7.1.4.4 Pelotão de Comando e Apoio
a) O Pel Cmdo Ap destina-se a apoiar o comando da subunidade com os meios necessários à conduta das operações de combate e prestar o apoio logístico às frações do Esqd.
b) O Cmt do Pel Cmdo Ap, além de suas atribuições normais, também é o responsável pela supervisão das instalações, segurança, deslocamento e do funcionamento das áreas de trens da subunidade (ATSU).
c) O Pel Cmdo Ap é constituído pelas seguintes frações:
- Cmdo;
- Seção de Comando (Seç Cmdo);
- Seção de Logística (Seç Log); e
- Seção de Vigilância Terrestre e Observação (SVTO).

d) A Seç Cmdo enquadra o efetivo e os meios de todas as frações que apoiam diretamente o comando do Esqd e seu EM (turma de comando; turma de pessoal; turma de inteligência e operações; e turma de logística) e os de emprego peculiar (turma de comunicações e turma de caçadores).
e) A Seç Log enquadra as turmas de manutenção (Tu Mnt), aprovisionamento (Tu Aprov), saúde (Tu Sau) e suprimento (Tu Sup). É responsável pelo apoio logístico ao Esqd, transportando e distribuindo os suprimentos das classes I, III, V, VIII e IX e também pelo preparo e distribuição da alimentação ao efetivo da subunidade.
f) A SVTO é composta de 02 (duas) equipes de radar e uma turma de SARP.

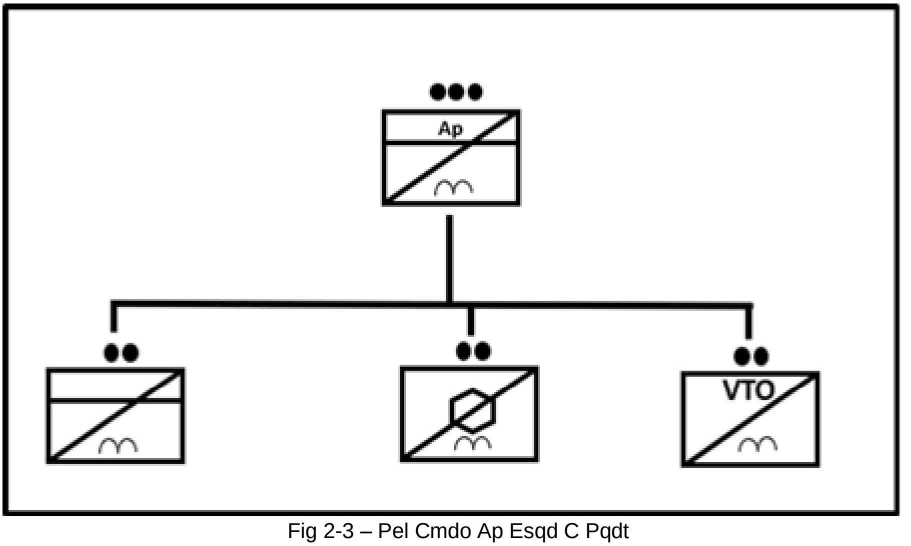


Fig 2-3 – Pel Cmdo Ap Esqd C Pqdt

2.7.2 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

2.7.2.1 A organização do Esqd C Pqdt para o combate (Cmb) depende dos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, condições meteorológicas, meios, tempo considerado e considerações civis – MITCMTC) e das conclusões do exame de situação.

2.7.2.2 O Esqd C Pqdt pode ser organizado para o Cmb adotando uma das seguintes estruturas:
a) estrutura organizacional básica – a SU enquadrando com 03 (três) Pel C Pqdt;
b) estrutura organizacional com pelotões provisórios (Pel Provs) – o Cmt SU reúne em cada Pel da SU as frações dos Pel C Pqdt de mesma natureza; e
c) estrutura mista – com 01 (um) Pel C Pqdt e uma Seç Provs Mrt Me (a duas Pç Mrt).

2.7.2.3 Os Esqd C Pqdt, além de adotar uma estrutura organizacional básica ou uma estrutura provisória, podem receber outras frações e meios em reforço ou apoio.

2.7.2.4 O Esqd C Pqdt, como peça de manobra da Bda Inf Pqdt, é empregado, normalmente, em proveito desta GU. Ocasionalmente, poderá reforçar, como um todo, um dos BI Pqdt, em função das necessidades da operação. Extraordinariamente, o Esqd poderá ceder um, ou no máximo dois pelotões, para reforçar outras unidades de combate.

2.7.2.5 O Esqd C Pqdt pode operar, em princípio, sem apoios. Contudo, quando a situação assim o indicar, o Esqd poderá ser reforçado por elementos de combate e apoio ao combate.

2.7.2.5.1 Elementos de Combate
a) Dependendo da situação, o Esqd poderá ser reforçado por elementos de combate, orgânicos ou não da Bda Inf Pqdt, para o cumprimento de suas missões.
b) Elementos de infantaria paraquedista poderão, em determinadas situações, reforçar o Esqd.
c) Elementos de carro de combate ou de fuzileiros blindados, quando disponíveis e sob o comando operacional da GU Pqdt, podem ser passados em reforço ao Esqd para execução de uma missão específica.
d) Normalmente, o Esqd emprega os elementos de combate em reforço sem alterar-lhes a organização.

2.7.2.5.2 Elementos de Apoio ao Combate
a) O apoio de artilharia (Art) é proporcionado ao Esqd pelo GAC Pqdt orgânico da GU Pqdt e/ou, eventualmente, por unidades de Art não orgânicas. Um observador avançado (OA), pertencente ao Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) Pqdt, acompanha o Esqd. Este oficial é o assessor técnico do Cmt Esqd, no que tange ao apoio de fogo de Art.
b) Elementos de Engenharia (Eng) podem apoiar ou reforçar o Esqd. Elementos de reconhecimento podem ser empregados com o Esqd para colher informes técnicos sobre estradas e pontes e auxiliar na preparação de obstáculos nos Mvt Rtg, bem como auxiliar na mobilidade do Esqd.
c) O apoio aéreo aproximado (aviões e helicópteros) pode ser atribuído ao Esqd durante uma operação aeroterrestre, sendo de particular importância na fase do assalto aeroterrestre.
d) Meios aéreos pertencentes à aviação do Exército ou da Força Aérea podem reforçar ou ficar sob controle operacional do Esqd. Raramente são colocados em reforço, tendo em vista as dificuldades que seriam criadas relativamente ao apoio logístico às aeronaves.
e) A situação normal é o Esqd receber meios aéreos sob controle operacional para o cumprimento de missão específica.

f) As aeronaves mais aptas para operar com a cavalaria paraquedista são os helicópteros, em particular os de observação e os de ataque. Os helicópteros são empregados sob o comando direto do Cmt Esqd, mas em estreita coordenação com os Pel C Pqdt, ampliando e complementando suas ações através de:

- vigilância à frente e nos flancos;
- o reconhecimento de eixos transversais, acidentes capitais e áreas inacessíveis às viaturas e motocicletas;
- localização e balizamento das vias de acesso para desvio de posições inimigas e obstáculos;
- auxílio ao comando e controle da operação;
- atuação como posto de retransmissão de mensagens via rádio;
- localização de vias de acesso favoráveis ao ataque e proteção de flancos quando o Esqd for atacar;
- engajamento em operações ofensivas, defensivas e em movimentos retrógrados em apoio ao Esqd;
- estabelecimento de contato com o inimigo;
- o transporte de homens e equipamentos das diversas turmas ou grupos; e
- eventualmente, para o transporte de pequenos itens de suprimento e para evacuação aeromédica.

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 A função de combate Comando e Controle (C²) compreende um dos elementos essenciais e indissociáveis do poder de combate, exercendo papel fundamental no processo de planejamento e condução das operações no Esquadrão de Cavalaria Paraquedista.

3.1.2 Tem por finalidade estabelecer o conjunto de Sistemas de Tecnologia da Informação e Comunicações que realiza a integração entre o posto de comando (PC) e os escalões superiores e subordinados, bem como realizar ligações que proporcionem a sinergia das forças nas ações em combate.

3.1.3 Tais atribuições visam a proporcionar e manter a consciência situacional, facilitar a obtenção de dados e realizar a conjugação dos fatores intervenientes das atividades em campanha.

3.1.4 A estrutura de comando e controle do Esqd C Pqdt deve contar com a possibilidade de estabelecer enlaces por tempo indeterminado, podendo atuar de maneira descentralizada. Além disso, a estrutura de comando e controle deve proporcionar flexibilidade, confiabilidade e segurança aos seus integrantes, uma vez que atua em ambiente complexo.

3.1.5 O emprego da Esqd C Pqdt deve primar pelo adestramento quanto à utilização da estrutura de comando e controle, uma vez que o sigilo e a obtenção da surpresa são fatores primordiais para seu emprego. Assim, é fundamental que o equipamento rádio seja utilizado com as devidas tecnologias de medida de proteção eletrônica (MPE) e que haja efetiva disciplina na padronização de técnicas, táticas e procedimentos (TTP) de forma a minimizar a localização eletrônica da tropa desdobrada no terreno.

3.1.6 Para as transmissões de longa distância, o fluxo de mensagens deve incluir os meios satelitais, uma vez que a detecção eletrônica contra esses equipamentos é mais difícil.

3.1.7 Meios de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA), radar de vigilância terrestre (RVT) e caçadores podem ser utilizados como ferramentas para potencializar a execução do comando e controle no âmbito do Esquadrão.

3.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

3.2.1 COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

3.2.1.1 O Cmt Esqd é o responsável pelo comando e controle (C2) dos elementos orgânicos, dos elementos em reforço e em apoio e pela sincronização das operações.

3.2.1.2 Uma efetiva liderança é o instrumento que irá assegurar uma vitória decisiva. O Cmt que desejar liderar a SU deverá possuir um sistema de comando e controle confiável, seguro e eficiente. Esse sistema deve ser capaz de funcionar, expedindo ordens, coordenando os apoios e proporcionando diretrizes para o Esqd, apesar das interferências do inimigo, da perda de instalações de comando e de elementos-chave na cadeia de comando.

3.2.1.3 Além das responsabilidades e prerrogativas inerentes à sua função, tem como atribuições:
a) assessorar o Cmt Bda/FT quanto ao emprego apropriado dos seus meios, mantendo-o informado, particularmente, quanto às questões de caráter técnico, tático e logístico;
b) zelar pela manutenção da consciência situacional do Cmdo Bda/FT, naquilo que seja relevante ao âmbito de decisão considerado, incluindo os aspectos logísticos;
c) prestar o apoio logístico aos seus elementos subordinados;
d) operar, na sua área de responsabilidade, em coordenação com os elementos de apoio logístico do escalão enquadrante e suas redes de distribuição, de acordo com os procedimentos peculiares da Bda/FT, usando os canais de distribuição estabelecidos;
e) executar tarefas logísticas conjuntas, dentro da sua área de responsabilidade, de acordo com a determinação do Cmt Bda/FT, em coordenação com os elementos de apoio logístico; e
f) estabelecer e atualizar as necessidades de inteligência (NI), visando ao processo decisório, tanto para o planejamento quanto para a condução das operações militares.

3.2.2 SUBCOMANDANTE

3.2.2.1 O subcomandante do Esquadrão (SCmt Esqd) é um oficial intermediário aperfeiçoado. A principal atribuição do SCmt Esqd é secundar o Cmt Esqd no desempenho da sua função. Por isso, todas as atribuições previstas para o comandante são, em última análise, suas atribuições. Além disso, o SCmt assessora o Cmt, em todos os aspectos relacionados ao Esqd.

3.2.2.2 Como chefe do Estado-Maior, possui as seguintes atribuições:
a) assessorar o Cmt;
b) participar do processo de planejamento, desde a concepção inicial das operações, coordenando a elaboração dos planos decorrentes;
c) coordenar os trabalhos entre as seções, visando a garantir a unidade de esforço para o cumprimento da missão;
d) supervisionar o cumprimento das normas e ordens emanadas do Cmt Esqd;
e) estabelecer e monitorar a rotina de trabalho do PC do Esqd, garantindo o efetivo apoio ao planejamento e tomada de decisões;
f) comandar o posto de comando principal (PCP) da SU, sendo responsável pela sua instalação, segurança e deslocamento;
g) assegurar as efetivas ligações com o escalão superior e com as outras unidades;
h) supervisionar, diretamente, elementos especiais do EM, quando for o caso; e
i) coordenar as reuniões do EM.

3.2.2.3 Para o desempenho da sua função, é fundamental que o SCmt tenha um profundo conhecimento da intenção do Cmt, a fim de decidir, de forma mais eficiente e harmônica possível, quando da ausência do Cmt.

3.2.3 O ESTADO-MAIOR

3.2.3.1 O EM do Esqd C Pqdt assessora o seu comandante no planejamento, na organização, no emprego dos elementos subordinados, na coordenação e no controle das atividades da SU.

3.2.3.2 1ª Seção – Pessoal

3.2.3.2.1 O chefe da 1ª Seção do Esqd C Pqdt é o oficial de pessoal (S-1) do Esqd. Ele é o principal assessor do Cmt nos assuntos da logística do pessoal. Compete ao S-1 o planejamento, a coordenação e a sincronização de todas as atividades logísticas e administrativas referentes ao pessoal, possuindo as seguintes atribuições:
a) proceder à análise de pessoal;
b) estabelecer normas e procedimentos para os assuntos relativos à gestão e ao trato de civis ou militares, amigos ou inimigos, particularmente prisioneiros de guerra (PG), refugiados e deslocados, em coordenação com as seções de inteligência e de assuntos civis;
c) fazer os pedidos de recompletamento de pessoal do Esqd, remetendo-o ao chefe da seção de pessoal do escalão enquadrante;
d) estabelecer prioridades de recompletamento das frações subordinadas e acompanhar a sua execução;
e) controlar o efetivo do Esqd;
f) controlar os dados sobre as perdas;
g) propor medidas para manter elevado o moral do pessoal;

h) selecionar, planejar e coordenar a utilização das áreas de recuperação e centros de recreação;
i) tratar dos assuntos relativos à disciplina e à justiça militar, dentro da esfera do Esqd;
j) preparar e distribuir ordens e planos inerentes à atividade do pessoal;
k) elaborar normas, planejar e controlar a utilização de mão de obra civil, em coordenação com as seções de inteligência, de logística e de assuntos civis;
l) organizar e controlar o histórico do pessoal e do Esqd durante as operações;
m) estabelecer normas e controlar o serviço postal e as correspondências em geral;
n) receber, consolidar, confeccionar e remeter ao escalão superior, se for o caso (SFC), os registros e os relatórios de pessoal;
o) contribuir com os dados de pessoal para subsidiar os planos de apoio logístico;
p) planejar, coordenar e estabelecer normas para o sepultamento, em coordenação com o planejamento do escalão enquadrante;
q) coordenar os trabalhos do assessor jurídico, quando da existência dessa função na organização do EM;
r) confeccionar o Anexo de Pessoal e participar da confecção do Anexo de Logística à Ordem de Operações no tocante aos recursos humanos; e
s) assessorar o Cmt Esqd na estruturação do EM e estruturar a Seção de Pessoal do referido EM.

3.2.3.3 2ª Seção – Inteligência e 3ª Seção – Operações

3.2.3.3.1 O oficial de inteligência e operações é o responsável por coordenar os trabalhos atinentes às 2ª e 3ª seções do Esqd.

3.2.3.3.2 Como oficial de inteligência, o S-2 é o principal assessor do Cmt na área da inteligência de Cmb, sendo responsável pelo planejamento, coordenação e sincronização das atividades afetas ao sistema de inteligência.

3.2.3.3.3 O S-2 possui as seguintes atribuições:
a) proceder à análise de inteligência e ao processo de integração do terreno, condições climáticas e meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC), necessários ao planejamento das operações do Esqd;
b) propor ao Cmt os elementos essenciais de inteligência (EEI), em todas as fases da operação;
c) produzir informações e conhecimentos, visando ao apoio da decisão do Cmt;
d) contribuir para a manutenção da consciência situacional do Cmt e demais chefes de seção do EM;
e) elaborar o plano de inteligência do Esqd, conforme os planos, diretrizes e ordens emanadas do escalão superior;
f) elaborar os demais documentos pertinentes à atividade de inteligência;
g) manter atualizadas as ordens de batalha do inimigo e o mapa de situação;
h) levantar as vulnerabilidades e as ameaças prováveis para a operação;

i) levantar os pontos sensíveis e os alvos de interesse do Esqd, apoiando e participando do processo de seleção e priorização de alvos;
j) colaborar com o observador avançado (OA) na elaboração da proposta de lista de alvos a ser encaminhada para o EM Bda;
k) avaliar os danos aos sistemas de alvos; .
l) propor ao Cmt a priorização de emprego dos meios de vigilância na busca e na coleta de dados de inteligência;
m) supervisionar a execução das medidas de contrainteligência;
n) estabelecer a arquitetura da rede de inteligência para troca de informações dentro do EM e com os elementos subordinados nos diferentes níveis;
o) estabelecer ligações com os órgãos de inteligência de outras OM porventura envolvidas na operação;
p) coordenar com as seções de pessoal e de logística a seleção e o controle da mão de obra civil;
q) coordenar com as seções de assuntos civis, de pessoal e de logística as atividades relacionadas a PG internados, deslocados e refugiados;
r) confeccionar o Anexo de Inteligência à Ordem de Operações;
s) fiscalizar e coordenar o acesso de militares ou representantes de governos ou de organizações estrangeiras a informações ou documentos sigilosos ou sensíveis (normalmente no contexto de operações internacionais); e
t) estruturar a Seção de Inteligência do EM.

3.2.3.3.4 Como oficial de operações, o S-3 tem responsabilidade no planejamento, na coordenação e na sincronização das operações de combate do Esqd e dos elementos em apoio e em reforço, se for o caso, possuindo as seguintes atribuições:
a) conduzir e coordenar o exame de situação do Esqd;
b) manter atualizados os dados e a avaliação do poder de combate do Esqd;
c) realizar o estudo e o preparo dos planos e ordens atinentes às operações do Esqd, com o apoio da seção de planejamento, submetendo-os à apreciação do SCmt, quando for o caso, e do Cmt, para posterior autenticação e disseminação;
d) levantar as linhas de ação (L Aç) para o cumprimento da missão do Esqd, em coordenação com as demais seções do EM;
e) elaborar os registros e relatórios operacionais;
f) auxiliar, em coordenação com o OA/Esqd, na elaboração da Proposta de Lista de Alvos a ser encaminhada ao EM Bda;
g) informar ao Cmt as regras de engajamento expedidas e as orientações do assessor jurídico do Esc Sp, encarregando-se de disseminá-las as frações do Esqd;
h) zelar pelo registro e consolidação dos dados necessários à manutenção da consciência situacional por parte do Cmt Esqd;
i) supervisionar e coordenar o andamento das operações;
j) consolidar o sumário diário de situação, com base nas informações recebidas das frações subordinadas e das demais seções do EM, submetendo-o à apreciação do SCmt ou do Cmt Esqd, conforme o caso, e transmitindo-o ao escalão superior conforme as diretrizes estabelecidas;

k) coordenar os trabalhos do OA de Artilharia e do oficial de Engenharia/da fração de Engenharia, quando da existência dessas funções na estrutura do Esqd; e
l) estruturar a Seção de Operações do EM Esqd.

3.2.3.4 4ª Seção – Logística

3.2.3.4.1 O S-4 é o principal assessor do comandante para as atividades da logística do material e o coordenador da manobra logística do Esqd C Pqdt, sendo responsável por:
a) proceder à análise de logística;
b) estabelecer os níveis de estoque nas diversas classes de suprimento;
c) assegurar o funcionamento do fluxo do apoio logístico, estabelecendo a ligação com o Batalhão Logístico Paraquedista, com o Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista e com os elementos apoiados;
d) elaborar o Anexo de Logística à Ordem de Operações, prevendo a forma e os procedimentos para o atendimento das demandas dentro das funções logísticas previstas;
e) levantar dados sobre os recursos e as capacidades logísticas dos elementos de manobra que integram o Esqd;
f) colaborar com a seção de operações na avaliação da praticabilidade, do ponto de vista logístico, das linhas de ação elaboradas;
g) planejar, em coordenação com os setores de logística envolvidos, a localização das instalações de apoio logístico do Esqd, selecionando as regiões onde devam se desdobrar;
h) estabelecer normas para utilização dos recursos locais, em coordenação com a seção de assuntos civis;
i) estabelecer prioridades para a evacuação aeromédica no âmbito do Esqd;
j) supervisionar os planejamentos logísticos dos elementos subordinados;
k) estabelecer normas para o material salvado, capturado (Cpt) e inservível, no âmbito do Esqd;
l) confeccionar os mapas e os relatórios relativos à atividade logística;
m) manter atualizada a Carta de Situação de Logística;
n) estabelecer normas para a evacuação de material no âmbito do Esqd;
o) controlar os pedidos eventuais de suprimento;
p) coordenar o apoio de saúde no âmbito do Esqd por meio de especialistas do serviço de saúde; e
q) estruturar a Seção de Logística do EM.

3.2.3.5 Seção de Comunicação Social (Caso seja Ativada em Operação)

3.2.3.5.1 O chefe da Seção de Comunicação Social é o oficial do EM responsável por entender e coordenar o fluxo de informações públicas dentro do Esqd e para o público civil. Possui as seguintes atribuições:
a) proceder à Análise de Comunicação Social (Com Soc);
b) emitir parecer, à luz da Com Soc, sobre as L Aç examinadas e sobre o apoio à manobra planejada;

c) planejar e conduzir as ações de Com Soc, em coordenação com as seções de Operações, Inteligência e de Assuntos Civis, em apoio às operações militares;
d) elaborar o plano de Com Soc do Esqd de acordo com as diretrizes constantes do Plano de Comunicação Social da Bda Inf Pqdt e dos Escalões acima (se for o caso);
e) estabelecer os procedimentos para as atividades sob sua responsabilidade, verificando as instalações a serem utilizadas e os meios de apoio necessários, os meios de comunicação a serem empregados e os porta-vozes aptos a se relacionarem com a mídia no EM e nos Pel;
f) propor à seção de pessoal os dados referentes ao pessoal de comunicação social na área de responsabilidade, passível de utilização como mão de obra civil;
g) realizar *media training* com os militares do Esqd designados para conceder entrevistas para os diversos meios de comunicação;
h) emitir pareceres, durante os trabalhos do EM acerca do impacto das operações correntes e futuras na opinião pública;
i) exercer o papel de porta-voz do Cmt nos contatos com a mídia, quando necessário;
j) realizar a avaliação do plano de Com Soc e as mudanças necessárias para torná-lo mais efetivo;
k) coordenar o apoio logístico e administrativo para os jornalistas que estejam participando da operação dentro do Esqd;
m) confeccionar o Anexo de Com Soc (Plano de Com Soc) à Ordem de Operações; e
n) estruturar a Seção de Com Soc, se for o caso.

3.3 PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.3.1 O PROCESSO DE PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.3.1.1 O Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT) constitui o meio segundo o qual o comandante desenvolve uma das principais atividades da função de combate Comando e Controle: o exercício da autoridade visando ao cumprimento de uma missão.

3.3.1.2 Para um perfeito entendimento desse processo e de sua aplicação ao planejamento das operações do Esqd C Pqdt, deverá ser consultado o Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres.

3.3.2 INTENÇÃO DO COMANDANTE

3.3.2.1 No combate mecanizado, é fundamental que os Cmt subordinados, em todos os níveis, tenham condições de prosseguir em suas missões, mesmo que as ligações com o comando do Esqd C Pqdt tenham sido descontinuadas em função da atuação do inimigo ou por falha técnica dos equipamentos.

3.3.2.2 Para que isso seja possível, é necessário que, além do conhecimento da missão, do conceito da operação e das tarefas e atividades que lhes cabem, os Cmt subordinados tenham perfeito entendimento da intenção do Esqd C Pqdt.

3.3.2.3 A intenção do comandante é destinada a orientar os comandos subordinados e estabelecer a ligação entre a missão, o conceito da operação e as tarefas para as frações subordinadas. Quando formulada com clareza, facilita o entendimento da missão e estimula e disciplina a iniciativa.

3.3.2.4 O comandante define sua intenção pessoalmente, tendo em mente que quanto mais concisa ela for, mais fácil será memorizá-la. A intenção do comandante deve regular:
a) o propósito da operação, ampliando seu entendimento;
b) as atividades e tarefas críticas a executar; e
c) o estado final desejado (EFD).

3.3.3 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

3.3.3.1 A consciência situacional consiste na percepção, precisa e permanentemente atualizada, do ambiente operacional no qual se atua e que influencia na missão atribuída. Em outras palavras, é a perfeita sintonia, entre a situação percebida pelos Cmt e a situação real, de modo a proporcionar melhores condições ao processo decisório.

3.3.3.2 O sucesso nas operações exige decisões oportunas e eficazes, tomadas com base no julgamento preciso dos conhecimentos e das informações disponíveis. Portanto, é fundamental desenvolver e manter uma consciência situacional consistente durante toda a operação.

3.3.3.3 Para tanto, é necessário que cada escalão, balizado pela intenção do comandante, missão e conceito da operação, alimente os demais com informações e conhecimentos sobre sua própria condição, o inimigo, o terreno, as condições meteorológicas e considerações civis que permitam compor um quadro completo e fiel da situação vivida e que seja assegurado o fluxo de informações entre todos os escalões.

3.3.4 MISSÃO PELA FINALIDADE

3.3.4.1 Missão pela finalidade é designada basicamente pelo EFD. Normalmente é empregada, quando a fluidez da situação ou a premência de tempo impedem ou desaconselham o detalhamento do conceito da operação, com a subsequente descrição da sequência de ações que o subordinado necessitará realizar do início da missão até o EFD. Na missão pela finalidade, é previsto um mínimo de medidas de coordenação e controle e o máximo de liberdade de ação é concedida aos comandantes subordinados.

3.3.4.2 O comandante que recebe uma missão pela finalidade tem grande liberdade para conceber e conduzir sua operação, devendo estabelecer atividades e tarefas para atingir o EFD, no mais curto prazo possível. Entretanto, deve estar atento para que as ações de sua tropa estejam alinhadas às ordens, condicionantes e, principalmente, à intenção dos comandantes superiores.

3.3.4.3 O Esqd C Pqdt deve estar adestrado para receber grande parte de suas missões pela finalidade, por meio de ordens fragmentárias ou mesmo ordens verbais, em função da incerteza, do ritmo intenso e da grande velocidade que caracterizam o combate mecanizado.

3.3.5 SINCRONIZAÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.3.5.1 Considerações Gerais

3.3.5.1.1 A sincronização das operações é o ordenamento das ações táticas no tempo, no espaço e no propósito, para garantir sinergia ao conjunto das ações. Essa sincronização permite realizar ações interrelacionadas e que se apoiam mutuamente, em diferentes locais, ao mesmo tempo ou não, de forma a obter um efeito maior do que aquele que seria obtido caso fossem iniciativas isoladas.

3.3.5.1.2 O dinamismo do combate mecanizado diminui os prazos disponíveis para a tomada de decisões, tornando imprescindível a prévia sincronização dos meios postos à disposição do Cmt Esqd para a obtenção do êxito nas operações.

3.3.5.1.3 A sincronização, usualmente, requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que fazem parte de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização: é necessário que o comandante primeiro visualize os efeitos desejados e qual a sequência de atividades que os produzirá, passando, a partir daí, a coordenar os esforços para moldar a sequência de atividades necessária.

3.3.5.1.4 O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que possa melhor contribuir para obter a superioridade no local e momento decisivos. Isso exige:
a) o conhecimento dos efeitos produzidos pelos meios de combate;
b) a visualização da relação entre as próprias possibilidades e as do inimigo;
c) o perfeito entendimento das relações entre tempo e espaço; e
d) a unidade de propósito.

3.3.5.2 A Sincronização no Esqd C Pqdt

3.3.5.2.1 O Cmt Esqd, normalmente, sincroniza suas operações:
a) assegurando-se de que os meios de inteligência de combate estão ajustados às necessidades e que responderão a tempo de influenciar nas decisões e na operação;

b) determinando qual fração executará o esforço principal e carreando os meios necessários para que esse elemento obtenha o sucesso;
c) coordenando a manobra com os meios de Ap Cmb e Ap Log disponíveis;
d) utilizando a estimativa logística para assegurar-se de que os meios necessários estarão disponíveis e alocados;
e) emassando rapidamente seu poder de combate no ponto decisivo para obter a surpresa, a massa e uma efetiva ação de choque;
f) planejando “à frente”, prevendo a exploração de possíveis oportunidades criadas pelo sucesso inicial;
g) permitindo uma execução descentralizada das operações;
h) utilizando as ferramentas da sincronização; e
i) conduzindo ensaios de sincronização.

3.3.5.3 Ferramentas de Sincronização

3.3.5.3.1 Matriz de Sincronização é um documento empregado pelo estado-maior do Esqd na visualização e ensaio de todas as ações a serem realizadas antes, durante e após o combate. A matriz de sincronização não é padronizada, podendo ser adaptada ao sistema de trabalho do estado-maior do Esqd ou da operação a ser conduzida. Deve-se fazer reagir cada função de combate com o faseamento da operação e o tempo, considerando-se ainda a interferência do inimigo, do terreno, das condições climáticas, das considerações civis e de outros dados que possam influenciar no cumprimento da missão. O anexo A traz dois exemplos de matrizes.

3.3.5.3.2 Planilha de Acompanhamento do Combate é um documento de trabalho empregado pelas seções de EM e elementos de Ap Cmb e Ap Log, onde são sintetizadas ações, atividades e atuações de cada função de combate. Busca facilitar o acompanhamento do combate e a realização do estudo de situação continuado, permitindo maior rapidez na introdução das correções que se fizerem necessárias durante o combate no planejamento inicial.

3.3.5.3.3 Ensaio da sincronização é uma importante ferramenta a ser empregada para testar e corrigir a sincronia das ações e verificar o entendimento do sincronismo de cada fração pelos elementos subordinados, podendo ser realizado verbalmente, na carta ou no caixão de areia, ou ainda em um terreno reduzido, com movimentação simulada de peças de manobra. Quando a situação tática permitir, pode ser realizado à luz do terreno ou mesmo com a movimentação efetiva de peças de manobra (principalmente na fase de preparação de uma posição defensiva).

3.3.5.3.4 Calco e Matriz de Apoio à Decisão são documentos que permitem relacionar o movimento e a localização do inimigo com a adoção de alguma medida tática que tenha que ser tomada. Esses documentos não devem ditar as decisões ao comandante, mas permitem reduzir as incertezas do combate e sincronizar a tomada de decisão com as operações, bem como o desencadeamento das ações.

3.3.5.4 O Processo de Sincronização

3.3.5.4.1 O processo de sincronização é conduzido durante três fases distintas:
a) o planejamento da operação;
b) o ensaio da operação; e
c) o combate.

3.3.5.4.2 Durante o planejamento, a sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico é conduzida pelo Cmt, auxiliado pelo seu EM. Nessa fase, são planejadas as ações a realizar e como elas ocorrerão.

3.3.5.4.3 Encerrada a fase de planejamento e com a ordem de operações pronta, é realizado um ensaio da operação, com a presença do EM, Cmt Pel e dos Elm em Ap ou em reforço. Cabe ao SCmt conduzir o ensaio, que ocorre da seguinte forma:
a) de início, com o S-2, expõe todos os dados e conhecimentos disponíveis sobre o terreno, as condições meteorológicas e o inimigo e, de que forma se espera que interfiram na operação;
b) em seguida e para cada fase da operação, os oficiais responsáveis pelas funções de combate e os comandantes subordinados expõem como atuarão durante a fase considerada;
c) o S-2 passa a atuar como se fosse o comandante inimigo, interferindo e procurando neutralizar a ação de cada função de combate; e
d) frente às interferências do S-2, o EM deve aperfeiçoar o planejamento inicial.

3.3.5.4.4 Ao final do ensaio e tendo certeza da viabilidade da operação e de que todos sabem o que fazer, o SCmt dá por encerrada essa fase de sincronização.

3.3.5.4.5 Ao se iniciar o combate, o SCmt passa a conduzir a terceira fase da sincronização, a partir do PCP. Apoiado pelo EM, ele procura desenvolver e manter uma consciência situacional consistente, durante toda a Op, interagindo os dados obtidos com a matriz de sincronização. Em face da mudança da situação tática ou logística e após contato com o Cmt, o SCmt introduz modificações no planejamento inicial, agilizando a resposta dos Elm envolvidos.

3.4 POSTO DE COMANDO

3.4.1 GENERALIDADES

3.4.1.1 O posto de comando (PC) é o local onde se instala o comando do Esqd C Pqdt para planejar e conduzir as operações, devendo funcionar de forma ininterrupta.

3.4.1.2 O PC reúne os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e o controle dos elementos de Cmb, Ap Cmb e Log da SU (orgânicos ou em apoio à SU).

3.4.1.3 O PC é normalmente desdobrado em três instalações de C², em função da natureza das missões a serem executadas e das características de sua Z Aç. Durante o planejamento das operações, é instalado e operado um único PC.

3.4.1.4 Na execução das operações, normalmente, o PC desdobra-se em PCP e posto de comando tático (PCT). A terceira instalação é o posto de comando alternativo (PC Altn), instalação de C² planejada para ser ativada mediante ordem, emergência ou eventual destruição do PCP.

3.4.2 POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.2.1 O PCP é a principal instalação de C² do Esqd, onde são realizados os planejamentos operacionais, o estudo de situação continuado das operações, a sincronização e o controle da manobra e da logística.

3.4.2.2 O PCP é instalado geralmente na ATSU. É normalmente instalado na parte principal da Z Aç do Esqd, devendo proporcionar boas condições de comunicações com o Esc Sp, observação e controle.

3.4.2.3 Para atender às demandas de comunicações do PCP do Esqd, a Tu Com instala um Centro de Comunicações. Este centro, normalmente, é dotado de meio rádio e meios informatizados com programas para processamento, criptografia e decriptografia de mensagens e de outros meios de comunicações conforme a necessidade da missão.

3.4.3 POSTO DE COMANDO TÁTICO

3.4.3.1 O PCT é a instalação de C² onde o Cmt Esqd conduz as operações. O PCT pode servir como instalação temporária ou operar por longo período de tempo, podendo ser considerado como o escalão avançado do PCP. É instalado o mais à frente possível, orientado para a parte principal da Z Aç da SU.

3.4.3.2 A finalidade do PCT é a condução das operações em curso. Ele fornece informações em tempo real sobre a situação tática, integrando informações recebidas do Esc Sp e permitindo uma completa consciência situacional ao Cmt Esqd. O Gp Cmdo utiliza o PCT como uma base de apoio, a partir da qual desenvolve o seu trabalho.

3.4.3.3 O PCT pode funcionar como PC Altn do Esqd. Quando o PCT não é desdobrado, seus meios e efetivos passam a integrar o PCP.

3.4.3.4 O Cmt Esqd, em princípio, só deverá permanecer no PCP durante o planejamento das operações de combate e nas situações estáticas do combate. Após concluído o planejamento da operação, o Cmt desloca-se com a sua Seç Cmdo para a Z Aç do Pel que realiza o esforço principal, de modo a influir decisivamente no combate, com sua liderança e ação de presença.

3.4.3.5 O Cmt Esqd deve posicionar-se no campo de batalha de modo a poder observar o desenvolvimento das operações e a intervir no combate com rapidez e oportunidade. Quando as frentes forem muito extensas ou a situação for indefinida, o Cmt Esqd deverá posicionar-se no campo de batalha orientando-se para a Z Aç do Pel da ação principal e o S-3 deverá orientar-se para as Z Aç dos Pel da(s) ação(ões) secundária(s).

3.4.4 LOCALIZAÇÃO DOS POSTOS DE COMANDO

3.4.4.1 A localização do PC varia de acordo com o tipo de operação da qual o Esqd está participando.

3.4.4.2 O PC é localizado de modo a facilitar o controle do comandante do Esqd. Os fatores que influem na sua localização são a situação tática, as facilidades para as comunicações, a segurança e as facilidades para a instalação. As entradas de cidades e vilas, os cruzamentos de estradas e outros acidentes do terreno que possam atrair o fogo Ini devem ser evitados.

3.4.4.3 O S-3 propõe a delimitação da área do PCP, após consultar o S-2 (que opina sob o ponto de vista das necessidades de distribuição interna e das possibilidades de atuação do inimigo). Uma vez aprovada pelo comandante do Esqd, caberá ao S-2 a escolha do local exato dos diversos órgãos.

3.4.4.4 Os PC e seus sistemas de comunicações são alvos de elevada prioridade para o inimigo. Eles apresentam assinaturas de rádio frequência, térmicas, acústicas e visuais facilmente detectáveis. Em função desta vulnerabilidade, a localização dos PC deve ser objeto de cuidadosa análise, a fim de se reduzir o risco de sua destruição ou bloqueio por meios eletrônicos. Medidas de camuflagem devem receber prioridade na instalação dos PC. As suas localizações devem ser alteradas após determinados períodos, em função da situação tática e dos meios de guerra eletrônica do inimigo, a fim de reduzir a possibilidade de serem descobertos.

3.4.5 DISTRIBUIÇÃO INTERNA DE ÁREAS NO PCP

3.4.5.1 O PCP é normalmente integrado pelo Cmdo Esqd C Pqdt. Na área do PCP, desdobram-se ainda o grosso dos elementos da Seç Cmdo e seção de comunicações. Os grupos de inteligência e operações devem ficar em posição central e operar reunidos no PCP.

3.4.5.2 O PCP é composto pelas seguintes instalações:
a) Centro de Operações (C Op) que contém os elementos do comando do Esqd e seu EM; e
b) Centro de Comunicações do Esqd.

3.4.5.3 O Centro de Operações (C Op) opera sob controle do SCmt e é constituído pelos elementos que planejam a manobra tática (2ª e 3ª seções), a manobra logística (1ª e 4ª seções) e o centro de coordenação de apoio de fogo (CCAF). Outros elementos e apoios recebidos podem ser organizados em torno dessas áreas básicas.

3.4.5.4 A organização interna do C Op deve facilitar a coordenação do EM e prover adequado espaço para o trabalho e as comunicações. Deve ser previsto um reduzido número de militares presentes no interior do C Op, a fim de facilitar o trabalho de EM.

3.4.5.5 No C Op é realizado o planejamento das operações, o acompanhamento das operações correntes e a sincronização da manobra, apoio ao combate e apoio logístico. O C Op antecipa as necessidades futuras de apoio ao combate e apoio logístico, para que o planejamento seja realizado a tempo e o apoio esteja disponível no momento e local que se fizer necessário.

3.4.5.6 O C Op realiza também a busca de informações, a coordenação das operações com elementos vizinhos e a monitoração da situação logística.

3.4.5.7 O SCmt Esqd, na qualidade de chefe do EM da subunidade, exercerá suas funções do C Op no PCP do Esqd, coordenando o estudo de situação continuado e sincronizando a manobra com as outras funções de combate da SU.

3.4.5.8 As funções básicas do C Op do Esqd são:
a) receber informações:
- receber mensagens e relatórios do(s) escalão(ões) superior(es) e subordinados;
- receber as ordens do(s) escalão(ões) superior(es);
- monitorar a situação tática;
- manter um registro de todas as atividades mais significativas;
- manter atualizada a localização do(s) Elm superior(es) e subordinado(s);
- monitorar a situação do inimigo; e
- acompanhar a situação das classes de suprimentos críticos.

b) divulgar informações:
- encaminhar relatórios ao(s) escalão(ões) superiores;
- operar como enlace de comunicações entre diferentes elementos;
- expedir ordens e instruções; e
- processar e divulgar informações aos elementos pertinentes.

c) analisar informações:
- consolidar relatórios;
- antecipar eventos e atividades, desenvolvendo as ações apropriadas;
- conduzir análise prognóstica baseada na situação tática;
- identificar informações que respondam aos EEI;
- conduzir o processo de tomada da decisão; e
- identificar as necessidades de executar decisões de conduta com base na situação corrente.

3.4.5.9 O S-2 é o responsável pela distribuição interna e planejamento da segurança das instalações do PCP.

3.4.5.10 As estações de rádio devem ser localizadas de modo a permitir a melhor transmissão e recepção e não comprometer a segurança do PC.

3.4.6 OPERAÇÃO DO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.6.1 O PC do Esqd C Pqdt está organizado para funcionar ininterruptamente. As seções do EM são organizadas em turmas que se revezam para assegurar a operação efetiva dos PC durante as 24 horas do dia e para que o pessoal possa ter o repouso necessário.

3.4.7 DESLOCAMENTO DO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.7.1 A situação tática, a segurança e os meios de comunicações poderão impor a necessidade de deslocamentos frequentes, o que implica, normalmente, declínio de eficiência e desgaste de pessoal e material. Em consequência, as seguintes considerações devem ser feitas para o PCP:
a) buscar uma localização inicial que atenda, durante o maior tempo possível, às necessidades do comando;
b) restringir os deslocamentos às necessidades de segurança do PC e à evolução da situação tática; e
c) aproveitar, dentro do possível, os períodos em que houver uma redução no volume de tráfego de mensagens para realizar deslocamentos.

3.4.7.2 Quando é planejado um deslocamento, o S-3 e o S-4 propõem ao comandante (ou frequentemente, ao subcomandante) a nova localização geral do PC e a oportunidade para seu deslocamento. Os oficiais responsáveis pelo deslocamento do PC coordenam com:
a) o S-3 – o dispositivo da tropa, planos táticos, prioridade para utilização de estradas, hora de abertura do novo PC e fechamento do PC anterior; e
b) o S-4 – considerações logísticas, particularmente sobre transportes.

3.4.7.3 O destacamento precursor desloca-se para o novo local onde escolhe a localização exata do PC. Escolhidos os locais das instalações, são colocados guias para orientar os elementos que chegam para as respectivas áreas. Quando todas as providências tiverem sido tomadas, os antigos PC devem ser notificados.

3.4.7.4 Normalmente, o PC desloca-se em dois escalões, a fim de assegurar o contínuo controle das operações. O primeiro desloca-se para a nova área, enquanto o segundo escalão continua a funcionar sob o controle de um oficial do EM. O comando enquadrante e os elementos subordinados e em apoio devem ser informados do exato local e da hora de abertura do novo PC. Quando este ficar pronto para operar, os oficiais do EM que permaneceram no antigo PC, devem ser informados. O novo PC é aberto simultaneamente com o fechamento do antigo. O segundo escalão, então, reúne-se ao primeiro. Deve ser deixado um guia, no antigo PC, durante um certo tempo, para informar onde se está o novo PC.

3.4.7.5 O PC pode deslocar-se como um todo, de uma só vez. Nesse caso, o comando e o controle podem ser exercidos por meio de um grupo de comando, durante o movimento.

3.4.8 SEGURANÇA DO POSTO DE COMANDO

3.4.8.1 A segurança do PC está relacionada com a localização das instalações, com a segurança das comunicações e com as normas e os procedimentos gerais para operação do PC.

3.4.8.2 No estabelecimento da segurança dos PC devem ser consideradas as seguintes medidas:
a) desdobramento das instalações em locais abrigados e cobertos, que facilitem a defesa;
b) máxima dispersão das instalações e viaturas;
c) não indicar a localização dos PC por sinais detectáveis pelo inimigo;
d) instalação de postos de segurança e áreas minadas;
e) evitar a reunião de número significativo de viaturas próximo ao PC;
f) camuflagem das instalações e viaturas;
g) disciplina de luzes e ruídos; e
h) reduzir ao máximo o deslocamento de pessoal entre as instalações dos PC.

3.4.8.3 A defesa do PCP é de responsabilidade do SCmt Esqd, podendo ser delegada para o Cmt Pel Cmdo Ap/Cmt PCP. Esta responsabilidade inclui o emprego de meios recebidos, a segurança, o deslocamento, o apoio e a manutenção das instalações, viaturas e equipamentos.

3.4.8.4 O perímetro defensivo deve ser estabelecido em torno do PCP. Este perímetro será mantido pelo pessoal do mesmo e elementos de apoio a estas instalações. Ele deve incluir posições de tiro (armamento individual e coletivo), minas e, dependendo da operação e do tempo de permanência no terreno, obstáculos de arame. Nas operações continuadas, as áreas de descanso do pessoal devem ser localizadas de maneira que as equipes fiquem próximas de suas posições no perímetro defensivo. Todo o efetivo dos PC deve ter perfeita noção da missão a ser cumprida na defesa das instalações. Um sistema de alarme, postos e patrulhamento entre as posições deve ser estabelecido e treinamentos para a defesa dos PC devem ser realizados.

3.4.8.5 A prioridade dos trabalhos para segurança dos PC deve obedecer, em princípio, a seguinte ordem:
a) estabelecimento de uma linha inicial de segurança;
b) posicionamento do armamento coletivo e viaturas blindadas;
c) localização do restante do pessoal e estabelecimento de patrulhamento;
d) limpeza dos campos de tiro e observação;
e) construção de obstáculos e lançamento de minas;
f) preparação das posições de tiro;
g) estabelecimento do sistema de comunicações fio;
h) preparação de posições suplementares e de muda; e
i) selecionar e preparar itinerários de suprimento e evacuação.

3.5 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

3.5.1 LIGAÇÕES

3.5.1.1 As ligações são os contatos estabelecidos pelo comandante Esqd e seu estado-maior com os comandantes de pelotões, com os elementos de apoio e com o Esc Sp para o exercício efetivo das funções de comando durante as operações.

3.5.1.2 Em cada situação tática, o comandante avalia e determina as necessidades em ligações, as quais são estabelecidas, principalmente, por meio de contatos pessoais e do emprego de meios de comunicações.

3.5.1.3 No âmbito do Esqd C Pqdt, as ligações necessárias incluem: escalão imediatamente superior, elementos vizinhos, elementos em apoio e elementos subordinados.

3.5.2 COMUNICAÇÕES

3.5.2.1 O Cmt é o responsável pelo funcionamento do sistema de comunicações da SU. Cabe a ele, também, zelar para que os Pel disponham de meios de comunicações adequados para fazer face às necessidades das operações.

3.5.2.2 As responsabilidades de comando sobre as comunicações são igualmente aplicadas a todos os comandantes subordinados, incluindo, também, os chefes das demais viaturas onde estiverem instalados meios de comunicações.

3.5.2.3 Os diferentes meios de comunicações disponíveis do Esqd agrupam-se de modo a constituírem conjuntos homogêneos, com características comuns. Estes conjuntos são chamados sistemas.

3.5.2.4 O Esqd dispõe basicamente do sistema rádio e de meios informatizados para estabelecer suas ligações de combate. Possui, também, meios suplementares de comunicações, empregados em situações especiais, como os mensageiros, meios acústicos, visuais e fio.

3.5.2.5 Cabe a Tu Com orgânica do Pel Cmdo Ap, a missão de instalar, explorar e manter o sistema de comunicações do Esqd de modo a assegurar as ligações necessárias ao comando.

3.5.2.6 Sempre que possível, deve-se evitar a ligação por um único meio. O grau de confiança proporcionado pelo sistema de comunicações da subunidade é aumentado pelo emprego de todos os meios disponíveis.

3.5.2.7 Uma das ferramentas de comunicações mais seguras é o uso do mensageiro. Esse pode ser utilizado para distribuir planos e ordens, informes, requerimentos logísticos e mensagens diversas. A fim de agregar a esse uma maior capacidade de deslocamento, recomenda-se que no âmbito desta subunidade seja utilizada a motocicleta.

CAPÍTULO IV

MOVIMENTO E MANOBRA
OPERAÇÕES BÁSICAS

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 A função de combate Movimento e Manobra (M^2) constitui-se em um dos elementos do poder de combate terrestre a ser aplicado para a execução de operações militares. Caracteriza-se pela capacidade de deslocar ou dispor forças de forma a colocar o Ini em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados que, de outra forma, seriam mais custosos em pessoal e material.

4.1.2 As operações (Op) básicas possibilitam alcançar os objetivos definidos e atingir o EFD da campanha, podendo ser: ofensivas (Ofs), defensivas (Def) e as de cooperação e coordenação com agências.

4.2 OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.2.1 GENERALIDADES

4.2.1.1 O Esqd C Pqdt, por integrar uma tropa leve (Bda Inf Pqdt), participa de Operações Ofensivas em áreas moderadamente defendidas que sejam essenciais para a obtenção de resultados decisivos.

4.2.1.2 O Esqd C Pqdt, inserido no contexto de uma operação ofensiva do Esc Sp, devido às suas características, é empregado em missões de reconhecimento e segurança. O emprego será preferencialmente de forma centralizada e eixado com o esforço principal da Bda Inf Pqdt.

4.2.1.3 Até a chegada do escalão de acompanhamento, o Esqd C Pqdt, inicialmente, atua com restrição de meios, considerando a sua natureza aeroterrestre. Com a chegada do escalão de acompanhamento, consequentemente, os outros meios do Esqd C Pqdt estarão disponíveis e o Esqd terá melhores condições de operar.



Fig 4-1 – Elm do Esqd Pqdt no Escalão de Assalto

4.2.2 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS E FORMAS DE MANOBRA

4.2.2.1 Os tipos de Op Ofs são: marcha para o combate (M Cmb), reconhecimento em força (Rec F), ataque (Atq), aproveitamento do êxito (Apvt Exi) e perseguição (Prsg).

4.2.2.2 No tipo de operação ofensiva ataque, podem ser empregadas as formas de manobra: desbordamento (Dsb), envolvimento (Env), penetração (Pntr), infiltração (Infl) e ataque frontal (Atq Frt).

<table>
<tr><th colspan="2">OPERAÇÕES OFENSIVAS</th></tr>
<tr><th>TIPOS DE OPERAÇÕES</th><th>FORMAS DE MANOBRA</th></tr>
<tr><td>Marcha para o Combate</td><td>-</td></tr>
<tr><td>Reconhecimento em Força</td><td>-</td></tr>
<tr><td rowspan="5">Ataque</td><td>Desbordamento</td></tr>
<tr><td>Envolvimento</td></tr>
<tr><td>Penetração</td></tr>
<tr><td>Infiltração</td></tr>
<tr><td>Ataque Frontal</td></tr>
<tr><td>Aproveitamento do êxito</td><td>-</td></tr>
<tr><td>Perseguição</td><td>-</td></tr>
</table>

Tab 4-1 – Tipos de operações ofensivas e formas de manobra

4.2.3 MARCHA PARA O COMBATE

4.2.3.1 Conceitos e Características

4.2.3.1.1 A M Cmb é uma marcha tática na direção do Ini, executada com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com ele e/ou assegurar vantagens que facilitem as Op futuras.

4.2.3.1.2 Em uma M Cmb, a Bda Inf Pqdt organiza-se normalmente em força de segurança e grosso. O Grosso é o elemento responsável pela impulsão da manobra. Ao ser empregado, visa a manter o inimigo desarticulado e a impedir que possa estabelecer uma defesa eficiente. Neste contexto, enquadram-se a maioria dos meios da Bda Inf Pqdt.

4.2.3.1.3 A força de segurança deve esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de ação. Dentro das suas possibilidades, ela destrói as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detém as que não puder destruir.

4.2.3.2 Classificação

4.2.3.2.1 Quanto à segurança:
a) coberta – a marcha é coberta quando, entre o Ini e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança. À noite, preferencialmente, deve ser executada a marcha coberta; e
b) descoberta – quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada for insuficiente.

4.2.3.2.2 Quanto ao dispositivo:
a) coluna – facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. Admite, como variante, o dispositivo em escalão, o que favorece o desenvolvimento para o flanco; e
b) linha – o dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um maior poderio de fogo à frente.

4.2.3.2.3 Quanto à possibilidade do contato:
a) contato remoto – situação em que o Ini terrestre não pode atuar sobre o Esqd;
b) contato pouco provável – é a fase de transição entre o contato remoto e o iminente. O término desta fase ocorre quando o contato torna-se iminente; e
c) contato iminente – situação em que o Esqd pode, a qualquer momento, sofrer ação terrestre do Ini. O contato torna-se iminente a partir da linha de provável encontro (LPE).

4.2.3.3 Dispositivo e Formação

4.2.3.3.1 Os dispositivos e formações buscam proporcionar o máximo de velocidade, controle e segurança no curso de uma M Cmb.

4.2.3.3.2 Quando o contato com o Ini é remoto, a tropa desloca-se em coluna de marcha, prevalecendo as medidas administrativas e o conforto da tropa.

4.2.3.3.3 Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática. A tropa conserva as vantagens do movimento em coluna e agrupa sua tropa taticamente, sem desdobrá-la. Isso é feito para facilitar o movimento e a ocupação, em ordem, de uma Z Reu, ao mesmo tempo em que facilita a rápida adoção de um dispositivo para o Cmb, quando o contato torna-se iminente.

4.2.3.3.4 Quando o contato é iminente, prevalecem as medidas táticas, e o movimento é feito em marcha de aproximação, situação em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados. A proteção proporcionada pelos elementos de primeiro escalão assegura um contato pouco provável para os demais Elm da tropa, que podem continuar o deslocamento em coluna tática.

CONTATO	FORMAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
REMOTO	COLUNA DE MARCHA	- Prevalecem medidas administrativas. - Podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários (Itn). - Velocidade e conforto da tropa semelhante à marcha administrativa.
POUCO PROVÁVEL	COLUNA TÁTICA	- Fase intermediária. - Organização tática dada à sua formação. - Manutenção da rapidez e segurança. - Equilíbrio das medidas administrativas e táticas.
IMINENTE	MARCHA DE APROXIMAÇÃO	- Prevalecem medidas táticas. - Elementos desdobrados taticamente. - Constituição de uma vanguarda de modo a assegurar a progressão rápida e ininterrupta.

Tab 4-2 – O contato com o Ini e as formações na M Cmb

4.2.3.4 O Esquadrão de Cavalaria Paraquedista na Marcha para o Combate

4.2.3.4.1 O Esqd C Pqdt pode participar de uma M Cmb integrando o grosso ou a força de segurança de seu Esc Sp. Normalmente, o Esqd é empregado como força de segurança, constituindo a força de proteção flancoguarda (Fg), vanguarda (Vgd) ou retaguarda (Rtgd) em proveito do seu escalão superior.

4.2.3.4.2 O emprego do Esqd C Pqdt, como elemento de segurança, visa a proporcionar:
a) avanço rápido e ininterrupto;
b) segurança adequada em todas as direções e melhores condições para esclarecer a situação o mais cedo possível; e
c) manutenção da maioria do poder de Cmb em condições de pronto emprego.

4.2.3.4.3 Medidas de Coordenação e Controle em uma M Cmb:
a) linha de controle (L Ct) – linha nítida no terreno, transversal ou paralela em local onde o Ini pode entrar em posição. As transversais visam a controlar o movimento dos elementos de 1º escalão. As paralelas visam a limitar a zona de atuação do Esqd. São impostas pelo Esc Sp;
b) ponto de controle (P Ct) – ponto nítido ao longo da Z Aç, no Itn ou eixo de progressão (E Prog) com a finalidade de informar a localização precisa de uma SU (ou fração), bem como o curso de sua progressão. Deve ser marcado em regiões de fácil identificação;
c) ponto de ligação (P Lig) – imposto pelo Esc Sp para a sua força de proteção (F Ptç), determina a ligação física entre peças de manobra de 1º Esc. Em Op de grande movimento, o P Lig visa à troca de informações e obriga uma força a percorrer uma determinada área para obtenção de informações sobre o terreno e o Ini;
d) região de destino (R Dstn) – região para onde se desloca o 2º Esc. Normalmente localizada sobre o eixo que melhor facilita o prosseguimento da missão. A R Dstn deve estar, preferencialmente, localizada antes da L Ct, a uma distância de segurança que serve para balizar o deslocamento do 2º Esc, não sendo obrigatória a sua ocupação;
e) eixo de progressão (E Prog) – direção de movimento que baliza a progressão dos elementos de manobra;
f) objetivo da marcha – acidente do terreno para o qual é dirigida a marcha;
g) limites – definem as áreas de responsabilidade da tropa empregada;
h) hora de início de deslocamento – hora em que o Elm de 1º Esc irá transpor a L Ct para iniciar o movimento; e
i) linha de provável encontro (LPE) – linha do terreno onde se admite o encontro dos primeiros elementos da nossa força com a vanguarda do Ini.

4.2.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

4.2.4.1 Generalidades

4.2.4.1.1 O Rec F é uma Op de objetivo limitado executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o valor, a composição e o dispositivo do Ini, ou obter outras informações. Seu objetivo principal é o de esclarecer a situação, podendo ser conduzido no quadro de uma operação ofensiva ou defensiva (Op Ofs ou Def). O Rec F não constitui um tipo de missão de reconhecimento.

4.2.4.1.2 O Rec F é uma Op típica de unidades blindadas. O Esqd C Pqdt não possui, devido à sua estrutura organizacional, mobilidade por meio do terreno ou viatura blindada (VB) que permitam o engajamento da SU no combate em campo aberto contra carros de combate (CC) inimigos. Entretanto, das unidades orgânicas da Bda Inf Pqdt, o Esqd C Pqdt é o mais apto à execução de um reconhecimento em força, podendo executar esse tipo de operação de forma limitada. Quando receber esse tipo de missão, o Esqd C Pqdt deverá contar com apoio de fogo e engenharia.

4.2.4.1.3 O comandante (Cmt) ao decidir pela execução de um Rec F deve considerar:
a) o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo;
b) a urgência e importância das informações desejadas;
c) a eficiência, a rapidez e a disponibilidade de outros órgãos de busca;
d) até que ponto a realização do Rec F poderá comprometer o sigilo das operações de seu escalão e do superior; e
e) a possibilidade de arriscar-se a um engajamento decisivo com o inimigo.

4.2.4.1.4 O valor da força de Rec F deve ser suficiente para levar o inimigo a revelar a localização de suas forças em primeiro escalão, o seu dispositivo, valor e localização de suas reservas e fogos de apoio.

4.2.4.1.5 Para planejar um Rec F, o Cmt Esqd C Pqdt deve verificar com o escalão superior:
a) o conhecimento já disponível sobre a situação do inimigo;
b) a profundidade da ação (que dependerá, também, da finalidade da operação);
c) as ações a tomar para o aproveitamento de possíveis vulnerabilidades do dispositivo inimigo;
d) o apoio disponível caso ocorra um engajamento decisivo; e
e) as possíveis restrições para a operação.

4.2.4.2 Execução do Reconhecimento em Força

4.2.4.2.1 O reconhecimento em força pode ser executado como um ataque com objetivo limitado ou uma incursão. Quando são buscados dados sobre uma área particular, o Rec F é planejado e executado como um ataque com objetivo limitado. O objetivo deve ser de tal importância que, quando ameaçado, force o inimigo a reagir. Se a situação do inimigo, ao longo de uma frente, deve ser esclarecida, o Rec F é um movimento para essa frente, empregando elementos de sondagem, fortes e agressivos, para a determinação dos pontos sensíveis ou vulneráveis.

4.2.4.2.2 Após completar a operação de reconhecimento em força, o Esqd C Pqdt pode permanecer em contato, explorar um êxito alcançado, apoiar uma ultrapassagem (Ultr) ou retrair.

4.2.4.2.3 Rec F como um Ataque com Objetivo Limitado

a) O Rec F realizado como um Atq com objetivo limitado pode ser desencadeado sobre toda a frente ou apenas sobre uma determinada parte da frente.

b) Esse ataque constitui-se em uma ou uma série de sondagens agressivas sobre regiões onde se supõe que o inimigo se encontre.

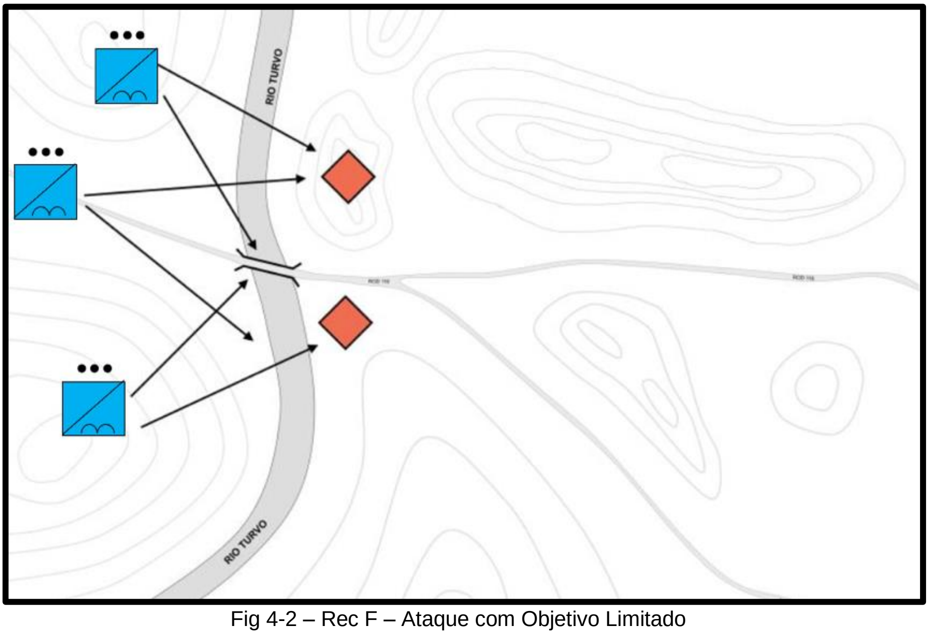


Fig 4-2 – Rec F – Ataque com Objetivo Limitado

4.2.4.2.4 Rec F como uma Incursão

a) Ao contrário da forma anterior, o Rec F como uma Incursão é uma ação desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a ideia de conquistar ou de manter o terreno; consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos.

b) Após essa ação, segue-se um rápido retraimento para as linhas amigas. A incursão caracteriza-se por uma varredura com as viaturas com maior proteção blindada, ação de choque e poder de fogo disponíveis.

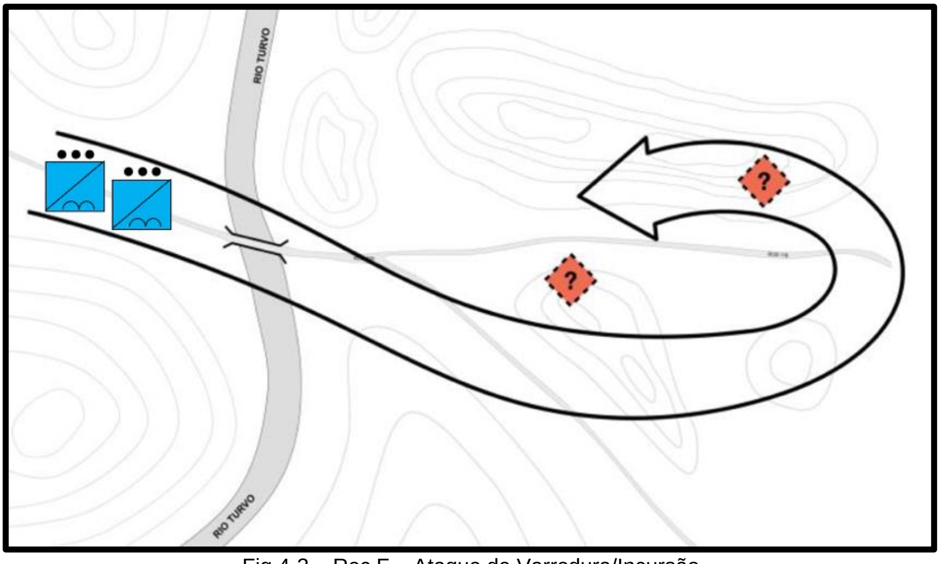


Fig 4-3 – Rec F – Ataque de Varredura/Incursão

4.2.4.2.5 A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do Rec F. A operação busca obter o máximo de informes com relação ao inimigo e sua profundidade deve ser a suficiente para obter esses dados. Quando os dados (valor, dispositivo e linhas de ação prováveis do inimigo) são obtidos, pode ser dada outra missão à força de Rec F, tais como: retrair, manter o contato, realizar o aproveitamento do êxito ou apoiar a ultrapassagem de uma outra força.

4.2.4.2.6 Após completar a operação de reconhecimento em força, o Esquadrão de Cavalaria Paraquedista pode permanecer em contato, explorar um êxito alcançado, apoiar uma ultrapassagem ou retrair.

4.2.5 ATAQUE

4.2.5.1 Generalidades

4.2.5.1.1 A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o Ini. Existem dois tipos de ataque: de oportunidade (Atq Oport) e coordenado (Atq Coor). A diferença entre o Atq Oport e o Atq Coor reside no tempo para planejamento, coordenação e preparação antes da execução, ou seja, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.

4.2.5.1.2 Apesar de a Op Ofs Atq poder ser realizada por força de qualquer natureza, as tropas blindadas são as mais aptas para executá-la. O Esqd C Pqdt pode realizar operações de ataque em diversas situações, sendo que, a forma mais comum é que seja realizado no decorrer de uma operação complementar de segurança.

4.2.5.2 Ataque de Oportunidade

4.2.5.2.1 Generalidades
a) O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de missões pela finalidade e de ordens fragmentárias, destinadas aos elementos de manobra e apoio de fogo, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão, buscando, em princípio, a execução de manobras desbordantes associadas à fixação do Ini, com a finalidade de a força prosseguir no cumprimento da sua missão.
b) O Atq Oport pode ser executado na sequência de um Cmb de encontro ou uma defesa com sucesso.
c) O Esqd C Pqdt está vocacionado para realizar operações complementares de segurança em prol da Bda Inf Pqdt. Nesta linha de raciocínio, é muito provável que o Esqd se utilize do Atq Oport para destruir ou neutralizar o inimigo, para que seja possível continuar no prosseguimento da sua missão típica de Rec e Seg.
d) O Esqd C Pqdt pode realizar um ataque de oportunidade, só que de uma forma bem limitada.
e) As considerações e as TTP do Atq Oport são iguais ao Atq Coor, no entanto devem ser priorizadas aquelas que não comprometem a presteza da operação.

4.2.5.2.2 Características:
a) normalmente o Esqd realiza o Atq Oport com todos os seus pelotões e, prioritariamente, em estruturas provisórias;
b) prazo reduzido para planejamentos e reconhecimentos;
c) execução agressiva e rápida do ataque, sem dar tempo ao Ini de reorganizar-se ou rocar meios;
d) necessidade de abrir caminho para o prosseguimento na missão inicial, o mais rápido possível;
e) expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias;
f) Ini fraco, sobre o qual se dispõe de suficientes informações para realizar o ataque; e
g) o Atq pode ser realizado contra uma força inimiga (F Ini) em movimento (combate de encontro) ou contra uma F Ini estacionada.

4.2.5.2.3 Distribuição dos Meios no Atq Oport
a) O Esqd C Pqdt distribui seus meios, normalmente, em um escalão de assalto, uma base de fogos e uma reserva.
b) Em função da situação tática e do estudo de situação realizados pelo Cmt SU, pode não ser atribuída a missão de reserva, ao menos inicialmente, a nenhuma das peças de manobra.

4.2.5.2.4 Ações a serem realizadas no Atq Oport:
a) reconhecer e determinar o valor, a composição, a atitude e a orientação da F Ini (emprego de todos os sensores disponíveis: ARP, RVT, Cçd *etc*.);

b) determinar se a F Ini a ser atacada está apoiada por outras unidades (U) próximas;
c) encontrar uma via de acesso coberta, que incida no flanco do Ini e possibilite o deslocamento em alta velocidade;
d) deslocar parte dos Elm da seção de mísseis anticarro (Seç MAC) para uma posição dominante e atacar o Ini pelo fogo;
e) estabelecer uma base de fogos com os morteiros médios (Mtr Me) e Seç MAC para destruir ou anular todas as armas AC de longo alcance, de tiro direto e indireto do Ini que possam ser observadas antes que o escalão de ataque inicie seu ataque;
f) isolar a F Ini que será atacada, de forma que não possa receber apoio;
g) atacar o Ini pelo fogo ou pelo fogo e movimento; e
h) estabelecer posição de bloqueio (P Blq) e posto de observação (PO) sobre as vias de acesso (VA) que conduzam à posição conquistada (imediatamente após o êxito do ataque).

4.2.5.2.5 Decisão para Realizar o Atq Oport
a) A decisão é, normalmente, tomada após o reconhecimento mostrar que a vitória depende de um ataque rápido, com um mínimo de planejamento e preparação.
b) As táticas para a condução do ataque devem observar três características comuns:
- conhecimento ou suspeita de que as armas AC inimigas estão anuladas ou destruídas pelo fogo direto e/ou indireto, antes de o escalão de ataque ser empregado;
- o Ini deve ser forçado a combater em duas direções; e
- perda da capacidade de reação por parte das F Ini.

4.2.5.2.6 Conduta no Atq Oport
a) Durante a execução de outras missões, elementos das forças de segurança (F Seg) frequentemente estabelecem contato com as F Ini. Ao esclarecer a situação, o Cmt do elemento em contato pode recomendar um ataque de oportunidade como uma linha de ação para o Cmt da SU, que decide pela sua adoção ou não. Caso seja adotada, o Cmt Esqd atribui missões pela finalidade às suas peças de manobra e expede ordens fragmentárias para os elementos subordinados que, rapidamente, posicionarão suas frações para executar um ataque de forma simples e no mais curto prazo possível.
b) Os elementos em contato continuam esclarecendo a situação o mais à frente possível, progredindo agressivamente, para os flancos (Flc) ou Rtgd, procurando a presença de outras F Ini que possam apoiar o Ini em contato.
c) O Cmt deve deslocar-se para uma posição dominante, de onde possa controlar todas as ações de seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias à luz do terreno, no menor prazo possível.

4.2.5.3 Ataque Coordenado

4.2.5.3.1 Generalidades
a) O Atq Coor é uma Op Ofs que consiste na combinação do fogo, movimento e ação de choque contra uma resistência ou posição defensiva (P Def) do Ini, sobre o qual as informações disponíveis indicam a necessidade de um planejamento completo.
b) A Bda de Inf Pqdt se caracteriza como uma força, capaz de ser lançada de modo oportuno em território cujo inimigo se encontra enfraquecido. Sendo assim, não é comum que esta GU planeje em seu escopo de operações ofensivas um ataque coordenado. O Esqd C Pqdt raramente participa de um Atq Coor, exceto em setores secundários ou como Elm de economia de meios do Esc Sp.
c) O Esqd C Pqdt pode participar de um ataque coordenado integrando o esforço da Bda Inf Pqdt.

4.2.5.3.2 Grupamentos de Forças no Atq Coor
a) O Esqd C Pqdt, normalmente, não é empregado isoladamente no Atq Coor, devendo atuar sob planejamento do escalão superior. O Esqd C Pqdt, no ataque coordenado, normalmente, constitui três grupamentos de forças: base de fogos, escalão de ataque e reserva.
b) Geralmente participa de um Atq Coor com pelotões provisórios: 01 (um) Pelotão de Exploradores, 01 (um) Pelotão de Mísseis AC, 01 (um) Pelotão de Morteiro Médio.
c) Escalão de Ataque (Esc Atq)
- A missão do Esc Atq é cerrar sobre o inimigo e neutralizá-lo, destruí-lo ou capturá-lo, devendo receber o maior poder de combate possível.
d) Base de Fogos
- A missão da base de fogos é apoiar pelo fogo a progressão dos elementos de manobra (Esc Atq e reserva), atuando sobre resistências identificadas e buscando neutralizar ou restringir a capacidade do apoio de fogo inimigo.
- A base de fogos orgânica do Esqd C Pqdt é constituída por morteiros médios, Seç MAC e outros meios de apoio de fogos disponíveis, em apoio ou em reforço.
e) Reserva
- A reserva é uma fração da força mantida sob controle direto do Cmt, que lhe permite intervir no combate para manter a sua liberdade de manobra.
f) O planejamento da execução do ataque deve ser realizado por fases. Em princípio, deve ser faseado em quatro:
- da Z Reu à linha de partida;
- da linha de partida ao objetivo;
- o assalto ao objetivo; e
- as ações no objetivo (após a conquista deste).
g) Para melhor entendimento do Atq Coor, deve-se consultar os MC Regimento de Cavalaria Mecanizado e Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

4.2.6 APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO

4.2.6.1 Aproveitamento do Êxito

4.2.6.1.1 O Apvt Exi é uma Op que se segue a um ataque bem-sucedido e que normalmente se inicia quando a F Ini se acha, reconhecidamente, em dificuldades para manter suas posições. É caracterizado por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e destruir a capacidade do Ini de reorganizar-se ou de realizar um Mvt Rtg ordenado.

4.2.6.1.2 Tendo em vista as possibilidades, limitações e características do Esqd C Pqdt, é possível que o seu emprego seja compondo a Força de Apvt Exi ou a de Acompanhamento e Apoio no nível da Bda Inf Pqdt.

4.2.6.1.3 A oportunidade para o lançamento da Bda Inf Pqdt em uma operação de aproveitamento do êxito deve ser judiciosamente considerada conforme os seguintes indícios:
a) visível diminuição da resistência inimiga em pontos importantes da sua defesa;
b) aumento do número de prisioneiros de guerra e de material abandonado pelo Ini; e
c) ultrapassagem de posições de artilharia e de instalações de comando e de suprimento.

4.2.6.1.4 Características do Aproveitamento do Êxito:
a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
b) medidas de controle reduzidas ao mínimo;
c) objetivos profundos;
d) progressão rápida, contínua e em larga frente;
e) ataques de oportunidade, por incursões rápidas, golpes de mão e desbordamentos, partindo da coluna de marcha;
f) missões atribuídas pela finalidade;
g) ampla utilização de meios aéreos para reconhecimento e apoio de fogo; e
h) desbordamento e manutenção do contato em pontos de forte resistência.

4.2.6.1.5 Esqd C Pqdt no Aproveitamento do Êxito
a) No Apvt Exi, o Esqd C Pqdt deve ser capaz de executar qualquer tipo de Op Cmb e de iniciar uma ação no menor tempo possível. Deve ser organizado de modo que o Cmt disponha de todos os elementos que possa precisar para o cumprimento da missão.
b) Ao comandante do Esqd C Pqdt é dada maior liberdade de ação ao entrar na fase do Apvt Exi, uma vez que a rapidez do ataque necessita de decisões instantâneas. Entretanto, modificações do plano original só podem ser feitas com autorização do escalão imediatamente superior.

c) O Esqd C Pqdt, atuando como Elm de primeiro escalão em um eixo de progressão, deve contar com reforço de engenharia (Eng) e de Ap Log. Os fogos de apoio devem ser proporcionados pela artilharia (Art) e pelas armas orgânicas. Deve-se buscar coordenação com os elementos da Av.
d) A mobilidade torna-se muito importante durante o Apvt Exi. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ser altamente móveis.
e) O Esqd C Pqdt, em Apvt Exi, é bastante vulnerável aos ataques nos flancos e na retaguarda, bem como à inquietação advinda de pequenos bolsões de resistência e à ação de guerrilheiros. Em consequência, a segurança torna-se muito importante, e seu estabelecimento é responsabilidade do Cmt do Esqd.
f) Dependendo da situação, a segurança da coluna pode ser proporcionada por um ou mais dos tipos de F Seg (Vgd, Fg e Rtgd) e também pelos meios aéreos que executam reconhecimentos à frente, nos flancos e à retaguarda.

4.2.6.2 Perseguição

4.2.6.2.1 A perseguição tem por finalidade cercar e destruir uma F Ini que está em processo de desengajamento do combate ou que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito e difere deste pela não previsibilidade de tempo e lugar de emprego e por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da F Ini.

4.2.6.2.2 No contexto de uma perseguição, normalmente a Bda Inf Pqdt é lançada a fim de constituir-se como força de cerco, atingindo a retaguarda do inimigo e bloqueando a sua fuga. Isso permite que ele seja destruído por uma força, normalmente blindada, que avança desde o aproveitamento do êxito.

4.2.6.2.3 Força de Cerco
a) A missão da F Cerco é bloquear a fuga do inimigo.
b) A F Cerco deve ter mobilidade igual ou superior à do inimigo e ser organizada para realizar uma operação semi-independente. A baixa capacidade de reação do inimigo reduz a possibilidade de que necessite de apoio de outras forças.
c) A Força de Cerco avança por eixos paralelos àqueles por onde o inimigo se retira, e se não puder ultrapassá-lo, deve atacar o flanco do seu grosso.
d) Seu objetivo é servir de “bigorna”, detendo o inimigo para que ele seja destruído entre a F Pressão Direta e ela própria.

4.2.7 COMBATE DE ENCONTRO

4.2.7.1 O combate de encontro é uma ação que ocorre quando uma força em movimento, que não esteja desdobrada para o combate, engaja-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, a respeito da qual não dispõe de informações precisas ou não possui nenhuma informação. A ação deixa de ser um combate de encontro quando a situação do Ini tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas Op subsequentes, planejadas e coordenadas.

4.2.7.2 Em princípio, o ataque de um Esqd C Pqdt em um combate de encontro deve ser realizado por meio de uma manobra desbordante, que permite uma maior surpresa e possibilita determinar com rapidez a frente, a profundidade e o dispositivo da F Ini.

4.2.7.3 As principais características do combate de encontro são o conhecimento limitado do inimigo, rápidas evoluções de situação, um mínimo de tempo disponível para o comandante tomar conhecimento da situação e para formular e executar as ações necessárias.

4.2.7.4 Conduta do Esqd C Pqdt no Combate de Encontro
a) Deve ser priorizado o princípio da conquista e da manutenção da iniciativa.
b) As seguintes atividades devem ser priorizadas pelo Cmt para manter a iniciativa no combate de encontro:
- execução de rápido estudo de situação;
- emissão de ordens fragmentárias; e
- emprego, a partir da própria coluna de marcha, de elementos aptos, que irão atuar de forma planejada e descentralizada.

4.3 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.3.1 GENERALIDADES

4.3.1.1 As Op Def constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela F Ter até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a Ofs. São realizadas para conservar a posse de uma área ou território, ou negá-los ao Ini, e, também, garantir a integridade de uma unidade ou meio.

4.3.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS E FORMAS DE MANOBRA

4.3.2.1 As Op Def abrangem todas as ações que oferecem certo grau de resistência a uma força atacante. São dois os tipos de Op Def:
a) defesa em posição; e
b) movimento retrógrado.

4.3.3 FORMAS DE MANOBRA DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS	**FORMAS DE MANOBRA**
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA DE ÁREA
	DEFESA MÓVEL
MOVIMENTO RETRÓGRADO	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

Tab 4-3 – Tipos e formas de manobra das Op Def

4.3.4 DEFESA EM POSIÇÃO

4.3.4.1 O Esqd C Pqdt pode realizar Op Def no contexto de uma operação complementar de segurança ou como Elm de economia de meios de seu Esc Sp.

4.3.4.2 Escalonamento da Defesa

4.3.4.2.1 A defesa é escalonada em três áreas:
a) área de segurança (A Seg);
b) área de defesa avançada (ADA); e
c) área de reserva (A Res).

4.3.4.2.2 Na defesa de área (Def A), o Esqd C Pqdt pode ser empregado em um ou mais dos escalões de defesa: F Seg, força da área de defesa avançada e reserva.

4.3.4.3 Área de Segurança

4.3.4.3.1 Estende-se à frente do LAADA até onde forem empregados os elementos de segurança estabelecidos pela Bda.

4.3.4.3.2 As F Seg são compostas de elementos que alertam sobre a aproximação do Ini, desorganizam-no e o iludem quanto à verdadeira localização da P Def.

4.3.4.3.3 Os PAC são constituídos, normalmente, pelas reservas das U de valor batalhão de 1º Esc. Seu valor varia no escalão de um Pel a uma SU.

4.3.4.3.4 Os PAC podem, também, ser fornecidos pela força de reserva da Bda, quando forem localizados além da distância normal e devam ser fortes ou, quando os elementos da ADA, por premência de tempo, necessitarem de todo o seu efetivo para organizar o terreno.

4.3.4.4 Área de Defesa Avançada

4.3.4.4.1 Estende-se do seu limite anterior (LAADA) para a retaguarda, englobando as posições ocupadas pelas SU de primeiro escalão.

4.3.4.4.2 As forças da ADA são compostas de elementos encarregados da defesa imediata dessa área.

4.3.4.4.3 O Esqd C Pqdt, em princípio, não é empregado independentemente na manutenção de uma parte da ADA.

4.3.4.5 Área de Reserva

4.3.4.5.1 Estende-se da retaguarda das SU em primeiro escalão até o limite de retaguarda da Bda.

4.3.4.5.2 As forças de reserva ocupam regiões na área de reserva (área de retaguarda) e dão profundidade à posição defensiva.

4.3.4.5.3 Esses elementos limitam e eliminam as penetrações ou podem reforçar as SU de primeiro escalão. A reserva é o principal meio de que dispõe o Cmt para influir no combate.

4.3.4.5.4 O Esqd C Pqdt pode ser empregado como reserva em uma Def A da Bda Inf Pqdt.

4.3.4.6 Possibilidades do Esqd C Pqdt na Defesa em Posição:
a) executar o reconhecimento e prover segurança;
b) ser empregado nos postos avançados de combate (PAC) e nos postos avançados gerais (PAG), na A Seg;
c) manter o terreno (com restrições, devido ao reduzido número de Fuz);
d) contra-atacar; e
e) integrar outras forças.

4.3.4.7 Considerações sobre o Emprego do Esqd C Pqdt na Defesa em Posição

4.3.4.7.1 A Bda Inf Pqdt em uma Operação Defensiva geralmente adota uma Defesa Circular ou Defesa em Ponto Forte mobiliando uma Cabeça de Ponte Aérea. Nesta situação o Esqd C Pqdt é mais apto a atuar como força de segurança ou força de reserva da Bda Inf Pqdt.

4.3.4.7.2 Ao se planejar o emprego de um Esqd C Pqdt, em operações de defesa em posição, deve-se levar em consideração:
a) os Pel C Pqdt possuem reduzido efetivo de fuzileiros para manter o terreno;
b) que, mesmo empregando, provisoriamente, os Exp como se fossem Fuz, a sua capacidade de manter o terreno é inferior à de uma SU de infantaria; e
c) que seu emprego como reserva (atuando embarcado) é limitado, em função da inexistência de CC.

4.3.4.8 Defesa de Área

4.3.4.8.1 A defesa de área (Def A) dá ênfase à manutenção ou ao controle de um terreno específico, por um determinado período de tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate na ADA para deter as F Ini à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA). Conduz o contra-ataque

(C Atq) para expulsar ou destruir a F ini que penetrarem nessa área e para retomar o controle dela ou do terreno que a defesa deseja conservar.

4.3.4.8.2 Na defesa de área, o defensor planeja aceitar um engajamento decisivo e cumprir sua missão pela destruição do atacante, ao longo do limite anterior da ADA, contando com um grande volume e variedade de fogos. O defensor pode não possuir capacidade para ocupar todos os acidentes capitais do terreno da P Def, no entanto emprega suficiente poder de combate à frente para dominar toda a área.

4.3.4.8.3 O Esqd C Pqdt na Defesa de Área
a) O planejamento da defesa, a organização dos Pel e a conduta da defesa baseiam-se nos fatores da decisão e nos fundamentos da defesa.
b) O Esqd C Pqdt desdobra seus Pel, normalmente, para barrar VA de valor SU. No desdobramento dos Pel no terreno, o Cmt deve visualizar o posicionamento dos grupos de cada Pel. Essas posições devem permitir o estabelecimento de um sistema defensivo integrado de toda a Bda Inf Pqdt.
c) O Cmt Esqd deve procurar maximizar o emprego do armamento coletivo para apoiar os fuzileiros que estão desembarcados. As armas anticarro devem ser empregadas para engajar e destruir os CC, os blindados leves inimigos e as viaturas não blindadas, a partir de posições cobertas e abrigadas, nos C Atq ou como base de fogos para os C Atq.
d) Os Fuz desembarcados são normalmente empregados para:
- realizar patrulhamento e ocupar postos de observação ou de escuta à frente da P Def, a fim de obter informes sobre o inimigo;
- construir e defender os obstáculos do plano de barreiras da P Def;
- realizar emboscadas com armamento anticarro portátil; e
- realizar a limpeza dos campos de tiro e de observação.

4.3.4.9 O Esqd C Pqdt na Reserva da Brigada

4.3.4.9.1 O Esqd C Pqdt na reserva da Bda, em um dispositivo defensivo, pode:
a) limitar penetrações – o Cmt Bda designa as posições de aprofundamento (normalmente de valor SU) das quais a reserva (Res) possa apoiar pelo fogo os batalhões de primeiro escalão, deter penetrações, canalizar o ataque inimigo e completar a defesa em todas as direções;
b) proteger um flanco – quando a Bda tem um flanco exposto ou fracamente defendido ou quando há brechas entre os elementos de 1º Esc, são designadas e preparadas posições das quais a reserva possa proteger os flancos;
c) contra-atacar – baseado nos planos de C Atq da Bda, em função das possíveis penetrações inimigas e tendo em vista reconquistar partes da ADA perdidas;
d) organizar uma segunda linha de defesa – a Res prepara, na altura dos aprofundamentos da brigada, posição na qual possa conduzir uma defesa semelhante à das unidades de primeiro escalão;
e) estabelecer PAC ou participar dos postos avançados gerais (PAG) ou forças de segurança – a Res pode estabelecer ou guarnecer os PAC em lugar das U

de primeiro escalão. Da mesma forma, de acordo com a determinação do escalão superior, pode integrar os PAG ou mesmo uma força de segurança;
f) reforçar um dos elementos de primeiro escalão – os reforços podem ser decorrência de uma conduta ou decisão de execução da Bda para aumentar ou repor o poder de combate de uma unidade cujo poder combativo tenha sido degradado durante a ação inimiga;
g) executar missões de segurança da área de retaguarda – nessas missões se incluem a defesa contra ações aeroterrestres e aeromóveis, contra guerrilheiros e de infiltrações do inimigo; e
h) participar da organização do terreno – a Res participa, particularmente, da preparação das posições de aprofundamento, do aperfeiçoamento de obstáculos naturais, do lançamento de campos de minas no interior da posição, da preparação de itinerários e da construção de trabalhos simulados.

4.3.4.9.2 Dispositivo Defensivo
a) O Cmt Bda prescreve a missão da reserva e as posições de aprofundamento a serem preparadas, bem como sua prioridade de construção.
b) Normalmente, a reserva permanece em uma Z Reu ou articulada em mais de uma, se a situação e o terreno o indicarem, em condições de ocupar as posições de aprofundamento ou contra-atacar no mais curto prazo.
c) De posse do plano de defesa da Bda, o Cmt da reserva planeja o emprego dos elementos subordinados, considerando os aspectos a seguir enumerados:
- nucleamento (valor pelotão) das posições principais e suplementares de aprofundamento determinadas pela Bda, possibilitando sua preparação por qualquer elemento disponível;
- limites e pontos a entrarem em vigor, mediante ordem (Mdt O). Os limites são estendidos à frente e à retaguarda das áreas de defesa das U de primeiro escalão. Durante a conduta da defesa, os limites podem ser prolongados até o LAADA ou modificados de acordo com a situação;
- itinerários para ocupação das posições de aprofundamento;
- designação dos Pel que podem vir a ocupar cada posição de aprofundamento; e
- divisão da Z Reu do Esqd C Pqdt pelos elementos subordinados e em reforço.

d) Os Pel ocupam posições de aprofundamento, normalmente adotando um dispositivo linear. São preparadas posições suplementares para aprofundar a defesa sobre as principais VA no interior e nos flancos da posição e para proporcionar defesa em todas as direções. Quando não estiverem empenhados com o Ini, as SU aperfeiçoam as posições de aprofundamento a elas atribuídas.

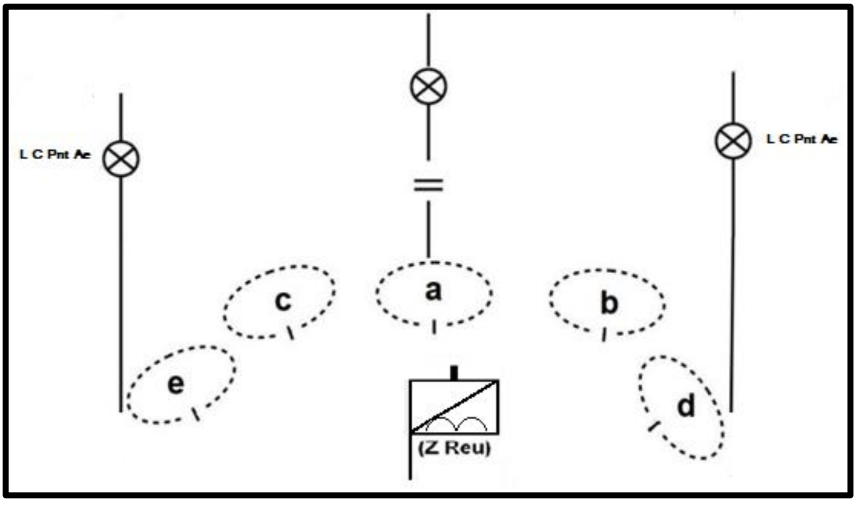


Fig 4-4 – Dispositivo da Reserva em uma Defesa em Posição

4.3.4.9.3 Apoio de Fogo
- No planejamento de fogos, a reserva prioriza os fogos defensivos em apoio aos próprios pelotões, ficando em condições de limitar as penetrações inimigas e criando condições para a Bda conduzir a defesa em uma segunda linha.
- Em uma segunda prioridade, são planejados fogos longínquos para apoiar as U de primeiro escalão. Excepcionalmente, Mdt O do Esc Sp, os morteiros e outras armas orgânicas da reserva podem ocupar posições avançadas para a execução desse apoio. Nesse caso, deverão retrair em tempo de proporcionar seu apoio à própria reserva, quando se tornar necessário.

4.3.4.9.4 Contra-Ataque
a) A ordem da Bda prescreve as possíveis penetrações contra as quais devam ser preparados planos de C Atq, bem como estabelece a prioridade para esse planejamento. O Cmt da reserva pode ser designado para elaborar esses planos que, depois de preparados e coordenados com os elementos de apoio, são levados ao Cmt Bda para aprovação. O C Atq não deve ser dirigido contra objetivos situados fora da ADA. Os Cmt vizinhos coordenam os planos para reduzir as penetrações que afetem simultaneamente ambas as áreas de defesa.
b) Os planos de C Atq a serem apresentados ao Cmt Bda devem conter:
- posição inicial da reserva;
- itinerários para atingir a posição de ataque (P Atq);
- pontos de liberação;
- linha de partida (normalmente a própria linha de contato);
- direção de contra-ataque (normalmente dirigida ao flanco da penetração);
- objetivo do C Atq;
- conduta após o C Atq;
- medidas de coordenação e controle;
- comando e constituição da reserva provisória;

- plano de apoio de fogo; e
- quando necessário, a designação de uma Z Reu avançada.

c) Aprovados os planos propostos ou recebidos os elaborados pela Bda, o Cmt da reserva passa à elaboração dos planos de execução nos quais pormenoriza a missão dos elementos subordinados. Em princípio, toda a reserva é lançada em uma única e decisiva ação, não devendo ser empregada de forma parcelada.

4.3.4.10 Medidas Defensivas Diversas

4.3.4.10.1 Plano de Barreiras

a) O Cmt planeja o emprego de obstáculos à frente e no interior de sua área de defesa, integrados no sistema de barreiras da brigada.

b) Os obstáculos devem ser estabelecidos levando-se em conta a localização das posições defensivas e o efeito das barreiras sobre a mobilidade das forças amigas no interior da posição, particularmente nos C Atq.

4.3.4.10.2 Defesa Anticarro

a) A defesa anticarro (DAC) reúne o conjunto de atividades passivas e ativas para a preservação da força contra meios blindados inimigos, auxiliando na proteção da tropa e permitindo que os comandantes disponham do máximo de poder de combate para emprego.

b) A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade, explorando as principais vulnerabilidades dos blindados Ini. A DAC deve ser complementada ainda pelo plano de fogos dos armamentos indiretos e diretos e pelo emprego da aviação (se disponível).

c) A Seç MAC dos pelotões pode ser empregada de forma centralizada, aprofundando a DAC nas áreas de engajamento ou barrando a penetração de força blindada nos flancos ou retaguarda.

4.3.4.10.3 Simulação

a) Ao estabelecer o plano de defesa, o Cmt Esqd C Pqdt considera o emprego das medidas de simulação que possam levar o atacante a dispersar meios ou orientar mal o seu esforço.

b) As forças de segurança empregam a simulação para fazer com que o inimigo se desdobre prematuramente e retarde a execução de seus planos.

c) Posições, equipamento e atividades simuladas podem favorecer a economia de forças e obrigar o inimigo a executar uma ação ofensiva desnecessária, tornando seus elementos vulneráveis a uma ação amiga.

d) Os trabalhos simulados devem ficar localizados, no mínimo, a duzentos metros de qualquer posição real, para que os fogos dirigidos contra eles não atinjam os locais efetivamente ocupados.

4.3.5 MOVIMENTO RETRÓGRADO

4.3.5.1 Generalidades

4.3.5.1.1 Mvt Rtg é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do Ini, forçado por este ou executado voluntariamente.

4.3.5.1.2 Um Mvt Rtg bem planejado e bem executado pode proporcionar excelentes oportunidades para infligir consideráveis danos à tropa e ao material Ini.

4.3.5.2 Finalidades

4.3.5.2.1 Os Mvt Rtg são conduzidos obedecendo a uma ou mais das seguintes finalidades:
a) inquietar, desgastar, resistir, retardar e infligir baixas ao Ini;
b) conduzir o Ini a uma situação desfavorável;
c) permitir o emprego da força ou de uma parte dela em outro local;
d) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
e) ganhar tempo, sem engajar-se decisivamente em combate;
f) desengajar-se do combate;
g) adaptar-se aos movimentos de outras tropas amigas; e
h) encurtar as vias de transporte.

4.3.5.3 Formas de Manobra do Movimento Retrógrado

4.3.5.3.1 Os Mvt Rtg são classificados em três tipos: ação retardadora, retraimento e retirada.

4.3.5.3.2 A ação retardadora é um Mvt Rtg no qual uma F Ter, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no Cmb. Na execução de uma ação retardadora, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.

4.3.5.3.3 Retraimento é um movimento retrógrado por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do Esc Sp. Parte das forças permanece em contato para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e inflija-lhe danos.

4.3.5.3.4 Retirada é um movimento retrógrado realizado sem contato com o inimigo e seguindo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo em face da situação existente. Pode ser executada em seguida a um retraimento.

4.3.5.4 Estudo do Terreno e das Condições Meteorológicas

4.3.5.4.1 Terreno
a) A utilização apropriada do terreno é vital à força que realiza um Mvt Rtg, por propiciar a oportunidade de causar grande retardamento a uma F Ini e infligir-lhe danos consideráveis.
b) Para o estudo do terreno devem ser considerados os seguintes aspectos:
- observação e campos de tiro;
- cobertas e abrigos;
- obstáculos;
- acidentes capitais; e
- vias de acesso.

c) O terreno é selecionado, preferencialmente com uma compartimentação transversal ao movimento, buscando-se a observação e os campos de tiro profundos, bem como a máxima utilização de cobertas e abrigos.
d) Os obstáculos naturais devem ser intensamente explorados para retardar o avanço do Ini por não necessitarem de mão de obra.
e) Conveniente rede de estradas e terreno de boa trafegabilidade facilitam o movimento da unidade, proporcionam rapidez aos deslocamentos e favorecem o controle da operação.

4.3.5.4.2 Condições Meteorológicas
a) Boas condições meteorológicas favorecem a observação e aumentam o efeito dos fogos e dos agentes químicos.
b) Condições meteorológicas desfavoráveis dificultam a observação, reduzem os efeitos dos fogos, limitam o movimento através do campo, diminuem a eficiência do pessoal e dos equipamentos e aumentam os problemas de C^2.
c) A observação cuidadosa do início e fim do crepúsculo náutico, bem como das fases da lua, proporcionam os indicativos de luminosidade da zona de ação.
d) A direção e velocidade dos ventos devem ser acompanhadas sistematicamente, considerando-se o continuado uso dos fumígenos nesse tipo de operação.
e) Deve-se levar em conta, entretanto, que nem sempre as melhores condições meteorológicas são as desejadas para a unidade empenhada em um movimento retrógrado, porquanto o mau tempo reduz a liberdade de ação do atacante, aspecto que contribui para favorecer o defensor.

4.3.5.5 Coordenação e Controle

4.3.5.5.1 O Esqd C Pqdt realizando um Mvt Rtg, normalmente, é desdobrado em larga frente. Geralmente, os Mvt Rtg consistem de ações descentralizadas dentro do quadro geral da manobra; por isso mesmo, os comandos subordinados atuam com liberdade de ação para que possam explorar vantagens locais.

4.3.5.5.2 O rádio é o principal meio de comunicação empregado para o controle e a coordenação da manobra. Um planejamento cuidadoso das comunicações é essencial para se evitar a revelação prematura do Mvt Rtg.

4.3.5.5.3 As medidas de coordenação e controle usadas nos Mvt Rtg incluem:
a) pontos-limite;
b) posições de retardamento;
c) pontos de controle;
d) limites;
e) pontos de ligação;
f) linhas de controle intermediárias;
g) itinerários de retraimento;
h) zonas de reunião;
i) itinerários de progressão;
j) prazos de retardamento; e
k) pontos de passagem.

4.3.5.6 Planejamento dos Movimentos Retrógrados

4.3.5.6.1 O planejamento de um Mvt Rtg deve ser meticuloso e completo, evitando o estabelecimento de medidas de coordenação e controle desnecessárias. As medidas prescritas devem ser essenciais à segurança, à condução das fases do movimento e à manutenção da unidade de comando.

4.3.5.6.2 Em um retraimento, a situação em que ele é executado – com ou sem a pressão do Ini – condiciona as medidas de coordenação e controle a serem utilizadas que, de acordo com a situação, serão menos ou mais restritivas.

4.3.5.6.3 A ação retardadora engloba, nas fases de seu desenvolvimento, os outros dois tipos de movimentos retrógrados – o retraimento entre as posições de retardamento e, caso seja empregado o processo de retardamento por posições alternadas, a retirada para a posição posterior, após ser acolhido na posição à sua retaguarda.

4.3.5.6.4 Os planos e ordens de um retraimento incluem os aspectos a seguir enumerados:
a) nova posição a ser ocupada e missão após realizado o retraimento;
b) organização para o Cmb, reforços e apoios recebidos;
c) Z Aç e Itn a serem utilizados;
d) F Seg e outras medidas de segurança;
e) planejamento para o apoio de fogo;
f) planejamento para ruptura do contato em caso de retraimento involuntário;
g) a ação a ser iniciada, em caso de ataque Ini após o retraimento voluntário;
h) medidas de disfarce;
i) horário e prioridade para o retraimento dos elementos;
j) medidas de controle de tráfego;

k) planejamento para evacuação ou destruição do excesso de suprimento;
l) evacuação de baixa e prisioneiros de guerra (PG);
m) plano de comunicações; e
n) planejamento para o apoio de serviços.

4.3.5.6.5 O Cmt do Esqd que executa um retraimento deve indicar aos seus elementos as providências a seguir mencionadas:
a) localização da nova posição ou Z Reu, escolhida com antecedência que permita seu reconhecimento;
b) medidas para preparação e ocupação da nova posição, incluindo a organização da defesa, o dispositivo do Esqd, a localização dos trens e PC e as instruções para os elementos que se deslocam dentro da área;
c) o Esc Sp pode designar os caminhos de retraimento do Esqd. Quando o Esqd opera em larga frente, é desejável que cada Pel receba seu próprio caminho de retraimento. Se o retraimento implica movimento através de uma posição defensiva ocupada por outra unidade, é necessária uma cerrada coordenação. O Cmt Esqd designa um Elm de ligação para executar a coordenação com o Cmdo da tropa que faz o acolhimento (Aclh). As medidas de coordenação e controle devem ser disseminadas por todos os pelotões. O planejamento deve incluir a previsão de guias a serem fornecidas pela unidade que acolhe, estabelecimento de ligação e comunicações e sinais de reconhecimento;
d) força de segurança – se necessário, é designado um Pel para a missão de retaguarda; e
e) horário de retraimento – normalmente determinado pelo Esc Sp.

4.3.5.7 Ação Retardadora

4.3.5.7.1 Generalidades
a) A Aç Rtrd é um movimento retrógrado no qual uma força terrestre, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao Ini o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no Cmb. Na execução de uma Aç Rtrd, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.
b) Uma Aç Rtrd exige, normalmente, o emprego dos princípios da defesa em cada posição de retardamento. Em sua execução, são conduzidas ações ofensivas e defensivas. A ação em cada posição deve obrigar o Ini a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.
c) Existem três técnicas de retardamento: o retardamento em posições sucessivas, o retardamento em posições alternadas e o retardamento que combina as duas outras técnicas.
d) O Esqd C Pqdt, executando uma Aç Rtrd, emprega elementos de segurança (PO e patrulhas) à frente das posições e elementos de retardamento.
e) As posições de retardamento do Esqd não são organizadas em profundidade.
f) Utiliza-se o máximo poder de Cmb em primeiro escalão sobre as prováveis VA do Ini.
g) Normalmente, o Esqd não designa reserva em Aç Rtrd.

4.3.5.7.2 As considerações básicas da Aç Rtrd são:
a) controle deve ser centralizado e ação descentralizada;
b) máximo aproveitamento do terreno;
c) forçar o Ini a desdobrar e a manobrar;
d) máximo emprego de obstáculos;
e) manutenção do contato com o Ini; e
f) evitar o engajamento decisivo.

4.3.5.7.3 Processos de Execução da Aç Rtrd
a) A Aç Rtrd pode ser executada em posições sucessivas, posições alternadas ou pela combinação desses processos.
b) Na Aç Rtrd em posições sucessivas, o Esqd oferece o máximo de resistência organizada na posição inicial de retardamento (PIR) e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas. Em face das largas frentes que normalmente recebe, este é o tipo de ação retardadora adotado com mais frequência pelo Esqd por ser o que lhe permite concentrar o maior poder de Cmb à frente, em cada posição.
c) Na Aç Rtrd em posições alternadas, o Esqd C Pqdt raramente opera em frente suficientemente estreita para permitir o retardamento em posições alternadas. Não é o processo mais comum do emprego do Esqd C Pqdt. Entretanto, o Esqd pode realizar esse tipo de movimento, quando estiver enquadrado na manobra da Bda, revezando a ocupação das posições Rtrd com outras SU ou U.

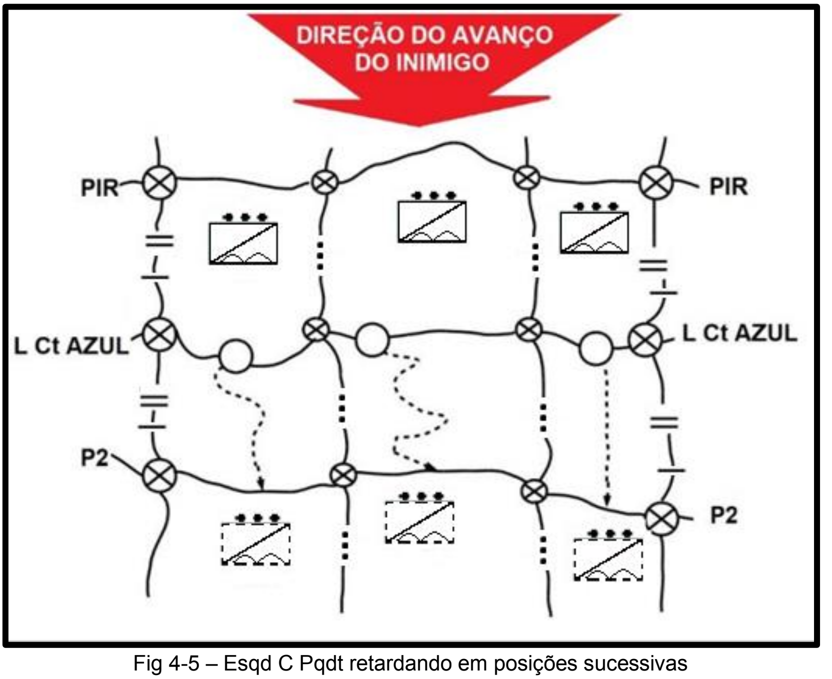


Fig 4-5 – Esqd C Pqdt retardando em posições sucessivas

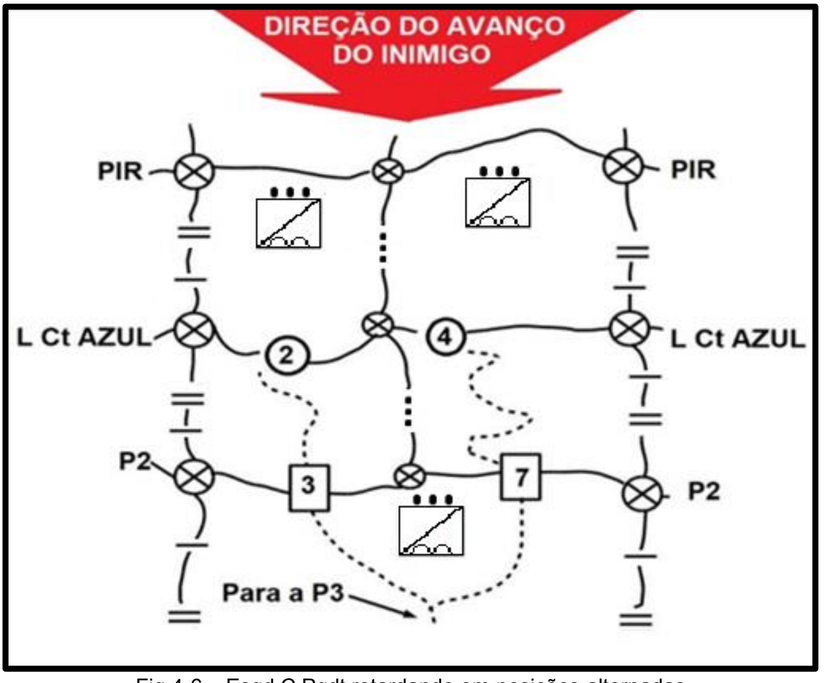


Fig 4-6 – Esqd C Pqdt retardando em posições alternadas

4.3.5.7.4 Planejamento

a) Por ser o planejamento da ação retardadora centralizado, o Esqd recebe as diretrizes gerais do Esc Sp.

b) As posições de retardamento e o prazo a ganhar são determinados pelo Esc Sp. O principal objetivo desta medida é a coordenação entre as forças empenhadas e o estabelecimento de um horário planejado para a operação.

c) Cabe ao Cmdo do Esqd reconhecer as posições de retardamento e definir exatamente a localização dos pelotões.

d) Posições de retardamento descontínuas devem ser levantadas pelo Esqd em sua Z Aç para serem utilizadas sempre que necessário, visando a impor ao Ini o máximo de perdas, em tempo, material e pessoal ao longo do retardamento.

e) As ordens dadas ao Esqd devem especificar, pelo menos:

- organização para o Cmb;
- localização geral da PIR;
- localização geral das posições de retardamento, principais e alternativas (linhas de controle intermediárias);
- zonas de ação;
- prazos a ganhar durante a operação;
- pontos de ligação entre as forças de manobra;
- ações em final de missão; e
- limitações impostas à operação.

f) O Cmt Esqd C Pqdt deve atribuir itinerários de retraimento para seus elementos subordinados após a L Ct Intermediária, logo após suas respectivas Z Aç. Se houver itinerários disponíveis, deve atribuir um para cada Elm subordinado, a fim de coordenar e facilitar o movimento. Em caso de deficiência de itinerários, pode haver itinerários comuns, devendo-se para isso estabelecer pontos de controle nos pontos de confluência e prioridades de passagem.
g) Deve ser considerada a necessidade do apoio cerrado dos fogos indiretos, em virtude da limitada capacidade do Esqd C Pqdt.

4.3.5.7.5 Escolha das Posições de Retardamento
a) O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo indicadas, as quais permitem infligir grande número de perdas ao Ini, além de retardar ao máximo a sua ação:
- linha de alturas perpendiculares à direção de atuação do Ini;
- obstáculos à frente e nos flancos, principalmente rios obstáculos;
- elevações que permitam boas condições de observação e bons campos de tiro;
- itinerários desenfiados para os deslocamentos (retraimentos e rocadas); e
- boa rede de estradas e condições de transitabilidade através do campo.

b) O Esc Sp designa para o Esqd uma Z Aç, o traçado geral da PIR, posições de retardamento sucessivas e o tempo que o Ini deve ser mantido à frente de cada posição. As posições são estabelecidas suficientemente afastadas de modo a a obrigar o Ini a desdobrar-se para atacar e a reorganizar-se depois de cada ataque. Tão logo quanto possível, o Cmt do Esqd C Pqdt reconhece as posições de retardamento que lhe foram designadas.
c) L Ct são previstas para coordenação e controle do movimento, podendo transformar-se, em caso de necessidade, em posições de retardamento alternativas. Existe a necessidade de ser levantada pelo menos uma linha de controle intermediária às posições de retardamento, o que dá flexibilidade à manobra.
d) Se a profundidade da Z Aç permitir, é sempre conveniente que as posições de retardamento fiquem distanciadas, de modo a obrigar o Ini a se reorganizar e a montar um novo ataque em face de cada posição, considerando principalmente o alcance dos meios da Art Ini. Entretanto, não se deve ceder ao Ini grande faixa do terreno, deixando de ganhar um prazo maior.

4.3.5.7.6 Organização do Terreno e Limites
a) No planejamento de uma ação retardadora, os limites entre os pelotões são estabelecidos em função dos seguintes fatores:
- largura da Z Aç;
- áreas consideradas passivas;
- frentes consideradas secundárias;
- número de VA e corredores de mobilidade para o Ini, que incidem nas posições de retardamento;
- prosseguimento das VA no interior da nossa Z Aç;

- obstáculos; e
- diretrizes do Esc Sp.

b) Os obstáculos naturais são agravados e obstáculos artificiais são construídos dentro das limitações do material disponível, do tempo e da mão de obra.
c) P Blq, valor Pel, são organizadas nas posições de retardamento da mesma maneira que nas Op de segurança.
d) A posição é organizada em largura e com pequena profundidade.

4.3.5.7.7 Dispositivo do Esquadrão
a) O Cmt Esqd designa para os Pel zonas de ação dividindo as VA mais prováveis do Ini, compatíveis com o poder de Cmb de cada Elm subordinado, considerando ainda a importância e profundidade dessas VA. Cada VA e o terreno que a domina são atribuídos a um mesmo Elm de manobra. Cada Z Aç de Pel deve incluir, sempre que possível, um itinerário de retraimento através de estrada, ainda que com pequenos trechos de interligação através do campo, em terreno firme.
b) Os pelotões são desdobrados para bater as VA prováveis do Ini. A largura da Z Aç e o número de VA que a ela conduzem determinam o dispositivo a ser adotado. Sempre que possível, tendo em vista apoiar o Esqd de uma única posição de tiro, as peças de apoio são emassadas. Quando a largura da zona de ação permitir, um Pel deve ser colocado em profundidade, para bloquear as penetrações do Ini, reforçar os elementos de primeiro escalão e proteger seu retraimento.
c) O PCP, sempre que possível, deve estar localizado bem à retaguarda, a fim de evitar frequentes deslocamentos e interferência com as ações dos Elm de combate. Sua localização deve proporcionar condições para as ligações com os elementos subordinados, vizinhos e com o Esc Sp e estar próxima de estradas, as quais lhe facilitam futuros deslocamentos. O PCP retrai, normalmente, ao final da 1ª fase do retraimento.

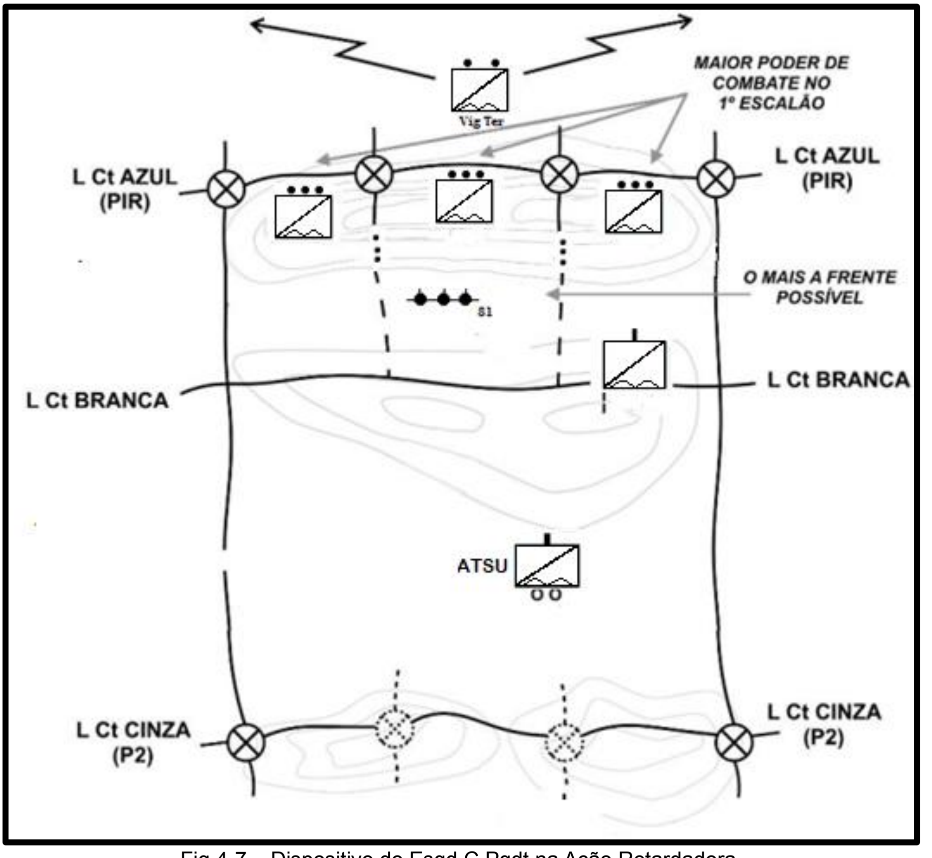


Fig 4-7 – Dispositivo do Esqd C Pqdt na Ação Retardadora

d) O PCT deve ser desdobrado bem à frente, com os elementos engajados, para que o Cmt possa controlar e intervir nas ações.
e) Após as ATSU prestarem o apoio necessário junto à PIR, são deslocadas para próximo da L Ct, dentro da Z Aç da SU, de onde possam apoiar eficientemente a operação de retraimento, o deslocamento para a nova posição de retardamento, bem como a ocupação desta.
f) O controle e a segurança dos elementos do apoio logístico são de vital importância na Aç Rtrd. O planejamento da operação deve prever um adequado apoio logístico durante o deslocamento para cada posição de retardamento e na ocupação dela.
g) O suprimento dos elementos de combate é executado imediatamente após sua chegada às novas posições de retardamento. Tão logo julgar conveniente, o responsável pela ATSU dirige os trens para próximo da L Ct imediatamente à retaguarda da posição de retardamento ocupada, de onde podem apoiar eficientemente a operação.

4.3.5.7.8 Organização para o Combate do Esquadrão

a) A organização de uma posição de retardamento assemelha-se a de uma posição defensiva. A maior parte da potência de fogo do Pel é orientada na direção geral do Ini, sem descurar da segurança de flanco e de retaguarda.

b) O plano de apoio de fogo deve prever fogos para a defesa, fogos para o apoio a contra-ataques e fogos para cobrir o retraimento. Os fogos defensivos devem ser concentrados nas formações iniciais do avanço do Ini.

c) Os exploradores operam à frente da posição inicial, proporcionando alerta antecipado da aproximação do Ini. À aproximação deste, retraem, mantendo o contato com o Ini, ajustando os fogos de apoio e informando sobre qualquer tentativa deste de evitar ou desbordar a posição.

d) Fogos de longo alcance são desencadeados tão à frente quanto possível. Esses fogos normalmente são executados pela artilharia e pelos morteiros. As demais armas abrem fogo quando o Ini estiver dentro de seus alcances eficazes.

e) Os PO, localizados nos flancos da posição, permanecem cobertos e não atiram, a menos que forçados pela ação do Ini. O Cmt do Esqd, embora tendo de manter contato cerrado com todos os Pel, procura localizar-se com o que estiver engajado na ação mais crítica. O Esqd não retrai até que seja autorizado pelo Esc Sp. Normalmente, os pelotões menos engajados retraem em primeiro lugar e auxiliam o desengajamento dos demais. O Cmt deve permanecer na posição de retardamento até que o último Pel retraia.

4.3.5.7.9 Segurança na Ação Retardadora

a) Generalidades:
- durante a ação retardadora, o Ini fará o máximo esforço para desbordar ou destruir a força retardadora;
- o Cmt Esqd deve prestar particular atenção para que o Ini não desborde seus flancos ou o surpreenda na posição;
- um reconhecimento contínuo é uma das melhores maneiras de proporcionar segurança;
- o reconhecimento pode ser ampliado por radares da Seção de Vigilância Terrestre (Seç Vig Ter) e SARP, orgânico do Esqd ou do Esc Sp; e
- uma coordenação cerrada entre as frações vizinhas é essencial, de modo a evitar a apresentação de um flanco exposto ao Ini.

b) Segurança à frente:
- se os elementos da força retardadora não estão em contato com o Ini, devem ser tomadas precauções para se evitar a surpresa e para que o alerta da aproximação do Ini seja dado o mais cedo possível;
- durante o dia, postos de observação e patrulhas são estabelecidos à frente das posições de retardamento; e
- à noite, são substituídos por postos de escuta. Os itinerários que conduzem das posições aos PO devem ser escolhidos cuidadosamente a fim de evitar sua observação pelo Ini.

c) Segurança nos flancos:
- o Esqd, em uma posição de retardamento, deve estabelecer sua própria segurança de flanco pelo estabelecimento de observação em todas as

direções, patrulhas e ligação com as unidades vizinhas;
- um reconhecimento cuidadoso propicia aos elementos da força retardadora o levantamento das VA mais favoráveis ao Ini para desbordar a força retardadora; e
- os elementos da testa de qualquer força inimiga, tentando progredir por tais vias de acesso, poderão ser detidos ou emboscados.

4.3.5.7.10 Ocupação de uma Posição de Retardamento

a) A ocupação de uma posição de retardamento pelo Esqd é planejada e conduzida de acordo com os princípios e fundamentos das ações da defesa. Entretanto, o Cmt dá maior ênfase ao engajamento do Ini no alcance máximo do seu armamento e na disposição de sua força no terreno, de modo que possa executar o retraimento planejado para a próxima posição de retardamento.

b) Os fatores básicos a serem considerados para a ocupação de uma posição de retardamento incluem:
- posições de tiro principais;
- posições de muda;
- posições suplementares;
- observação;
- campos de tiro longínquos;
- cobertas e abrigos;
- desenfiamento de torre e de couraça;
- preparação de roteiros de tiro;
- segurança (incluindo postos de observação e patrulhas);
- coordenação com outros elementos, incluindo os de apoio de fogo e engenharia;
- itinerários de retraimento; e
- existência de obstáculos.

c) A preparação da posição prossegue enquanto o Ini não for engajado. São selecionadas posições principais, de muda e suplementares para cumprimento das missões específicas do retardamento em posição. Deve ser feito o máximo emprego das armas coletivas.

d) As posições de tiro normalmente localizam-se à retaguarda da crista topográfica das elevações, de modo a obter extensos campos de tiro. Deve-se observar também o fácil acesso dessas posições aos itinerários de retraimento abrigados.

e) As viaturas não empregadas no retardamento são colocadas em local coberto e abrigado à retaguarda da posição. As viaturas PC, de manutenção e de saúde são, normalmente, colocadas à retaguarda da posição de retardamento posterior, para assegurar apoio contínuo durante o período crítico do retraimento da posição.

f) As metralhadoras podem ser desdobradas no terreno sobre os seus reparos terrestres, caso não possam ser empregadas embarcadas e não comprometam a presteza do retraimento.

g) Sempre que possível, as peças de apoio são centralizadas.

4.3.5.7.11 Conduta na Ação Retardadora

a) Tão logo o Ini entre no alcance máximo da artilharia e dos morteiros, os fogos são desencadeados. Ao cerrar sobre a posição, o Ini é colocado sob o máximo volume de fogos de todas as armas da força retardadora, de modo a obrigá-lo a desdobrar-se, executar reconhecimentos e outras manobras que consomem tempo. Os fogos aproximados devem bater os acidentes capitais e as VA com a maior eficácia possível.

b) O êxito da missão de retardamento depende, em grande parte, de uma judiciosa distribuição do tempo a ganhar. Essa distribuição do tempo resulta de um minucioso reconhecimento, de segurança apropriada e oportunos informes de Cmb. O escalão imediatamente superior deve ser mantido informado da situação da força, de modo que seja assegurado o recebimento da ordem de retraimento antes que a força fique decisivamente engajada. Os Pel não retraem sem autorização do Cmt Esqd.

c) Ao receber a ordem para iniciar o retraimento de uma posição, o Pel executa um retardamento contínuo até a próxima posição de retardamento ou até uma linha de acolhimento, ao retrair da última posição. Os elementos que já estiverem na posição de retardamento seguinte, à aproximação do grosso do Esqd, tomam o Ini sob seus fogos, realizando tiros sobre a tropa amiga, caso não haja uma força de proteção atuando como retaguarda. Quando acolhidos na posição de retardamento, os elementos do grosso reorganizam a constituição dos Pel e passam a retardar nessa posição durante o prazo previsto.

d) O Cmb aproximado é, em princípio, evitado, sendo empregado somente quando for absolutamente necessário.

e) Dada a desproporção de forças entre a tropa inimiga que avança e a força de retardamento, o combate deve ser travado à distância. O combate aproximado deve ser evitado, sendo empregado somente quando for absolutamente necessário.

f) A reserva é empregada para contra-atacar, para desengajar um elemento que se tornou decisivamente engajado, para eliminar uma penetração inimiga, bloquear uma ameaça à frente ou nos flancos, cobrir o retraimento dos elementos da força retardadora ou para reforçar um ou mais elementos dela. Quando um C Atq for executado para cooperar no retraimento de uma força decisivamente engajada, a ação consiste em um golpe contra um flanco do inimigo, justamente à retaguarda de seus elementos mais avançados. Essa operação não deverá ter um objetivo no terreno.

g) O comando, o controle e o horário para o desencadeamento do C Atq são fatores particularmente críticos. O comandante deve exercer cuidadosa vigilância, de modo a evitar que sua SU venha a se tornar tão engajada com o inimigo que não possa romper o contato. Os C Atq para restabelecimento da posição são realizados visando à conquista de objetivos limitados e são apoiados por artilharia, morteiros e elementos da força retardadora. Do mesmo modo, os Pel podem executar C Atq pelas mesmas razões, mas em escala mais limitada.

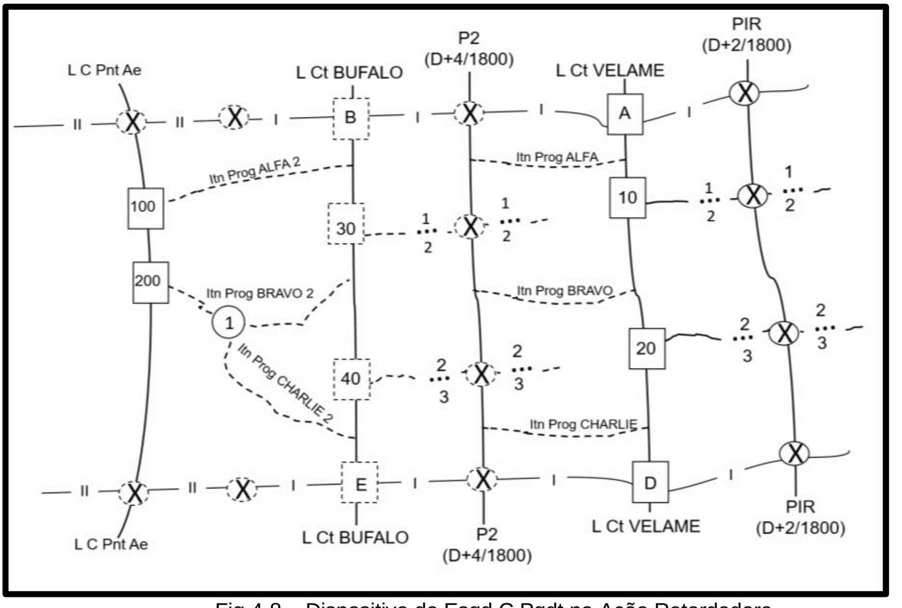


Fig 4-8 – Dispositivo do Esqd C Pqdt na Ação Retardadora

4.3.5.8 Retraimento

4.3.5.8.1 Generalidades

a) É o movimento retrógrado no qual toda ou parte de uma força desdobrada rompe o contato físico com o Ini. Ele pode ser executado durante o dia ou à noite, com ou sem pressão do Ini.

b) O Esqd C Pqdt, em uma operação de retraimento, executa um movimento para longe do Ini para preservar ou recuperar a liberdade de ação, seja cumprindo missão no quadro da manobra do Esc Sp, seja agindo isoladamente.

c) O retraimento diurno deve ser evitado, sempre que possível, para fugir aos fogos observados do Ini e à atuação de sua F Ae, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra.

d) Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, por exemplo) devem ser utilizados, particularmente quando houver perda do sigilo da operação.

e) Os retraimentos sem pressão do Ini são vantajosos em relação aos executados sob pressão.

f) No planejamento de um retraimento, devem ser previstos planos alternativos para os elementos subordinados, destinados ao atendimento de situações que impliquem retraimentos com ou sem pressão do Ini.

g) Em qualquer uma das situações em que o retraimento é executado, o contato pelo fogo e visual com o Ini deve ser mantido, suficiente para proporcionar dissimulação, segurança e contribuir para evitar um rápido avanço do Ini. Uma força provê segurança e dissimulação, para que as tropas em contato possam executar seu retraimento sem que o Ini cerre rapidamente sobre elas.

h) O retraimento pode ser facilitado pela execução de C Atq de objetivos limitados.
i) Os planos e ordens para um retraimento devem ser preparados pormenorizadamente.

4.3.5.8.2 Retraimento sem Pressão do Ini
a) É aquele realizado sem que haja, ou possa haver, durante a sua execução, interferência apreciável das F Ter Ini. Sempre que possível, deve-se executar o Ret sem pressão do inimigo e à noite. O Cmt busca conservar a iniciativa, escolhendo o momento para iniciar o movimento.
b) Pode ser realizado furtivamente ou em conjunto com um ataque terrestre, para desviar a atenção do Ini. O sucesso de um retraimento sem pressão do inimigo depende, particularmente, da dissimulação. Exige emprego de contravigilância eficaz e depende, principalmente, da velocidade de execução.
c) O Esqd C Pqdt destaca parte de suas forças, inclusive elementos da Res e de apoio, para permanecer em contato com o Ini. Tais forças são chamadas destacamentos de contato. Elas proporcionam segurança e protegem o retraimento do grosso.
d) O destacamento de contato tem por missões:
- a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades);
- retardar e iludir o Ini, de forma a evitar sua interferência durante o retraimento; e
- ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da força.

e) O planejamento, em geral, prevê o retraimento simultâneo da maioria dos elementos empregados em primeiro escalão. Quando o Cmt do Esc Sp não tiver determinado, o Cmt do Esqd especifica o valor, a composição e o dispositivo do destacamento de contato, tomando por base os fatores da decisão (missão, Ini, terreno, meios e tempo).
f) A composição normalmente é de cerca de um terço dos elementos de manobra, inclusive a Res, e de um terço à metade das armas de apoio orgânicas.
g) O destacamento de contato deve ter um Cmdo único. Em geral, um Cmt Pel que defende a parte mais importante da frente, assume o Cmdo desse destacamento. O Cmt do destacamento deve controlar a operação e manter o tráfego de mensagens de Cmdo, como se ocupasse a posição com todo o seu efetivo (manutenção da fisionomia da frente).
h) Todo o esforço deve ser feito para que os elementos do destacamento de contato tenham mobilidade superior à do Ini.
i) O retraimento dos elementos da frente, menos o destacamento de contato, é iniciado pelos trens e viaturas do PC. Os Pel, simultaneamente, deslocam-se para a retaguarda, utilizando-se dos itinerários de retraimento previamente reconhecidos e da forma mais discreta possível.
j) Em uma Z Reu, previamente selecionada e ocupada pelo menor espaço de tempo possível, é formada a coluna de marcha do Esqd.
k) Após formada a coluna de marcha, o movimento posterior é efetuado de maneira semelhante ao de uma retirada.

l) Após o retraimento dos elementos de 1º escalão, o destacamento de contato assume a responsabilidade total da Z Aç do Esqd.
m) O retraimento do destacamento de contato deve ser iniciado a tempo de não permitir que o movimento seja executado sob pressão do Ini.
n) Ao iniciar o retraimento, o destacamento de contato atua como retaguarda do grosso que retrai. Esse destacamento mantém o contato com o Ini e combate, se necessário, até ser acolhido pelo grosso em uma nova posição de retardamento, ou pelo Esc Sp.
o) Se o retraimento for noturno, os fogos devem ser utilizados para abafar o ruído das lagartas e dos motores das viaturas.
p) Se o retraimento for descoberto pelo Ini, o Esqd passa a executá-lo utilizando as técnicas de um retraimento sob pressão. Para isso, todos os comandos subordinados devem ter conhecimento dos planos alternativos e da intenção do Cmt.
q) O retraimento sem pressão, em geral, é executado em três fases:
- 1ª fase – retraimento dos trens da SU e do posto de Cmdo;
- 2ª fase – retraimento dos pelotões em primeiro escalão, menos o destacamento de contato; e
- 3ª fase – retraimento do destacamento de contato.

4.3.5.8.3 Retraimento sob Pressão do Inimigo
a) É aquele realizado sob pressão ou ameaça iminente do Ini, isto é, forças ponderáveis atacam ou estão em condições de (ECD) atuar com fogos diretos sobre as tropas que retraem.
b) Os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do Ini.
c) Os movimentos para a retaguarda são coordenados. As condições adversas associadas a esse tipo de movimento aconselham que o retraimento seja protegido pela escuridão ou por condições de reduzida visibilidade.
d) O Esc Sp pode constituir uma F Ptç para assegurar o movimento dos elementos avançados que retraem sem deixar elementos em contato. O Esqd C Pqdt, dependendo da situação pode constituir a F Ptç ou parte dela. A estreita coordenação entre essas forças é um fator crítico na execução desse tipo de retraimento.
e) São missões da F Ptç:
- proteger o retraimento dos elementos que estejam engajados;
- retardar o Ini e evitar a sua interferência no retraimento do grosso; e
- ficar em condições de atuar como retaguarda da força principal.
f) Após o acolhimento pela força de proteção, se for o caso, o grosso do Esqd forma as colunas de marcha, por Pel, em geral sem designação de Z Reu, e se desloca para a retaguarda, empregando a retirada.
g) Para assegurar a rapidez do retraimento, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários quando o grosso retrair.

h) O retraimento sob pressão do Ini pode ser realizado em três ou em duas fases, dependendo da existência ou não de uma força de proteção constituída pelo regimento (Rgt):

- 1ª fase – retraimento dos trens da SU e do PC (menos o grupo de comando);
- 2ª fase – retraimento dos Elm de primeiro escalão e do grupo de comando, iniciado pelos menos engajados até o acolhimento pela F Ptç; e
- 3ª fase – retraimento da força de proteção, utilizando técnicas de retardamento, após o acolhimento dos elementos de primeiro escalão.

4.3.5.9 Retirada

4.3.5.9.1 Generalidades

a) Retirada é o tipo de movimento retrógrado no qual uma força, não em contato, desloca-se para longe do Ini, a fim de evitar o Cmb em condições desfavoráveis. A retirada pode ser feita seguindo-se a um retraimento.

b) A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:

- ampliar a distância entre o Ini e a força amiga;
- reduzir a distância de apoio entre forças amigas;
- assegurar um terreno mais favorável; e
- adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do Esc Sp.

4.3.5.9.2 Execução da Retirada

a) Quando a retirada é precedida de um retraimento, as forças em contato (destacamento de contato e F Ptç proveem a segurança à retaguarda).

b) Na retirada, o Esqd organiza-se de modo inverso ao da M Cmb. São designados itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda para os elementos que marcham com o grosso. O controle deve ser descentralizado no estágio inicial da retirada, passando gradativamente à centralização, à medida que aumenta a distância do Ini.

c) A segurança do Esqd é realizada de maneira semelhante à da M Cmb. Ela é proporcionada pela Vgd, Fg e Rtgd.

4.3.6 OUTRAS AÇÕES TÁTICAS E TÉCNICAS DEFENSIVAS

4.3.6.1 Ações Dinâmicas da Defesa

4.3.6.1.1 São ações ofensivas no contexto de uma operação defensiva, com a finalidade de dificultar a preparação do ataque do inimigo, prejudicando a concentração do seu poder de combate nas posições de ataque, destruindo suas forças de reconhecimento, isolando unidades, desorganizando seus sistemas e formações em profundidade.

4.3.6.1.2 As forças defensivas devem se manter alertas para aproveitar todas as oportunidades de retomar a iniciativa e destruir o inimigo. Patrulhamentos agressivos, incursões e, principalmente, contra-ataques apoiados por fogos e

pela guerra eletrônica são normalmente a melhor maneira de manter o espírito ofensivo na defensiva.

4.3.6.1.3 O Esqd C Pqdt poderá realizar as ações dinâmicas da defesa de contra-ataque. Os contra-ataques são classificados em:
a) para o reestabelecimento da posição;
b) de desaferramento;
c) de desorganização; e
d) de destruição.

4.3.6.1.4 É necessário que o Esqd C Pqdt elabore planos de contra-ataque para todas as possíveis VA do inimigo, priorizando as mais factíveis à penetração.

4.3.6.1.5 Após o contra-ataque, caso não receba a missão de reestabelecer a posição de um núcleo que submergiu, a reserva retrai para a Z Reu, a fim de reorganizar-se, retornando à sua condição anterior.

4.3.6.1.6 Durante os contra-ataques, o Esqd C Pqdt deve contar com a prioridade (Prio) dos apoios. O apoio da engenharia da Bda, do escalão superior ou da tropa nas posições da ADA é fundamental no cruzamento das zonas de obstáculos e no balizamento dos campos de minas amigos.

4.3.6.2 Contra-ataque de Desorganização

4.3.6.2.1 C Atq de desorganização é uma ação ofensiva lançada para comprometer um ataque inimigo em fase de montagem ou de reunião de meios. É dirigido a um objetivo limitado, à frente do LAADA.

4.3.6.2.2 O C Atq de desorganização pode ser executado com uma das seguintes finalidades:
a) destruir uma parte da força inimiga;
b) desorganizar o dispositivo inimigo e retardá-lo; e
c) impedir a observação terrestre direta do inimigo sobre a área de defesa.

4.3.6.2.3 O sucesso de um C Atq de desorganização depende de grande mobilidade e apoio de fogo. A decisão de executar um C Atq de desorganização deve ser cuidadosamente considerada, em função da possibilidade de perda de parcela do poder de combate, o que pode comprometer o cumprimento de sua missão principal. O planejamento e a ordem de execução de um C Atq de desorganização são da competência da Bda ou do Esc Sp.

4.3.6.2.4 Contra-ataque para Restabelecimento da ADA
a) Considerações Gerais
- A finalidade do C Atq na defesa de área é restabelecer o LAADA pela destruição ou expulsão dos elementos inimigos que tenham penetrado em uma determinada parte da ADA.

- O C Atq deve ser apoiado por todas as armas disponíveis. As armas anticarro participam ou apoiam o contra-ataque, dependendo das condições do terreno e do inimigo.

- O inimigo expulso de uma penetração não deve ser perseguido além do LAADA, exceto pelo fogo.

b) Considerações Relativas ao Planejamento

- O Cmt conduz um estudo de situação continuado para determinar a oportunidade de execução do C Atq. Para tanto, inicialmente, deve avaliar se a penetração inimiga é apenas parte de um ataque de maior vulto, o qual deverá ser detido pelo emprego de todos os meios da SU ou se é um ataque a ser barrado pelos elementos de primeiro escalão.

- Da mesma forma que o insucesso de um C Atq pode desequilibrar a defesa e criar o risco de ser batida por partes, o retardamento na sua execução poderá permitir que o inimigo se reorganize e mantenha a iniciativa.

- Todas as considerações relativas a um Atq aplicam-se ao contra-ataque, com maior ênfase, no entanto na determinação da hora de desencadeamento. O C Atq deverá ser desencadeado quando o inimigo estiver mais vulnerável e de modo a impedi-lo de retomar a progressão ou receber reforços.

- Para lançar um C Atq, é desejável que o inimigo esteja detido ou que tenha sua impulsão diminuída, entretanto essa condição não é um requisito impositivo. A largura e profundidade da penetração, bem como a velocidade de progressão, a direção do ataque inimigo e o seu valor no interior da penetração devem ser considerados, a fim de que o comandante possa decidir pela sua execução.

- Na determinação do poder de combate da força de C Atq, deve-se considerar que o inimigo do interior da penetração está desgastado, em reorganização e submetido aos fogos dos elementos que estão limitando a penetração.

- O valor desejável para a força de C Atq é idêntico ao do inimigo no interior da penetração. O valor mínimo é igual aos dos núcleos submergidos, o que permite a reocupação da área, entretanto o emprego de uma força com esse valor mínimo deverá ser evitado, sempre que possível.

- O C Atq deve ser rápido e violento, empregando todos os meios necessários para assegurar o sucesso, assim, o emprego parcelado da reserva pode comprometer o sucesso da ação.

- A direção de C Atq deve ser imposta pelo Cmdo Rgt e estabelecida de maneira a tirar a máxima vantagem do terreno e das vulnerabilidades do inimigo.

- A Res deve ser capaz de executar C Atq à noite, razão pela qual o conhecimento do terreno, o planejamento cuidadoso e os treinamentos ganham importância. No C Atq noturno deve ser dada especial atenção às medidas de identificação das tropas amigas, à designação de objetivos nítidos e à coordenação entre os elementos de manobra e entre esses e os núcleos de defesa.

c) Planejamento do C Atq

- Os planos de C Atq são preparados com os demais planos de defesa e visam a fazer face às possíveis penetrações na ADA. Eles devem considerar: a

provável zona de penetração do inimigo, se o Ini no interior da penetração está detido ou perdendo a impulsão e a localização e disponibilidade da reserva.

- No escalão U, o C Atq é, basicamente, um ataque limitado com a finalidade de restabelecer a ADA, destruindo ou expulsando o inimigo do interior da Pntr.

- A Res, normalmente, constitui a força de manobra, porém o plano de C Atq inclui nessa força outros elementos orgânicos, em reforço ou em apoio ao Esqd. A força de manobra é apoiada pelas armas de apoio orgânicas, inclusive as armas dos pelotões de primeiro escalão, quando possível.

- Para a elaboração dos planos de C Atq, o comandante estabelece uma prioridade baseada na possibilidade ou na ameaça da perda de uma região decisiva da ADA. Os planos de C Atq são preparados com o conhecimento antecipado de que, frequentemente, terão que ser adaptados a circunstâncias diferentes das consideradas na fase de planejamento.

- O planejamento da execução do C Atq (dispositivo, manobra, missão aos elementos subordinados *etc*.) é elaborado pelo comandante da reserva, em coordenação com o comando do esquadrão e os comandantes dos elementos de apoio. Os planos de C Atq devem ser ensaiados tanto de dia quanto à noite, na medida em que o tempo disponível e a segurança permitirem. Entretanto, pelo menos o reconhecimento e um ensaio dos comandos subordinados é indispensável.

d) O plano de C Atq deve dar especial atenção às seguintes considerações:

- prováveis penetrações inimigas – o Cmt estima a largura e a profundidade da penetração máxima permitida, a qual deve ser capaz de eliminar por meio de um C Atq. Considera as perdas de terreno e de elementos de combate em relação ao valor provável do inimigo no interior da penetração, visualizando o valor remanescente do esquadrão e suas possibilidades de intervir na ação.

- composição da força de manobra – na execução do C Atq, o Cmt emprega todos os meios disponíveis em uma única e decisiva ação. O emprego parcelado da reserva poderá retardar a decisão ou comprometer a ação.

- limitação da penetração – os elementos destinados a limitar a penetração inimiga são previstos no planejamento. Os que estiverem situados dentro da Z Aç do elemento de C Atq, normalmente o reforçam. Se o elemento subordinado, cuja área de defesa sofreu uma penetração, não tiver possibilidade de limitá-la, a reserva da Bda é empregada para deter o inimigo e a responsabilidade pela execução do C Atq transfere-se para o Esc Sp.

- apoio de fogo – é proporcionado pelas armas orgânicas, em reforço e em apoio ao esquadrão. O elemento de C Atq passa a ter prioridade de fogos.

- missões de defesa – o Cmt Esqd C Pqdt deve designar o elemento subordinado que assumirá a defesa da área penetrada, após a eliminação da penetração.

- reserva temporária – deve ser constituída uma reserva temporária durante o emprego da força de C Atq. Essa reserva é formada por qualquer elemento disponível, sendo designado um oficial para organizá-la e coordená-la. A reserva temporária deve ficar em condições de ocupar uma ou mais posições de aprofundamento.

e) Medidas de Coordenação e Controle

- Objetivo – normalmente é um acidente capital, dentro da penetração, cuja conquista seja decisiva para destruir o inimigo e restaurar a ADA do esquadrão.
- Direção de C Atq – selecionada para facilitar a unidade e concentração de esforços, a eficácia dos fogos de apoio, o controle e a segurança. Normalmente, a direção de C Atq é dirigida sobre o flanco da penetração, evitando passar por núcleos amigos.
- Linha de Partida – é planejada, entretanto sua localização poderá ser modificada, posteriormente, para melhor atender à situação no momento da execução do C Atq. Normalmente, a LP é a própria linha de contato.
- Hora de C Atq – na fase de planejamento, a hora de C Atq não pode ser estabelecida. Entretanto, podem ser estimados os prazos de que a reserva necessita para iniciar a sua execução, após o recebimento da ordem (tempo de deslocamento, prazo para reunião e desdobramento de meios *etc*.).
- Posição de ataque – é selecionada, porém, só será utilizada se necessária à execução do C Atq, uma vez que a reunião prévia de tropa pode resultar em um retardo desnecessário.
- Itinerários – os itinerários para o deslocamento da reserva para a P Atq são selecionados de modo a serem os mais curtos possíveis, tirando partido das cobertas e abrigos.
- Algumas das medidas de coordenação e controle utilizadas em um ataque normal podem ser aplicadas às ações de contra-ataque – pontos e linhas de controle, limites *etc*. Se necessário, o Cmt pode modificar os limites dos elementos subordinados de modo a facilitar a coordenação e controle, bem como prover suficiente espaço de manobra para o elemento que executará o C Atq.
- Em todas as fases do planejamento dos C Atq, o Cmt Esqd deve procurar a simplicidade e a flexibilidade, já que as penetrações efetivamente ocorridas durante o combate raramente corresponderão às previstas no planejamento.

f) Execução do C Atq

- Apoio de Fogo – todas as armas que possam bater o inimigo no interior da penetração são empregadas para auxiliar o C Atq. Os fogos são orientados em duas direções. A primeira sobre o Ini, para destruí-lo ou neutralizá-lo no interior da penetração e a segunda imediatamente à frente e na base da penetração, para impedir que o Ini receba reforços.
- Manobra – enquanto a reserva se desloca para a LP, os fogos de apoio ao C Atq são desencadeados e a reserva temporária ocupa, imediatamente, as posições de aprofundamento designadas de antemão. O escalão de ataque evita o movimento, através das posições ocupadas pelos elementos que limitam a penetração, procurando passar pelos intervalos entre elas.

g) Conduta após o C Atq

- Após o C Atq, o Cmt Esqd C Pqdt faz as modificações necessárias no dispositivo defensivo. Determina que as armas coletivas sejam reinstaladas na posição e designa os elementos que devem guarnecer e defender a ADA, bem como os que revertem à reserva. A nova reserva é, normalmente, organizada pelos remanescentes da área penetrada e por elementos da força de C Atq que

não forem utilizados nas posições de primeiro escalão. A reserva temporária, após liberada, retoma as atividades normais.

- Se o C Atq fracassar e o inimigo não for expulso da penetração, a força executante aferra-se ao terreno. O Esc Sp deve ser imediatamente informado da situação criada em consequência do insucesso do C Atq.

4.3.6.3 Dispositivo de Expectativa

4.3.6.3.1 O dispositivo de expectativa normalmente é ocupado quando se opera em frentes amplas e não for possível definir por qual direção o inimigo carreará a maioria de seus meios.

4.3.6.3.2 O Esqd, enquanto ocupa o PAC, tem papel relevante no alerta antecipado quanto aos eixos de aproximação selecionados pelo inimigo e orientados para o dispositivo defensivo.

4.3.6.3.3 O dispositivo de expectativa, em sua situação final, evolui para uma defesa de área ou uma defesa móvel.

4.3.6.4 Defesa Elástica

4.3.6.4.1 A defesa elástica é a técnica de defesa mais ofensiva. Nela, permite-se uma penetração do inimigo em região selecionada para canalizá-lo para áreas de engajamento (AE), no interior da ADA, onde será emboscado e destruído pelo fogo de armas AC de médio e longo alcance. Contra-ataques são executados com a finalidade de impedir que a força inimiga rompa o dispositivo defensivo nos limites da AE ou desborde a P Def.

4.3.6.4.2 A defesa elástica tira o máximo proveito da surpresa e de características específicas do terreno. Para ser empregada, o terreno deve ser suficientemente movimentado, deve permitir a defesa em profundidade (ainda que dificulte repelir o ataque no LAADA) e deve ser favorável ao estabelecimento de AE, sem a necessidade, contudo, de ser tão amplo como no caso da defesa móvel. As dimensões das áreas de engajamento devem ser compatíveis com a força inimiga a ser destruída e a eficácia das armas dos núcleos de defesa.

4.3.6.4.3 Na defesa elástica, busca-se separar a infantaria dos blindados (através de obstáculos antipessoais, por exemplo) e, então, por meio de uma sequência de defesas, deslocamentos e novas defesas, canalizá-los para uma AE no interior da ADA, onde serão destruídos pelo fogo de armas AC de médio e longo alcance em toda a profundidade de seu dispositivo.

4.3.6.4.4 O Esqd C Pqdt na Defesa Elástica

a) A defesa elástica é conduzida, normalmente, na seguinte sequência:

- acolhimento dos elementos da F Seg e canalização do inimigo para as AE;
- destruição da força inimiga nas AE; e

- contenção da força inimiga nas AE, através de contra-ataques que impeçam que rompa o dispositivo defensivo nos limites das AE ou desborde a P Def.

b) A posição defensiva deve ser estabelecida de forma que o inimigo seja canalizado para o interior das AE. Essa canalização deve ser obtida pelo emprego de campos de minas, pelo posicionamento dos núcleos de defesa ou apoiando-se os limites da P Def em cursos de água obstáculo.

c) O posicionamento dos núcleos defensivos deve permitir o bloqueio das AE e a penetração de força inimiga compatível com o poder de combate do esquadrão. As próprias AE, por sua vez, devem ter dimensões compatíveis com a força inimiga a ser destruída e a eficácia das armas dos núcleos de defesa.

d) A destruição do inimigo será realizada pelos fogos dos próprios núcleos de defesa, pelos fogos indiretos da artilharia e dos morteiros e pelos fogos aéreos, se disponíveis. Na fase da destruição, deve ser buscada a maior profundidade possível no dispositivo inimigo.

e) Os C Atq devem ser realizados por força de grande mobilidade e poder de fogo, normalmente o Esqd C Pqdt, mantido em reserva como força de C Atq. Essa força será empregada nos pontos em que o inimigo tentar romper o dispositivo defensivo, nos limites das AE, obrigando-o a permanecer em seu interior ou quando esse tentar desbordar a P Def.

f) O Esqd C Pqdt, como elementos de reconhecimento da Bda, é empregado inicialmente para vigiar à frente da Z Aç da Bda, ocupando PAG ou PAC, informando sobre a aproximação do inimigo, iludindo-o quanto à localização da P Def e ajustando os fogos de apoio. Após acolhido, passa a integrar a reserva ou ocupa posições defensivas de onde possa contribuir para a contenção do inimigo nas AE, para a sua destruição ou para continuar a informar sobre o deslocamento de reservas, ajustar fogos de apoio *etc*.

g) As armas anticarro são, inicialmente, instaladas em posições avançadas, próximas ao LAADA, engajando o inimigo desde seu alcance máximo e procurando retardá-lo, desorganizá-lo e forçar o desembarque dos fuzileiros blindados inimigos. O uso de obstáculos reforça a posição defensiva, canaliza o inimigo para as AE e assegura a máxima eficiência dos fogos anticarro. Mediante ordem, as armas anticarro deslocam-se para posições de onde participarão da destruição do inimigo no interior das AE.

4.3.6.5 Defesa em Ponto Forte

4.3.6.5.1 A defesa em ponto forte é uma técnica de defesa que pode ser empregada pela Bda Inf Pqdt para defender uma posição capital no terreno. Normalmente, a defesa em ponto forte adota o dispositivo de defesa circular, com grande apoio mútuo, menor dispersão e com consideráveis trabalhos de organização do terreno.

4.3.6.6 Defesa Circular ou Defesa em Perímetro

4.3.6.6.1 A defesa circular é uma técnica especial de defesa variante da Def A, na qual as U são dispostas de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção.

4.3.6.6.2 A defesa circular pode ser empregada nas seguintes situações:
a) para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas;
b) na constituição de pontos fortes na defesa móvel ou em larga frente;
c) no caso de isolamento da GU (cerco ou envolvimento) por ação do inimigo; e
d) sob condições de restrição de terreno, tais como áreas montanhosas, locais de densa cobertura vegetal e regiões áridas, que impeçam a organização de um dispositivo de defesa clássico.

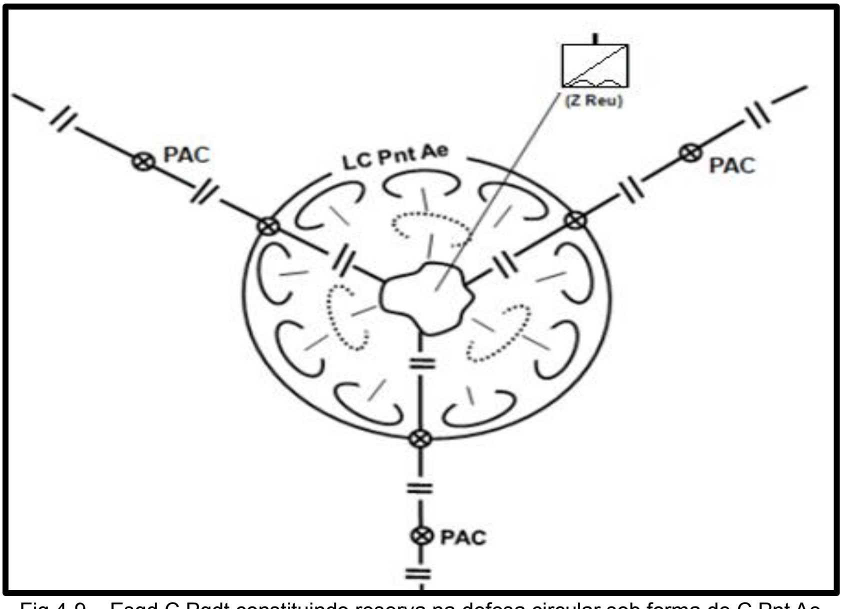


Fig 4-9 – Esqd C Pqdt constituindo reserva na defesa circular sob forma de C Pnt Ae

4.3.6.6.3 Em princípio, o perímetro da posição defensiva circular será dividido em setores de unidades, que podem ocupá-los de diversas formas.

4.3.6.6.4 Normalmente, os elementos de comando, de apoio e de serviços são localizados no centro do perímetro.

4.3.6.6.5 A defesa circular caracteriza-se, particularmente, por:
- máxima potência de fogo à frente do LAADA;
- grande apoio mútuo; e
- pequeno espaço de manobra.

4.3.6.6.6 O Esqd C Pqdt na Defesa Circular
a) Área de Segurança
- A área de segurança é organizada de maneira idêntica à defesa de área.
- Os elementos de primeiro escalão estabelecem a segurança aproximada e o comando da grande unidade que conduz a defesa circular e estabelece os PAC.

- Os PAC são localizados em regiões que ofereçam boa observação, impeçam a observação e tiros diretos do inimigo sobre a posição e que estejam dentro da distância de apoio do LAADA.
- As frações que guarnecem os PAC são localizadas de modo a cobrir as VA que conduzem ao LAADA.
- Os intervalos entre os elementos dos PAC são cobertos por patrulhas, radar, observação terrestre e aérea (ARP) e por fogos.

b) Área de Defesa Avançada

- Na defesa circular, os elementos de primeiro escalão recebem a responsabilidade de organizar e defender uma parte específica do perímetro. A frente designada para cada elemento de primeiro escalão depende da missão, do terreno, do inimigo, dos meios e do tempo disponíveis. Quando o inimigo não for esperado de uma direção particular, o Cmt Bda organiza a defesa por meio de uma distribuição homogênea dos elementos subordinados no perímetro. As armas de apoio ficam em condições de apoiar igualmente todo o perímetro defensivo. Quando for conhecida a direção provável do ataque inimigo ou quando parte do perímetro for particularmente perigosa para a defesa, o Cmt Bda atribui frente mais estreita para o elemento que defende a VA mais importante. Nesse caso, procura dar maior profundidade ao dispositivo nessa parte do perímetro e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nessa direção.
- Como os intervalos entre os elementos de primeiro escalão devem ser evitados, particularmente em terreno coberto, as frentes e profundidades são grandemente reduzidas. Devido à pouca profundidade e falta de espaço de manobra, o Cmt Bda procura evitar penetrações na posição. Desse modo, o grosso dos seus meios deve ser localizado no perímetro defensivo, restando uma pequena reserva.
- O dispositivo a ser adotado na defesa circular pode variar de acordo com a definição da provável direção de ataque inimigo, o terreno e os planos para futuras operações.
- O Esqd C Pqdt não é a tropa mais apta a compor a defesa avançada da Bda Inf Pqdt.

c) Área de Reserva

- A Res pode ser constituída pelo Esqd C Pqdt.
- É conveniente a organização da reserva com grande mobilidade, em condições de atuar rapidamente em qualquer direção. Posições de aprofundamento devem ser preparadas para fazer face a um ataque a qualquer parte do perímetro. A reserva poderá ocupá-las desde logo, tendo em vista as direções mais perigosas para defesa.

d) Apoio de Fogo

- O emprego das armas de apoio orgânicas e em reforço, bem como RVT e SARP, são, de um modo geral, idênticos ao de uma defesa de área.
- As metralhadoras são, normalmente, empregadas de modo a cobrir todas as prováveis VA do inimigo. As metralhadoras dos elementos em reserva podem ser empregadas no LAADA, reforçando a defesa.

- As armas anticarro, normalmente, batem alvos de diversas naturezas, reforçando os fogos das demais armas.
- As armas de tiro indireto devem abater o inimigo o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção.

e) Apoio Logístico

- Na defesa circular, o suprimento, normalmente, é executado por transporte aéreo. A seleção ou construção de uma zona de aterragem ou de lançamento, protegida da observação e fogos do inimigo, é uma necessidade prioritária na preparação da posição.
- Tendo em vista que o esforço aéreo depende das condições meteorológicas e, frequentemente, sofre a ação inimiga, deve-se providenciar abrigo para os suprimentos e deve ser buscada a economia no seu consumo.
- Os planos de suprimento devem considerar o emprego de carga em fardos, preparados com antecedência para maior rapidez de entrega. Esses fardos devem ser de pequeno volume e peso para facilitar a imediata distribuição e o transporte a braço da zona de aterragem para áreas protegidas.

4.4 OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

4.4.1 GENERALIDADES

4.4.1.1 Nas operações de cooperação e coordenação com agências, o Esqd C Pqdt atua em apoio aos órgãos ou às instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências, com o propósito de conciliar interesses e coordenar esforços para a consecução de operação nas situações de guerra e não guerra.

4.4.1.2 Nessas Op, a liberdade de ação do Cmt está limitada pela norma legal que autorizou o emprego da tropa. Assim, o emprego é episódico, limitado no espaço e tempo.

4.4.1.3 Nas OCCA, o emprego do poder militar pode ser usado no âmbito interno e externo, não envolvendo o Cmb propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais.

4.4.1.4 Cabe ressaltar ainda que, tendo em vista a predominância deste tipo de operação em ambiente urbano e as características deste tipo de ambiente, o estudo dos fatores da decisão ganha maior destaque, sendo necessário um estudo meticuloso para apoiar a decisão do Cmt Esqd.

4.4.1.5 São consideras OCCA: garantia dos poderes constitucionais; garantia da lei e da ordem (GLO); atribuições subsidiárias; prevenção e combate ao terrorismo; sob a égide de organismos internacionais; em apoio à política externa

em tempo de paz ou crise; e outros tipos de Op, em situação de não guerra (como segurança de grandes eventos, segurança e garantia de eleições *etc*.).



Fig 4-10 – Pel C Pqdt em operação de GLO

4.4.2 GARANTIA DOS PODERES CONSTITUCIONAIS

4.4.2.1 Destinam-se a assegurar o livre exercício dos poderes da República (Executivo, Legislativo e Judiciário), de forma independente e harmônica, inseridas no marco legal do Estado Democrático de Direito, seja em situações de normalidade institucional, seja em situação de crise.

4.4.2.2 O emprego do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, em operações nesse contexto, é similar ao emprego em operações de GLO, diferindo pela finalidade e pelo grau de ameaça à ordem institucional existente.

4.4.3 OPERAÇÕES DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

4.4.3.1 São operações militares conduzidas pelas Forças Armadas, de forma episódica, em área previamente estabelecida e por tempo limitado, que têm por objetivo a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

4.4.3.2 O Esquadrão de Cavalaria Paraquedista realiza esse tipo de operação, conduzindo ou participando de ações de caráter preventivo ou repressivo. No contexto de um Plano de Segurança Integrada, elementos de manobra de cavalaria podem receber responsabilidades de GLO sobre determinada região ou parcela do território nacional.

4.4.3.3 Tendo em vista esse tipo de operação ser normalmente desencadeada em área urbana, cujas características principais são o alto índice demográfico e a grande restrição de movimento imposta aos meios blindados, as tropas Esqd C Pqdt estão entre as mais aptas a participar de operações de GLO.

4.4.4 ATRIBUIÇÕES SUBSIDIÁRIAS

4.4.4.1 O Esqd C Pqdt participa de atribuições subsidiárias, podendo ser gerais e particulares. As atribuições gerais contribuem com o desenvolvimento nacional e com a defesa civil, na forma determinada pelo Presidente da República. As atribuições particulares destinam-se à cooperação com os órgãos federais, quando se fizer necessário, na repressão aos delitos de repercussão nacional e internacional, no território nacional.

4.4.4.2 De uma forma geral, por ocasião das atribuições subsidiárias gerais, o Esquadrão de Cavalaria Paraquedista apoia às ações de defesa civil local. No transcurso de ações caracterizadas como atribuições subsidiárias particulares, o Esqd C Pqdt realiza reconhecimento, patrulhamento, bloqueio e controle de estradas, para obter informações relevantes sobre a região e contribuir com o combate aos ilícitos nacionais e transfronteiriços.

4.4.5 PREVENÇÃO E COMBATE AO TERRORISMO

4.4.5.1 O terrorismo é a forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos, apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou mesmo toda a população a adotar determinado comportamento. É motivado e organizado por razões políticas, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais.

4.4.5.2 A prevenção (antiterrorismo) constitui as ações para a proteção, caracterizada pela presença ostensiva, ou não, de caráter ativo ou passivo, com a principal finalidade de dissuadir possíveis ameaças.

4.4.5.3 O combate (contraterrorismo) engloba as medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de dissuadir, antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas.

4.4.5.4 O Esqd C Pqdt pode participar dessas ações, apoiando os esforços conduzidos por forças policiais e militares especializadas. Pode participar, ainda, da segurança de áreas e de autoridades, escoltas e outras tarefas, particularmente na realização de grandes eventos nacionais com projeção significativa no cenário mundial.

4.4.6 AÇÕES SOB A ÉGIDE DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

4.4.6.1 Caracterizam-se pela participação de elementos do Esqd C Pqdt em missões estabelecidas em alianças do Estado brasileiro com outros países e/ou em cumprimento aos compromissos com organismos internacionais dos quais o Brasil seja signatário.

4.4.6.2 O Esqd C Pqdt pode participar de operações de paz, de ações de caráter humanitário para socorro aos nacionais de países atingidos por catástrofes naturais ou de guerra e na estabilização de áreas fora do território nacional.

4.4.7 EMPREGO EM APOIO À POLÍTICA EXTERNA EM TEMPO DE PAZ OU CRISE

4.4.7.1 Constitui-se no uso controlado do poder militar, restrito ao nível aquém da violência, em reforço às ações de caráter político, diplomático, econômico e psicossocial.

4.4.7.2 O Esqd C Pqdt pode ser empregado como parte do poder militar:
a) na concentração de forças terrestres, em determinada área ou região;
b) em exercícios de adestramento para a demonstração de capacidades;
c) em movimentos de forças militares; e
d) na mobilização de meios de combate.

4.4.8 OUTRAS AÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

4.4.8.1 O Esqd C Pqdt, quando empregado em cooperação e coordenação com agências, pode, ainda, conduzir ou participar das seguintes atividades:
a) segurança de grandes eventos e de chefes de Estado;
b) garantia da votação e apuração;
c) apoio ao cumprimento da legislação vigente e verificação de acordos sobre controle de armas e produtos controlados; e
d) salvaguarda de pessoas, dos bens, dos recursos brasileiros ou sob a jurisdição brasileira, fora do território nacional.

CAPÍTULO V

MOVIMENTO E MANOBRA
OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 As operações complementares (Op Cmpl) destinam-se a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as Op Básicas (Ofs, Def e de OCCA), a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de Cmb terrestre e a contribuir para o incremento de seus resultados.

5.1.2 O Esqd C Pqdt é capaz de realizar diversos tipos de Op Cmpl em função de suas características, possibilidades e meios orgânicos, contudo o presente manual aborda apenas as operações de segurança, Op Urbanas e Junção, por serem mais relevantes para o Esqd.

5.2 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

5.2.1 GENERALIDADES

5.2.1.1 A Op Seg tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de Cmb necessário ao emprego eficiente da força principal.

5.2.1.2 A Seg compreende um conjunto de medidas adotadas por elementos de uma força, visando a se prevenir e se proteger da inquietação, da surpresa, da observação e de qualquer outra forma de perturbação de suas atividades por parte do Ini. Essas medidas devem permitir detectar a ameaça inimiga, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar a fim de evitar, neutralizar ou destruir essa ameaça.

5.2.1.3 A Op Seg (operação complementar) não pode ser confundida com a ação de segurança (ação comum às Operações Terrestres). O que as diferencia é a finalidade da ação, quem determina sua execução, a sua amplitude, o valor da tropa empregada e em benefício de quem é executada.

5.2.1.4 As operações complementares guardam um estreito vínculo com as operações básicas, enquanto as ações comuns caracterizam-se por não serem dirigidas diretamente à imposição da derrota ou do desgaste do inimigo, nem à defesa do terreno, mas sim à consecução de condições mais favoráveis ao sucesso das operações.

5.2.2 FINALIDADE DA OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

5.2.2.1 O Esqd C Pqdt executa uma Op Seg, em princípio, com as finalidades abaixo (todas ou parte delas):
a) negar ao Ini o uso da surpresa sobre seu Esc Sp e/ou o monitoramento de suas ações;
b) impedir que o Ini interfira, de modo decisivo, nas ações de seu Esc Sp (força principal);
c) restringir a liberdade de atuação do Ini nos ataques a pontos sensíveis da Z Aç de seu Cmt Bda;
d) possibilitar ao seu Cmt Bda manter a iniciativa das ações, fornecendo-lhe o tempo necessário para reagir às ações do Ini; e
e) preservar o sigilo das operações do corpo principal do qual opera.



Fig 5-1 – Operações de Segurança

5.2.2.2 O Esqd C Pqdt é responsável por sua própria segurança, mesmo que se beneficie daquela proporcionada por outra força.

5.2.2.3 A constante ligação entre o Esqd C Pqdt e o corpo principal em proveito do qual opera é um ponto vital para o sucesso das Op Seg.

5.2.3 FUNDAMENTOS DA OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

5.2.3.1 Os seguintes fundamentos devem balizar o planejamento e a execução de uma Op Seg de um Esqd C Pqdt:
a) proporcionar o alerta preciso e oportuno ao Cmt da tropa, para a qual estiver realizando a segurança;
b) atuar suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir a esta o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, evitando o engajamneto decisivo com o Ini;
c) orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera. O Esqd C Pqdt (F Seg) deve manobrar de acordo com a localização ou com o movimento de seu Esc Sp (tropa em proveito da qual opera), interpondo-se entre ele e a conhecida ou provável ameaça do Ini;
d) executar um contínuo reconhecimento. Ao executar uma missão de segurança, o Esqd C Pqdt deve empregar seus Pel C Pqdt, executando um contínuo e agressivo reconhecimento, capaz de fornecer informes precisos e atualizados sobre o terreno e o Ini em sua zona de ação e, ainda, possibilitar o posicionamento adequado em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga;
e) manter o contato com o Ini; e
f) fornecer informes precisos e oportunos sobre a ameaça Ini a fim de garantir um espaço de manobra ao seu Esc Sp, em proveito do qual realiza a Op Seg.

5.2.4 GRAUS DE SEGURANÇA

5.2.4.1 Existem três graus distintos de segurança que condicionam as tarefas do Esqd C Pqdt, integrado em uma F Seg:
a) cobertura (Cob) – proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do Ini e que procuram interceptá-lo, engajá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo antes que ele possa atuar sobre a região ou força coberta;
b) proteção (Ptç) – proporciona segurança a determinada região ou força, pela atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, de forma a impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do Ini sobre a região ou força protegida; e
c) vigilância (Vig) – proporciona segurança a determinada região ou força, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do Ini logo que ele entre no raio de ação ou no campo dos instrumentos do elemento que a executa.

5.2.5 FORÇAS DE SEGURANÇA

5.2.5.1 As Op Seg são realizadas, basicamente, por forças de cobertura, de proteção e de vigilância. O Esqd C Pqdt não atua como Força de Cobertura em função de suas limitações de pessoal e material.

5.2.5.2 O Esqd C Pqdt, também, executa as seguintes missões de segurança: força de ligação (F Lig), a força de segurança de área de retaguarda e as F Seg que operam na A Seg da Def A, ocupando os PAC e os PAG.

5.2.5.3 Força de Proteção

5.2.5.3.1 Generalidades

a) A F Ptç é uma F Seg que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os fogos diretos e o ataque de surpresa do Ini. Ela repele, destrói ou retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos Ini que ameacem a força protegida (F Ptg).

b) A F Ptç, normalmente, opera dentro do alcance dos fogos de apoio da F Ptg e, de acordo com sua posição em relação à força principal, denomina-se Vgd, Fg ou Rtgd.

c) A F Ptç é constituída normalmente de elementos orgânicos da força protegida, ou que a estejam reforçando. O Esqd C Pqdt, geralmente, opera como F Ptç da Bda Inf Pqdt. O Pel C Pqdt pode executar a F Ptç de um determinado BI Pqdt quando ocasionalmente, estiver reforçando uma destas peças de manobra da Bda Inf Pqdt.

d) O Cmt da F Ptg normalmente define, em suas diretrizes, os seguintes elementos:

- poder de combate da F Ptç;
- responsabilidade e disponibilidade de Ap F para a F Ptç;
- área de responsabilidade da F Ptç;
- limite de Rg da F Seg; e
- Eng disponível.

e) A velocidade de progressão do Esqd C Pqdt como F Ptç é regulada pela da força em prol da qual atua.

f) A força de proteção deve estar suficientemente afastada do grosso, de modo a assegurar o tempo e o espaço necessários à sua manobra, para fazer face a uma ameaça inimiga.

5.2.5.3.2 O Esqd C Pqdt como Vanguarda

a) A Vgd é uma força de proteção que opera à frente do grosso e atrás da F Cob (quando esta for empregada), dentro da distância de apoio da F Ptg, para proporcionar o esclarecimento da situação o mais cedo possível, assegurar a progressão ininterrupta do grosso, protegê-lo contra surpresa, proteger o Desd (desdobramento) do grosso quando ele tiver que entrar em ação e facilitar a progressão do grosso pela remoção de obstáculos, limpeza de itinerários e localização de itinerários alternativos (desbordamentos), de acordo com suas possibilidades.

b) Progride e se desloca tão longe quanto a situação o permitir, dentro da distância de apoio da força que a destacou. Essa distância deve proporcionar ao Cmt da F Ptg liberdade de ação, sem, contudo, expor o Esqd ao risco de ser desbordado, nem destruído pelo Ini antes que o grosso possa lhe dar apoio. O

deslocamento pode ser contínuo ou por lanços. A progressão por lanços é empregada quando o contato com o Ini é iminente e o terreno favoreça essa técnica.

c) Executa contínuos reconhecimentos (frente e flancos) e repele ou destrói pequenos grupos Ini antes que eles possam interferir no avanço da força protegida. Quando a Vgd encontra F Ini mais poderosas ou áreas fortemente defendidas, prontamente toma uma ação agressiva para esclarecer a situação, empregando todos os meios disponíveis para determinar a localização, o valor e o dispositivo do Ini.

d) Não deve estar tão afastada que corra o risco de ser destruída pelo Ini antes que o grosso possa lhe dar apoio. Essas distâncias são reduzidas durante a noite, em terreno movimentado e sob condições meteorológicas adversas.

e) Adota um dispositivo em coluna ou em linha de Pel. A formação em coluna é empregada quando a situação do Ini for conhecida e a F Ptg estiver se deslocando em apenas um E Prog. A formação em linha é empregada quando a situação do Ini for desconhecida e a F Ptg estiver se deslocando em mais de um E Prog. Desloca-se empregando técnicas de reconhecimento de zona, quando desdobrado.

f) Numa Op Aet, o Esqd C Pqdt pode executar a Vgd da Bda Inf Pqdt. Isso ocorre quando as zonas de lançamento (ZL) estão afastadas da C Pnt Ae, obrigando o Esc Assalto a realizar uma marcha tática até seus objetivos.

g) O quadro abaixo apresenta algumas características normais das formações do Esqd C Pqdt empregado como Vgd.

Características das Formações do Esqd C Pqdt na Vanguarda		
Frações	**Esqd em coluna de Pel**	**Esqd em linha de Pel**
Elm Testa	- 01 (um) Pel Desd Dslc Emp técnicas de Rec Zona.	- 02 (dois) ou mais Pel Desd Dslc Emp técnicas de Rec Zona.
Res ou 2º Esc	- 02 (dois) Pel em 2º Esc.	- 01 (um) Pel eixado com a Z Aç Pcp.
Seç Vig Ter	- Dslc nos Flc da F Ptg (SFC).	- Dslc nos Flc da F Ptg (SFC).
Trens	- Dslc por lanços de R Dstn em R Dstn.	- Dslc por lanços de R Dstn em R Dstn.
PC Tat	- À Rg do Pel testa.	- À Rg do Pel testa do E Prog Pcp.
PC	- Idem Trens.	- Idem Trens.
Ap Eng (SFC)	- Dslc à Rg Pel testa. - Elm Eng (GE) Dslc junto com o Pel testa.	- Dslc à Rg Pel testa do E Prog Pcp. - Elm Eng (GE) Dslc junto com o Pel testa.
Ap Art (SFC)	- Dslc em Mvt Cont a Fr do Ultm Elm Man. - Face à Nec Ap Dslc por lanço de região de procura de posição (RPP) em RPP.	- Dslc em Mvt Cont a Fr do Ultm Elm Man do E Prog Pcp. - Face à Nec Ap Dslc por lanço de RPP em RPP.

Tab 5-1 – Formações do Esqd C Pqdt na Vanguarda

h) Ao estabelecer o contato com o Ini, o Pel testa adota uma atitude agressiva para esclarecer a situação.

i) Esclarecida a situação, o Cmt Esqd C Pqdt deve, sempre que possível, empregar as suas forças para fixar ou destruir a resistência Ini assinalada.
j) Caso o Pel testa não consiga prosseguir no seu deslocamento em face da ação do Ini, o Esqd adota uma atitude defensiva, ocupando uma posição no terreno em condições de apoiar a ultrapassagem (Ultr) da F Ptg. Nessa situação, apesar de adotar uma atitude defensiva, os seus Pel realizam ações para levantar o dispositivo do Ini a fim de orientar as Aç da F Ptg.
k) À noite, ou quando o contato com o Ini for iminente, a velocidade de marcha deve ser ditada pela vanguarda, ao passo que, em outras ocasiões, a Vgd ajusta-se à velocidade do grosso.
l) O Esqd Vgd é responsável por sua segurança à frente e nos flancos, devendo, para isso, observar em todas as direções, manter intervalos e distâncias adequadas, permanecer alerta e pronto para emprego, usar a técnica de reconhecimento pelo fogo, deslocar-se rapidamente e tomar medidas passivas de defesa aérea.
m) Durante a emissão da ordem do Esc Sp, devem ser incluídos os seguintes aspectos:
- itinerário ou eixo de progressão do grosso;
- velocidade de deslocamento do grosso;
- apoio de fogo disponível;
- frente a ser ocupada;
- apoio aéreo disponível;
- situação tática;
- limite de progressão, quando a missão for de caráter defensivo; e
- ação em fim de missão.

n) Em geral, o Esqd ataca diretamente da coluna de marcha, para destruir as forças inimigas que tentem impedir sua progressão.
o) Ao estabelecer o contato com o Ini, o Esqd C Pqdt deve adotar os seguintes procedimentos:
- o Pel em primeiro escalão deve desdobrar-se e ocupar, imediatamente, posições de onde possa observar, atirar ou ser empregado contra o Ini;
- o Cmt Esqd deve, imediatamente, informar o contato com o Ini ao escalão imediatamente superior, estabelecendo, em sequência, ações necessárias para determinação do dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais e peculiaridades do Ini encontrado; e
- depois de esclarecer a situação, o Cmt Esqd deve selecionar uma L Aç que seja apropriada à situação e que assegure o cumprimento da missão recebida, informando ao Esc Sp sua decisão. Tão logo obtenha dados complementares do Ini, deve ser reportado ao Esc Sp.

5.2.5.3.3 O Esqd C Pqdt como Flancoguarda

a) Generalidades:

- a Fg é uma F Seg que opera no flanco de uma força estacionada ou em deslocamento, para protegê-la da observação terrestre, dos fogos diretos e de qualquer Atq surpresa do Ini. Ela destrói ou retarda o Ini de acordo com suas possibilidades. No cumprimento de sua missão, ela pode empregar ações Ofs ou Def;
- a Fg é móvel quando a força protegida está se deslocando. Quando a força protegida está conduzindo uma defesa em posição, a Fg é normalmente fixa, mas deve estar preparada para conduzir uma ação de flancoguarda móvel (Fg Mv), quando necessário;
- em uma Op Ofs, uma tropa pode lançar flancoguarda fixa (Fg Fix) em determinadas regiões, particularmente quando a ameaça inimiga for de pouca monta ou quando a situação não indicar a possibilidade de atuação do Ini;
- a distância não é fixa e depende dos fatores da decisão. Contudo, quanto mais forte for a Fg, maior a distância do grosso em que ela pode operar;
- caso o flanco a ser protegido torne-se muito extenso, o Cmt incumbido da Fg pode propor ao Cmt do grosso atuar como uma F Vig;
- dependendo do grau de segurança que se deseja, a Fg pode deslocar-se entre as P Blq por lanços sucessivos, caso seja necessário menos segurança e mais velocidade, ou por lanços alternados, caso seja necessário mais Seg;

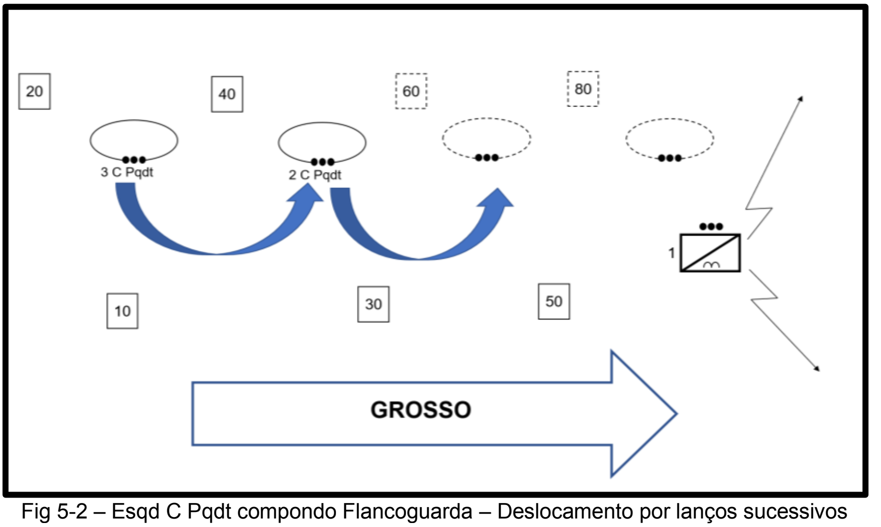


Fig 5-2 – Esqd C Pqdt compondo Flancoguarda – Deslocamento por lanços sucessivos

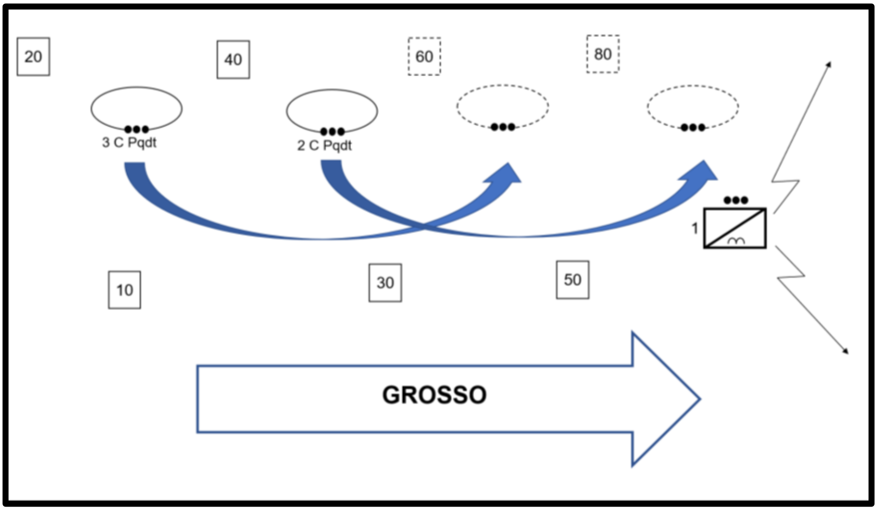


Fig 5-3 – Esqd C Pqdt compondo F Ptç Flancoguarda – Deslocamento por lanços alternados

- o Pel Vgd na Fg tem a tríplice missão de agir como Vgd; realizar a segurança da área entre o grosso e o itinerário de progressão deste; e manter o contato com a retaguarda da unidade testa do grosso;
- no planejamento de uma Fg, normalmente são estabelecidas pelo Esc Sp duas linhas de controle paralelas ao deslocamento do grosso e uma área, para delimitar a ação da SU compondo uma Fg: uma L Ct, mais próxima ao deslocamento da força protegida, denominada linha de controle intermediária; outra L Ct, mais afastada e à frente das primeiras posições de bloqueio a serem ocupadas pelo Esqd C Pqdt, para deter o avanço do Ini ou a ação de seus elementos de reconhecimento, denominada de L Ct externa ou linha de segurança (L Seg). A área entre a L Ct externa (L Seg) e a L Ct intermediária é a Z Aç do Esqd C Pqdt;
- em princípio, a velocidade de progressão da Fg móvel (Mv), durante o dia, deve ser regulada pelo deslocamento do grosso. À noite, em função da situação tática (sempre sob a coordenação do Esc Sp), a velocidade pode ser determinada pelo deslocamento da Fg; e
- se a área a proteger tornar-se tão extensa que não possa ser protegida adequadamente, o Cmt da Fg deve solicitar autorização ao Cmt do grosso para vigiar parte dela ou ser liberado da responsabilidade de segurança de parte da retaguarda.

b) O Esqd C Pqdt como Fg Mv

- O Esqd C Pqdt atua como Fg Mv, especialmente, quando a ZL se encontra afastada da linha de cabeça de ponte aérea (L C Pnt Ae), durante a M Cmb da F Ptg, e protege o corpo principal através da ocupação de uma linha de P Blq sobre as principais penetrantes que incidem no Flc da F Ptg.
- O Esqd C Pqdt, empregado como Fg Mv, deve estar em condições de manter uma contínua observação sobre as penetrantes que incidem no flanco da F Ptg; reconhecer a zona entre a F Ptg e a linha de P Blq; manter o contato

com a retaguarda da unidade testa do grosso; destruir ou repelir os Elm Rec do Ini; destruir, repelir ou fixar as F Ter Ini antes que elas engajem com fogos diretos a F Ptg; e manter contato com a unidade retaguarda do grosso (F Ptç).

- As P Blq dos Pel C Pqdt planejadas pelo Esqd para iniciar a ação de bloqueio do Ini devem ser localizadas em terreno com boas características defensivas, dominar as penetrantes que incidam sobre o Flc da F Ptg e estar a uma distância do corpo principal de modo a proporcionar-lhe tempo e espaço para manobra.

- Caso não tenha sido determinado pelo Esc Sp, o Cmt Esqd deve selecionar um itinerário de deslocamento que seja interior às P Blq e permita fácil acesso a elas. Sobre esse itinerário são localizadas as regiões de destino.

- O esquema de manobra do Esqd deve prever a ocupação das P Blq selecionadas e a segurança da área entre o eixo de progressão da F Ptg e a linha de P Blq dos Pel C Pqdt do Esqd que realiza a Fg. Essa frente é da responsabilidade do Pel testa e deve ser compatível com a capacidade de reconhecimento de zona do Pel C Pqdt testa.

- O Esqd deve, no planejamento da missão, estabelecer P Lig à frente e entre as P Blq. Quando as P Blq forem ocupadas, os P Lig definem a área de responsabilidade de cada Pel.

- Caso o Esc Sp não imponha ao Esqd C Pqdt uma L Ct Intermediária, cabe ao Cmt Esqd propor essa linha, que baliza a última linha em condições de ser ocupada pela Fg ainda no cumprimento da sua missão.

- A Z Aç balizada pela linha de P Lig, imposta pelo Esc Sp, e a linha de P Blq definem a frente de Rec de Zona do Pel Vgd do Esqd na flancoguarda.

- Os processos básicos de deslocamento de Fg Mv são o movimento contínuo e o movimento por lanços de Pel (alternados e sucessivos). O Cmt Esqd C Pqdt escolhe o mais adequado, levando em consideração, particularmente, a velocidade do grosso, o terreno e as possibilidades do Ini.

- A progressão em movimento contínuo é usada quando a F Ptg avança sem paradas e a possibilidade de atuação do Ini no flanco é remota.

- A progressão por lanços alternados de Pel é usada quando a F Ptg avança com pouca velocidade e há possibilidade de forte ameaça inimiga.

- A progressão por lanços sucessivos de Pel é usada quando a F Ptg faz altos frequentes e curtos e não há previsão de forte ameaça inimiga.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DOS PROCESSOS DE DESLOCAMENTO			
Obs	**Movimentos por lanços**		
	Lanços alternados	**Lanços sucessivos**	**Mvt contínuo**
Considerações sobre o Ini e a F Ptg	- Ação forte do Ini no Flc é esperada. - F Ptg desloca-se lentamente.	- Ação fraca do Ini no Flc é esperada. - F Ptg desloca-se com altos frequentes e curtos.	- Contato com o Ini não é esperado. - F Ptg Dslc em grande velocidade.
Vantagens	- Mais seguro.	- Menos seguro.	- Processo de Dslc mais rápido.
Desvantagens	- Mais lento.	- Mais rápido.	- É o processo menos seguro.
Observações	- Durante os lanços, sempre um Pel C Pqdt está em posição.	- Durante os lanços, a desocupação e ocupação da P Blq é realizada pelos Pel C Pqdt de forma simultânea.	-

Tab 5-2 – Vantagens e desvantagens dos processos de deslocamento

- após o cruzamento da L Ct que baliza o início da operação o Pel Vgd, já desdobrado, cumpre a sua missão empregando técnicas de reconhecimento de zona. Esse Pel tem, também, a missão de realizar a ligação com a Rtgd do Elm testa da F Ptg;
- o 2º Esc do Esqd C Pqdt desloca sobre o intinerário (Itn) de progressão (Prog), devendo ocupar as regiões de destino mediante ordem (Mdt O). Os elementos de manobra que integram o 2º Esc do Esqd deslocam sobre o Itn Prog e ocupam as P Blq, Mdt O, face à evolução da situação do Ini e da F Ptg;
- em final de missão, a Fg Mv adota um dispositivo de Fg Fix e ocupa P Blq que barrem as Pntr que incidam no Flc da F Ptg. A Res em final de missão já é prevista no planejamento inicial (Plj In);
- o Esqd C Pqdt realizando uma Fg Mv, em princípio, não deve prever uma reserva em seu planejamento inicial. Durante o seu deslocamento, emprega a maioria do seu poder de Cmb nas P Blq;
- em uma missão de Fg Mv, inicialmente, a prioridade de fogo (Prio F) do Esqd é do Pel Vgd. Tal Prio pode ser alterada a partir do momento em que outros Pel estabelecerem o contato com o Ini;

5.2.5.3.4 O Esqd C Pqdt como Retaguarda

a) Compondo uma F Ptç Rtgd, o Esqd C Pqdt opera à Rtgd da força principal (grosso), seja em um movimento desta para a frente, seja durante um Mvt Rtg.

b) Durante o movimento para a frente, a retaguarda neutraliza ou retarda as F Ini que atacarem a Rtgd do grosso, protege os trens e realiza a coleta dos extraviados. A Rtgd marcha a uma distância prescrita pelo Cmt do grosso (no máximo na distância do apoio de Art do grosso).

c) O Esqd C Pqdt compondo a Rtgd desloca, em princípio, pelo mesmo eixo da força em proveito da qual atua.

d) Durante um retraimento, a Rtgd assegura o desengajamento da força principal. Emprega tática de ação retardadora e retrai por lanços, adequando sua velocidade de deslocamento à da força para a qual age em proveito (grosso) ou deslocando-se de acordo com planos previamente estabelecidos. A Rtgd não

deve permitir seu desbordamento pelo Ini ou que este a force a cerrar sobre o grosso.

e) Quando C Atq, a retaguarda, normalmente, não conta com o auxílio do grosso, a não ser o apoio de fogo. Destrói todo o material que não puder ser evacuado. Se dispuser de Elm Eng, estes são empregados para executar destruições e instalar campos de minas e outros obstáculos, a fim de retardar ao máximo a progressão do Ini.

f) Ligações devem ser mantidas com a força protegida para regular o retraimento. O comandante do Esqd necessita ter conhecimento do plano da força protegida. As comunicações entre o comandante da força protegida e o comandante do Esqd devem ser contínuas, de tal forma que ambos possam estar informados de qualquer situação que afete o retraimento da retaguarda.

g) No planejamento de uma ação de retaguarda o Cmt Esqd C Pqdt deve:

- analisar o terreno, a fim de selecionar posições de retardamento;
- verificar os meios e adotar a organização para o combate adequada ao tipo de missão;
- designar os elementos que receberão missões de reconhecimento e segurança, particularmente nos Flc da formação;
- determinar as missões aos elementos de apoio, se houver;
- verificar os planos da F Ptg e assegurar a ligação contínua com o comandante dessa força;
- designar os elementos para o prévio reconhecimento das posições de retardamento;
- prever os deslocamentos e as localizações do PC e dos trens; e
- manter as ligações com a força protegida para regular o retraimento.

5.2.5.4 Força de Vigilância

5.2.5.4.1 Generalidades

a) O Esqd C Pqdt, por suas características, é a tropa mais apta a realizar operações de vigilância (fixa ou móvel) em prol da Bda Inf Pqdt. A vigilância (Vig) é o menor grau de segurança que pode ser proporcionado para uma força. Esse grau de segurança permite que o Cmt Esc Sp economize meios em parte da frente e concentre o seu poder de Cmb na parte mais importante da Z Aç.

b) Compreende um conjunto de ações realizadas por uma força em proveito do Esc Sp, com a finalidade de proporcionar segurança a uma determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de PO, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do Ini tão logo este entre no raio de ação dos instrumentos óticos ou sensores eletrônicos do elemento que executa a Vig.

c) O Esqd C Pqdt, compondo uma F Vig, estabelece uma “cortina de Vig” (fixa ou móvel) em determinada parte da Z Aç do Esc Sp com seus Pel, com a finalidade básica de dar o alerta oportuno sobre a aproximação do Ini e suas atividades ou sobre as atividades civis nessa área. Essa Vig é realizada pelo estabelecimento de uma série de PO e pelo patrulhamento de partes específicas da Z Aç.

d) O Esqd C Pqdt tem, em seu Pel Cmdo Ap, os meios que podem cooperar na operação de vigilância (RVT, SARP e caçadores).
e) O Esqd C Pqdt pode atuar como F Vig operando à frente, Flc ou Rtgd da força principal que a destacou.
f) As ações de vigilância realizadas pelo Esqd C Pqdt (compondo F Vig) têm por finalidade:
- proporcionar um alerta oportuno da aproximação do Ini;
- obter e manter o contato visual com forças inimigas e informar sobre seu deslocamento;
- informar sobre as atividades do Ini e/ou sobre atividades civis em determinada área;
- destruir ou repelir patrulhas inimigas; e
- impedir o avanço das forças inimigas pelo emprego dos fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

g) O Esqd C Pqdt compondo F Vig deve combater para sua própria proteção, procurando destruir ou repelir pequenas patrulhas inimigas, quando necessário ao cumprimento de sua missão.
h) A F Vig retrai (mediante ordem do Esc Sp) quando pressionada, mantendo sempre o contato com o Ini. Diferente das F Cob e F Ptç, a F Vig não tem responsabilidade territorial entre ela e a tropa para qual opera.

5.2.5.4.2 Planejamento da F Vig
a) A extensão da frente a ser vigiada é definida pelo Esc Sp baseada nos fatores da decisão.
b) A linha de Vig é materializada por uma L Ct, imposta pelo Esc Sp, com a característica restritiva de limitar o avanço da F Vig.
c) A missão de Vig e a distância que a F Vig deve manter do grosso são definidas por este, considerando os seguintes fatores:
- manobra do Esc Sp;
- critérios para o Engj e destruição do Ini;
- critérios para desengajamento e mudança de posição;
- frente a vigiar;
- reforços disponíveis;
- apoio de fogo;
- penetrantes que incidem na força vigiada;
- meios aéreos disponíveis; e
- apoio de engenharia.

d) Na faixa de terreno existente entre a linha de Vig e o corpo principal (grosso), o Esqd C Pqdt deve manobrar para:
- destruir os elementos de reconhecimento Ini;
- evitar que o Ini penetre na sua Z Aç facilmente;
- ocupar PO alternativos; e
- manter o contato com o Ini.

e) O Cmt da força em proveito da qual o Esqd C Pqdt realiza a missão de Vig deve definir em suas diretrizes (ordens, plano *etc.*):
- o traçado geral da linha de Vig;

- a Z Aç do Rgt (frente e profundidade);
- as unidades a serem vigiadas;
- a duração provável da missão;
- os critérios para engajamento e destruição do Ini;
- os critérios para desengajamento e mudança de posição; e
- as missões futuras do Rgt.

f) Após receber a missão de Vig, o Cmt Esqd C Pqdt deve realizar um reconhecimento da área de operações sobre a carta do terreno e concluir sobre:
- as principais VA do Ini;
- os pontos críticos para a F Ini em deslocamento;
- área de interesse; e
- prováveis AE.

g) Em decorrência da análise realizada acima, considerando os meios existentes, o Cmt do Esqd C Pqdt deve dividir sua Z Aç entre os seus Pel.

h) Normalmente o Cmt Esqd define em seu planejamento (Plj) a posição dos PO e enfatiza aos Cmt Pel as áreas ou pontos que requeiram uma atenção especial.

i) O Esqd C Pqdt estabelece P Lig entre as Z Aç de suas frações e confecciona um plano de patrulhamento detalhado a fim de vigiar os espaços vazios.

j) Na execução de uma F Vig móvel, o Itn Prog da F Seg é especificado pelo Cmt Esqd C Pqdt.

k) O Cmt Esqd deve selecionar L Ct paralelas à linha de Vig inicial a fim de coordenar o retraimento e de servir como linhas de Vig subsequentes.

l) Os Elm Ap F (Art, Mrt, F Ae e Av Ex) têm os seus planejamentos integrados à manobra do Esqd. Fogos indiretos são realizados para inquietar e desorganizar o Ini antes das linhas de Vig e para destruí-lo no interior das AE previstas.

m) O Esqd deve atribuir como prioridade para o Elm Eng Cmb em reforço a realização de trabalho de OT, seja na preparação de PO e P Blq, seja na construção de obstáculos para apoiar as ações de contrarreconhecimento (contramobilidade).

n) O emprego de Vig Ter e caçadores (Cçd) deve ser orientado para aumentar a capacidade de Vig sobre os principais corredores de mobilidade do Ini.

o) O Cmt da F Vig define, em suas diretrizes, os aspectos referentes ao engajamento do Ini, desengajamento da tropa e de apoio de fogo. Pode levantar esses aspectos obtendo respostas aos seguintes questionamentos:
- qual o poder de Cmb do Ini que deverá ser engajado pelo Esqd?
- onde o Esqd realizará o seu engajamento?
- qual o poder de Cmb do Ini que será engajado pelo Esqd?
- onde a Res realizará os seus engajamentos?
- quais são as condições para o desengajamento dos Elm 1º escalão?
- como será mantido o contato durante a mudança da linha de vigilância?
- qual é a Prio Ap F?
- qual é o Ap F disponível?
- como serão apoiados os engajamentos?
- como serão apoiados os retraimentos?

5.2.5.4.3 Atuação da Força de Vigilância

a) Estabelecido o contato visual com o Ini, este deve ser mantido. As posições inimigas devem ser passadas com precisão e oportunidade ao Cmt Esqd C Pqdt que, por sua vez, o repassa o mais breve possível ao Esc Sp.

b) O Esqd, normalmente, ao compor uma F Vig, tem quatro fases:
- deslocamento e ocupação da linha de vigilância;
- observação e engajamento do Ini;
- desengajamento e mudança de posição; e
- retraimento e acolhimento pela força em proveito da qual opera.

c) O Esqd C Pqdt desloca-se para a linha de vigilância inicial da seguinte forma:
- marcha tática (M Tat) – este processo é o mais rápido, porém o menos seguro. Ele é apropriado para situações em que o contato com o Ini não é provável, o tempo para ocupação da linha de vigilância é reduzido e existem Elm Ae conduzindo Op Rec ou Vig aeromóvel (Amv) à frente da posição;
- reconhecimento de eixo (Rec E) – este processo é mais lento do que a M Tat, porém é mais seguro. Ele é apropriado para situações em que o contato com o Ini é pouco provável, o tempo disponível é reduzido ou quando Elm Ae conduzem Op Rec Amv à frente da posição; e
- reconhecimento de zona – este método é o mais adequado, porém o mais lento, pois a F Vig reconhece o terreno no qual combaterá. Também é o processo mais seguro. É apropriado quando existe tempo disponível e a situação do Ini é desconhecida.

d) Ao atingir a linha de vigilância inicial, o Esqd C Pqdt desdobra-se em sua Z Aç, estabelece os PO, coloca em execução o plano de patrulhamento e implementa todas as demais medidas previstas no planejamento. O Pel Res ocupa a posição inicial que lhe foi destinada, ficando em condições de cumprir suas missões.

e) Estabelecido o contato com o Ini, a F Vig procura determinar o seu valor, dispositivo e direção do movimento. Os PO mantêm o contato visual e a Res SU de acordo com os critérios de Engj definidos, manobra para destruir os Elm Rec Ini nas AE selecionadas.

f) Os fogos das armas de apoio são realizados o mais à frente possível, para desorganizar o Ini. Nas AE são lançados fogos para destruir o Ini no seu interior.

g) Em presença de F Ini superior, o Esqd C Pqdt deve retrair (mediante autorização do Esc Sp) e ocupar a linha de vigilância seguinte. O Esqd deve manter o contato com o Ini durante o retraimento (Ret). Os Elm de Ap F são empregados para dificultar a progressão do Ini.

h) A missão do Esqd C Pqdt é executada de linha de vigilância em linha de vigilância, sucessivamente, até ser acolhido pela força em proveito da qual opera.

i) Sob determinadas circunstâncias, a F Vig pode permitir a infiltração de Elm Rec com o objetivo de contatar o esforço principal Ini. Precauções devem ser tomadas para assegurar que os Elm que se infiltrarem não venham a comprometer a F Vig.

5.2.6 RECONHECIMENTO

5.2.6.1 Generalidades

5.2.6.1.1 O Rec consiste na busca direta de informes que tenham valor militar, sobre a região de operações (R Op) e o Ini (suas atividades e meios). Dos informes obtidos, são produzidas informações de Cmb as quais permitem ao Cmdo realizar o planejamento e a condução de sua manobra. Cabe ressaltar que, o Rec não se constitui uma operação por si própria, devendo ser compreendida como uma ação conduzida no escopo de uma operação básica ou complementar.

5.2.6.1.2 O Rec (parte da Op Cmpl Seg) deve ser encarado como um conjunto de TTP a ser empregado pelo Esqd C Pqdt e seus Pel, no contexto de uma Op Seg de Proteção (Vgd, Fg e Vig) e de Vigilância.

5.2.6.1.3 A ação de Rec pode ser enquadrada de duas formas, que são diferentes na finalidade e no valor da tropa empregada, mas seguem os mesmos fundamentos e TTP, conforme o manual Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

5.2.7 FORÇA DE LIGAÇÃO

5.2.7.1 A F Lig é uma F Seg que estabelece a ligação física entre duas forças de maior valor, visando a preencher áreas não ocupadas, ou seja, tamponar uma brecha entre forças amigas.

5.2.7.2 O Esqd C Pqdt pode receber a missão de ligar seu Esc Sp com outra GU ou DE, cumprindo essa missão como uma F Lig. Essa missão pode ser cumprida tanto em operações ofensivas como em Op Def.

5.2.7.3 A amplitude do intervalo entre as forças amigas, o terreno e as possibilidades do Ini condicionam o dispositivo a adotar. Quanto maior for a ameaça inimiga nesse intervalo entre as forças, maior será a necessidade de o Esqd C Pqdt ser reforçado para missão (Bld, Ap F e Eng Cmb).

5.2.7.4 Em geral, o Esqd recebe um eixo para a progressão entre seu Esc Sp e a força com a qual deve ligar-se. Há necessidade de manter o contato físico com os elementos vizinhos e o planejamento da força de ligação deve estar perfeitamente coordenado com esses vizinhos. Entre os pelotões do Esqd C Pqdt, o contato pode ser físico, visual ou pelo rádio.

5.2.7.5 A progressão dos elementos de 1º escalão é controlada pelo Cmt do Esqd e é condicionada pela progressão das forças a serem ligadas.

5.2.7.6 Durante a progressão, todo o esforço deve ser feito para a destruição do Ini encontrado. Caso isso não seja possível, o Ini deve ser fixado até que se obtenha a permissão para desbordá-lo ou que se recebam meios para sua destruição. Qualquer contato estabelecido com tropa inimiga deve ser imediatamente informado.

5.2.7.7 Na defesa, em geral, a missão de ligação é cumprida pela vigilância ou pelo retardamento na frente atribuída ao Esqd.

5.2.7.8 Nas operações ofensivas iniciais de uma Op Aet como, por exemplo, a marcha para o combate dos BI Pqdt em direção e seus objetivos de assalto, o Esqd (ou um de seus Pel) pode receber a missão de F Lig entre dois Btl que se desloquem por eixos de progressão afastados. Na defensiva, a missão de ligação, em geral, será cumprida simultaneamente, com as de vigilância ou de retardamento, na frente atribuída à unidade. O Esqd pode ainda ser empregado como F Lig entre duas C Pnt Ae estabelecidas pela Bda.

5.2.8 FORÇA DE SEGURANÇA DE ÁREA – DEFAR

5.2.8.1 Generalidades

5.2.8.1.1 A Força de Segurança de Área é uma F Seg encarregada da segurança de uma determinada área pelo seu Esc Sp.

5.2.8.1.2 A segurança de área de retaguarda (SEGAR) compreende a DEFAR e o Controle de Danos (C Dan).

5.2.8.1.3 A DEFAR é o conjunto de medidas e de ações executadas pelos elementos da F Ter que possuem responsabilidades territoriais. Destina-se a assegurar a normalidade no desempenho de atividades e tarefas dos elementos de Cmb, de Ap Cmb e de Ap Log, localizados nas respectivas áreas de retaguarda.

5.2.8.1.4 As atividades de DEFAR e de C Dan são distintas. Os locais específicos, na área de retaguarda, onde ocorrem suas ações são normalmente diferentes. São também diferentes os critérios de responsabilidade de cada uma dessas atividades:
a) as atividades de C Dan são orientadas para as instalações (recuperação, restauração, avaliação técnica de danos, necessidade de trabalho a realizar, material e meios a empregar *etc.*). Essas ações são mais específicas da Eng; e
b) as atividades de DEFAR são orientadas para o Ini, cuja localização e destruição são procuradas antes que elas possam atacar as U e instalações, sendo uma atividade frequentemente executada visando à Seg do perímetro da área de retaguarda e dos eixos de suprimento (E Sup).

5.2.8.1.5 As principais ameaças inimigas na área de retaguarda são:
a) ações realizadas por sabotadores, guerrilheiros e elementos Ini infiltrados; e
b) os bombardeios aéreos e de artilharia.

5.2.8.1.6 As medidas tomadas contra as ações de sabotadores, guerrilheiros e Elm infiltrados fazem parte da DEFAR. As medidas para reduzir os efeitos dos bombardeios inimigos e para assegurar a continuidade ou restabelecer o Ap Log, após esses bombardeios, constituem o C Dan.

5.2.8.1.7 As medidas de defesa aérea, bem como as destinadas a enfrentar ameaças inimigas de vulto na área de retaguarda, como os desembarques aeroterrestres, aeromóveis e anfíbios de forças consideráveis, são parte da batalha principal e estão excluídas da DEFAR.

5.2.8.1.8 Em uma SEGAR, o Esqd C Pqdt normalmente participa das atividades de DEFAR. Eventualmente, em situações muito específicas, como nos grandes desastres ou nas catástrofes da natureza, o Esqd C Pqdt pode ser empregado nas ações de C Dan.

5.2.8.2 O Esqd C Pqdt na Defesa de uma Área de Retaguarda

5.2.8.2.1 O Cmt Esqd C Pqdt, ao receber uma missão de DEFAR, deve:
a) estudar a sua área de responsabilidade (ARP) e a sua área de interesse, devendo concluir sobre:
- as características defensivas do terreno;
- a rede viária existente;
- os corredores de mobilidade mais favoráveis para o Ini;
- as instalações existentes;
- as zonas de lançamento (ZL), locais de aterragem e regiões de homizio que possam interferir na Seg da área a defender; e
- as regiões externas à Z Aç do Esqd da qual a Art Ini possa intervir na ARP do Esqd.

b) reconhecer, se possível, a sua Z Aç a fim de confirmar o estudo realizado;
c) ligar-se com os Cmdo vizinhos e com os existentes dentro da sua ARP; e
d) estabelecer seu plano de DEFAR, com base no estudo de situação, nos reconhecimentos e nas ligações realizadas.

5.2.8.2.2 Os principais tópicos do plano de DEFAR do Esqd C Pqdt devem ser:
a) dispositivo de Vig a ser instalado na área de responsabilidade;
b) ações contra as forças de guerrilha;
c) controle da população civil (ligar-se com a Com Soc do Esc Sp);
d) proteção das instalações e dos eixos existentes;
e) sistemas de alarme a serem instalados;
f) planos de emprego para a Res;
g) diretrizes para o emprego da Seção de Vigilância Terrestre e Observação; e
h) planos alternativos.

5.2.8.2.3 O Esqd C Pqdt como DEFAR, em sua ARP, deve executar as seguintes missões:
a) segurança dos eixos de suprimentos;
b) proteção das instalações;
c) segurança contra Atq de forças paraquedistas, aeromóveis e de guerrilha; e
d) localização, fixação e destruição do Ini que se infiltrar ou entrar na área de retaguarda.

5.2.9 O ESQD C PQDT OCUPANDO POSTOS AVANÇADOS GERAIS

5.2.9.1 Os PAG são mobiliados por uma força de segurança de área que atua à frente dos PAC e a uma distância considerável da L C Pnt Ae. Os PAG são guarnecidos por um grupamento de armas combinadas. Entretanto o Esqd C Pqdt, quando apoiado, pode receber a missão de estabelecer os PAG. Para o cumprimento dessa missão, o esquadrão deve ser apoiado com Pel AC, Pel Eng e Bia Art, a fim de reunir as capacidades necessárias ao cumprimento da missão e executar uma ação retardadora limitada.

5.2.9.2 Quando a frente dos PAG for muito extensa, o Cmt Esqd C Pqdt deve aumentar o intervalo entre os Pel C Pqdt. Esses intervalos devem ser cobertos por observação, com apoio dos meios da SVTO e batidos por fogos.

5.2.10 O ESQD C PQDT OCUPANDO POSTOS AVANÇADOS DE COMBATE

5.2.10.1 O Esqd C Pqdt pode receber a missão de mobiliar PAC de seu Esc Sp, devendo ser empregado na ADA da P Def, lançando seus próprios PAC à frente de suas Z Aç.

5.2.10.2 A missão geral do Esqd C Pqdt, como PAC, é garantir contínua segurança ao longo de toda frente que lhe for atribuída. A composição detalhada dos PAC deve ser determinada pelo Cmt Esqd C Pqdt, dentro das limitações da SU e impostas pelo Esc Sp.

5.2.10.3 O apoio de artilharia de campanha e morteiros pesados aos PAC provém, normalmente, do interior da L C Pnt Ae. Quando isso não é possível, os elementos de apoio de fogo poderão ocupar posições à frente da L C Pnt Ae.

5.2.10.4 O Esqd deve manter contato com elementos de segurança terrestre que estiverem à frente do PAC (PAG, F Cob), caso a Bda não estabeleça essa ligação. Nesse caso, a presença dessas forças permite que os PAC tenham seu valor reduzido, devendo permanecer em posição o efetivo e meios suficientes para patrulhar e observar o terreno à frente.

5.2.10.5 Se não houver elementos amigos à frente, devem ser empregadas patrulhas avançadas para estabelecer e manter o contato com o inimigo. Os PAC não devem se engajar em combate aproximado e retraem por itinerários previamente reconhecidos.

5.2.10.6 O Esqd C Pqdt deve estabelecer seus postos de vigilância em posições do terreno que devem:
a) proporcionar profundos campos de observação e de tiro (crista topográfica);
b) proporcionar obstáculos na frente e nos flancos;
c) possuir itinerários de retraimento desenfiados das vistas e fogos do inimigo;
d) possuir posições cobertas e abrigadas;
e) impedir a aproximação terrestre aproximada e os tiros diretos sobre a L C Pnt Ae;
f) estar dentro da distância de apoio dos elementos da ADA; e
g) controlar todas as VA do inimigo.

5.2.10.7 O Cmt Esqd C Pqdt (quando todo Esqd ocupar PAC), ou da tropa que guarnece PAC, deve informar com oportunidade aos Cmt das tropas na L C Pnt Ae sobre seus planos e a hora prevista para o retraimento. Para evitar sua captura ou destruição, a tropa que estiver guarnecendo os PAC pode retrair por iniciativa própria, após haver cumprido sua missão.

5.2.10.8 Todo esforço deve ser feito para manter os interessados informados do retraimento do PAC.

5.2.10.9 Esse contato com as forças na L C Pnt Ae é importante para acolhimento dos PAC, e para o planejamento conjunto dessa ação (por quem acolhe e por quem é acolhido). Devem ser estabelecidas medidas de coordenação, como emprego de artifícios pirotécnicos e outros meios visuais para sinalização, além das marcações normais de combate para as viaturas das frações que retraem pela P Def, para se evitar fratricídio.

5.3 OPERAÇÕES URBANAS

5.3.1 GENERALIDADES

5.3.1.1 Esqd C Pqdt atua durante as Op Urbanas com o propósito de obter e manter temporariamente o controle total ou parcial de uma área edificada ou, ainda, negá-la ao inimigo.

5.3.1.2 O emprego de pequenas frações é característico desta operação complementar, em função das restrições ao movimento. Com isso, o emprego dos meios do Esqd C Pqdt ganha maior importância com a utilização das motocicletas e das VB para ampliar a mobilidade, proteção e o poder de fogo.

5.3.1.3 O Esqd C Pqdt pode realizar as Op Urbanas no contexto de guerra e de não guerra. Em ambas as situações, as operações podem englobar ações dissuativas, cercos, investimentos, isolamento, vasculhamento, interdição de área edificada, busca e salvamento, negociação e manutenção da ordem na zona de operação.

5.3.1.4 No contexto das Op Urbanas, o Esqd C Pqdt pode participar de OCCA em prol da missão da Brigada de Infantaria Paraquedista, requerendo uma preparação específica em função das circunstâncias especiais envolvidas e das restrições de uso da força, que se traduzem em regras de engajamento.



Fig 5-4 – Operações Urbanas

5.3.2 ATAQUE NAS OPERAÇÕES URBANAS

5.3.2.1 O Esqd C Pqdt pode combater em uma área edificada com a finalidade de manter livre as vias de acesso críticas, conquistar objetivos específicos e realizar P Blq para prover segurança às ações da Brigada de Infantaria Paraquedista.

5.3.2.2 A utilização de meios mecanizados, com elevado poder de fogo, relativa proteção blindada e mobilidade, auxiliam a ofensiva e a manutenção dos objetivos oferecendo vantagens em relação aos outros tipos de tropa da Brigada de Infantaria Paraquedista.

5.3.2.3 O ataque a uma localidade realiza-se em três fases:
a) isolamento da localidade;
b) conquista de uma área de apoio na periferia da localidade; e
c) progressão no interior da localidade.

5.3.2.3.1 A primeira fase destina-se a isolar a localidade pela posse dos acidentes capitais que dominam as vias de acesso a ela. O atacante ocupa posições fora da área urbana, de onde possa fornecer apoio de fogo à entrada dessa área e à progressão através dela.

5.3.2.3.2 A segunda fase consiste na progressão das forças do Esc Atq para a área urbana e a conquista de prédios ou áreas de apoio na orla anterior da localidade, para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as VA à localidade. As cobertas e abrigos oferecidos pelos prédios conquistados na periferia da cidade (área de apoio) permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para à frente as armas de apoio e as reservas.

5.3.2.3.3 A terceira fase consiste na progressão através da área urbana. Ganha importância a coordenação dos elementos empenhados, sendo necessário designar-se limites perfeitamente definidos e direções balizadas por pontos notáveis do terreno, além de frequentes linhas de controle. Ademais, é imprescindível que, quando necessário, prédios sejam completamente vasculhados, para que a progressão possa continuar sem focos de resistência à retaguarda.

5.3.2.4 O Esqd C Pqdt como Força de Isolamento

5.3.2.4.1 O Esqd C Pqdt como força de isolamento estabelece P Blq sobre as VA à localidade, controlando as regiões que interceptem suas entradas e saídas.

5.3.2.5 O Esqd C Pqdt como Força de Investimento

5.3.2.5.1 A força de investimento executa a limpeza da localidade, conquistando os objetivos impostos. No caso do Esqd C Pqdt, é constituída, basicamente, por fuzileiros e exploradores, sendo reforçada por VB, após as ações do escalão de acompanhamento e quando o seu emprego contribuir decisivamente para a conquista da localidade.

5.3.2.5.2 Na fase de investimento na área urbana, o Esqd C Pqdt pode receber a missão ou decidir realizar um investimento sistemático, seletivo ou misto.

5.3.2.5.3 O investimento seletivo tem como objetivo atingir direta e rapidamente pontos críticos selecionados, dentro da área urbana, sem que haja necessidade de conquistar e de manter grandes áreas da localidade. Ele pode ser empregado para se aproveitar uma oportunidade de enfraquecimento do inimigo ou quando se faz necessário atingir objetivos dentro da área edificada e o fator tempo é prioritário em relação ao fator segurança. Para isso:
a) algumas posições conhecidas do inimigo são isoladas ou ignoradas para que o objetivo principal seja atingido dentro do prazo estabelecido;
b) são selecionados E Prog que, consideradas sua extensão, facilidade de progressão e expectativa de resistência inimiga, ao longo do percurso, conduzam mais rápida e diretamente aos objetivos;
c) o escalão de ataque aproveita-se da velocidade de deslocamento e poder de fogo das motocicletas dos exploradores, em primeiro momento, e quando

possível do poder de fogo, ação de choque, proteção blindada e mobilidade das viaturas e se dirige diretamente aos objetivos determinados;
d) embora não seja a situação ideal, edificações de maior importância que dominem o eixo que conduz ao objetivo principal podem, se necessário, ser conquistadas e limpas pelos fuzileiros; e
e) a limpeza das áreas ultrapassadas, se necessário, é realizada pela reserva.

5.3.2.5.4 O investimento sistemático ocorre quando o Esqd C Pqdt precisa efetuar a limpeza de toda a Z Aç. Para isso:
a) a limpeza não necessariamente precisa ser executada casa a casa, podendo o atacante progredir de forma sistemática e organizada, revistando somente as casas e prédios previamente identificados como suspeitos pela inteligência;
b) o emprego de tropa desembarcada, prestando apoio mútuo aos meios leves ou mecanizados, torna-se imprescindível, pois a baixa velocidade de progressão no método sistemático e as ameaças de todas as direções, dentro da área edificada, tornam as Vtr leves e as viaturas blindadas vulneráveis; e
c) o apoio de fuzileiros na segurança aproximada das viaturas blindadas e das viaturas leves visa a diminuir o risco de atuação do inimigo a pé e de armas anticarro e, ainda, compensar a limitação daquelas viaturas à realização de tiros em andares mais elevados ou nas partes inferiores das edificações que se encontram mais próximas. A tropa a pé é utilizada para designar alvos, assaltar e destruir posições inimigas, realizar limpeza de edificações e para neutralizar ou destruir armas anticarro.

5.3.2.5.5 O investimento misto ocorre, quando a unidade combina, simultânea ou sucessivamente, os investimentos sistemático e seletivo na mesma operação. A alteração do tipo de investimento pode ser ditada pela situação ou ser planejada para:
a) aumentar a chance de sucesso de um investimento seletivo, pode ser necessário conduzir um investimento sistemático para atrair e fixar a maior parte do inimigo longe dos E Prog e objetivos selecionados para aquela ação; e
b) uma operação em que se defronte um inimigo que concentra seu esforço defensivo em um quarteirão, em detrimento de outros, dentro da mesma área, pode exigir da força atacante a execução de um investimento misto. Na porção fortemente defendida, o atacante pode realizar a progressão sistemática e no restante investir seletivamente.

5.3.3 DEFESA NAS OPERAÇÕES URBANAS

5.3.3.1 A defesa de uma área urbana é organizada em torno dos acidentes capitais que possibilitem a manutenção da integridade da área e proporcionem facilidades ao movimento do defensor.

5.3.3.2 Sistemas subterrâneos podem facilitar o movimento de forças a pé e proporcionar abrigos contra ataques aéreos, enquanto escombros e outros obstáculos permitem organizar a defesa em profundidade.

5.3.3.3 As edificações oferecerem vantagens ao defensor, pois os meios leves e mecanizados não podem ser empregados na sua plenitude. Cabe ressaltar que, no combate assimétrico, sem apoio aéreo, essas edificações proporcionam maior proteção para as viaturas blindadas.

5.3.3.4 Quando receber a missão de defender uma localidade, o Esqd C Pqdt, sempre que possível, deve ocupar e manter as orlas dessa localidade com seus fuzileiros e exploradores, apoiados pelas VB e o seu armamento anticarro.

5.3.4 APOIO DE FOGO

5.3.4.1 O Esqd C Pqdt deve manter controle dos fogos diretos e indiretos, a fim de emassar, ajustar e distribuir o fogo sobre os alvos de maior interesse. As medidas de coordenação de fogos devem ser cuidadosamente planejadas devido à proximidade entre as forças amigas e inimigas.

5.3.4.2 A utilização de armas de tiro indireto, quando no investimento a uma localidade, deve ser precedida de um estudo judicioso sob a ótica das considerações civis, de modo a evitar excessivos danos colaterais.

5.3.4.3 No combate em área edificada, deve ser considerada a necessidade de se estabelecer medidas de coordenação de fogos restritivas, a fim de se proteger locais ocupados por civis ou infraestruturas críticas no interior da localidade.

5.3.5 APOIO DE ENGENHARIA

5.3.5.1 O Esqd C Pqdt, nas operações urbanas, pode receber em reforço elementos de engenharia para auxiliar nas missões da manobra.

5.3.5.2 O apoio de Engenharia à Mobilidade consiste em:
a) reconhecimento especializado de engenharia, incluindo galerias de esgoto;
b) reparação de estradas;
c) abertura de passagens; e
d) neutralização de dispositivos explosivos improvisados, minas e armadilhas.

5.3.5.3 No apoio a contramobilidade:
a) o lançamento de obstáculos para isolar ou defender áreas; e
b) o preparo e acionamento oportuno das destruições de edificações e pontes.

5.3.5.4 No apoio à proteção, podem ser executados:
a) reforçar edificações ou construir abrigos de concreto no seu interior;
b) criar pontos fortes no interior da localidade; e
c) camuflar trabalhos de organização do terreno.

5.3.6 EMPREGO DOS MEIOS LEVES E MECANIZADOS DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NAS OPERAÇÕES URBANAS

5.3.6.1 As viaturas leves e mecanizadas são utilizadas para neutralizar posições inimigas pelo fogo e para permitir que os fuzileiros e os exploradores cerrem sobre o inimigo para destruí-lo.

5.3.6.2 Os meios orgânicos do Esqd C Pqdt possuem a capacidade de auxiliar na abertura de pontos de entrada nos edifícios, isolar objetivos conquistados dentro da área construída, destruir muros e obstáculos de arame em prol da tropa a pé, rebocar outras viaturas leves/mecanizadas, proporcionando maior mobilidade na Op Urbana.

5.3.6.3 A utilização das viaturas leves e mecanizadas, em conjunto com os meios de sensoriamento, ampliam a capacidade de reconhecimento da tropa, garantindo maior grau de segurança.

5.3.6.4 As viaturas do Esqd C Pqdt podem ser empregadas, também, para o transporte alternativo de pessoal, material, água, munição e outros materiais, dentro da área edificada. Outra possibilidade, das viaturas leves e mecanizadas, é a de facilitar o acesso da tropa a andares superiores das edificações. Nesse caso, os fuzileiros e os exploradores utilizam as viaturas, basicamente, para acessar o segundo andar das edificações.

5.4 OPERAÇÕES DE JUNÇÃO

5.4.1 GENERALIDADES

5.4.1.1 O Esqd C Pqdt pode participar de operações de junção integrando uma força maior ou somente com seus próprios meios. O Esqd C Pqdt como um todo, ou um de seus pelotões, pode ser empregado como força de junção.

5.4.1.2 Esse tipo de operação envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam o contato físico, podendo ser realizada entre uma força em deslocamento (força de junção) e outra estacionária ou entre duas forças em movimento convergente.

5.4.1.3 A junção ocorre, normalmente, durante a execução das seguintes operações:
a) Op aeroterrestres, aeromóveis e anfíbias;
b) Op de substituição de uma unidade isolada;
c) em um ataque para juntar-se a forças de infiltração;
d) na ruptura do cerco a uma força;
e) no encontro com forças irregulares amigas;
f) na convergência de forças independentes; e
g) no auxílio a uma força dividida.

5.4.2 PLANEJAMENTO DA OPERAÇÃO DE JUNÇÃO

5.4.2.1 O planejamento da operação deve assegurar estreita coordenação de esforços das forças envolvidas, sendo coordenado com antecedência com a troca de informações entre as duas forças envolvidas.



Fig 5-5 – Operações de Junção

5.4.2.2 As operações de junção apresentam um risco considerável de fratricídio, por isso, os seguintes fatores são determinantes para o sucesso no planejamento das ações:
a) definição das relações e responsabilidades de comando;
b) estabelecimento de ligações de comando e de estado-maior;
c) estabelecimento de um sistema de reconhecimento mútuo;
d) coordenação dos esquemas de manobra;
e) estabelecimento de medidas de coordenação de fogos;
f) compatibilização dos sistemas de comando e controle;
g) definição das ações a serem realizadas após a junção; e
h) ações a serem realizadas em final de missão.

5.4.3 DEFINIÇÃO DAS RELAÇÕES E RESPONSABILIDADES DE COMANDO

5.4.3.1 O comando que dirige a junção estabelece, de forma clara e antes da operação, as relações e as responsabilidades de comando entre as duas forças.

5.4.3.2 Após a junção, as duas forças podem se agrupar, formando uma única força, sob controle de um dos comandantes, ou ambas podem permanecer sob o controle de um comandante superior.

5.4.4 LIGAÇÕES DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

5.4.4.1 As ligações de Cmdo e EM entre as forças são essenciais. Devem ser estabelecidas durante o planejamento e mantidas no transcurso da operação.

5.4.4.2 À medida que a junção se torna iminente, o pessoal de ligação adicional é trocado. Isso assegura a coordenação de fogos e de quaisquer modificações nos planos táticos. Meios aéreos, se disponíveis, podem facilitar as ligações.

5.4.4.3 Quando a operação envolve a junção com forças aliadas ou guerrilhas amigas, devem ser feitas prescrições relativas a intérpretes ou oficiais de ligação com suficiente conhecimento da língua a ser utilizada.

5.4.5 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

5.4.5.1 Os esquemas de manobra devem ser permutados e as medidas de controle estabelecidas com antecedência pelas forças que participam da junção, de forma a obter uma maior coordenação da manobra.

5.4.5.2 Na operação de junção podem ser utilizadas as seguintes medidas de coordenação e controle, entre outras:
a) pontos de junção;
b) limites;
c) eixos de progressão;
d) objetivos; e
e) linhas de controle (para facilitar o controle e a localização da força de junção).

5.4.5.3 A coordenação de fogos é essencial para evitar o fratricídio e é obtida pela troca de planos de apoio de fogo e pelo emprego de medidas de controle. Essa coordenação é materializada nos planejamentos pelo traçado das:
a) Linha de Segurança de Apoio de Artilharia (LSAA);
b) Linha de Coordenação de Fogos (LCF);
c) Linha de Coordenação do Apoio de Fogo (LCAF);
d) Linha de Restrição de Fogos (LRF);
e) Área de Fogo Livre (AFL);
f) Área de Restrição de Fogos (ARF);
g) Área de Fogo Proibido (AFP); e
h) quadrícula de interdição.

5.4.5.4 Após a junção, normalmente, a responsabilidade pela coordenação de fogos é atribuída a um único comandante. Este pode ser o mais antigo ou o que tenha a responsabilidade pela ação principal no prosseguimento da missão. O coordenador dos fogos deve estar claramente definido antes da operação, pelo comando enquadrante das tropas em junção.

5.4.5.5 O escalão enquadrante deve coordenar a compatibilização dos sistemas C2 das tropas em junção, inclusive frequências de rádio.

5.4.5.6 Deve ser planejada a coordenação das comunicações, levando-se em consideração os procedimentos de identificação das tropas que realizarão a junção. Meios alternativos de comunicação e de identificação devem ser considerados e previstos. É imperioso o correto uso das Instruções para Exploração das Comunicações e Eletrônica (I E Com Elt) e que casos omissos sejam esclarecidos pelo escalão enquadrante, antes da operação.

5.4.5.7 Podem ser utilizadas aeronaves de asa rotativa e/ou fixa, bem como Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP), para aumentar o alcance das comunicações e/ou para aumentar os níveis de consciência situacional das tropas envolvidas.

5.4.5.8 O plano de identificação mútua é estabelecido de maneira pormenorizada por meio das IE Com Elt, a fim de evitar possíveis hostilidades entre as forças amigas e que uma seja atingida pelos fogos da outra. Esse plano inclui, normalmente, o emprego de artifícios pirotécnicos, painéis, marcação de viaturas, dispositivos coloridos, fumaças coloridas, meios infravermelhos, radares, sinais por gestos, senhas e contrassenhas, tudo com a finalidade de determinar a identificação amigo/inimigo.

5.4.5.9 O plano de comunicações inclui os canais para comunicação rádio entre as duas forças. Deve prescrever os procedimentos de identificação a serem usados durante o dia e à noite ou durante condições de reduzida visibilidade, incluindo, principalmente, os meios alternativos.

5.4.5.10 As medidas a serem tomadas após a junção devem ser estabelecidas com antecedência, de modo que se mantenha a impulsão desejada nas operações subsequentes.

5.4.5.11 Realizada a junção com a força de junção (F Jç), esta pode reforçar ou assumir a defesa da área, prosseguir no ataque em coordenação com a força estacionária ou ultrapassar ou contornar essa força e continuar o ataque para objetivos mais distantes. São baixadas prescrições para a substituição ou ultrapassagem, sempre que necessárias.

5.4.5.12 Devem ser previstos planos de contingência, caso as operações de junção não se concretizem no tempo determinado. Tais planos devem ser providenciados pelo comando enquadrante das tropas que estão realizando a junção e devem prever apoio de fogo, cobertura e suprimento aéreo, sobretudo para a força estacionária, em função de seu isolamento e de sua consequente vulnerabilidade.

5.4.6 EXECUÇÃO DE OPERAÇÃO DE JUNÇÃO

5.4.6.1 Generalidades

5.4.6.1.1 As operações de junção têm início, geralmente, como uma operação ofensiva normal, com a força de junção realizando um ataque ou o Esc Sp lançando sua reserva diretamente em um Apvt Exi, após o rompimento da posição inimiga.

5.4.6.1.2 A realização do ataque pela F Jç não é desejável, em função do desgaste prematuro que impõe.

5.4.6.1.3 Após o rompimento da posição inimiga, a F Jç lança-se em busca do contato com a força isolada, tendo como elemento norteador de suas ações o prazo imposto para concretizar a junção.

5.4.6.1.4 A complexidade e quantidade das medidas de coordenação e controle tendem a aumentar com a aproximação do momento da junção. A coordenação e o controle são intensificados por meio de restrições impostas às forças atacantes.

5.4.6.1.5 Os elementos que realizam o contato físico entre as tropas de junção devem estar bem adestrados nas TTP da junção, de modo que a ligação seja o mais breve e com o mínimo de riscos de fratricídio entre as tropas envolvidas.

5.4.6.1.6 Os objetivos atribuídos à força de junção devem ser, prioritariamente, localizados no perímetro das forças estacionárias, de modo que as tropas não interfiram em suas missões previamente atribuídas.

5.4.6.2 Pontos de Junção

5.4.6.2.1 Para evitar os riscos de um combate entre forças amigas, pontos de junção são selecionados, devendo ser estabelecidos em locais onde o contato físico entre as tropas que estão realizando a operação possa ocorrer.

5.4.6.2.2 Devem ser facilmente identificáveis por ambas as forças e em número suficiente para atender a possíveis modificações na manobra, localizando-se onde os eixos de progressão da força de junção interceptam a linha ao longo da qual os elementos de segurança da força estacionária estão localizados.

5.4.6.2.3 Geralmente, os P Jç localizam-se onde os elementos de segurança da força estacionária estão posicionados, mas pontos alternativos devem ser estabelecidos, uma vez que a ação inimiga pode forçar a junção em locais diferentes dos planejados.

5.4.6.2.4 O número de P Jç estabelecidos depende da possibilidade da força estacionária, do número de itinerários utilizados pela força de junção, da natureza do terreno e das ameaças inimigas.

5.4.6.2.5 As tropas que guarnecem os P Jç, bem como os elementos que realizam o contato com elas, devem estar familiarizadas com as normas para identificação mútua e com os planos para a rápida passagem da força em progressão.

5.4.6.3 Junção Propriamente Dita

5.4.6.3.1 O Esqd progride pelos eixos designados para a realização da ligação com a F Jç utilizando as TTP de Rec eixo, ao aproximar-se do local da ligação pode desdobrar e ocupar uma P Blq.

5.4.6.3.2 O Esqd C Pqdt normalmente atua descentralizado, com os seus 3 (três) Pel C Pqdt em 1º Esc, cada um com uma Z Aç. Dependendo do valor da F Jç, o Esqd C Pqdt pode ser reforçado com outros elementos de manobra ou de apoio ao combate.

5.4.6.3.3 Para a realização da ligação propriamente dita, o pelotão pode adotar as seguintes TTP:
a) uma patrulha do Grupo de Exploradores (G Exp) desloca-se até um P Ct, estabelece contato rádio com elementos da F Jç e informa ao Esc Sp;
b) após o contato rádio, desloca-se até o ponto de junção, lança seu sinal de reconhecimento, preestabelecido no plano de identificação mútua e ocupa uma posição abrigada de onde consiga observar o local;
c) a F Jç repete os passos “1” e “2” e após identificar o sinal de reconhecimento no ponto de junção, a F Jç lança o sinal de reconhecimento a distância que, após identificado, é respondido pela patrulha do G Exp, a seguir os elementos da F Jç vão ao encontro da patrulha do G Exp, trocam sinais de reconhecimento aproximado e passam a fazer as coordenações necessárias;
d) os elementos da F Jç guiam os elementos do G Exp até o restante da F Jç; e
e) a patrulha do G Exp guia a F Jç até os pontos de junção, onde será feita a junção propriamente dita.

5.4.6.3.4 O apoio da força estacionária à F Jç inclui o fornecimento de guias e a previsão de Z Reu para sua reorganização.

5.4.6.3.5 O Esqd C Pqdt informa sobre barreiras, campos de minas e outros obstáculos lançados. Os obstáculos devem ser removidos imediatamente antes das ligações físicas das tropas e trilhas e brechas devem ser abertas através das barreiras.

5.4.6.3.6 Guias fornecidos pelos elementos da força estacionária, que estão na posição por onde a F Jç adentrará ao dispositivo, auxiliam o controle do trânsito para o interior das posições de defesa. Eles devem conhecer o dispositivo defensivo de sua tropa, bem como a localização dos obstáculos naturais e artificiais nos itinerários que balizarão para as forças de junção.

5.4.6.4 Coordenação de fogos

5.4.6.4.1 Para evitar perdas nas forças amigas, uma LRF é estabelecida, coordenando os fogos, tanto da F Jç como da força estacionária. À medida que a junção se torna iminente, a LRF é deslocada, a fim de permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção. Normalmente, a LRF inicial torna-se efetiva quando a LCAF comum for estabelecida.

5.4.6.4.2 O comando que dirige a operação estabelece LCAF para as forças. Nos estágios iniciais, as LCAF são independentes. No entanto, à medida que a distância entre as duas forças diminui, as linhas se aproximam até serem unificadas em uma LCAF comum que atende a ambas forças.

5.4.6.4.3 Ataques aéreos, na área entre as duas forças, são coordenados com ambas.

5.4.6.5 Ações após a Junção

5.4.6.5.1 A F Jç pode passar através do perímetro da força estacionária e podem ser designados objetivos dentro desse perímetro ou fora dele, dependendo da missão.

5.4.6.5.2 Se a missão e o terreno permitirem, é desejável que a F Jç desborde a força estacionária e os objetivos sejam designados fora do seu perímetro.

CAPÍTULO VI

MOVIMENTO E MANOBRA
AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 Ações comuns podem ser realizadas por tropas de qualquer natureza, desde que tenham as capacidades necessárias.

6.1.2 Tais ações podem ser realizadas independentemente do tipo de Op básica ou complementar que esteja acontecendo em situação de guerra ou de não guerra. São executadas de acordo com a necessidade e podem ser realizadas em proveito da tropa que a executa ou do Esc Sp.

6.1.3 Entre as ações comuns às Op Ter, previstas no manual de campanha Operações, o Esqd C Pqdt possui melhores condições de realizar as seguintes ações:
a) reconhecimento, vigilância e segurança; e
b) substituição de tropas de combate.

6.2 AÇÕES COMUNS DE RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E SEGURANÇA

6.2.1 GENERALIDADES

6.2.1.1 As ações comuns de Rec, Vig e Seg completam-se mutuamente e proporcionam a obtenção de dados sobre o Ini e a A Op, propiciando melhores condições para a tomada de decisão e maior proteção à tropa empregada.

6.2.1.2 Os meios de Vig e Rec (SARP, RVT, Cçd *etc.*) devem ser empregados pelo Esqd C Pqdt sempre que possível.

6.2.1.3 As ações comuns de Seg são as seguintes:
a) SEGAR;
b) ações contra Bld;
c) ações contra forças aeroterrestres e aeromóveis;
d) ações contra forças irregulares;
e) ações contra forças de infiltração; e
f) contrarreconhecimento (C Rec).

6.2.1.4 As TTP e as considerações específicas das ações de Rec e Vig estão descritas no capítulo V.

6.2.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NA EXECUÇÃO DA AÇÃO COMUM DE RECONHECIMENTO

6.2.2.1 O Esqd C Pqdt conduz a ação comum de reconhecimento com o propósito de obter EEI e outros dados de interesse do Cmdo da SU sobre o inimigo, a área de operações e atividades humanas em sua Z Aç, a fim de contribuir no cumprimento de sua missão ou ampliar sua consciência situacional.

6.2.2.2 A ação comum de reconhecimento será executada em qualquer tipo de operação, seguindo os mesmos fundamentos, TTP, medidas de coordenação e controle e dados de planejamento do reconhecimento como parte da operação complementar segurança.

6.2.2.3 Apesar de a ação comum de Rec estar voltada para obter informes de interesse do Esqd C Pqdt, os dados colhidos devem ser enviados ao Esc Sp para contribuir na composição de sua consciência situacional.

6.2.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NA EXECUÇÃO DA AÇÃO COMUM DE VIGILÂNCIA

6.2.3.1 A ação comum de vigilância será executada em qualquer tipo de operação, seguindo os mesmos fundamentos, TTP, medidas de coordenação e controle e dados de planejamento da operação complementar vigilância.

6.2.3.2 O Esqd C Pqdt conduz a ação comum de vigilância com o propósito de detectar e registrar as atividades ocorridas em parte ou na totalidade de sua Z Aç, a fim de buscar e adquirir alvos de interesse do Cmdo da SU, controlar os fogos das armas orgânicas e em apoio e seus efeitos, observar pontos de interesse e monitorar as atividades do inimigo para evitar a surpresa.

6.2.3.3 A ação de vigilância é uma missão eminentemente passiva, no entanto as frações ou Pel C Pqdt do Esqd C Pqdt podem receber outros encargos, como, por exemplo, bloqueio de estradas, desde que não necessite o emprego permanente da maior parte do seu efetivo.

6.2.3.4 A vigilância estabelecida pelas frações do Pel Cmdo Ap limita-se, em princípio, a postos de observação ou escuta, podendo incluir, em algumas situações táticas (mais estáticas) a realização de patrulhas.

6.2.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NAS AÇÕES COMUNS DE SEGURANÇA

6.2.4.1 As ações comuns de Seg compreendem o conjunto de medidas adotadas pelo Esqd C Pqdt visando a prevenir-se e a proteger-se da inquietação, da surpresa e da observação por parte do Ini em todos os tipos e missões a serem realizadas.

6.2.4.2 Ações Contra Blindados

6.2.4.2.1 A Seç MAC é uma fração de Ap F orgânica (e não uma peça de manobra) do Pel C Pqdt.

6.2.4.2.2 A Seç MAC é constituída por duas peças de míssil AC e uma de canhão anticarro, preferencialmente, não devendo ser empregadas de forma descentralizada. Deve-se buscar o apoio mútuo entre as peças e o cruzamento de seus fogos para maior eficácia de seus fogos.

6.2.4.2.3 A Seç MAC é empregada em locais onde possa Engj prioritariamente viaturas blindadas. Como missão secundária, a Seç MAC pode ser empregada contra armas AC, outras armas coletivas, espaldões, casamatas *etc*. Entretanto, deve ser muito bem avaliado o custo-benefício do emprego dessa fração fora de sua missão principal.

6.2.4.2.4 O emprego da Seç AC/Pel C Pqdt serve para aprofundar ou ampliar a DAC em uma parte específica de sua Z Aç, dependendo da situação tática as seções AC dos Pel podem ser centralizadas pelo Cmt Esqd.

6.2.4.2.5 A DAC é constituída pelo emprego de meios ativos e passivos, empregados de maneira coordenada e sincronizada e desdobrados em largura e em profundidade por toda a Z Aç do Esqd C Pqdt.

a) Os meios passivos compreendem todos os obstáculos naturais que impeçam ou retardem o movimento das VB Ini.

b) Os meios ativos compreendem o emprego de fossos e todas as armas AC existentes na SU:

- Os mísseis anticarro e os canhões sem recuo dos Pel C Pqdt.

c) A maior capacidade de DAC ativa de que o Esqd C Pqdt dispõe está presente nos Pel C Pqdt, particularmente nas Seç MAC.

6.2.4.2.6 Cabe ao Cmt Esqd, assessorado pelo Cmt da Seç MAC e seus Cmt Pel C Pqdt, coordenar o emprego eficiente de todos os meios AC disponíveis no Esqd C Pqdt. O planejamento da DAC acha-se intimamente ligado ao planejamento das barreiras: os obstáculos naturais e os campos de minas AC canalizam o movimento dos blindados para as regiões batidas pelas armas anticarro. A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade e engloba o emprego de armas anticarro, minas e artilharia. A DAC deve ser complementada ainda pelo plano de fogos dos armamentos indiretos e diretos e pelo emprego da aviação (se disponível).

6.2.4.2.7 Planejamento e Execução da Defesa Anticarro:

a) o planejamento da DAC deve incluir todo o armamento AC orgânico da SU e ser consolidado no plano de DAC. Esse é um documento preparado pelo S-3, mediante a integração, consolidação e sincronização na execução das ações

constantes dos planos de DAC dos Pel subordinados, do plano de barreiras e do plano de apoio de fogo;
b) o planejamento da DAC deve dar particular atenção às VA que apresentem ameaça à posição do esquadrão, mesmo que apresentem terrenos restritivos ao movimento de blindados;
c) a DAC deve se iniciar o mais à frente possível. Na Def A deve bater o inimigo à frente do LAADA e procurar separar os blindados da tropa a pé que os acompanha, a fim de destruir as VB à frente da ADA. Se os blindados inimigos penetrarem na ADA, deve-se procurar canalizá-los em profundidade para AE previamente escolhidas, onde serão destruídos por fogos AC flanqueantes e pelo C Atq de reservas mecanizadas; e
d) devido às suas características de limitada mobilidade terrestres, as tropas paraquedistas não são as mais aptas para realizar um movimento retrógrado, exceto se o Ini também tiver reduzida capacidade de mobilidade. Nesse caso, as armas AC podem aprofundar o combate AC à frente das posições Rtrd e auxiliar no desengajamento da SU ou dos Pel, enquanto essas se deslocam para novas posições de combate mais à retaguarda.

6.2.4.3 Ações Contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis

6.2.4.3.1 As ações contra um envolvimento aeroterrestre ou um assalto Amv devem iniciar com a identificação de possíveis ZL, zonas de desembarque (Z Dbq), locais de aterragem (Loc Ater), zonas de pouso de helicópteros (ZPH) e campos de pouso na Z Aç do Esqd.

6.2.4.3.2 O plano de fogos do Esqd em Ap a essa ação comum de Seg deve incluir concentrações nessas prováveis áreas, e o plano de barreiras (nas Op Def) deve prever o lançamento de obstáculos para interditar tais locais e para bloquear as VA orientadas para o interior da posição ocupada pelo Esqd C Pqdt.

6.2.4.3.3 Identificado o risco do emprego dessas forças, cabe ao Cmt Esqd estabelecer um sistema de Vig para dar o alerta antecipado. A rapidez na contenção e no C Atq (Aet ou Amv) sobre o Ini que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto Amv é vital para impedir a sua reorganização.

6.2.4.3.4 A rapidez na contenção e no C Atq sobre o inimigo que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto Amv é vital para impedir a sua reorganização.

6.2.4.3.5 Os objetivos do Ini, nessas Op, são cortar as linhas de suprimento, atacar áreas de Ap Log, garantir regiões de passagem, impedir o reforço da reserva aos Elm em 1º Esc ou acelerar o cerco.

6.2.4.3.6 Uma operação Aet ou Amv é planejada e executada em diversas fases. As fases de maior interesse para o Esqd C Pqdt são a do deslocamento aéreo da tropa Aet ou Amv, o assalto e as Op subsequentes.

6.2.4.3.7 Na fase do deslocamento aéreo, o esforço do Esqd C Pqdt deve estar na montagem e na Op de um sistema de Vig que permita, com antecedência, identificar esse deslocamento e os locais do assalto. Caso estejam disponíveis armas com capacidade de DAAe ou o Ap da AAAe (Bda ou DE), deve ser iniciado o Atq às aeronaves utilizadas pelo Ini.

6.2.4.3.8 Na fase do assalto Aet ou Amv, o Esqd C Pqdt deve focar suas ações na destruição dos helicópteros (assalto aeromóvel) e na destruição da F Ini no solo, impedindo que ela possa se reorganizar e iniciar sua ação ofensiva (Aç Ofs).

6.2.4.4 Ações Contra Forças de Infiltração

6.2.4.4.1 A infiltração é a forma de manobra tática Ofs na qual uma força é desdobrada à retaguarda de uma posição inimiga por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir missão que contribua diretamente para o sucesso de uma manobra do escalão enquadrante da força infiltrante.

6.2.4.4.2 Normalmente, são objetivos de uma força de infiltração:
a) atacar posições sumariamente organizadas;
b) atacar pontos fortes, Res, instalações de Cmdo ou logísticas no Flc ou na Rtgd do Ini;
c) ocupar posições importantes que contribuam com a ação principal do Esc Sp;
d) conquistar terreno decisivo no contexto geral da Op; e
e) conduzir Op de inquietação e desgaste à retaguarda do Ini.

6.2.4.4.3 A não linearidade e a não continuidade comuns às operações do esquadrão e a habitual dispersão de seus meios facilitam as ações de infiltração do inimigo. Normalmente, nas operações defensivas apresentam-se as melhores e mais compensadoras oportunidades para uma infiltração inimiga.

6.2.4.4.4 As F Ini podem infiltrar-se e reunir-se em áreas à Rtgd dos Elm em 1º Esc para atacar, destruir e causar confusão nas instalações de C^2 e de logística do Esqd.

6.2.4.4.5 Todo esforço do Esqd C Pqdt deve ser feito para identificar as prováveis Z Reu na sua zona de ação e, principalmente na sua retaguarda, onde deve ser dada prioridade para a destruição ou neutralização do inimigo, antes que ele possa se reorganizar e desencadear suas ações.

6.2.4.4.6 As ações contra forças de infiltração englobam todas as medidas executadas para se negar ao Ini informações sobre as ações e intenções do Esqd. As medidas de segurança normalmente adotadas pelo Esqd incluem ações para impedir o contrarreconhecimento (C Rec) Ini, segurança das informações, segurança das comunicações e segurança física (tropa, viaturas e instalações).

6.2.4.4.7 As seguintes medidas devem ser adotadas pelo Esqd C Pqdt para a defesa contra forças de infiltração:
a) planejar o emprego de patrulhas (à frente e no interior da posição ocupada pelo Esqd C Pqdt ou Z Aç) e PO para localizar o Ini que tenta se infiltrar ou que já se infiltrou e procura reorganizar-se;
b) empregar na Vig todos os meios disponíveis para aumentar a Seg (dispositivos eletrônicos de vigilância, equipamentos de infravermelho, artifícios iluminativos, obstáculos de arame farpado *etc.*);
c) planejar e colocar em execução as ações de C Rec;
d) se disponível, planejar o emprego de meios aéreos no Rec à frente e nos Flc da posição do Esqd;
e) planejar e implementar medidas de Seg passiva (camuflagem, dispersão, utilização de cobertas e abrigos, disciplina de luzes e ruídos *etc.*). Na Def, todas as posições devem ser enterradas à medida que o tempo permita e, sempre que possível, devem ser construídos abrigos subterrâneos. Todas as posições das armas devem possuir cobertura protetora contra os efeitos dos fogos inimigos;
f) escalonar as posições ocupadas pela tropa em profundidade para aumentar e ter a eficiência e eficácia contra o Rec Ini, aproveitando o terreno para a montagem de emboscadas e para a destruição do Ini dentro de AE;
g) levantar e manter sob vigilância todas as áreas no interior da posição ou à Rtgd dos elementos em 1º escalão que possam servir de áreas de concentração ou reorganização de Elm inimigos infiltrados (Aet, Amv e Ter);
h) planejar o emprego da Res em toda a Z Aç para fazer frente às F Ini que se infiltrarem no dispositivo do Esqd; e
i) planejar fogos em apoio às ações contra forças de infiltração e ações planejadas da Res.

6.2.4.5 Ações Contra Forças Irregulares

6.2.4.5.1 No campo de batalha moderno, podem ocorrer Op e ações diversas à frente, nos Flc e na Rtgd do Esqd, de forma contínua ou não, desencadeadas por forças convencionais ou irregulares, com esses atores tomando parte na fluidez do Cmb. Diante desse cenário de incertezas, agentes descaracterizados (ou infiltrados na população) apresentam-se como as maiores ameaças à SU. Essas forças podem estar dispersas em amplos espaços, atuando primordialmente ao longo dos eixos rodoviários e nas localidades.

6.2.4.5.2 As forças e infraestruturas localizadas na área de Rtgd são vulneráveis às ações de forças irregulares. O Cmt Esqd deve dar atenção às medidas para impedir o apoio externo a essas forças, em coordenação com o planejamento da SEGAR do Esc Sp.

6.2.4.5.3 A efetividade das ações das forças irregulares depende, em grande parte, do apoio da população da área e de informações atualizadas sobre as nossas Op, exigindo atenção à Seg das comunicações e às medidas de Ptç eletrônica.

6.2.4.5.4 As Op contra forças irregulares compreendem um conjunto abrangente de esforços integrados, civis e militares, desencadeados para derrotar forças irregulares, nacionais ou estrangeiras, dentro ou fora do território nacional.

6.2.4.5.5 Os seguintes requisitos fundamentais devem ser seguidos pelo Esqd C Pqdt para o êxito de suas Op contra forças irregulares:
a) conquistar o apoio da população é o aspecto mais importante. As Op contra forças irregulares bem-sucedidas devem ter como essencial possibilidade de êxito o apoio da população local na Z Aç do Esqd;
b) contribuir para a vitória na guerra de informação;
c) manter a iniciativa das ações;
d) possuir boa rede de informantes (que depende do apoio da população);
e) integração de esforços entre Elm civis e militares na Z Aç do Rgt;
f) mobilidade – a do Esqd é, em princípio, maior que a das forças irregulares;
g) busca permanente da surpresa;
h) emprego de Op psicológicas do Esc Sp; e
i) manter um contínuo adestramento da tropa contra forças irregulares, atualizando-o de acordo com os métodos empregados pela força irregular.

6.2.4.5.6 As principais ações, a serem planejadas pelo Esqd C Pqdt em sua Z Aç, para impedir ou neutralizar a ação das forças irregulares, devem ser:
a) localizar possíveis áreas para o estabelecimento de bases da força irregular;
b) identificar seus líderes e colaboradores; e
c) negar o uso de suas fontes de suprimento e meios de Com.

6.2.4.5.7 Nesse tipo de Op, a missão do Esqd C Pqdt em sua Z Aç é erradicar a ameaça proveniente das forças irregulares, principalmente de seu braço armado, isolando-o de seus apoios locais, desmantelando sua infraestrutura e neutralizando seu poder de Cmb. Nesse contexto, o Esqd deve realizar as seguintes ações:
a) prover a Seg, especialmente de área de Rtgd e de pontos sensíveis;
b) reconhecer a área de atuação das forças irregulares;
c) monitorar a região de interesse para a inteligência (RIPI);
d) conquistar e manter acidentes capitais que possibilitem o desdobramento de outras tropas;
e) realizar ações diretas em conjunto com tropas especiais (que estiverem operando em sua Z Aç ou áreas vizinhas);
f) patrulhar vias de tráfego e itinerários de deslocamento motorizado e a pé;
g) ocupar posições para bloquear, manter o controle ou o acesso às áreas de interesse;
h) estabelecer postos de segurança estáticos (PSE) e P Blq e PBCE/PBCVU;
i) conduzir atividades, em conjunto com Elm de assuntos civis e assessorado por Op de forças especiais (quando disponíveis ou atuando em sua Z Aç), para obter o apoio da população local;
j) realizar isolamento e cerco em apoio às Op especiais (se for o caso);
k) executar ações de controle da população;

l) realizar escoltas de comboio e de autoridades; e
m) compor a reserva de um escalão considerado, quando determinado.

6.2.4.5.8 O Esqd C Pqdt pode realizar demonstrações de força para manter a força irregular em constante preocupação. No entanto, ao empregar os seus Bld, é importante considerar a possibilidade de emboscadas pelas forças irregulares com utilização de armas AC e mesmo meios improvisados.

6.2.4.5.9 As forças irregulares atuam, normalmente, para desgastar e colocar o Esqd em um constante estado de alerta. Com isso, é fundamental que o Cmt Esqd e os Cmt Pel exerçam suas lideranças para manter os subordinados confiantes e motivados para o Cmb.

6.2.4.6 Segurança de Área de Retaguarda

6.2.4.6.1 A ação comum de SEGAR difere da operação complementar SEGAR apenas por ser planejada pelo Esqd C Pqdt, realizada em proveito próprio. Nessa SEGAR (ação comum) devem ser empregadas as mesmas TTP, medidas de coordenação e controle e dados de planejamento da Op Cmpl SEGAR.

6.2.4.7 Contrarreconhecimento

6.2.4.7.1 Generalidades
a) O C Rec é um conjunto de TTP utilizadas pela F Seg nas missões de Cob, Ptç e Vig, destinadas a impedir, pelo Cmb, que elementos de Rec Ini obtenham informações sobre as nossas forças ou desdobrem meios que possam interferir no Cmb. O C Rec pode ser conduzido por meio de Aç Ofs (C Rec Ofs) ou Def (C Rec Def).
b) O contrarreconhecimento ofensivo procura, deliberadamente, o contato com elementos de reconhecimento do inimigo, destruindo-os ou neutralizando-os pelo combate à frente da linha de segurança ou os objetivos ocupados pela F Seg.
c) O C Rec Def procura evitar que elementos de Rec do Ini penetrem em determinadas áreas ou regiões da zona de ação da unidade ou do escalão superior. Pode ser conduzido à Rtgd de obstáculos naturais ou artificiais. Procura canalizar as faixas de infiltração do Rec Ini para AE onde serão destruídos ou neutralizados.
d) No nível Esqd, as ações de Rec são um complemento às ações e às TTP de Seg. Em princípio, no Esqd C Pqdt, não deve ser criada uma força específica para a execução das medidas e ações de C Rec. Todos os Elm da F Seg devem estar comprometidos com o C Rec e a execução de Aç Ofs para a destruição do Rec Ini à frente da L Seg ou no interior da A Seg.
e) Os Elm que conduzem as medidas e ações de C Rec devem ser escalonados em profundidade para terem maior eficiência e eficácia contra o Rec Ini, aproveitando o terreno para a montagem de emboscadas e para a destruição do Ini dentro de AE.

f) O apoio da Av Ex e da F Ae aumenta a eficácia do Cmb de C Rec, seja pela possibilidade de localização antecipada dos Elm Rec Ini e suas faixas de infiltração, seja pela destruição do Ini pelo fogo das aeronaves (Anv).
g) A utilização de equipamentos de visão noturna, individuais e veiculares, e de RVT aumenta muito a eficácia do C Rec, tendo em vista que possivelmente o Ini infiltra os seus meios de Rec à noite.

6.2.4.7.2 Planejamento e Execução do Contrarreconhecimento
a) A decisão de empregar ou não ações de C Rec obedece à ordem do Esc Sp ou ao resultado do estudo dos fatores da decisão, notadamente os meios, o tempo e o inimigo.
b) As ações e medidas básicas de C Rec devem constar das NGA do Esqd C Pqdt. Demandas não previstas nas NGA devem constar nas prescrições diversas ou ordens aos elementos subordinados da O Op do Esqd.
c) A complexidade de uma determinada operação ou a intensidade da atuação do reconhecimento inimigo podem exigir do Esqd C Pqdt a elaboração de um anexo de C Rec a sua O Op ou de um plano de contrarreconhecimento.
d) A seção Intlg é responsável pelo planejamento inicial do C Rec, levantando os objetivos, a finalidade e o local de execução das ações de C Rec. Com base nesse planejamento, o S-3 realiza o planejamento de emprego tático da tropa, casando-o com o planejamento da operação a ser executada pelo Esqd C Pqdt. As diretrizes do Cmt, NGA do Esqd e ordens ou o plano de C Rec do Esc Sp balizarão o planejamento.
e) Nas ações de C Rec, o Esqd pode reforçar os Pel com elementos de apoio (Seç Vig Ter *etc.*), para detectar Elm de Rec Ini.
f) Os Elm de C Rec podem operar dentro do Ap F da força enquadrante ou poderão atuar bem à frente, contando apenas com apoio de fogo orgânico. Caso a distância exceda o alcance dos equipamentos de comunicações, devem ser instalados postos de retransmissão.
g) Uma ordem de C Rec deve seguir o modelo da O Op, com ênfase nos parágrafos primeiro e terceiro. Dessa ordem deve constar:
- o elemento de combate que cumprirá a missão;
- o posicionamento dos RVT;
- os reforços aos elementos de combate (OA de Mrt e Art, radares, engenharia, armas AC e outros que se fizerem necessários), se for o caso;
- um completo estudo do inimigo, incluindo situação, possibilidades, armamento e equipamento e calcos, onde constarão, no mínimo, os supostos itinerários de infiltração, locais de estabelecimento de PO, postos de escuta, radares e locais de interesse para seus Elm de Rec;
- o plano logístico de apoio (suprimento extra, estabelecimento de cachês ou outros meios);
- os itinerários de retraimento dos elementos de C Rec, se for o caso; e
- as medidas de coordenação e controle necessárias para coordenar movimento, fogos, apoio logístico e comunicações.

h) Sequência para o planejamento do C Rec:

- estudo do Rec Ini e levantamento gráfico de suas possibilidades (faixas e itinerários de infiltração, vias de acesso, regiões de interesse, prováveis PO e locais para condução de fogos);
- Definição do tipo de C Rec a ser executado: ofensivo, defensivo ou uma combinação de ambos;
- definição das ações ofensivas à frente da linha de P Blq, vigilância ou objetivos ocupados pelo Esqd C Pqdt (onde? quem? como? apoio de fogo e de engenharia? itinerários de deslocamento? acolhimento?);
- definição das ações defensivas a serem executadas e a necessidade de apoio de engenharia para canalizar o inimigo e o apoio de fogo necessário para sua destruição ou neutralização;
- marcação de RIPI sobre os itinerários do Rec Ini, com as finalidades de observar sua infiltração e reduzir o seu poder de combate pela aplicação de fogos diretos e/ou indiretos;
- definição de prioridades de engajamento;
- definição de AE para destruir elementos de Rec Ini pelo fogo direto e indireto;
- planejamento de outras medidas (Mdd) Coor e Ct que permitam o retraimento e coordenação de fogos e movimento do Elm de C Rec;
- planejamento da localização dos RVT sobre as principais VA ou itinerários de infiltração do Rec Ini;
- planejamento do posicionamento dos PO, exploradores, Mrt e outros Elm que reforcem o grupamento de C Rec;
- estabelecimento de uma L Ct que limite o avanço da força de C Rec Ofs e outra que balize seu retraimento (se for o caso);
- planejamento do apoio logístico para as medidas e ações de C Rec;
- estabelecimento da ordem de movimento do Elm C Rec Ofs (normalmente por infiltração e durante períodos de reduzida luminosidade ou à noite); e
- complementação das NGA da unidade com o estabelecimento de medidas específicas de C Rec para a operação, tais como: “cada fração deve retrair para a posição ALFA, quando destruir dois veículos do Ini”; “PO 1 somente ocupa posição alternativa, se o Ini não aparecer até 0300h” ou “abrir fogo tão logo o veículo Ini entrar no alcance dos fogos diretos”.

6.3 AÇÃO DE SUBSTITUIÇÃO DE SUBUNIDADE DE COMBATE

6.3.1 GENERALIDADES

6.3.1.1 Quando um Assalto Aeroterrestre é realizado em um objetivo pré-selecionado e é realizada a conquista de uma cabeça de ponte aérea, estima-se que a tropa paraquedista tem condições de manter a cabeça de ponte aérea por até 72 horas, sendo necessária à sua junção com tropas que virão por terra e, em um segundo momento, a substituição das tropas paraquedistas efetivamente por aquelas que se deslocaram por terra.

6.3.1.2 Uma ação de substituição de unidade de combate paraquedista é uma operação na qual toda ou parte de uma unidade paraquedista é substituída, em uma cabeça de ponte aérea, normalmente, por outra unidade de natureza distinta que realizou o deslocamento por terra, comumente tropas blindadas. As responsabilidades na missão de combate e da área de operações das tropas paraquedistas são assumidas pela unidade que chega na cabeça de ponte aérea por terra.

6.3.1.3 A substituição é executada quando a unidade paraquedista já consolidou a cabeça de ponte aérea e está com sistema de defesa em todas as direções estabelecido e em condições de ser substituído após a junção.

6.3.1.4 Sempre que possível, as substituições devem ser executadas durante períodos noturnos ou de reduzida visibilidade, a fim de explorar as capacidades de operar durante à noite com o emprego de equipamentos de visão noturna para as ações de ligação e contato, além de balizamento das medidas de coordenação e controle.

6.3.1.5 A unidade paraquedista e a unidade que se desloca por terra devem manter estreita ligação, devendo a tropa que se desloca por terra ajustar-se ao plano geral de defesa utilizado por uma tropa paraquedista em uma defesa de cabeça de ponte aérea, até a passagem de comando ser efetivamente realizada.

6.3.1.6 Os planos e ordens de uma ação de substituição de uma unidade de combate paraquedista devem prezar pela meticulosidade em medidas de coordenação e controle, além de orientar a execução de ensaios, para que o adestramento refinado possibilite a execução da substituição no mais curto prazo possível. Tudo isso visando a ampliar a capacidade de sucesso de uma substituição de uma unidade paraquedista, haja vista que o território em que uma cabeça de ponte aérea é estabelecida encontra-se atrás das linhas inimigas.

6.3.1.7 Os planos e ordens devem ser determinados pelo escalão superior. Planos de dissimulação, incluindo todas as medidas que permitam assegurar o sigilo e a surpresa, devem ser providenciados.

6.3.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DE SUBSTITUIÇÃO

6.3.2.1 Existem três formas para se substituir uma unidade:
a) em posição;
b) por ultrapassagem; e
c) por acolhimento.

6.3.2.2 Mediante o êxito da operação de junção, para todos as formas de substituição de uma unidade paraquedista, o Esqd C Pqdt é o responsável pela segurança e vigilância durante toda a operação.

6.3.3 SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

6.3.3.1 A substituição em posição ocorre quando a unidade paraquedista está com o dispositivo de defesa conquistado e consolidado em uma cabeça de ponte aérea e esta é substituída no mesmo local, para que o prosseguimento das operações seja em caráter ofensivo e dinâmico ou para a manutenção do estado defensivo e estático.

6.3.3.2 Por se tratar de um sistema defensivo circular em todas as direções, a substituição em posição em uma cabeça de ponte aérea será realizada da frente (direção provável do inimigo) para a retaguarda e de maneira simultânea de todas as unidades desdobradas na C Pnt Ae. A coordenação com as unidades vizinhas e de apoio são de responsabilidade da unidade substituta.

6.3.3.3 Durante a substituição em posição, o Esqd C Pqdt deve reconhecer os itinerários de progressão que serão utilizados, bem como estabelecer postos de observação visando a prover a segurança e vigilância durante toda a operação.

6.3.3.4 Os itinerários de progressão para cada unidade da Bda Inf Pqdt, devem ser reconhecidos, prioritariamente durante o dia, pelos Pel C Pqdt de forma que cada pelotão seja responsável pelos itinerários de progressão e zona de ação de uma unidade.

6.5.3.5 É importante ressaltar, que durante a realização da substituição em posição, a rotina operativa na cabeça de ponte aérea deve ser mantida e o estado de alerta da tropa estacionária deve ser máximo. Medidas de CI são empregadas para evitar que a operação seja revelada, incluindo a continuidade de atividades normais tais como fogos de apoio e emissão de ondas eletromagnéticas (rádio, radares e outros). Os fogos das unidades da Bda Inf Pqdt devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do inimigo, em caso de contato com o inimigo durante a operação.

6.3.3.6 Os postos de observação podem ser planejados ao longo dos flancos expostos dos diversos itinerários de progressão, a vanguarda do deslocamento nos itinerários de progressão pode ser conduzida por tropas do Esqd C Pqdt, visando a aproveitar sua mobilidade, fazendo com que a substituição seja conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o controle e o sigilo.

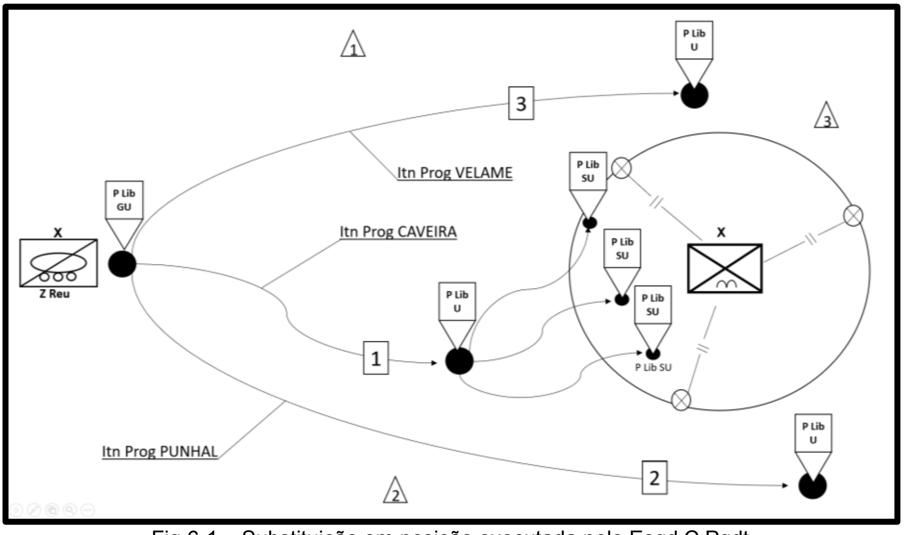


Fig 6-1 – Substituição em posição executada pelo Esqd C Pqdt

6.3.4 SUBSTITUIÇÃO POR ULTRAPASSAGEM

6.3.4.1 Ultrapassagem é uma operação na qual uma unidade ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. Nessa situação, normalmente a Bda Inf Pqdt é a força estacionária, em contato com o inimigo, sendo ultrapassada. O Esqd C Pqdt exerce papel preponderante na segurança e vigilância, utilizando sua mobilidade e flexibilidade para potencializar a velocidade da ultrapassagem.

6.3.4.2 A ultrapassagem exige planejamento cuidadoso e coordenação cerrada. As unidades da Bda Inf Pqdt em contato proveem todo o apoio possível à U que vai ultrapassá-las, o Esqd C Pqdt participa da operação realizando a segurança e balizamentos necessários para uma ultrapassagem eficiente. O Esqd pode permanecer em posição e apoiar as U que ultrapassam até que seus fogos se tornem ineficazes. Após a operação, o Esqd C Pqdt pode permanecer em posição ou ser empregado em outra ação em prol da Bda Inf Pqdt.

6.3.4.3 Para uma ultrapassagem exitosa, é fundamental que o Esqd C Pqdt utilize seus vetores de inteligência para alimentar o Esc Sp com o máximo de dados sobre o inimigo que está em contato. O emprego das aeronaves remotamente pilotáveis e radares de vigilância terrestre tem papel preponderante nessas situações.

6.3.4.4 As medidas de coordenação e controle utilizadas durante a substituição em posição devem constar para o planejamento da ultrapassagem, porém, deve-se evidenciar que parte do poder de combate do Esqd pode estar sendo empregado no contato com o inimigo, sendo uma ação comum que pode ser realizada em caráter limitado pelo Esqd.

6.3.4.5 Dentro do contexto do emprego da Bda Inf Pqdt isolada, antes da operação de junção, o Esqd C Pqdt, por ser a tropa com maior mobilidade dentro desta GU, tem a capacidade de executar uma ultrapassagem para substituir um batalhão que, porventura, esteja desgastado ou desfalcado, seja para iniciar um ataque ou para mudar o ritmo de uma operação. O contrário também pode ocorrer em casos que o Esqd apoie a ultrapassagem dos BI Pqdt.

6.3.4.6 O Esqd lidera o movimento pelos itinerários de ultrapassagem previamente reconhecidos por ele, conforme técnica utilizada durante a substituição em posição, de forma a orientar a tropa substituta a passar pelas áreas selecionadas que devem estar desocupadas, localizadas entre os elementos da unidade em posição ou em seus flancos. Esse procedimento visa a reduzir a possibilidade de fratricídio.

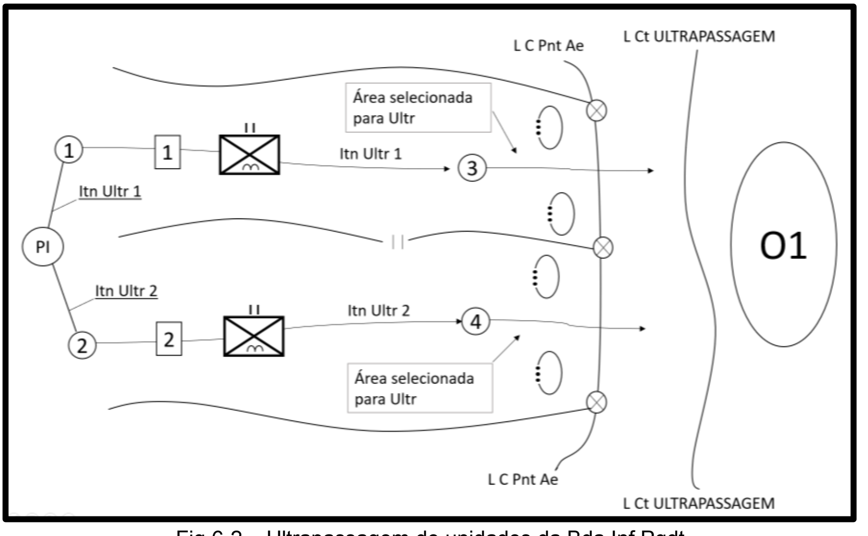


Fig 6-2 – Ultrapassagem de unidades da Bda Inf Pqdt

6.3.4.7 O emprego de guias até o escalão pelotão deve ser explorado e estes serão controlados pelo próprio Esqd C Pqdt, mesmo que estes perteçam às outras unidades da Bda Ind Pqdt, que auxilia com técnicas de sinalização, emprego de equipamentos de visão noturna e emprego dos meios da Seç Vig Ter.

6.3.4.8 Passagem do Comando da Zona de Ação:

a) a hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida, a tropa substituta deve ser determinada pelo Esc Sp e deve ser de conhecimento do Esqd para que este faça seu planejamento de deslocamentos visando ao cumprimento do horário estabelecido, bem como o pleno atendimento de todas as condições;

b) normalmente, o Cmt da força substituta assume a responsabilidade pela Z Aç na hora do ataque. A responsabilidade pela Z Aç pode, também, ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, mediante ordem do comando que determinar a Ultr; e
c) em princípio, os Cmt U da Bda Inf Pqdt em contato exercem o controle operacional sobre os elementos da tropa substituta em sua Z Aç, até que a responsabilidade por essa área passe para o Cmdo da força substituta.

6.3.5 SUBSTITUIÇÃO POR ACOLHIMENTO

6.3.5.1 É a operação na qual uma força, em movimento retrógrado, passa através da zona de ação de outra que ocupa posição defensiva e/ou retardadora à sua retaguarda. A força acolhida realiza um retraimento através de uma posição. Pelas suas características de emprego, a Bda Inf Pqdt não é prioritariamente enquadrada neste tipo de operação, logo, o Esqd C Pqdt não realiza esse tipo de operação.

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

CAPÍTULO VII

MOVIMENTO E MANOBRA
OPERAÇÕES EM AMBIENTES ESPECIAIS

7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.1.1 O Esqd C Pqdt pode ser empregado em ambientes operacionais com características tão peculiares que exigem da tropa TTP específicos para o cumprimento de sua missão.

7.1.2 Para fins de preparo e emprego do Esqd C Pqdt, os ambientes com características especiais estão divididos nos seguintes tipos: de selva, de pantanal, de caatinga e de montanha. Pode ocorrer que em uma mesma região coexistam mais de um ambiente, tais como serra e terrenos montanhosos; matas densas e selva; e caatinga.

7.1.3 Esses ambientes, por conta de suas especificidades, principalmente quanto aos aspectos fisiográficos, requerem adaptação e aclimatação da tropa, bem como a utilização de materiais e equipamentos especiais.

7.1.4 O terreno difícil pode reduzir a impulsão das operações ou canalizar o movimento das tropas mecanizadas, aumentando suas vulnerabilidades. Em outros casos, o terreno pode oferecer cobertura e proteção natural contra os efeitos dos ataques inimigos. De qualquer forma, a utilização do terreno restritivo tende a aumentar as oportunidades para se obter a surpresa.

7.1.5 As considerações levantadas para os ambientes brasileiros podem, com as devidas daptações, ser aplicadas em outras regiões semelhantes do mundo.

7.2 OPERAÇÕES EM SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

7.2.1 GENERALIDADES

7.2.1.1 As características e as possibilidades do Esqd C Pdqt e de suas VB, se exploradas adequadamente, podem contribuir para o sucesso das Op nas regiões de serras e terrenos montanhosos, aumentando o poder de Cmb da tropa nesse ambiente operacional.

7.2.1.2 O relevo compartimentado das regiões de serras e de terrenos montanhosos retarda o movimento, restringe a mobilidade, reduz os campos de tiro das armas e a eficiência e alcance das comunicações, tornando difíceis o C2

e o apoio logístico. As estradas são, normalmente, escassas, estreitas e sinuosas e necessitam de manutenção intensiva.

7.2.1.3 Entretanto, as características e as possibilidades do Esqd C Pqdt e de suas VB, se exploradas adequadamente, podem contribuir para o sucesso da Op, aumentando o poder de Cmb do escalão superior neste ambiente operacional.

7.2.1.4 Mudanças rápidas e extremas da temperatura, acompanhadas por neblina ou chuvas, restringem ainda mais a observação e os campos de tiro. O amplo emprego dos instrumentos de IRVA ameniza as limitações da observação nessa situação.

7.2.1.5 Nesse cenário, crescem de valor como acidentes capitais as alturas que dominam as vias de transportes, as obras de arte nessas vias e as regiões de passagem entre as montanhas.



Fig 7-1 – Esqd Pqdt em ambiente montanhoso

7.2.2 INFLUÊNCIA SOBRE AS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

7.2.2.1 O movimento aéreo em área de montanha pode ser dificultado pelas más condições de visibilidade horizontal e vertical, pela velocidade e variação da direção dos ventos, por queda no desempenho das aeronaves e pelos próprios obstáculos representados pelas alturas, por ocasião da aproximação para o desembarque.

7.2.2.2 Devido às dificuldades que o terreno impõe ao movimento terrestre, o desembarque deve ser planejado o mais próximo possível do(s) objetivo(s) ou sobre o objetivo, como por exemplo sobre os aeródromos. Entretanto, dificuldades de ordem técnica ou tática podem impedir que assim seja feito. Tendo em vista a alta declividade do terreno, a aterragem por paraquedas fica dificultada. Outra possibilidade é a realização de lançamento aéreo sobre ZL delimitadas em vales ou em platôs, altiplanos ou chapadas.

7.2.2.3 A F Aet pode ser apoiada por elementos dos batalhões de montanha, a fim de auxiliar na transposição de paredes rochosas, escalada e desescalada de obstáculos.

7.2.3 CONDUTA NAS OPERAÇÕES DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NAS REGIÕES DE SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

7.2.3.1 A doutrina de emprego do Esqd C Pqdt em região montanhosa não difere, em sua essência, daquela preconizada para o terreno convencional. Ela sofre, entretanto, algumas adaptações que as características do ambiente operacional impõem. Este pode exigir técnicas especiais de montanhismo para sua transposição e/ou utilização.

7.2.3.2 Nas regiões de serras e terrenos montanhosos, o reconhecimento, a segurança, e os movimentos retrógrados podem ser executados a bom termo, considerados os fatores da decisão. Já na execução das ações ofensivas ou defensivas, que efetivamente exijam o desdobramento no terreno, as limitações se tornam preponderantes e reduzem a capacidade de combate do Esqd C Pqdt.

7.2.3.3 O emprego das viaturas blindadas também é restrito, tendo em vista que, na maioria das vezes, essas viaturas ficam confinadas ao leito das estradas e trilhas. Entretanto, a viatura pode ser utilizada sob as estradas e trilhas ou ocupar Z Reu e o armamento AC pode ser transportado para ocupar as posições durante a operação.

7.2.3.4 O emprego do grupo de exploradores com as viaturas leves e motocicletas se tornam importantes para caso necessário, vigiar regiões adjacentes às estradas e trilhas que são impeditivas ou restritivas para as viaturas blindadas.

7.2.3.5 As serras e montanhas limitam as comunicações, afetando diretamente o comando e controle. As comunicações via rádio, em especial as de pequeno alcance, são afetadas pelos obstáculos interpostos e pela diferença de altitudes entre as estações. Isso aumenta a importância do estudo do terreno, das condições meteorológicas e do inimigo, bem como a realização de ensaios e o emprego de NGA e condutas preestabelecidas desde o nível pelotão, para cada fase da operação.

7.2.3.6 Tendo em vista as dificuldades de deslocamento e de coordenação, o excesso de medidas de coordenação e controle poderá atrasar a operação. As medidas estabelecidas deverão ser as estritamente necessárias.

7.2.3.7 As pontes, túneis e viadutos, por serem locais que canalizam o movimento, tornam-se regiões de capital interesse para as operações, devendo ser objeto de especial atenção. Na ação retardadora, as regiões de pontes são utilizadas, normalmente, como obstáculos onde se apoiam as posições Rtrd. Por isso, durante as ações de reconhecimento, a transposição dessas obras de arte deverá ser precedida de um reconhecimento detalhado, que abrangerá as regiões que retiram os tiros diretos e a observação, na segunda margem ou na saída delas.

7.3 OPERAÇÕES EM REGIÕES DE MATAS DENSAS E SELVA

7.3.1 GENERALIDADES

7.3.1.1 O emprego do Esqd C Pqdt, em regiões de densa cobertura vegetal, é limitado pelas características de seus meios. Ainda assim, forças mecanizadas podem contribuir para aumentar o poder de combate da tropa que opera nessas áreas, quando empregadas em locais específicos, como estradas, campos de pouso, instalações e localidades.

7.3.1.2 Nas regiões de selva e mata densa, a mobilidade dos meios motorizados e mecanizados se restringe às poucas estradas existentes e que, nas áreas de selva, geralmente tem sua trafegabilidade sujeita ao regime de chuvas. Na selva, a elevada temperatura e intensa umidade interferem na eficiência dos computadores e optrônicos. E a densa cobertura vegetal e o grande porte das árvores diminuem sensivelmente os campos de tiro para o canhão, o alcance das comunicações e a capacidade dos equipamentos de observação, das ARP e dos RVT.

7.3.1.3 As características da selva exigem a aclimatação orgânica, adestramento específico e cuidados com o material e com os suprimentos, dadas as dificuldades de apoio logístico. A restrição à liberdade de movimento, aliada às dificuldades de observação C2, agrava as vulnerabilidades da tropa embarcada, exigindo redobrada atenção de seus tripulantes.

7.3.1.4 Caso organizações provisórias ou tropas desembarcadas venham a ser empregadas, é importante considerar a necessidade de não comprometer a segurança e sobrevivência dos meios mecanizados, sobretudo das viaturas blindadas.

7.3.1.5 As características e possibilidades do Esqd C Pqdt, equilibradas entre suas viaturas leves e blindadas, se exploradas adequadamente, poderão contribuir para o sucesso das operações nas regiões de densa cobertura vegetal, como as regiões cobertas pela floresta amazônica.

7.3.1.6 O Esqd C Pqdt, ainda que seus meios mecanizados sejam limitados pelas características do terreno ou da missão, seus meios de IRVA podem ser utilizados para vigiar ou monitorar RIPI em faixas de terreno ou massas de água, fornecendo alerta oportuno em proveito do escalão superior.

7.3.2 INFLUÊNCIA SOBRE AS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

7.3.2.1 Em regiões de selva ou alagadiças, o emprego do Esqd C Pqdt normalmente ficará restrito a:
a) missões de segurança e defesa de bases de combate e pontos fortes nas localidades, ancoradouros, campos de pouso e ao longo das estradas;
b) atuar como SEGAR, escolta de comboios e como reserva móvel e potente no interior de bases de combate de maior porte e importância;
c) operações ofensivas limitadas, em situações particulares, e condicionadas às características especiais do terreno;
d) reconhecimento de eixo terrestre ou via fluvial, sendo esta última desde que apoiada pelos meios adequados; e
e) reforçar o escalão precursor para prover a segurança dos eixos que incidem sobre a Z Dbq.

7.3.2.2 Nessas regiões, as principais ações táticas serão realizadas ao longo dos eixos existentes, crescendo de importância os acidentes do terreno que permitam o controle da circulação, tais como as localidades, os nós rodoviários, os campos de pouso e os ancoradouros.

7.3.2.3 As tropas que operam por meios terrestres ou fluviais, as pontes, balsas, vaus, localidades ao longo dos eixos, as próprias vias e os rios navegáveis transversais poderão ser considerados pontos críticos ou decisivos para as operações, sendo a manutenção de seu domínio indispensável ao sucesso da operação.

7.3.2.4 Dado o grande número de cursos d’água nas regiões de selvas, as tropas mecanizadas que nela operam poderão receber apoio de tropas aptas a atuarem em botes e/ou embarcações leves diversas, de modo que possam executar reconhecimentos (golpes de sonda, inclusive), vigilância de combate e a própria segurança, em complemento às operações terrestres.

7.3.2.5 Períodos chuvosos limitam o emprego do Esqd C Pqdt, devendo ser dada especial atenção às precauções necessárias para evitar que a SU fique detida no terreno.

7.3.2.6 As selvas tropicais, por suas características fisiográficas, exigem que o Esqd C Pqdt, como as demais forças que não sejam desse ambiente operacional, esteja convenientemente aclimatado e familiarizado com as peculiaridades do combate na região onde vai operar, antes de ser empregado.

7.3.2.7 A manutenção de viaturas, armamentos e equipamentos deve ser incrementada, objetivando evitar a ferrugem, o mofo e fungos nos equipamentos óticos e optrônicos e a sua deterioração causada pela excessiva umidade e pelas chuvas abundantes.

7.3.2.8 O combate nesse tipo especial de ambiente exige uma maior ação de comando, particularmente na manutenção da moral da tropa e do estado de saúde dos combatentes.



Fig 7-2 – Esqd Pqdt no reconhecimento fluvial

7.3.3 CONDUTA NAS OPERAÇÕES DAS REGIÕES DE SELVA E DE MATAS DENSAS

7.3.3.1 Emprego do Esqd CPqdt nas Regiões de Selva e de Matas Densas

7.3.3.1.1 O emprego do Esqd C Pqdt, nas regiões de selva e de matas densas, dificulta a exploração de algumas de suas características e é necessária a adoção de técnicas e processos de Cmb e de Ap Log especiais. As principais modificações táticas e logísticas devem ser:

a) a grande redução na mobilidade das frações, restrita aos eixos e espaços abertos junto a estes e nas localidades;

b) a redução dos campos de tiro e de observação;
c) alterações nas técnicas e processo de deslocamento;
d) permanente necessidade de Seg em todas as direções;
e) maior dependência do apoio de fuzileiros desembarcados e da Eng;
f) maior importância das missões de Def e Seg de áreas de Rtgd, como as de escolta de comboios, a Def de pontos fortes e a Seg de pontos sensíveis;
g) maior necessidade de manutenção de todos os equipamentos, os armamentos e as viaturas e o consequente aumento do consumo de suprimentos classes III e IX;
h) maior dificuldade na exploração das comunicações rádio;
i) realização de maior número de missões desembarcadas;
j) emprego isolado dos Pel ou frações;
k) restrições ao emprego das armas AC e dos morteiros; e
l) emprego de forma modular adaptável aos fatores de decisão, com equipamentos pesados ou motorizados sendo introduzidos posteriormente pelo escalão de acompanhamento.

7.3.3.2 As restrições impostas pelo terreno diminuem sensivelmente a possibilidade de emprego do Esqd C Pqdt em operações ofensivas ou defensivas, condicionando essas atividades para o reconhecimento e a segurança.

7.3.3.3 O Esqd C Pqdt, devido à limitação de efetivo e de meios, em princípio, só deve realizar ataques quando indispensáveis ao cumprimento das missões de segurança ou reconhecimento. Devido ao fato de ser a única unidade dotada de meios blindados na Bda Inf Pqdt, pode compor temporariamente forças-tarefas reforçadas por tropas de outra natureza, para que possa cumprir missões pontuais com objetivos limitados, aproveitando da ação de choque e proteção blindada de suas viaturas nestas regiões onde a força oponente apresenta reduzida capacidade anticarro.

7.3.3.4 O emprego do Esqd C Pqdt, nas operações defensivas, só deve ocorrer em situações excepcionais, em função das mesmas restrições para o emprego da unidade nas operações ofensivas, acrescidas da facilidade que a cobertura vegetal proporciona para a execução de incursões e infiltrações por parte do inimigo. Seus meios mecanizados podem ser empregados na defesa de pontos sensíveis ao longo dos eixos terrestres ou de grandes bases de combate nas regiões desmatadas, nas cidades ou nas áreas de retaguarda.

7.3.3.5 Nas operações de reconhecimento e de segurança, quando empregado em 1º escalão, o Esqd C Pqdt deve priorizar o emprego de seus meios ARP e priorizar a execução dos lanços sucessivos de seus elementos de manobra, como forma de evitar uma emboscada da tropa como um todo.

7.3.3.6 Na iminência do contato, ou na possibilidade de transpor área sob o controle do inimigo, seus meios blindados devem contar com a defesa aproximada de tropa a pé caso a situação assim permita.

7.3.3.7 Nas operações em áreas de matas densas ou de selva, o alcance de rádio será muito reduzido, por causa do efeito do anteparo da vegetação densa. A eficiência do rádio depende da localização e das condições atmosféricas. O emprego de meios de comunicação por satélite ou de aeronaves, quando disponíveis, deve ser considerado para a retransmissão via rádio, principalmente nas situações críticas do combate.

7.3.3.8 Em regiões com muitas áreas alagadas, é fundamental para o sucesso das operações neste ambiente o apoio cerrado da aviação de asa rotativa para o rápido deslocamento de meios e de efetivo em locais de difícil acesso.

7.3.3.9 Os meios de RVT possuem reduzida capacidade em regiões de mata densa, porém constituem importante meio de sensoriamento em regiões de planícies alagadas e em eixos fluviais, podendo cobrir grandes extensões de monitoramento caso posicionados em locais com comandamento.

7.4 OPERAÇÕES NA CAATINGA

7.4.1 GENERALIDADES

7.4.1.1 As áreas de caatinga possuem as seguintes características gerais: baixa pluviosidade, pouca umidade, altas temperaturas, grande amplitude térmica diária, rápida recuperação da vegetação à chegada das chuvas e dificuldade de movimentos fora das poucas estradas existentes.

7.4.1.2 O relevo normalmente é suave, com amplos espaços que favorecem a manobra, porém a superfície pedregosa e a vegetação característica da região dificultam o deslocamento de viaturas sobre rodas. As temperaturas elevadas, a poeira, o solo pedregoso e a vegetação hostil dificultam as operações e a adaptação da tropa.

7.4.2 INFLUÊNCIA SOBRE AS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

7.4.2.1 Os afloramentos rochosos e as serras oferecem alguma coberta para o movimento aéreo, ao mesmo tempo em que exigem maior cautela quanto à segurança do voo tático. Por se tratar de uma região com predominância de terreno pedregoso e vegetação emaranhada e retorcida, é necessário a seleção rigorosa das ZL da tropa.

7.4.3 CONDUTA NAS OPERAÇÕES EM REGIÕES DE CAATINGA

7.4.3.1 Nas regiões de caatinga, as operações do Esqd C Pqdt serão facilitadas pelos campos de tiro e observação amplos e profundo. A vegetação ressecada e os seixos e pedras do terreno, em certas áreas, poderão restringir o movimento de vtr, exigindo maior atenção dos motoristas e mais trabalho de manutenção.

7.4.3.2 As operações são influenciadas pelos seguintes fatores:
a) campos de tiro extenso;
b) menor restrição à manobra, porém maiores restrições quanto à localização e utilização das vias de transportes terrestres;
c) aumento das necessidades de segurança e das medidas de camuflagem para forças mecanizadas;
d) aumento dos problemas de Ap Log;
e) elevada necessidade de suprimento e manutenção para viaturas e equipamentos, devido à poeira, ao solo pedregoso e às variações de temperatura;
f) necessidade de ressuprimento classe I, principalmente água, podendo demandar de ressuprimentos aéreos; e
g) grande alcance das comunicações.

7.4.3.3 Durante as ações de Rec, deve ser buscado o máximo emprego das ARP, a fim de determinar a localização e a direção da força principal do inimigo na Z Aç da unidade. Os Cmt Pel devem ter cuidados especiais com a manutenção do sigilo devido à poeira levantada durante os deslocamentos das viaturas. Os informes a respeito dos recursos locais que possam facilitar o Ap Log devem ser incluídos nos EEI dos reconhecimentos.

7.4.3.4 Nas operações de segurança, a utilização de uma rede de vigilância dotada de ARP, RVT, meios móveis e de comunicações de grande alcance reduz as dificuldades causadas pelos espaços amplos, economizando os meios disponíveis.

7.4.4 PREPARAÇÃO E APRONTO DA TROPA

7.4.4.1 Operações nesse ambiente requerem um intensivo programa de preparação e apronto da tropa, a fim de aclimatar o homem, preparar os materiais e adaptar a doutrina às condições da área.

7.4.4.2 A aclimatação da tropa deve focalizar a adaptação dos quadros às temperaturas extremas, à escassez de água e de chuvas, à insolação, à poeira e ao equipamento individual utilizado pela unidade.

7.4.4.3 Os elementos de saúde têm importância capital nessas atividades, determinando as enfermidades mais comuns e a resposta fisiológica da tropa quando em operações no ambiente árido.

7.4.4.4 O material e o equipamento individual e coletivo devem ser adaptados, garantindo maior durabilidade e conforto à tropa, como por exemplo, a necessidade de utilização de óculos de proteção e gibão (roupa de couro para proteção contra vegetação espinhosa) para o salto na caatinga.

CAPÍTULO VIII

INTELIGÊNCIA

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 O Esqd C Pqdt é apto a realizar ações de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos (IRVA). Seus meios e capacidades operativas são vocacionados para esse tipo de atividade, contribuindo para o aumento da consciência situacional do escalão superior.

8.1.2 O Cmt de Esqd é o principal responsável pelos assuntos de Intlg, devendo orientar, coordenar e difundir os conhecimentos.

8.2 A INTELIGÊNCIA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

8.2.1 A Turma de Inteligência e Operações (Tu Intlg Op) é responsável por planejar, coordenar e supervisionar as atividades de inteligência, bem como o emprego de todos os meios orgânicos de obtenção de dados (Pel C Pqdt, RVT, CLA, ARP e Cçd,) e os recebidos do Esc Sp. Deve, ainda, estabelecer a prioridade e a urgência para a obtenção desses dados, especificando a fonte mais adequada, sempre que isso for possível.

8.2.2 A Tu Intlg Op possui as seguintes atribuições:
a) estabelecer um banco de dados que compreenda todas as informações relevantes sobre o ambiente operacional e as ameaças;
b) identificar as características da área de operações, incluindo as considerações civis, que influenciarão as nossas operações e as do inimigo;
c) estabelecer a área de interesse, de acordo com as diretrizes do Cmt;
d) levantar e consolidar as NI;
e) monitorar e difundir previsões contínuas sobre as condições meteorológicas, determinando as suas influências nas operações correntes e planejadas;
f) identificar os riscos existentes na área de operações, incluindo riscos de doenças e materiais industriais tóxicos;
g) identificar as características do ambiente informacional que podem ser influenciadas pelas operações do inimigo;
h) determinar a doutrina e TTP empregados pelo inimigo;
i) identificar as possibilidades do inimigo, suas matrizes doutrinárias e apoiar a identificação dos alvos altamente compensadores;
j) determinar as diversas linhas de ação possíveis do inimigo, antecipando suas ações, capacidades e situações futuras;
k) integrar as informações do processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC) ao exame de situação;

l) planejar, em conjunto com todos os oficiais do EM, as atividades de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA); e
m) coordenar os trabalhos dos meios de obtenção de dados do Esqd C Pqdt.

8.2.3 PELOTÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

8.2.3.1 O Cmt Esqd emprega prioritariamente os seus três Pel C Pqdt na busca de informes sobre o inimigo, o terreno e as atividades humanas. Esses pelotões possuem organização, estruturas, treinamento e equipamentos de IRVA desenvolvidos especificamente para as ações de reconhecimento.

8.2.4 SEÇÃO DE VIGILÂNCIA TERRESTRE E OBSERVAÇÃO

8.2.4.1 A Seção de Vigilância Terrestre e Observação, orgânica do Pel Cmdo Ap, é composta de 2 (duas) equipes de radar e pela Turma SARP. Essa seção conta com equipamentos que podem obter imagens da área de operações em tempo real, contribuindo para a produção do conhecimento, de acordo com as NI elencadas pelo Cmt Esqd. Esses materiais devem ser lançados prioritariamente com o Esqd C Pqdt no escalão precursor.

8.2.4.2 Equipes de Radar de Vigilância Terrestre (RVT)

8.2.4.2.1 As equipes empregam os RVT, que podem estar associados a uma câmera de longo alcande (CLA), reforçando a capacidade de busca de informes dos equipamentos de IRVA do Pel C Pqdt, rastreando, detectando, identificando e acompanhando alvos terrestres e aéreos a baixa altura.

8.2.4.2.2 Os RVT executam vigilância, podendo adquirir, classificar, localizar, rastrear e exibir graficamente alvos em terra ou baixa altura, a grande distância, de dia e de noite.

8.2.4.2.3 As CLA permitem observar setores, possibilitando identificar visualmente, analisar e acompanhar alvos terrestres a grande distância, de dia e de noite.

8.2.4.2.4 A possibilidade de vigiar, com grande eficácia, profundas faixas do terreno, permite que os RVT e as CLA reforcem as capacidades de IRVA dos Pel C Pqdt, sobretudo em ações estáticas, como na ocupação de P Bloq e Z Reu.

8.2.4.2.5 O emprego das Eqp RVT é planejado, coordenado e controlado pelo pela Tu Intlg Op, que pode centralizar os RVT sob seu controle direto, ocupando postos de observação em qualquer parte da Z Aç Esqd ou descentralizá-las para que fiquem sob controle dos Pel C Pqdt em suas Z Aç.

8.2.4.2.6 Os RVT e a CLA podem ser empregados para:
a) vigiar a Z Aç, em 360º ou em setores definidos, para a coleta de dados sobre as forças amigas e inimigas;
b) apoiar e refinar a capacidade dos Pel C Pqdt na aquisição, identificação e acompanhamento de alvos e do OA na ajustagem e condução de tiros indiretos;
c) vigiar áreas restritas;
d) manter vigilância sobre rotas de aproximação de helicópteros e outras aeronaves inimigas, a baixa altura;
e) manter observação permanente, de dia, à noite e sob diversas condições climáticas;
f) aumentar a capacidade de reconhecimento e de vigilância pela observação de áreas além do alcance visual;
g) auxiliar no controle das peças de manobra, especialmente em operações noturnas, localizando-as e alertando-as sobre atividades Ini próximas às suas posições ou ao longo dos seus Itn e E Prog;
h) confirmar alvos detectados por outros meios de busca e Vig eletrônica;
i) aumentar a efetividade e a possibilidade de sobrevivência dos Pel C Pqdt, quando desembarcados, mantendo-os informados da situação e localização do inimigo; e
j) monitorar RIPI.

8.2.4.2.7 Fatores a serem considerados pela Tu Intlg Op antes do emprego dos RVT:
a) a emissão de ondas eletromagnéticas do RVT é detectável pelo inimigo, o que pode denunciar as operações e comprometer a manobra;
b) a sensibilidade do RVT a ações de bloqueio da GE inimiga;
c) a necessidade de visada direta para que o RVT e a CLA detectem o alvo, sendo possível a existência de áreas de sombra no setor de vigilância designado;
d) as condições climáticas;
e) a situação tática; e
f) o acondicionamento dos RVT dentro das aeronaves para o lançamento.

8.2.4.2.8 Os RVT e as CLA são vulneráveis às ações de GE Ini (MAGE e MAE) e à necessidade de visada direta para a obtenção de dados.

8.2.4.2.9 O emprego de RVT e CLA é muito útil para suprir deficiências e acelerar a construção da consciência situacional, principalmente em operações com áreas extensas e com poucos dados sobre terreno e inimigo.

8.2.4.2.10 As Eqp Vig Ter geralmente são empregadas para:
a) vigiar faixas de terreno à frente das posições ou cobrindo flancos expostos e brechas no dispositivo;
b) manter o contato com o inimigo, pela observação;
c) antecipar deslocamentos de elementos de reconhecimento do inimigo, reduzindo a possibilidade de que o Esqd seja surpreendido;
d) detectar, localizar e identificar elementos inimigos infiltrados;

e) vigiar áreas não cobertas pelos PO ou não percorridas pelas patrulhas; e
f) ampliar a capacidade de vigilância dos Pel C Pqdt, intensificando e aprofundando a observação sobre as principais VA do inimigo.

8.2.4.3 Turma de Aeronaves Remotamente Pilotadas (Tu ARP)

8.2.4.3.1 A Tu ARP, orgânica do Pel Cmdo Ap, coleta de informes precisos fora da linha de observação, possibilitando ao Esqd C Pqdt antecipar-se às mudanças na situação tática e no ambiente operacional.

8.2.4.3.2 O emprego da ARP complementa e amplia as capacidades de IRVA dos Pel C Pqdt, em função da possibilidade de sobrevoar zonas hostis tanto de dia quanto à noite. Tipicamente, a aeronave é utilizada para obtenção de informações em tempo real sobre o inimigo, terreno e condições meteorológicas e para observação de objetivos e aquisição de alvos.

8.2.4.3.3 A Tu Intlg Op coordena e controla a Tu ARP, devendo observar:
a) o objetivo que caracteriza os EEI a ser respondido é muito profundo, frente ao tempo disponível ou a urgência na obtenção das informações;
b) a resposta aos EEI buscados é crucial para o prosseguimento da missão; e
c) existem posições inimigas conhecidas na Z Aç, que elevam o risco para o reconhecimento terrestre.

8.2.4.3.4 Ao planejar o emprego da Tu ARP, a Tu Intlg Op deve considerar, em relação às ARP:
a) a adequação do meio ao tipo de informes que se deseja obter sobre o inimigo, o terreno e as atividades humanas;
b) a conveniência do emprego, uma vez que a detecção das aeronaves pelo inimigo pode denunciar as operações e comprometer a manobra;
c) as limitações de tempo de voo e alcance, em função da categoria da aeronave;
d) as condições climáticas; e
e) a situação tática.

8.2.4.3.5 O emprego da Tu ARP torna-se bastante vantajoso para suprir deficiências e maximizar possibilidades dos elementos de manobra, principalmente em operações com áreas extensas e com poucos dados sobre terreno e inimigo.

8.2.4.3.6 A Tu ARP geralmente é empregada para:
a) coletar informações de forma antecipada sobre um ponto, eixo, uma área ou zona a ser reconhecida, fornecendo dados sobre o terreno e o inimigo à sua frente, ou complementando o reconhecimento terrestre e proporcionando maior agilidade no cumprimento de suas missões;
b) reconhecer e vigiar faixas de terreno à frente das posições ou cobrindo flancos expostos e brechas no dispositivo;
c) manter o contato com o inimigo, por meio da observação;

d) esclarecer a situação tática, obtendo informações contínuas e em tempo real sobre as atividades do inimigo, seu valor, organização, natureza e direção de deslocamento, com vistas a identificar suas intenções e evitar que o Esqd seja surpreendido;
e) detectar, localizar e identificar elementos inimigos de reconhecimento, observadores de artilharia e morteiros, caçadores, RVT, equipes operando ARP à frente da linha de segurança e, dependendo da situação, posições dos elementos de manobra e do Ap F do 1º escalão;
f) detectar, localizar e identificar elementos inimigos infiltrados ou em condições de se infiltrar;
g) realizar a vigilância de áreas entre os PO, cobrindo áreas do terreno não observadas pelos PO ou áreas não percorridas pelas patrulhas, particularmente em missões de larga frente;
h) ampliar a capacidade de vigilância, aprofundando a observação sobre as principais VA do inimigo;
i) levantar informes que possam orientar ou auxiliar a ação da força de contrarreconhecimento, orientando o seu deslocamento, indicando alvos e alertando sobre emboscadas e situação do inimigo;
j) acompanhar o deslocamento de comboios, aterragens ou desembarques de F Aet ou Amv; e
k) Monitorar RIPI.

8.2.4.4 Turma de Caçadores (Tu Cçd)

8.2.4.4.1 A Tu de Cçd, orgânica do Pel Cmdo Ap, é composta por uma equipe de Cçd, podendo ser empregada tanto de forma centralizada em prol do Esqd como de forma descentralizada em reforço ou apoio direto aos Pel de manobra.

8.2.4.4.2 A Tu Cçd pode ser empregada na busca de dados de inteligência, enquanto cumpre sua missão precípua de Ap F contra alvos críticos. Os Cçd podem conduzir fogos de apoio de artilharia e aéreo, tornando-se um multiplicador de combate no TO.

8.2.4.4.3 Os Cçd podem ser infiltrados tanto por meios terrestres, a pé ou viatura, como por meios aeromóveis e aeroterrestres, expandindo o raio de ação do Esqd C Pqdt.

8.3 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL E ELEMENTOS ESSENCIAIS DE INTELIGÊNCIA

8.3.1 A consciência situacional é a perfeita sintonia entre a situação real e a situação percebida pelo Cmt Esqd C Pqdt e seu EM. A percepção precisa dos fatores e condições que afetam a execução da atividade em que o Esqd está empenhado permite ao Cmt precaver-se da surpresa e antecipar ações, empregando seus meios na medida certa e no momento e locais decisivos.

8.3.2 A utilização dos meios orgânicos de inteligência contribui para a consciência situacional do Cmt Esqd, permitindo entender os atores e as ameaças presentes e, também, acompanhar em tempo real as constantes alterações do ambiente operacional.

8.3.3 A consciência situacional exige conhecimentos sobre as dimensões do ambiente operacional, sobre as nossas forças e sobre as possibilidades da ameaça enfrentada. Para produzir esses conhecimentos, é necessário dispor de algumas informações imprescindíveis, elencadas sob a forma de EEI.

8.3.4 Os EEI podem se originar tanto da avaliação do Cmt, quanto ser a ele propostos pelo S-3-/S-2, após o estudo de situação do EM. É prerrogativa do Cmt Esqd estipular, modificar ou cancelar os EEI.

8.3.5 A natureza e a quantidade de EEI variam de acordo com o tipo e a fase da operação em vigor e a disponibilidade de conhecimentos de inteligência. Entretanto, ao se determinar os EEI, deve-se ter em mente a necessidade de atender aos princípios da objetividade, oportunidade, precisão e relevância. Uma quantidade excessiva de EEI a serem buscados pode atrapalhar o andamento da manobra e gerar uma massa de informações irrelevantes, que não contribuem para a consciência situacional e o cumprimento da missão.

8.3.6 Os EEI mais comuns nas operações aeroterrestres são:
a) localização, dispositivo, composição, valor, equipamentos, pontos fortes e fracos da força inimiga, bem como de suas reservas;
b) sistemas de armas de fogo;
c) localização de unidades de armas de defesa aérea do inimigo e de mísseis;
d) sistema de comando e controle inimigo;
e) efeitos do terreno e condições meteorológicas sobre as operações;
f) quantidade, eixos de deslocamento/suprimento e a direção do movimento de civis deslocados, e
g) superioridade aérea local.

CAPÍTULO IX

APOIO DE FOGO

9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.1.1 O Apoio de Fogo (Ap F) é um dos principais recursos de que dispõe o Cmt Esqd C Pqdt para intervir no Cmb. Para que possa empregá-lo onde, quando e como julgue mais conveniente, o Ap F deve estar perfeitamente sincronizado com a manobra.

9.1.2 O Cmt Esqd C Pqdt é o responsável pelo emprego e coordenação do Ap F disponível, evitando duplicações de esforços, batendo os alvos com os meios mais adequados e realizando a integração dos fogos com a manobra concebida.

9.1.3 O principal meio de Ap F indireto, orgânico dos Esqd C Pqdt, são as peças de apoio de Mrt Me dos Pel. Os Mrt Me dos Pel C Pqdt podem ser centralizados em um Pel Provs de Mrt Me.



Fig 9-1 – Apoio de Fogo

9.1.4 A coordenação de Ap F, dentro dos Pel C Pqdt (ou no Pel Provs), é exercida pelos Cmt Pel, utilizando seus meios orgânicos e auxiliado pelo sargento adjunto de pelotão e pelo OA.

9.1.5 Todos os oficiais e praças da SU devem estar capacitados a pedir e ajustar os tiros de artilharia e de morteiro, como observadores de tiro, no caso de a SU não receber o apoio de OA.

9.2 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS

9.2.1 GENERALIDADES

9.2.1.1 O Cmt Esqd é o responsável pelo planejamento e coordenação dos fogos da SU.

9.2.1.2 O OA de Art apoia o planejamento dos fogos da SU, auxiliando o Cmt Esqd, mantendo constante ligação com o Coordenador de Apoio de Fogo (CAF) da Bda.

9.2.1.3 Para o planejamento e a condução dos fogos indiretos em apoio à manobra do Esqd C Pqdt, o Cmt SU pode ser assessorado pelo:
a) SCmt SU – oficial de apoio de fogo da SU;
b) o S-2/S-3 participa diretamente da coordenação dos fogos, podendo existir a presença do oficial de ligação de artilharia;
c) observador avançado de artilharia; e
d) guia aéreo avançado ou coordenador de apoio aéreo (CAA), quando em apoio ao Esqd.

9.2.1.4 Quando da condução das Op, os OA de artilharia formulam e transmitem os pedidos de fogos do Cmt SU ao CAF da Bda, observam e ajustam os tiros de Art Cmp. Quando em apoio ao Esqd, o CAA ou GAA realiza o mesmo trabalho do OA Art para o apoio aéreo.

9.2.2 PLANO DE APOIO DE FOGO

9.2.2.1 O plano de apoio de fogo (PAF) é o documento que integra a manobra e regula o emprego de todos os meios de Ap F, sejam eles orgânicos, em apoio ou em reforço ao Esqd.

9.2.2.2 Esse plano complementa o conceito da operação, contendo ordens e normas para a execução coordenada do Ap F. É um anexo à ordem ou plano de Op do Esqd no qual, em subparágrafos apropriados, são tratadas as particularidades dos diversos meios de Ap F e do emprego dos agentes químicos que devam ser do conhecimento geral.

9.2.2.3 O plano de fogos de Art ou seu extrato constitui, em princípio, a base do plano de Ap F do Esqd.

9.3.2.4 Normalmente, o PAF do Esqd é elaborado após a integração e coordenação dos planos de fogos das armas orgânicas e planos de fogos das armas que atuam em proveito do Esqd.

9.2.2.5 Execução do Planejamento

9.2.2.5.1 O planejamento do Ap F, em termos gerais, começa logo que o Cmt Esqd tenha concluído a análise da sua missão. Nessa oportunidade, sempre que possível, ele deve emitir uma diretriz sobre fogos, a fim de orientar o trabalho de planejamento.

9.2.2.5.2 O planejamento efetivo começa quando o Cmt toma a sua decisão e enuncia, para o EM, as linhas gerais do seu conceito da Op.

9.2.2.6 Elaboração do Plano de Apoio de Fogo

9.2.2.6.1 O Cmt Esqd C Pqdt, assessorado pelo S-2/S-3, pelo OA da artilharia, levanta alvos e prevê concentrações de Art, tendo em vista o apoio à sua manobra.

9.2.2.6.2 Os Cmt Pel C Pqdt, por sua vez, levantam alvos e preveem concentrações de Mrt Me. Após isso, remetem seus planos de fogos de Mrt Me para o OA, para comparação a fim de evitar duplicação de alvos.

9.2.2.6.3 Com base nas listas de alvos dos Pel C Pqdt e na lista de alvos do OA Art, é preparado um plano provisório de apoio de fogo da SU. Esse plano provisório é enviado à central de tiro (C Tir) do GAC. Esta, com base nos planos de fogos de todas as peças de manobra, confecciona o plano de fogo de artilharia (PFA) da brigada e o submete à aprovação do CCAF da brigada. Aprovado na GU, o PFA da brigada é remetido ao Esqd C Pqdt.

9.2.2.6.4 Com base no PFA da brigada, o Esqd C Pqdt elabora o plano de apoio de fogo da SU.

9.2.2.6.5 A coordenação exercida pelo Cmt Esqd, auxiliada pelo OA de artilharia e demais elementos envolvidos no planejamento dos fogos, é muito importante, pois busca evitar duplicações de fogos e maior eficácia do Ap F.

9.3 APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA

9.3.1 O Esqd C Pqdt pode receber o Ap F da artilharia de campanha (Art Cmp) proporcionado pela Bda.

9.3.2 A Art Cmp da Bda pode descentralizar seus meios, atribuindo a uma bateria a missão tática de apoio direto ao Esqd C Pqdt.

9.3.3 No levantamento de alvos de artilharia de campanha (lista de alvos de Art Cmp) que será enviado diretamente pelo Esqd C Pqdt à C Tir do GAC, a SU deve priorizar os seguintes alvos, situados a distâncias superiores ao alcance dos meios orgânicos da SU, para serem batidos pela Art Cmp:
a) posições de metralhadoras em abrigos cobertos;
b) espaldões concretados;
c) colunas de viaturas e blindados;
d) estacionamento de viaturas;
e) áreas de reunião de tropas;
f) pontos de suprimento;
g) postos de observação; e
h) tropa a pé em deslocamento ou desdobrada no terreno.

9.3.4 A ligação da SU com a C TIR do GAC é realizada pelos OA, fornecidos pela Art, que acompanham o Cmt SU. Os OA formulam e transmitem os pedidos de fogos, bem como observa e ajusta o tiro de Art.

9.4 APOIO DE FOGO AÉREO – MISSÕES AÉREAS IMEDIATAS

9.4.1 No decorrer do combate, podem surgir necessidades de apoio de fogo aéreo que, por sua natureza, não podem ser planejadas. São as chamadas missões imediatas.

9.4.2 O acionamento dos meios aéreos em alerta normalmente origina-se no Esqd, onde pode existir uma equipe de controle aerotático (ECAT), com guia aéreo avançado (GAA) ou controlador aéreo avançado (CAA). O OA Art, quando qualificado como GAA, realiza o pedido e conduz o vetoramento das aeronaves para o ataque ao alvo.

9.4.3 Os acionamentos das missões imediatas são encaminhados pelo ECAT do Esqd direto à célula de coordenação de operações aéreas que funciona no centro de operações (ou correspondente) da força aérea componente (FAC).

9.4.4 As aeronaves serão vetoradas por órgão da FAC para o local do pedido de fogo aéreo, onde é feito o contato terra-avião (CAA ou GAA-aeronave).

9.4.5 Os pedidos imediatos devem levar em consideração que as missões de ataque são dirigidas a alvos sensíveis de grande importância militar e cuja localização não foi obtida durante a fase de planejamento.

CAPÍTULO X

LOGÍSTICA

10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.1.1 A logística no Esqd C Pqdt deve adequar-se à multiplicidade de situações de emprego da Bda Inf Pqdt nas fases de preparação, movimento aéreo, ações táticas iniciais e ações táticas subsequentes de um Assalto Aeroterrestre (Ass Aet).

10.1.2 A logística do Esqd C Pqdt tem por base as frações, o pessoal e o material previstos em Quadro de Organização (QO) e emprega TTP específicos. Esse conjunto de estruturas e meios colocados à disposição do Esqd pode ser apoiado, temporariamente, por outras frações e meios logísticos alocados pelo escalão superior (Esc Sp) para uma determinada operação.

10.1.3 Em um Ass Aet, a Bda Inf Pqdt, em linhas gerais, desdobra uma Base Logística de Brigada (BLB) no escalão recuado e, posteriormente, um destacamento logístico (Dst Log) na cabeça de ponte aérea (C Pnt Ae). Ambos são instalados e operados pelo Batalhão Logístico Paraquedista (B Log Pqdt) para apoiar logisticamente as unidades paraquedistas.

10.1.4 Caso o Esqd C Pqdt integre uma força-tarefa unidade paraquedista (FT U Pqdt), o responsável pelo apoio será a Companhia de Comando e Apoio (CCAp) do Batalhão de Infantaria Paraquedista (BI Pqdt) reforçado, que desdobra um Dst Log na C Pnt Ae e uma área de trens (AT) recuada no escalão recuado.

10.1.5 Caso o Esqd C Pqdt integre uma FT U Pqdt, suas demandas logísticas serão atendidas, prioritariamente, pela CCAp da U Pqdt correspondente.

10.1.6 A logística do Esqd C Pqdt em operações, que não sejam aeroterrestres, se desenvolve de forma idêntica ao preconizado pelas subunidades de cavalaria mecanizadas. Para mais informações podem ser consultados os manuais Logística Militar Terrestre e A Logística nas Operações.

10.2 LOGÍSTICA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.2.1 O Esqd é apoiado pelo Esc Sp e apoia os elementos subordinados (orgânicos e em reforço), constituindo-se, assim, um elo na cadeia de apoio logístico.

10.2.2 A 1ª seção (Pessoal) e 4ª seção (Logística) planejam, coordenam e conduzem a manobra logística, que é integrada e sincronizada com a manobra tática da 3ª seção. O planejamento logístico do Esqd C Pqdt tem por objetivos manter a prontidão operativa e aumentar o poder de combate dos Pelotões de Cavalaria Paraquedista (Pel C Pqdt).

10.2.3 As atividades relacionadas ao pessoal englobam todas as tarefas logísticas voltadas para o apoio aos efetivos, nas funções logísticas saúde (Sau) e recursos humanos (RH). As atividades relacionadas ao material englobam todas as tarefas logísticas relacionadas com as funções logísticas suprimento (Sup), manutenção (Mnt) e transporte (Trnp).

10.2.4 No Esqd C Pqdt, a logística é executada pelas frações com encargo logístico do Pelotão de Comando e Apoio (Pel Cmdo Ap) – Turma de Manutenção (Tu Mnt), Turma de Aprovisionamento (Tu Aprv), Turma de Saúde (Tu Sau) e Turma de Suprimento (Tu Sup) e Turma de Comunicações (Tu Com) da Seção de Comando (Seç Cmdo).

10.2.5 A logística na tropa paraquedista deve, em princípio, deslocar-se em direção aos elementos de 1º escalão, de forma a proporcionar-lhes apoio cerrado e contínuo, contribuindo para manter sua impulsão e capacidade de durar na ação. Somente em situações especiais, os elementos em 1º escalão devem dirigir-se à AT para receber apoio logístico. Sempre que possível, a AT do Esqd C Pqdt deve prestar o apoio logístico diretamente nas posições ocupadas pela tropa.

10.2.6 A quantidade e classes de suprimentos e equipamentos que o Esqd conduz em uma Op Aet são ditados pelos fatores da decisão. Normalmente, os elementos do escalão de assalto chegam na área de objetivos com apenas os suprimentos e equipamentos que suas viaturas e pessoal possam conduzir.

10.2.7 A transmissão de assuntos referentes à logística da operação em curso entre pelotões (Pel) e Estado-Maior (EM) deve se dar por meio de informes operacionais.

10.2.8 Durante as fases iniciais do combate, o Esqd C Pqdt deve enviar relatórios periódicos de sua situação logística por meio da rede de comando.

10.3 RESPONSABILIDADE LOGÍSTICA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.3.1 COMANDANTE

10.3.1.1 O Cmt Esqd é o responsável pela logística, não podendo delegar essa responsabilidade. Compete a ele o planejamento e a supervisão da logística na SU.

10.3.1.2 Ele é o responsável pela manobra logística da SU, devendo assegurar o Ap Log às suas frações e aos Elm em apoio e reforço. Deve solicitar, controlar e coordenar a distribuição do suprimento (Sup), gerenciar a manutenção, supervisionar o apoio de saúde e administrar o seu efetivo e material.

10.3.1.3 O Cmt Esqd é auxiliado, em suas tarefas Log, pelo SCmt, S-1, S-4, oficial médico, Cmt Pel Cmdo Ap e pelos Cmt Pel.

10.3.2 SUBCOMANDANTE

10.3.2.1 O SCmt Esqd é o principal assessor do Cmt SU no planejamento, coordenação e fiscalização da logística e na sincronização desta com a manobra da SU.

10.3.3 OFICIAL DE LOGÍSTICA – S-4

10.3.3.1 O S-4 é o assessor do Cmt Esqd C Pqdt para as atividades da logística de material. Tem como seus auxiliares diretos o adjunto (Adj) do S-4 (também SCmt do Pel Cmdo Ap) e os elementos da turma de logística (Tu Log) da Seç Cmdo, que compõem a 4ª seção da subunidade (SU). Suas principais atribuições são:
a) coordenar a manobra logística do Esqd C Pqdt;
b) assistir o Cmt Esqd e mantê-lo informado sobre as atividades logísticas sob sua responsabilidade;
c) planejar, coordenar e supervisionar todas as atividades logísticas referentes ao material do Esqd C Pqdt;
d) coordenar com o Esc Sp e apoiar os Pel em suas necessidades logísticas referentes ao material;
e) selecionar a localização, coordenar e supervisionar as atividades e deslocamentos dos trens;
f) redigir o parágrafo 4º da ordem de operações, após ter realizado seu estudo de situação, recebendo do S-1 a parte referente à logística do pessoal;
g) fornecer relatórios de logística, quando solicitados;
h) encaminhar o pedido de Sup do Esqd ao Dst Log;
i) selecionar e planejar os processos de distribuição de Sup para os escalões subordinados;
j) supervisionar o preparo das rações R1 e planejar a distribuição de rações à tropa;
k) remeter ao Esc Sp um relatório diário da situação de Sup Cl III;
l) manter atualizadas as NGA do Esqd relativas ao aprestamento;
m) planejar e supervisionar o aprestamento do Esqd, coordenando com o E-4/Bda Inf Pqdt (ou S-4/FT U Pqdt) e com as unidades de apoio logístico da Bda o fornecimento do correspondente e adequado apoio durante esta fase; e
n) outras determinadas pelo Cmt Esqd C Pqdt.

10.3.3.2 O S-4 é o coordenador da manobra logística do Esqd, integrando e sincronizando os planejamentos da logística com as operações, manobra e apoio ao combate.

10.3.3.3 São atribuições específicas do S-4 – o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as questões referentes aos diferentes aspectos da logística do material, tais como pedidos, recebimentos, estocagem, distribuição, aplicação, consumo e fiscalização da qualidade dos Sup; Mnt e evacuação de material, controle dos meios de transporte e outras.

10.3.3.4 O S4 deve antecipar-se às necessidades de apoio logístico, encaminhar os pedidos de apoio ao Esc Sp com oportunidade, fiscalizar o apoio que é prestado ao Esqd e planejar, coordenar e sincronizar toda a logística interna do Esqd C Pqdt.

10.3.4 OFICIAL DE PESSOAL – S-1

10.3.4.1 O S-1 é o assessor do Cmt para as atividades da logística do pessoal. Tem como seus auxiliares diretos, o Adj S-1 (também oficial de saúde) e os elementos da turma de pessoal (Tu Pes) da Seç Cmdo, que compõem a 1ª seção da SU. Suas principais atribuições são:
a) fornecer informações sobre a logística de pessoal, necessárias para o planejamento e a conduta das operações;
b) realizar o estudo continuado da situação, para fins de planejamento;
c) apresentar proposta de diretrizes e planos referentes à logística de pessoal; e
d) supervisionar a execução das ordens e diretrizes relacionadas ao pessoal.

10.3.4.2 São atribuições específicas do S-1 – o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as questões referentes aos diferentes aspectos da logística do pessoal, como controle dos efetivos, recompletamento, apoio de saúde, moral da tropa, banho, lavanderia, sepultamento, serviço postal e outras.

10.3.4.3 O S-1 controla o efetivo do esquadrão por meio do mapa da força recebido dos Pel. O S-1 elabora, também, outros registros e relatórios necessários ao controle do pessoal e gestão da função logística RH.

10.3.5 OFICIAL MÉDICO

10.3.5.1 O oficial de saúde é o principal responsável pela execução do apoio de saúde no âmbito do Esqd. Incumbe-lhe, por meio do S-1, assessorar o Cmt Esqd C Pqdt sobre quaisquer problemas relacionados com a saúde, incluindo a higiene em campanha e a prevenção contra doenças.

10.3.6 COMANDANTE DO PELOTÃO DE COMANDO E APOIO

10.3.6.1 No Esqd C Pqdt, o Cmt Pel Cmdo Ap é o principal assessor Log do S-1 e do S-4 no emprego das frações e dos meios logísticos da SU, bem como os recebidos em apoio ou reforço.

10.3.6.2 Controla e supervisiona todos os aspectos referentes ao pessoal e o material de seu Pel.

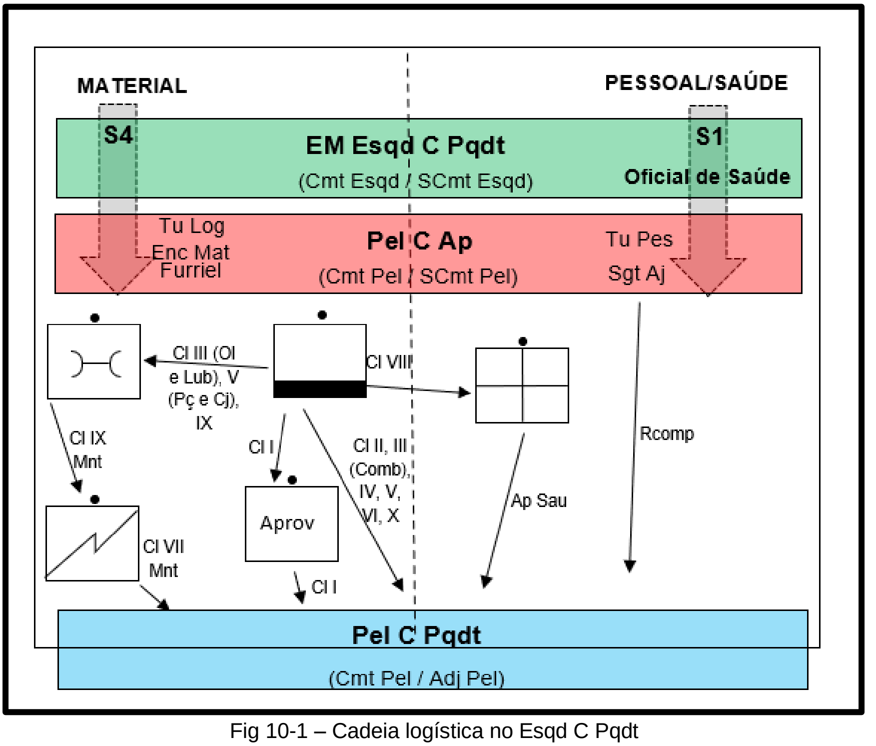


Fig 10-1 – Cadeia logística no Esqd C Pqdt

10.3.7 COMANDANTES DE PELOTÃO

10.3.7.1 O Cmt Pel C Pqdt deve ter conhecimento da situação logística do material e pessoal de suas frações. Com base nesse conhecimento, deve manter seu Cmt constantemente informado dessa situação (de forma usual, diariamente através de informes ao S-4) e solicitar apoio logístico, caso seja necessário. O mesmo se aplica a todos os Cmt subordinados, em suas respectivas frações, em relação ao Cmt Pel C Pqdt.

10.3.7.2 O Adj Pel é o auxiliar do Cmt Pel para todas as atividades logísticas. Ele deve coordenar, cumprir e fazer cumprir as normas logísticas.

10.3.7.3 A fim de prover dados para o S-4 atualizar a manobra logística, durante o contato entre o Adj Pel e os elementos que realizam o ressuprimento, deve ser informado:
a) mudança de necessidades logísticas, face alterações na constituição do Pel;
b) a situação do efetivo, suprimento e manutenção do Pel;
c) as necessidades logísticas do Pel para o período seguinte;
d) entrega e recebimento de documentos e correspondências; e
e) uma atualização da situação logística do Pel.

10.3.7.4 Normalmente, a logística no nível Pel restringe-se às atividades/tarefas de controle de efetivos e determinação das necessidades de recompletamentos (RComp); levantamento das necessidades de Mnt e execução da Mnt preventiva do material; recebimento e consumo de rações e água; levantamento das necessidades, recebimento e controle do Sup recebido; providências para a proteção da saúde dos integrantes do Pel e a evacuação de mortos e feridos das frações.

10.3.8 PELOTÃO DE COMANDO E APOIO

10.3.8.1 Generalidades

10.3.8.1.1 Além das Tu Log e Tu Pes, abordados em conjunto com o EM, possuem encargos e responsabilidades logísticas os seguintes militares do Pel:
a) Cmt Pel Cmdo Ap – Cmt dos trens e da AT, quando desdobrada. Determina a localização específica de cada elemento na AT. Executa os deslocamentos, controla e provê a segurança dos trens; e
b) SCmt Pel Cmdo Ap – Adj S-4 e substituto eventual do Cmt AT. Assessora o S-4 na supervisão do preparo das rações R1 e no planejamento da distribuição de rações à tropa.

10.3.8.1.2 Também possuem responsabilidade logística – o encarregado do material (Enc Mat) (execução do planejamento logístico), o sargento ajudante (logística de pessoal), o furriel (suprimento) e os mecânicos/auxiliares (manutenção).

10.3.8.2 Seção de Logística

10.3.8.2.1 Turma de Suprimento
a) A Tu Sup é a principal fração de apoio logístico do Esqd C Pqdt. Sua organização inclui o pessoal e material necessários para executar, no âmbito do Esqd, as atividades de suprimento das Cl I, II, III (apenas combustíveis), IV, V, VI e X.
b) A Tu Sup é responsável pela função logística transporte no Esqd C Pqdt.
c) São missões da Tu Sup:
- levantar as necessidades de suprimento dos Pel e encaminhar ao S-4;
- elaborar o relatório diário da situação de Sup Cl III;

- receber, controlar, estocar quando necessário, repartir e distribuir os suprimentos aos Pel; e
- evacuar os mortos.

d) Normalmente, a turma instala e opera postos de distribuição de suprimento de classe I (P Distr Cl I), P Distr Cl III e um posto de remuniciamento (P Remn) (Cl V – munição) na AT.

10.3.8.2.2 Turma de Manutenção

a) É a fração encarregada de prestar apoio de manutenção orgânica de 1º escalão ao Esqd C Pqdt (manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão de maior complexidade e tempo de execução).

b) Suas missões compreendem:

- realizar o levantamento das necessidades e planejar a execução da manutenção de 1º escalão;
- executar a manutenção orgânica de 1º escalão de viaturas, armamento e equipamentos diversos do Esqd, em apoio aos Pel, coordenando, assistindo e ampliando o trabalho das guarnições;
- executar a evacuação de viaturas no âmbito do Esqd C Pqdt;
- cooperar na evacuação e coleta de salvados e material capturado;
- estabelecer e operar um posto de coleta de salvados (P Col Slv), caso seja necessário;
- solicitar, controlar, estocar e fornecer peças e conjuntos de reparação necessários à manutenção do material, excetuando-se os de saúde e de comunicações;
- instalar e operar um P Distr Cl IX;
- desdobrar e operar a área de manutenção na AT; e
- receber, distribuir e aplicar os Sup Cl III (óleos e lubrificantes).

10.3.8.2.3 Turma de Saúde

a) É organizada com pessoal, equipamentos e meios de transporte necessários para proporcionar tratamento de saúde de urgência e evacuação de feridos, doentes e acidentados no âmbito da subunidade.

b) São missões específicas da Tu Sau:

- instalar e operar o posto de socorro (PS) do Esqd;
- evacuar do PS para o módulo de saúde no Dst Log os feridos do Esqd que necessitam de atendimento médico de maior complexidade ou em instalações de saúde mais à retaguarda;
- preparar os doentes e feridos mais graves para serem evacuados para a instalação de saúde do Esc Sp (a evacuação fica a cargo daquele escalão); e
- receber, estocar e aplicar o Sup Cl VIII.

10.3.8.2.4 Turma do Aprovisionamento

a) São missões da Tu Aprv:

- desdobrar e operar a área de cozinha na AT;
- confeccionar e distribuir a ração R1 para o Esqd (para determinado período);

- transportar parte da reserva orgânica de ração do Esqd; e
- preparar os pedidos eventuais de ração, se for o caso.

10.3.8.3 Fração logística da Seção de Comando

10.3.8.3.1 Turma de Comunicações
a) A Tu Com, além de proporcionar apoio de comunicações ao comando do Esqd, é a responsável por receber, estocar, aplicar e distribuir o Sup Cl VII.
b) Suas missões logísticas compreendem:
- executar a Mnt orgânica (1º escalão) do material de comunicações do Esqd C Pqdt;
- solicitar, receber, estocar e aplicar, de acordo com as necessidades, peças e conjuntos de reparação (Cl VII);
- receber e distribuir, de acordo com as necessidades, Sup Cl VII (material rádio); e
- evacuar para o escalão superior o material de comunicações que necessite de Mnt, além do segundo escalão.

10.4 DESDOBRAMENTO LOGÍSTICO

10.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.4.1.1 Na área de objetivos, os meios, efetivos e frações logísticas do Esqd desdobram-se à retaguarda dos elementos de combate em 1º escalão, adotando um dispositivo que permita prestar o apoio logístico a esses elementos de forma oportuna e eficiente, sem interferir na manobra.

10.4.1.2 São elementos desse desdobramento da logística no Esqd C Pqdt: o posto de comando (PC) (especificamente, a área das 1ª e 4ª seções), os trens, as áreas onde esses trens irão se desdobrar para apoiar a manobra do Esqd C Pqdt e os eixos por onde a logística deverá fluir das áreas onde os trens desdobraram-se até os elementos de combate.

10.4.1.3 Caso haja meios logísticos não necessários na C Pnt Ae, esses se estruturam junto ao escalão recuado, na sede do Esqd C Pqdt. Não sendo possível o deslocamento de todos os meios logísticos do Esqd C Pqdt até a C Pnt Ae, serão priorizados os meios mais leves e estritamente necessários que permitam a manutenção dos meios com maior urgência.

10.4.2 POSTO DE COMANDO

10.4.2.1 No PC, reúnem-se os meios e pessoal integrantes das 1ª e 4ª seções, para planejar, coordenar e sincronizar a manobra logística do Esqd C Pqdt. Por intermédio dessas seções, são feitas as ligações logísticas entre o Esqd e seus

elementos de combate, seus elementos de apoio e os elementos de apoio logístico do Esc Sp desdobrados no Dst Log.

10.4.3 OS TRENS DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.4.3.1 Considerações Gerais

10.4.3.1.1 Trens é a designação genérica dada ao conjunto dos elementos em pessoal, viaturas e equipamentos destinados a proporcionar apoio logístico ao Esqd C Pqdt. Os trens do Esqd são constituídos pelas frações da Seç Log do Pel Cmdo Ap, Tu Com e pelos elementos logísticos do Esc Sp recebidos em apoio direto ou reforço (Ref).

10.4.3.1.2 Os trens do Esqd são instalados, mobiliados e operados pelo Pel Cmdo Ap.

10.4.3.1.3 Os trens fornecem apoio logístico aos elementos de combate e aos elementos em Ref, particularmente no que se refere à Mnt orgânica de todas as classes de Sup, PS (inclusive evacuação de feridos), transporte de Sup, evacuação do material danificado, capturado e salvado, também registro e evacuação de mortos.

10.4.3.2 Área de Trens

10.4.3.2.1 AT é a região onde o Esqd desdobra suas instalações logísticas necessárias ao apoio logístico cerrado aos Pel C Pqdt. Essa área localiza-se na Zona de Ação (Z Aç) do Esqd, e sempre que possível, próximo ao PC do Esqd C Pqdt.

10.4.3.2.2 A AT dispõe de uma limitada quantidade de suprimento das classes III e V para emergências (constitui a reserva tática do Esqd C Pqdt), cuja distribuição somente ocorrerá por ordem específica do S-4.

10.4.3.2.3 Em algumas situações, em função do espaço reduzido no interior de uma C Pnt Ae, o Esqd pode, em coordenação com o Esc Sp, instalar seus trens ou parte deles no interior do Dst Log, ocupando, nesse caso, sua orla anterior.

10.4.3.2.4 A distância da AT para os elementos de 1º escalão levará em conta o estudo dos fatores para a localização dos trens.

10.4.3.2.5 Podem ser desdobradas na AT as seguintes instalações logísticas, de forma sumária e sobre rodas:
a) P Remn;
b) PS;
c) Posto de Coleta de Mortos (P Col Mor);
d) P Col Slv;

e) P Distr Cl I;
f) P Distr Cl III;
g) P Distr Cl IX;
h) Posto de Coleta de Prisioneiros de Guerra (P Col PG);
i) área de manutenção de viaturas e armamento (pode também ser o P Distr Cl III e IX);
j) área de cozinha;
k) área de estacionamento de viaturas; e
l) outras instalações.

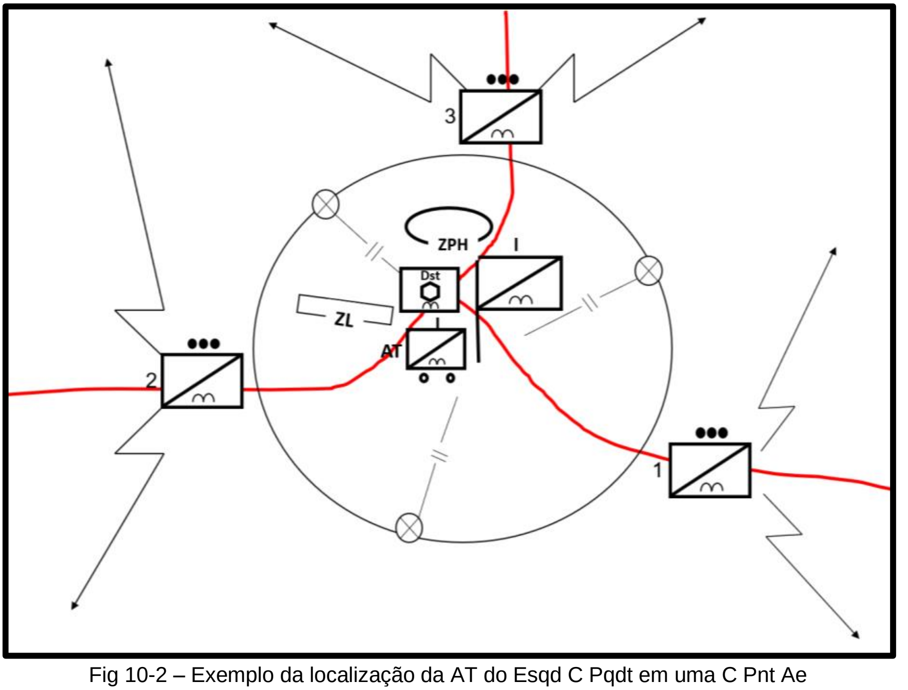


Fig 10-2 – Exemplo da localização da AT do Esqd C Pqdt em uma C Pnt Ae

10.4.3.3 Fatores a Considerar para a Localização dos Trens

10.4.3.3.1 Considerações Gerais

a) Em todas as situações, os trens devem ser localizados e se deslocarem de modo a prestar apoio oportuno e adequado em suprimento, evacuação médica e manutenção aos elementos de combate. Os órgãos de apoio dos Esc Sp são orientados e situam-se em consonância com a localização das unidades e subunidades subordinadas.
b) Para a localização da área de trens, o S-4 deve manter estreito entendimento com o E-4 da Bda ou S-4 da FT U Pqdt, conforme a situação.
c) Representantes do S-4 essenciais ao reconhecimento, escolha e balizamento dos locais das instalações logísticas, em coordenação com o Esc Sp, podem deslocar-se com o escalão de assalto.

d) Para melhor atender à prestação do apoio logístico, a análise da localização de uma AT deve considerar a manobra, o terreno, a segurança (do fluxo e das instalações) e a situação logística.
e) Devido à limitada flexibilidade para a localização em uma defesa circular, é comum que não seja possível atender a todos os fatores, ou que o S-4 tenha que priorizar um fator em detrimento de outro.

10.4.3.3.2 Para o estabelecimento da distância de segurança, o S-4 deve levar em consideração, quando a situação permitir, o alcance dos fogos indiretos do Pel inimigo em contato, ou pelo menos 2.000 m. Em todas as situações, os trens devem estar localizados de forma que exista ao menos uma massa cobridora entre estes e o inimigo, a fim de evitar seus fogos diretos.

10.4.3.3.3 Devem ainda ser considerados na escolha de regiões para o desdobramento da AT, estes outros aspectos:
a) o sigilo das operações;
b) a otimização do transporte;
c) as limitações dos meios de transporte;
d) a atitude da população;
e) os prazos; e
f) a duração das operações.

10.4.3.4 Controle dos Trens

10.4.3.4.1 O S-4 estuda continuamente a situação, a fim de propor a oportunidade do deslocamento dos trens, de maneira a facilitar o apoio às operações futuras. As prováveis AT devem ser levantadas antecipadamente, a fim de agilizar a manobra logística.

10.4.3.4.2 Após a decisão de realizar um deslocamento dos trens, o S-4, em coordenação com o S-3, aciona o reconhecimento dos itinerários e da nova área e expede a ordem de deslocamento, normalmente verbal.

10.4.3.5 Emprego dos Trens

10.4.3.5.1 A maioria dos trens do Esqd, normalmente, integram o escalão de acompanhamento, e seu pessoal, material, viaturas e equipamentos são, geralmente, aerotransportados.

10.4.3.5.2 Durante as operações de movimento rápido, torna-se necessário o deslocamento quase contínuo dos trens, para evitar que o aumento da distância desses elementos impossibilite a execução oportuna do apoio. Entretanto, o movimento constante dos trens limita a eficiência dos elementos de apoio logístico, particularmente os de manutenção, pela falta de tempo e de condições adequadas de trabalho.

10.4.3.5.3 Nas situações de movimentos mais lentos, os trens podem permanecer estacionados por longos períodos, deslocando-se por lanços, quando a distância em relação aos elementos apoiados se tornar demasiadamente grande para permitir um apoio oportuno.

10.4.3.5.4 Os elementos dos trens encarregam-se da sua própria segurança aproximada. A segurança afastada, normalmente, é obtida pela localização dos trens próximos aos elementos de combate e da reserva. Entretanto, em situações de movimento rápido poderá ser necessário fornecer escolta aos trens ou enquadrá-los na própria formação de combate, para proporcionar-lhes segurança.

10.4.3.5.5 As dimensões ideais da AT do Esqd C Pqdt são, no mínimo, 50 m X 100 m, para permitir uma dispersão adequada.

10.5 FUNÇÕES LOGÍSTICAS

10.5.1 FUNÇÃO LOGÍSTICA SUPRIMENTO NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.5.1.1 Considerações Gerais

10.5.1.1.1 Durante o aprestamento, prevalecem as atividades de suprimento.

10.5.1.1.2 A manutenção de um nível operacional de três dias de suprimento na C Pnt Ae é desejável durante toda a operação, a contar do desembarque. Esse nível será inicialmente atingido na fase de preparação, com o suprimento inicial, e corresponde à dotação prevista para o Esqd.

10.5.1.1.3 O suprimento de acompanhamento compreende todo o suprimento enviado ao Esqd para consumo durante as ações táticas subsequentes, necessário para o recompletamento de dotação orgânica do Esqd C Pqdt, até que os procedimentos normais de suprimento possam ser estabelecidos. É distribuído após o desdobramento do Dst Log na C Pnt Ae e inclui o suprimento automático e o suprimento a pedido.

10.5.1.1.4 O suprimento de acompanhamento automático baseia-se no consumo diário previsto do Esqd, e destina-se à manutenção dos níveis de estoque no interior da C Pnt Ae. É introduzido na C Pnt Ae em remessas diárias com o início após o término das ações táticas.

10.5.1.1.5 O suprimento de acompanhamento a pedido engloba artigos de vulto, itens essenciais cujo consumo exceda as estimativas e necessidades não planejadas do Esqd. Destina-se a atender às emergências ou necessidades extras e poderão ser requisitados a partir da fase de ações táticas iniciais.

10.5.1.1.6 Os recursos locais podem ser explorados para complementar as eventuais necessidades.

10.5.1.2 Processos de Distribuição de Suprimento do Escalão Superior

10.5.1.2.1 Embora existam vários processos de distribuição, sempre que possível, o B Log Pqdt assumirá o encargo pela entrega do suprimento na posição em que o Esqd se encontra.

10.5.1.2.2 Os seguintes processos podem ser empregados para a distribuição de suprimento:
a) o processo de distribuição na unidade deve ser preferencialmente utilizado no interior da C Pnt Ae;
b) o processo de distribuição por processos especiais:
- devido às capacidades das forças aeroterrestres, entre o escalão recuado e a C Pnt Ae, prevalece o suprimento por via aérea;
- é indicado quando não há rede viária adequada ou não há zona de desembarque (Z Dbq) melhoradas disponíveis na área de objetivos. Ele confere rapidez às operações do Esqd C Pqdt, mas é extremamente dependente da disponibilidade de meios aéreos e de condições meteorológicas favoráveis. Os processos de desembarque do suprimento transportado por via aérea são: por aterragem, lançamento em paraquedas e lançamento em queda livre. Os suprimentos podem ser desembarcados diretamente na Z Aç do Esqd C Pqdt;
- o Batalhão de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar (B DOMPSA) pode reforçar ou apoiar diretamente o Esqd, para o desdobramento de ZL para o lançamento de cargas;
- perda e extravio de cargas devem ser considerados por ocasião dos lançamentos de carga;
- para agilizar a distribuição no interior da C Pnt Ae, a remessa de Sup pode ser realizada por helicópteros;
- para mais informações sobre o processo de distribuição por via aérea, deve ser consultado o Manual Técnico de Aerotransporte; e
- os demais processos especiais também podem ser empregados pelo Esc Sp.
c) o processo de distribuição na instalação de suprimento:
- é o processo menos usual. Pode ser mais empregado durante a fase de preparação.

10.5.1.3 Pacotes Logísticos (Pac Log)

10.5.1.3.1 Para a tropa de cavalaria paraquedista, Pac Log é o conjunto de suprimentos necessários para um Pel, em determinada fase ou tipo de Op Aet (uma a três jornadas). Pode incluir também as viaturas logísticas necessárias para transportá-los, desde que possam ser disponibilizadas na área de objetivos.

10.5.1.3.2 O suprimento inicial e de acompanhamento recebidos do Esc Sp são processados, respectivamente, na área de concentração e aprestamento na AT, pela Tu Sup, que o loteia conforme às necessidades dos Pel. O emprego de Pac Log padronizados tem por finalidade agilizar os trabalhos de preparação, transporte e distribuição de suprimentos, e garantir o fornecimento de suprimentos ajustados às necessidades dos elementos de combate.

10.5.1.3.3 Um Pac Log é modular e flexível, podendo incluir, entre outras:
a) uma viatura de Sup Cl I com reboque cisterna de água;
b) uma viatura de Sup Cl III; e
c) uma viatura de Sup Cl V.

10.5.1.3.4 As NGA do Esqd devem definir a organização básica dos Pac Log em pessoal e viaturas, bem como estabelecer pacotes padronizados, estimando a quantidade e tipos de suprimentos necessários por fase e tipo de Op Aet.

10.5.1.3.5 Por ocasião do aprestamento, os Pac Log distribuídos aos Pel correspondem ao suprimento inicial, a fim de permitir a preparação para o movimento aéreo e desembarque. Os demais Pac Log são baseados no suprimento de acompanhamento automático.

10.5.1.3.6 Cabe ao furriel, sob a orientação do Adj S-4, montar os Pac Log na área de concentração e aprestamento ou AT. De posse das informações atualizadas dos Pel e da situação logística, o Adj S-4 irá determinar a modificação dos Pac Log padronizados, adequando-os às necessidades reais de cada Pel.

10.5.1.3.7 Na área de objetivos, o Pac Log deve, preferencialmente, compor uma única unidade de marcha e ser entregue durante à noite. Entretanto, sua entrega nos Pel dependerá da situação tática e dos meios logísticos disponíveis, podendo ser entregue a qualquer hora, conforme a urgência e a necessidade.

10.5.1.3.8 Quando da organização de Pel provisórios, o planejamento logístico deve ser atualizado, adequando-se o Pac Log ao material que integrará cada Pel.

10.5.1.4 Processos de Distribuição de Sup para os Escalões Subordinados

10.5.1.4.1 Considerações Gerais
a) A entrega dos suprimentos necessários nas instalações do Pel Cmdo Ap (PC, Seç Vig Ter, instalações da AT) e elementos em apoio ou Ref ao Esqd deve ser objeto de um planejamento específico do S-4, sendo detalhados na manobra logística, processos, hora e local onde ocorrerá.
b) Para os elementos de combate, o processo de distribuição de suprimento a ser utilizado pelo Esqd C Pqdt será função do estudo da situação tática e

logística. O Esqd normalmente faz a entrega de suprimentos empregando um dos seguintes processos de distribuição:
- na posição do Pel; e
- na AT.

10.5.1.4.2 Na Posição do Pel
- Nesse processo, cabe ao Pel Cmdo Ap entregar os Pac Log diretamente aos Pel em 1º Esc. É empregado sempre que possível.

10.5.1.4.3 Na AT
a) Deverá ser empregado durante a fase de preparação ou em situações excepcionais, quando a situação tática o exigir.
b) Será empregado, mediante ordem do S-4, quando os Pel necessitarem de suprimento das Cl III e V da reserva tática do Esqd C Pqdt, localizada na AT.

10.5.1.5 Suprimento Classe I

10.5.1.5.1 Ração
a) Ração é a quantidade de alimentos necessários para manter um homem durante um dia. Normalmente compreende um ciclo de três refeições: jantar, café da manhã e almoço.
b) As rações normalmente utilizadas pelo Esqd C Pqdt são: R1, R2 e R3 (alimentação de emergência).
c) Durante o combate, as rações consumidas pelos elementos de 1º escalão serão as R2 (rações de combate) ou R3.
d) As R1 (rações quentes, preparadas na cozinha) serão consumidas, sempre que possível, em zona de reunião (Z Reu) ou situações estáticas. A distribuição da R1 dependerá da situação tática, da disponibilidade de água tratada para a sua confecção e de ordem do Esc Sp.

10.5.1.5.2 Escalonamento das Rações
a) Com o homem
- Cada homem transporta uma AE, que não faz parte da reserva orgânica do Esqd e só pode ser consumida mediante ordem do comando do Esqd C Pqdt.
- Cada indivíduo integrante dos escalões de assalto e acompanhamento deve ser introduzido na área de objetivos com 1 ração R2 na mochila, além da R3.

b) Com os Pel e o Esqd
- Conforme o quadro de escalonamento abaixo.

ELEMENTO	TRANSPORTE	RAÇÃO	QUANTIDADE
Esqd C Pqdt	Na cozinha	A prevista para a operação (consumo imediato)	2/3 a 1/3 da ração para o efetivo existente no Esqd
	Tu Aprv	R2	1 ração para o efetivo previsto do Esqd (reserva orgânica)
Pelotões	Nas viaturas	R2	1 ração para o efetivo previsto do Pel (reserva orgânica)

Tab 10-1 – Quadro de escalonamento das rações

c) Reserva Orgânica de Suprimento Classe I
- É a quantidade de suprimento dessa classe existente e que não esteja destinada para o consumo imediato.
- O escalonamento apresentado, no quadro acima, indica a existência de duas rações R2 não destinadas ao consumo imediato e que constituem, portanto, a reserva orgânica de Sup Cl I do Esqd C Pqdt.
- O Esqd consome sua reserva orgânica quando necessário, sem solicitar autorização a seu Esc Sp. Logo após ser consumida, o Esqd participa tal fato à Bda ou à FT U Pqdt, conforme a situação, e pede a reposição do Sup ao B Log Pqdt.

d) Suprimento Automático ou a Pedido
- Sempre que possível, o Sup Cl I será automático, sem pedido ao Esc Sp.
- O suprimento automático compreende as rações necessárias para o consumo imediato, baseado no efetivo existente, informado no sumário diário de pessoal (SUDIPE) do Esqd.

e) O Esqd C Pqdt fará um pedido eventual nas seguintes situações:
- necessidade de recomposição de sua reserva orgânica, por ter atingido o nível mínimo previsto nos planos e ordens de apoio logístico;
- necessidade de recomposição da quantidade de AE, com base no efetivo existente;
- quando o tipo de ração a ser consumida em cada uma das três refeições de um ciclo de ração não for a prevista;
- quando o excesso de rações comprometer a capacidade de transporte ou a mobilidade; e
- quando for julgado, por outras razões, estritamente necessário.

f) Por ocasião dos pedidos eventuais serão feitos os reajustamentos necessários para a recomposição dos níveis previstos.

10.5.1.5.3 Preparo e Distribuição das Refeições
- A preparação, transporte e coordenação da distribuição das rações prontas nos Pel será encargo do Pel Cmdo Ap.

10.5.1.5.4 Suprimento de Água
a) O B Log Pqdt instala e opera um P Distr de água para as OM da Bda.
b) O Esqd C Pqdt abastece os tonéis ou o reboque cisterna de dotação no P Distr usando camburões. Qualquer que seja o meio usado, ele deve ser empregado exclusivamente para o transporte de água.
c) Normalmente, o recebimento será feito à noite, podendo, conforme a necessidade, ocorrer a qualquer hora. Poderá ocorrer de o Esqd receber em um horário específico para se ressuprir, particularmente, quando o suprimento é limitado ou a procura é excessiva.
d) A distribuição de água ao Pel é feita, em princípio, junto com a distribuição de suprimento Cl I, entretanto, os Pel poderão se ressuprir de água a qualquer momento, junto ao reboque cisterna para água do Esqd.

10.5.1.6 Suprimento Classe II

10.5.1.6.1 A Tu Sup recolhe o material de intendência que estiver inservível ou sem condições de uso. Após reunir esse material, remeterá ao Esc Sp para descarte, consolidando as necessidades dos Pel quanto a essa classe de suprimento, para que o S-4 solicite ao Esc Sp a substituição ou recompletamento do material.

10.5.1.6.2 Quantidades limitadas de suprimento dos artigos essenciais de classe II são incluídas no suprimento. Estoques mínimos são incluídos no suprimento de acompanhamento.

10.5.1.6.3 Ao final da fase de preparação, um destacamento DOMPSA desdobra um posto de distribuição de material aeroterrestre e distribui ao Esqd, principalmente, o paraquedas e, de forma suplementar, fardos e pacotes destinados ao Ass Aet. A equipagem dos elementos do Esqd C Pqdt é assistida por especialistas DOMPSA.

10.5.1.6.4 O material aeroterrestre utilizado pelo Esqd na chegada à área de objetivos, como paraquedas, fardos e pacotes, deverá ser homiziado no terreno, ou entregue à equipe DOMPSA já localizada na Z Aç da Bda (no P Col Slv do Dst Log), sempre que a situação tática permitir.

10.5.1.6.5 Durante toda a operação, o B DOMPSA distribui material aeroterrestre ao Esqd C Pqdt na BLB. Pode também reforçar ou apoiar diretamente o Esqd, para o recolhimento do material aeroterrestre na ZL após o salto.

10.5.1.7 Suprimento Classe III

10.5.1.7.1 Considerações Gerais
a) As viaturas são embarcadas nas aeronaves com o depósito de combustível cheios até ¾ da capacidade, e se possível, com combustível adicional em camburões, de forma que a dotação prescrita de cada viatura seja suficiente para

deslocá-la de 250 km a 300 km, no mínimo. Os lubrificantes adicionais de dotação prescrita são conduzidos nas próprias viaturas.
b) Inicialmente, os Sup Cl III são enviados à área de objetivos em pequenos recipientes. Durante as ações subsequentes, os Sup Cl III podem ser remetidos à C Pnt Ae em lotes maiores.
c) No Esqd C Pqdt, o Sup de combustíveis é encargo da Tu Sup, enquanto o de óleos e lubrificantes para viaturas são encargo da Tu Mnt.

10.5.1.7.2 Pedido
a) O relatório diário da situação de Sup Cl III tem efeito de pedido.
b) Esse relatório informa a quantidade de combustível existente nos tonéis do Esqd e a estimativa das necessidades para o período seguinte (normalmente 24 horas).
c) Com base no relatório diário de situação, a Bda/FT U Pqdt abre um crédito para o Esqd C Pqdt. O crédito de Sup Cl III, não consumido no período considerado, não é acumulado para o período seguinte.

10.5.1.7.3 Recebimento
a) O Esqd C Pqdt receberá o Sup Cl III em sua AT, incluído no comboio logístico do B Log Pqdt. Serão utilizados tonéis para essa finalidade.
b) O suprimento de graxas e lubrificantes será realizado pelo mesmo processo do combustível. Ele deverá ser entregue, em situação normal, na AT do Esqd C Pqdt.

10.5.1.7.4 Distribuição aos Pelotões na Área de Objetivos
a) O reabastecimento das viaturas dos Pel será realizado em princípio à noite, o mais à frente que a situação tática permitir.
b) As frações constituídas ou viaturas isoladas deslocam-se até o local determinado para o reabastecimento.
c) O reabastecimento é feito, basicamente, pelo recompletamento dos reservatórios e camburões de viaturas e pela troca de vasilhames.

10.5.1.7.5 Nível de Segurança
a) No planejamento da manobra logística, em função do apoio do Esc Sp e da missão, o S-4 estabelece um nível de segurança de combustível, por tipo de viatura, que, quando atingido, impõe o reabastecimento na primeira oportunidade.
b) Esse nível de segurança deverá ser, em princípio, de 1/3 da capacidade do tanque de combustível.
c) Devido às dificuldades para o ressuprimento nas Op Aet e o elevado consumo de Sup Cl III pelas missões dinâmicas, o consumo de Sup Cl III deverá ser cuidadosamente planejado. O desperdício e os deslocamentos não essenciais para as operações deverão ser evitados.

10.5.1.7.6 Posto de Distribuição de Suprimento Classe III
- Viaturas dos Pel em trânsito pela AT poderão ser abastecidas no P Distr Cl III nesta área.

10.5.1.8 Suprimento Classe IV

10.5.1.8.1 A cuidadosa seleção da Z Dbq pode reduzir as necessidades dessa classe de suprimento. Seu emprego é realizado, normalmente, nas operações defensivas.

10.5.1.8.2 Caso seja preciso, a necessidade desse suprimento será levantada pelos pelotões e consolidada pela Tu Sup, para que seja enviado ao Esc Sp pelo S-4.

10.5.1.9 Suprimento Classe V

10.5.1.9.1 Pedido
a) O pedido dessa classe de suprimento é feito por intermédio de uma ordem de transporte (O Trnp), onde constam a quantidade e o tipo da munição desejada.
b) Após o desembarque, o Esqd solicita apenas a munição necessária para completar sua dotação orgânica (DO). Pode ser autorizado ultrapassar o nível da DO, se houver previsão de emprego de munição em missão específica.
c) DO é a quantidade de munição, expressa em tiros por arma, que o Esqd deve transportar com seus homens e viaturas orgânicas.

10.5.1.9.2 Recebimento
a) Enquanto houver Sup Cl V (munição) disponível, dentro do crédito autorizado, o Esqd recebe a munição de que necessita para completar a DO diretamente na sua AT.
b) Em situações excepcionais, o Esqd C Pqdt pode ter que buscar a munição no P Distr Cl V desdobrado dentro do Dst Log. Nesse caso, é necessário primeiramente autenticar a O Trnp no posto de controle de munição da Bda (ou P Distr Cl V da FT U Pqdt), antes da apanha.

10.5.1.9.3 Distribuição aos Pelotões
a) O remuniciamento dos Pel é realizado, em princípio, à noite, o mais à frente que a situação tática permitir, através do P Remn.
b) Com a viatura de munição posicionada, as frações constituídas, ou viaturas isoladas, deslocam-se até o local determinado para o remuniciamento.

10.5.1.9.4 Nível de Segurança
a) Na manobra logística, pode ser estabelecido um nível de segurança para o Sup Cl V (munição), pelas mesmas razões do nível de segurança do Sup Cl III.
b) O nível de segurança poderá ser estabelecido por arma, por calibre ou por tipo de munição (1/3 da DO, por exemplo).

10.5.1.10 Suprimento Classe VI

10.5.1.10.1 Dessa classe de suprimento, o Esqd C Pqdt utiliza, normalmente, das cartas, cujo recebimento, distribuição e solicitação ao B Log Pqdt cabe ao S-2.

10.5.1.10.2 Caso seja preciso, a necessidade desse suprimento será levantada pelos pelotões e consolidada pela Tu Sup, para que seja enviado ao Esc Sp pelo S-4.

10.5.1.10.3 Quantidades limitadas de suprimento dos artigos essenciais dessa classe são incluídas no suprimento. Estoques mínimos são incluídos no suprimento de acompanhamento.

10.5.1.11 Suprimento Classe VII

10.5.1.11.1 Caso seja preciso, a necessidade desse suprimento será levantada pelos Pel e consolidada pela Tu Com, para que seja enviado ao B Log Pqdt pelo S-4, seguindo as normas estabelecidas pela Bda/FT U Pqdt.

10.5.1.11.2 Quantidades limitadas de suprimento dos artigos essenciais dessa classe são incluídas no suprimento. Estoques mínimos são incluídos no suprimento de acompanhamento.

10.5.1.12 Suprimento Classe VIII

10.5.1.12.1 Pedido
- O PS providencia para recompletar seu estoque, apresentando pedidos informais ao P Distr Cl VIII no Dst Log.

10.5.1.12.2 Distribuição
a) A distribuição de suprimento Cl VIII em combate não obedece a processos preestabelecidos. É realizada informalmente, através dos elementos de saúde dos diferentes escalões, aproveitando, quando possível, o movimento das ambulâncias ou por meio dos Pac Log.
b) O PS recebe da Tu Sup e mantém pequenos estoques de suprimento de saúde, adequados ao nível de apoio prestado. Esses estoques constituem a reserva orgânica de Sup Cl VIII.

10.5.1.13 Suprimento Classe IX

10.5.1.13.1 Pedido de Peças e Conjuntos de Reparação
a) Sempre que possível, ao invés de solicitar peças e conjuntos de reparação, deve-se dar preferência à troca direta do material danificado por outro em condições de uso.

b) A Tu Mnt faz pedidos informais ao B Log Pqdt, por meio da seção leve de manutenção (Seç L Mnt), caso esteja em apoio ou em Ref ao Esqd C Pqdt, normalmente desdobrada na AT.

10.5.1.13.2 Reserva de Suprimento de Peças e Conjuntos de Reparação
a) A fim de atender às necessidades do Esqd C Pqdt, a Tu Mnt mantém um estoque adequado de peças e conjuntos de reparação, o qual constitui a reserva orgânica de Sup Cl IX do Esqd.
b) Cabe ao chefe da Tu Mnt a administração e processamento do suprimento referente a peças e conjuntos de reparação.

10.5.1.14 Suprimento Classe X

10.5.1.14.1 O suprimento da classe X deve ser solicitado conforme as normas específicas para cada item, estipuladas pelo B Log Pqdt.

10.5.1.15 Material Salvado e Capturado

10.5.1.15.1 Material Salvado
a) Caso o Esqd C Pqdt componha os escalões precursor e de assalto, em coordenação com o Esc Sp, os elementos de manutenção podem acompanhar esses escalões para se encarregarem de estabelecer um P Col Slv próximo à zona de desembarque.
b) O material salvado constitui valiosa fonte de suprimento. O Esqd C Pqdt é responsável pela evacuação de salvados para o P Col Slv do Dst Log ou, se isso não for possível, para o seu eixo de suprimento e evacuação (E Sup Ev), onde será coletado pelo B Log Pqdt.
c) Todo o material salvado que necessitar de apoio de manutenção é atendido, inicialmente pela Tu Mnt, e se recebida em apoio ou Ref, por elementos da Seç L Mnt do B Log Pqdt que podem estar desdobrados na AT do Esqd C Pqdt.
d) Se recuperado e mediante as normas em vigor, o material salvado pode voltar à cadeia de suprimento, sendo entregue aos Pel de origem ou àqueles que estiverem mais necessitados. O que não puder ser reparado no Esqd C Pqdt será evacuado para o P Col Slv do Dst Log. Nessa instalação, o que for recuperado volta à cadeia de suprimento através do sistema de suprimento ou de manutenção da Bda/FT U Pqdt.

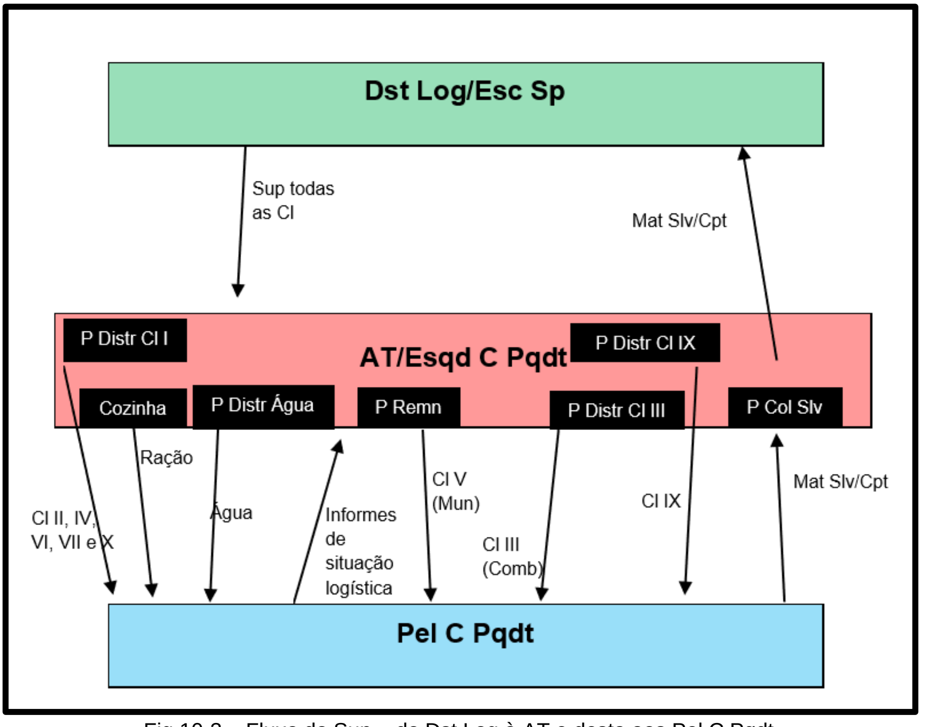


Fig 10-3 – Fluxo do Sup – do Dst Log à AT e desta aos Pel C Pqdt

10.5.1.15.2 Material Capturado

a) Com o material capturado (do inimigo procede-se da mesma forma que para o material salvado, exceto no que se refere às amostras de materiais novos, que devem ser imediatamente encaminhadas, após o conhecimento do S-2, aos órgãos técnicos do Esc Sp.

b) Evacuação do material capturado

- O material capturado é evacuado para o P Col Slv mais próximo, no Dst Log.
- Quando o material capturado com características desconhecidas ou modificadas der entrada no P Col Slv, torna-se necessário informar, no mais curto prazo, ao S-2 do Esqd C Pqdt, que, por sua vez, deve informar ao E-2 da Bda.
- Munição e outros artigos cujo manuseio por pessoal não habilitado possam oferecer perigo, não devem ser deslocados, mas mantidos sob vigilância, se praticável, enquanto se notifica, no mais curto prazo, ao oficial de munições do Esqd.
- O material em condições de utilização pode ser distribuído através dos canais de suprimento, mediante aprovação do Cmt Bda/FT U Pqdt. Equipamentos, combustíveis, lubrificantes e munições devem ser examinados e aprovados antes de serem utilizados.

- Suprimentos de saúde são manuseados de acordo com a Convenção de Genebra, sendo entregues às instalações de saúde, para inspeção, antes de sua redistribuição ou uso. Esses suprimentos são de especial valor para tratamento de PG doentes e feridos e no atendimento de civis.

10.5.2 FUNÇÃO LOGÍSTICA MANUTENÇÃO NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.5.2.1 Considerações Gerais

10.5.2.1.1 Os comandantes, em todos os escalões, são responsáveis pela manutenção adequada de todo o seu material, devendo tomar providências para a pronta recuperação do que estiver danificado, para que retorne ao serviço o mais rapidamente possível.

10.5.2.1.2 A prioridade é dada às atividades ligadas à Mnt durante o período que antecede a concentração e aprestamento, com o objetivo de aumentar a disponibilidade dos meios. A Mnt até 2º escalão pode ser desencadeada nas áreas de concentração, sem restrições.

10.5.2.1.3 Em princípio, a Mnt deve ser executada tão à frente quanto o permitirem a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. A fim de reduzir a necessidade de evacuação, é preferível a ida do pessoal de manutenção ao encontro do material a proceder em sentido inverso.

10.5.2.1.4 O problema de Mnt é ampliado pelo relativamente limitado número de elementos especializados na área de objetivos, particularmente por ocasião do assalto, e pelos danos resultantes do lançamento. A fim de reduzir ao mínimo as necessidades, deve ser realizada, antes da partida, uma manutenção intensiva para assegurar o mais elevado grau de prontidão operacional de todo o equipamento que deve ser encaminhado à C Pnt Ae.

10.5.2.1.5 Ao longo das ações táticas iniciais e subsequentes, deve ser priorizada a troca direta de peças e de conjuntos e a manutenção dos sistemas de armas e material de comunicações.

10.5.2.2 Atividades da Função Logística de Manutenção no Esqd C Pqdt

10.5.2.2.1 Levantamento das Necessidades

a) O planejamento de Mnt com base no levantamento das necessidades permite ao S-4 predizer o tempo de indisponibilidade do material e proporciona maior previsibilidade ao processo de manutenção.

b) O levantamento das necessidades de manutenção, no Esqd C Pqdt, é consolidado nos Pel, de onde segue para o S-4. Definidas as necessidades e disponibilidades, o Esqd solicita apoio ao B Log Pqdt para a Mnt que esteja além de sua capacidade.

10.5.2.2.2 Manutenção Preventiva, Corretiva, Preditiva e Reparo de Danos em Combate

a) A Mnt preventiva é a base do sistema de manutenção do Esqd C Pqdt e engloba os procedimentos de baixa complexidade e que demandem curtos períodos de trabalho. Essa atividade é prevista no plano de manutenção do Esqd C Pqdt. Deve ser intensificada na fase de preparação, para assegurar o elevado grau de disponibilidade e confiabilidade no material envolvido na operação.

b) A manutenção corretiva, dependendo da sua complexidade e do tempo que demande, poderá ser realizada na própria posição em que o material apresentou a falha ou na AT. Suas tarefas logísticas relacionadas serão alvo de maior emprego durante as ações táticas iniciais.

c) A manutenção preditiva, em operações, dificilmente será realizada pelo Esqd C Pqdt.

d) O reparo de danos em combate é um procedimento de manutenção emergencial, realizado pela Tu Mnt em ambiente de combate e segundo critérios técnicos.

10.5.2.3 Estrutura de Manutenção no Esqd C Pqdt

10.5.2.3.1 A execução da manutenção de material, no âmbito do Esqd, estrutura-se nos seguintes elementos e frações:

a) guarnição ou operador, apenas no caso de o material não dispor de uma guarnição designada;

b) Tu Mnt; e

c) Seç L Mnt/B Log Pqdt, se recebida em apoio ou Ref.

10.5.2.4 Escalonamento da Manutenção no Esqd C Pqdt

10.5.2.4.1 Apenas o 1º escalão de manutenção é executado no Esqd C Pqdt. No Dst Log, poderão ser executados o 2º escalão e algumas atividades do 3º escalão de manutenção.

10.5.2.4.2 As atividades do 1º escalão de manutenção, considerada uma escala de complexidade crescente, são responsabilidade do operador e/ou guarnição, e da Tu Mnt. Caso o Esqd C Pqdt seja apoiado pelo B Log Pqdt com uma Seç L Mnt, algumas atividades do 2º escalão de manutenção poderão ser realizadas por essa fração na AT do Esqd.

10.5.2.4.3 Manutenção a Cargo do Esqd C Pqdt

a) Manutenção preventiva

- As tarefas mais simples de manutenção preventiva, com ênfase nas ações de conservação do material e reparações de falhas de baixa complexidade, devem ser realizadas pelo operador e/ou guarnição. As tarefas mais complexas e que demandem mais tempo são executadas pela Tu Mnt, na AT ou nas próprias posições ocupadas pelo material, com o apoio do operador e/ou da guarnição.

- As tarefas de maior complexidade ou que demandem maior tempo serão realizadas na AT por elementos da Seç L Mnt em apoio ou Ref ao Esqd, apoiados pela guarnição ou operador.

b) Manutenção corretiva

- As tarefas de baixa complexidade e que demandem curto espaço de tempo poderão ser realizadas nas AT pela Tu Mnt, auxiliada pela guarnição ou operador.

- A Tu Mnt também deve se encarregar das tarefas da manutenção corretiva de 1º escalão que exijam ferramental especializado e maior tempo de execução. Essas tarefas também podem ser realizadas na AT por elementos da Seç L Mnt em apoio ou Ref.

10.5.2.5 Execução da Manutenção no Esqd C Pqdt

10.5.2.5.1 Material Motomecanizado

a) A manutenção é executada pelas guarnições das viaturas, pela Tu Mnt e pela Seç L Mnt em apoio ou Ref, se for o caso (do B Log Pqdt), quando desdobrada em apoio ao Esqd.

b) Considerações sobre as atribuições da guarnição da viatura

- A guarnição da viatura é a base da cadeia de manutenção e tem como encargo a maior parte das tarefas de manutenção preventiva de 1º escalão, realizada com o ferramental orgânico e suprimento fornecido pela Tu Mnt.

- São encargos da guarnição da viatura as tarefas mais simples de manutenção preventiva, com ênfase nas ações de conservação do material e reparações de falhas de baixa complexidade. As guarnições também auxiliam a Tu Mnt na execução da manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão mais complexa ou que demande maior tempo.

- Nos períodos estáticos, a manutenção será realizada conforme planejamento do Esqd. Em combate ou operações, a manutenção deve ser realizada sempre que possível, antes, durante e após operação severa ou grandes deslocamentos da viatura.

c) Considerações sobre as atribuições da Tu Mnt

- A Tu Mnt apoia os pelotões na Mnt preventiva e corretiva de 1º escalão, coordenando, assistindo e ampliando o trabalho das guarnições e, também, realiza o levantamento das necessidades de Mnt de 1º escalão.

- A Tu Mnt executa a Mnt que demande ferramental especializado e maior tempo de execução, com apoio da guarnição da viatura. Realiza a Mnt na AT ou na própria posição em que se encontra a viatura, dependendo da complexidade e do tempo estimado para o reparo.

- As viaturas que não puderem ser reparadas na AT são evacuadas para o Dst Log.

d) Considerações sobre a Seç L Mnt recebida em apoio ou Ref

- É o principal elemento de apoio de manutenção motomecanizado do Esqd. Se recebida em apoio ou Ref, realiza na AT todas as tarefas da manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão que não puderam ser realizadas pela Tu Mnt.
- Quando autorizada pelo B Log Pqdt, poderá iniciar a Mnt de 2º escalão, desde que receba o suprimento e disponha do ferramental necessário.

e) Quando não conseguirem recuperar uma viatura indisponível, os elementos de Mnt, em princípio, solicitarão o auxílio do escalão imediatamente superior. Além dessa providência, a Tu Mnt poderá evacuar a viatura, no mínimo, até o E Sup Ev do Dst Log, a partir de onde os elementos do B Log Pqdt assumirão a evacuação.

10.5.2.5.2 Armamento e Instrumentos Óticos e de Direção e Controle de Tiro (IODCT)

a) A manutenção do armamento e dos IODCT é pela Tu Mnt e por elementos da Seç L Mnt do B Log Pqdt desdobrada, se recebida em apoio ou Ref ao Esqd.

b) Encargos do operador/guarnição – o operador (armamento individual) ou a guarnição (armamento coletivo) são os responsáveis pela manutenção preventiva de 1º escalão, de menor complexidade e que exijam curto espaço de tempo para a sua execução. Essa manutenção pode ser realizada diariamente (em função das condições climáticas) ou em períodos determinados pelo S-4 no planejamento de manutenção Esqd C Pqdt (normalmente, uma vez por semana).

c) Encargos da Tu Mnt – apoiar com suprimento e orientação técnica a manutenção de 1º escalão do armamento e IODCT realizada pelos operadores e guarnições e realizar, nas AT ou nas posições dos pelotões, a manutenção de 1º escalão de maior complexidade e duração.

d) Além dos meios orgânicos, o Esqd C Pqdt poderá contar com o apoio do Esc Sp, proporcionado pelo B Log Pqdt, caso desdobre uma Seç L Mnt na AT, a fim de prestar apoio de 2º escalão de manutenção de armamento.

10.5.2.5.3 Material de Comunicações

a) A manutenção preventiva de 1º escalão do material de comunicações do Esqd C Pqdt é feita por rádio-operadores e por elementos especializados da Tu Com.

b) As tarefas de manutenção preventiva e corretivas de 1º escalão, que demandem maior complexidade e tempo, poderão ser executadas por elementos da Tu Com.

c) Se for conveniente, o S-4 poderá centralizar a atividade de manutenção e suprimento do material de comunicações com o oficial de manutenção do Esqd ou passar elementos da Tu Com à disposição da Tu Mnt para a execução da manutenção do material eletrônico e de comunicações embarcado nas viaturas.

d) A manutenção de 2º escalão do material de comunicações é encargo da Bda e, normalmente, não é realizada no Esqd C Pqdt.

10.5.2.5.4 Material de Saúde
- A Tu Sau executa apenas a manutenção de 1º escalão do material de saúde. Em caso de necessidade de realização da manutenção de escalões mais elevados, o material deve ser evacuado para o Esc Sp.

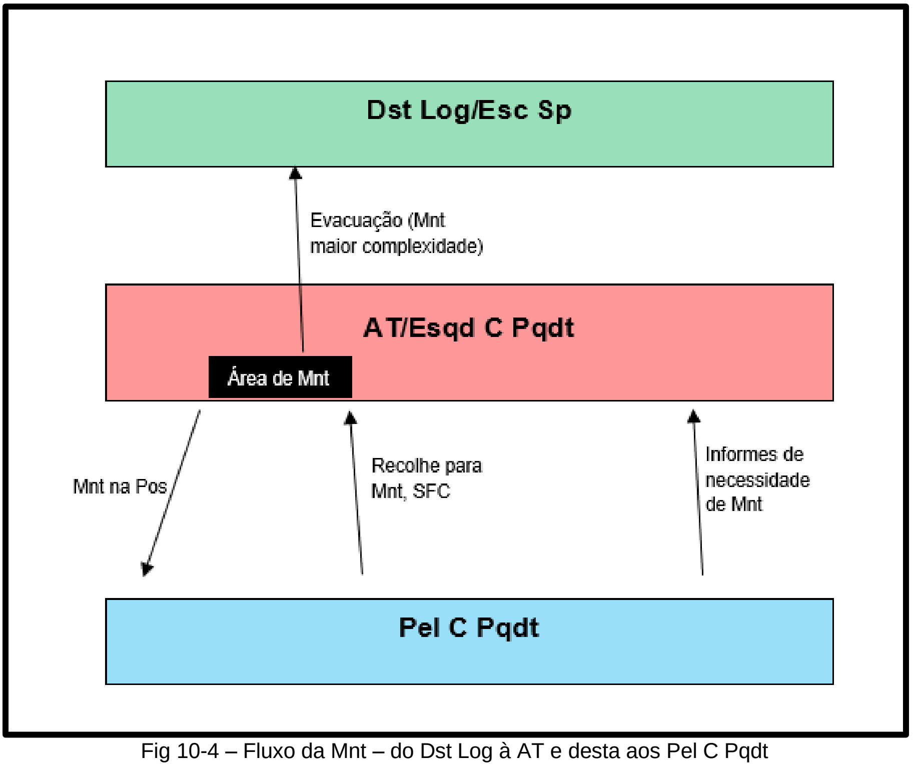


Fig 10-4 – Fluxo da Mnt – do Dst Log à AT e desta aos Pel C Pqdt

10.5.3 FUNÇÃO LOGÍSTICA SAÚDE NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.5.3.1 Considerações Gerais

10.5.3.1.1 Essa função logística, com medidas preventivas e curativas, busca reduzir as incidências de baixas e a manutenção da higidez física e mental dos elementos apoiados.

10.5.3.1.2 O atendimento médico adequado é uma responsabilidade do comando, em todos os escalões. Ele visa à conservação dos efetivos e à preservação da eficiência e do moral da tropa.

10.5.3.1.3 No Esqd C Pqdt, o apoio de saúde é planejado, coordenado e controlado pelo S-1, auxiliado pelo oficial de saúde. O apoio de manutenção e suprimento de Cl VIII é planejado pelo S-4 do Esqd C Pqdt de modo a ajustar-se ao plano tático terrestre. Ele é prestado, inicialmente, no PS, localizado em posição avançada na AT e próximo do E Sup Ev do Esqd.

10.5.3.1.4 De maneira geral, os integrantes do Esqd C Pqdt devem possuir um conhecimento de higiene militar e primeiros socorros mais aprimorado em relação às tropas de cavalaria convencionais, tendo em vista que, muitas vezes, operam sem a assistência imediata de um especialista.

10.5.3.1.5 O oficial de saúde assessora o Cmt Esqd C Pqdt levantando dados de saúde dos militares empregados. Com base nessas informações, o Cmt Esqd propõe ao Esc Sp medidas preventivas de saúde, como imunizações, quimioprofilaxia, proteção contra vetores e medidas sanitárias adequadas ao ambiente.

10.5.3.1.6 A prioridade é dada às atividades ligadas à saúde durante o período que antecede a concentração, com o objetivo de aumentar a disponibilidade do pessoal.

10.5.3.1.7 O Esqd C Pqdt não tem encargos de hospitalização, cabendo à Tu Sau realizar o tratamento médico de emergência juntamente com o oficial de saúde, e quando necessário, evacuar feridos, doentes e acidentados entre os PS e o módulo de saúde no Dst Log. Nesta seção de saúde, o termo ferido aplica-se, também a doentes e acidentados.

10.5.3.1.8 A evacuação, quando realizada em um meio não especializado de saúde, é chamada de evacuação de ferido. É o caso do transporte de um ferido realizado pela sua própria fração e sem acompanhamento de um militar de saúde, entre o local onde ocorreu o ferimento e o PS do Esqd.

10.5.3.1.9 A evacuação realizada em um meio especializado de saúde é chamada de evacuação médica. É o caso, no Esqd C Pqdt, do transporte do ferido na ambulância, sob os cuidados da Tu Sau e do oficial de saúde. A evacuação médica pode ter origem no local onde ocorreu o ferimento ou no PS e pode ser apoiada por meios e pessoal do escalão superior e aeronaves.

10.5.3.1.10 Caso o Esqd C Pqdt componha os escalões precursor e de assalto, em coordenação com o Esc Sp, os elementos de saúde essenciais ao apoio podem acompanhar esses escalões, e podem também selecionar um ponto de refúgio.

10.5.3.1.11 O Esqd C Pqdt poderá receber apoio da Bda Inf Pqdt por meio do destacamento de saúde paraquedista (Dst Sau Pqdt), pela promoção de medidas contra doenças existentes na área de operações e doenças endêmicas, programas de aclimatação, melhoria das condições de higiene nos locais de concentração e medidas curativas e operativas em campanha. O Dst Sau Pqdt também pode planejar e realizar a evacuação e o resgate de feridos desde a linha de contato até o posto de atendimento avançado (PAA) na BLB.

10.5.3.2 Desdobramento do Apoio de Saúde no Esqd C Pqdt

10.5.3.2.1 Posto de Socorro
a) É uma instalação para assistência aos feridos e doentes, instalado e operado pela Tu Sau, em local abrigado, à frente e próximo da AT. Constitui o elo mais avançado da cadeia de evacuação do serviço de saúde e é a primeira instalação onde existe atendimento médico. Normalmente as próprias frações realizam a evacuação dos feridos até o PS.
b) O PS possui capacidade limitada de retenção, tratamento e evacuação de feridos ou doentes. Ele executa medicina preventiva (exceto apoios de veterinária e farmacêutico) e atendimento primário (exceto cirurgia de controle de danos e tratamento odontológico).
c) São Funções do PS
- receber e cadastrar os pacientes;
- realizar a evacuação médica dos feridos mais graves das posições em que se encontrarem diretamente para o módulo de saúde no Dst Log, se necessário;
- examinar e classificar os pacientes, fazendo retornar ao serviço os considerados aptos e preparando e estabilizando os demais para a evacuação médica;
- fazer o tratamento, limitado ao necessário para salvar a vida ou um membro;
- fazer a profilaxia e o tratamento inicial do choque;
- providenciar abrigo temporário para os feridos; e
- reunir os mortos no posto de coleta de mortos (P Col Mor) do Esqd para posterior evacuação ou recolhimento para o P Col Mor da Bda/FT U Pqdt.

d) O Esc Sp é responsável pela evacuação médica do PS para a retaguarda.
e) Em função da situação tática, do número de baixas e da necessidade de apoio de saúde, o Esqd poderá receber do Esc Sp turmas ou equipes adicionais para uma determinada fase do combate ou da operação.
f) O PS dispõe de uma ambulância que normalmente caracteriza o próprio PS. Ela realiza, prioritariamente, a evacuação médica dos feridos graves, do PS do Esqd para o módulo de saúde no Dst Log, quando necessário.

10.5.3.3 Tratamento e Evacuação de Feridos

10.5.3.3.1 Em caso de Ass Aet por meio da missão de lançamento, há grande possibilidade de ocorrência da demanda por tarefas de evacuação durante a reorganização, ainda que não haja ação direta do inimigo. Nessa situação, elementos de saúde não pertencentes ao Esqd C Pqdt poderão ser estabelecidos pelo Esc Sp na ZL previamente.

10.5.3.3.2 Quando um homem é ferido ou adoece, os primeiros socorros devem ser prestados por um companheiro de sua fração, ou por ele mesmo se tiver condições de fazê-lo. Se necessária a evacuação para o PS, os feridos e doentes que puderem se locomover o farão por seus próprios meios e, aqueles que não o puderem, serão conduzidos pelos integrantes de sua fração ou outros elementos designados pelo Esqd ou, ainda, serão assinalados no terreno e esperarão a evacuação pela Tu Sau.

10.5.3.3.3 Os Pel C Pqdt, quando necessário e possível, estabelecem pontos de refúgio, que são instalações muito sumárias, situadas em locais abrigados, para onde os feridos são inicialmente conduzidos e onde podem ser sumariamente preparados para a evacuação até o PS. Esses pontos poderão ser apoiados por elementos da Tu Sau.

10.5.3.3.4 No PS, o ferido receberá os primeiros socorros e será, se necessário, preparado para ser evacuado para o módulo de saúde no Dst Log, a bordo de uma ambulância ou da própria viatura que o trouxe.

10.5.3.3.5 Em caso de falta de viaturas para a evacuação de feridos, podem também ser empregados o transporte “a braço”, por meios capturados ou por qualquer outro recurso local.

10.5.3.3.6 No PS, o ferido receberá o atendimento médico necessário:
a) os que conseguirem voltar ao combate, em curto prazo, são mantidos no PS ou nas suas proximidades, para que, logo que estejam aptos, retornem aos Pel. Esse retorno será coordenado pelo S-1 e os Cmt Pel.
b) aqueles que não tiverem condições de retornar à frente de combate são preparados para evacuação.

10.5.3.3.7 Para os feridos graves, poderá ser solicitada a evacuação aeromédica, o que normalmente é feito através da rede logística da Bda, podendo, em caso de necessidade, ser utilizada a própria rede de comando. Tal procedimento ocorrerá somente após consolidados os objetivos de assalto e havendo condições técnicas e táticas.

10.5.3.3.8 Quando o PS se desloca, os feridos que não possam se locomover são deixados em grupos que serão recolhidos pelo Esc Sp. Se necessário, um atendente permanecerá com os feridos.

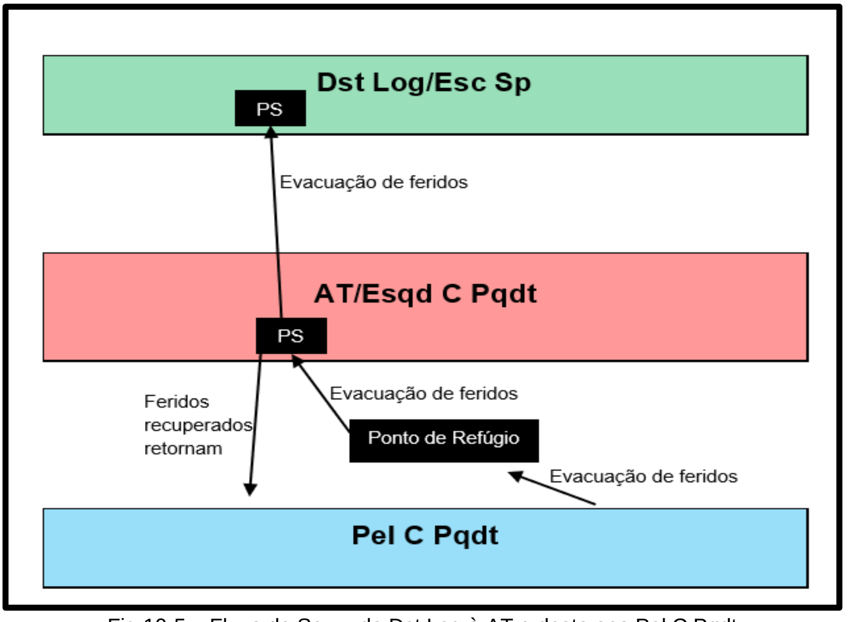


Fig 10-5 – Fluxo da Sau – do Dst Log à AT e desta aos Pel C Pqdt

10.5.4 FUNÇÃO LOGÍSTICA TRANSPORTE NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.5.4.1 Considerações Gerais

10.5.4.1.1 Durante a concentração, prevalecem as atividades de transporte. Nesse momento, o Esqd C Pqdt pode receber o apoio do B Log Pqdt, para realizar o deslocamento de suas viaturas, para a área de concentração e aprestamento, caso seja afastada de sua posição. Nessa situação, o S-4 deve coordenar as ações do Esqd C Pqdt com a Bda/FT U Pqdt, para a elaboração do plano de transporte do Esqd (caso não seja imposto pelo Esc Sp).

10.5.4.1.2 Durante o aprestamento, prevalecem as atividades de preparação do material previsto a ser transportado para a C Pnt Ae. O B DOMPSA pode apoiar o Esqd diretamente com especialistas, a fim de preparar cargas pesadas para o aerotransporte, prover assistência ou assessoramento técnico quanto à execução, ao planejamento do aerotransporte e à elaboração de documentos e planos de transporte aéreo.

10.5.4.1.3 Para a fase de movimento aéreo, o Esc Sp aloca aeronaves para o transporte de material e pessoal do Esqd C Pqdt até a área de objetivos. Nessa ocasião, os S-3 e S-4 desenvolvem plano específico, de modo a assegurar um planejamento coordenado e pormenorizado, em estreita ligação com a unidade da Força Aérea ou com a Aviação do Exército encarregada do aerotransporte.

10.5.4.1.4 Os planos de carregamento de material, de embarque de pessoal, ou NGA de carregamento do Esqd devem ser mantidos atualizados e adaptáveis às prováveis situações de emprego, visando à manutenção do estado de sobreaviso, durante as operações.

10.5.4.1.5 Os planos de carregamento e embarque são incluídos, normalmente, no plano de movimento aéreo do Esqd C Pqdt. Esse documento se constitui, de uma forma geral, em um extrato do plano respectivo do Esc Sp, acrescido de documentos específicos do Esqd (PQ-2, por exemplo).

10.5.4.1.6 O mestre de salto (MS) paraquedista é o combatente paraquedista do Esqd C Pqdt habilitado a comandar o lançamento de pessoal e material leve do Esqd, de uma aeronave militar em voo. O MS conduz as frações do Esqd durante o embarque, o voo e o lançamento para o cumprimento de suas missões.

10.5.4.1.7 O mestre de transporte é o militar do Esqd C Pqdt habilitado a realizar o planejamento e execução de operação de aerotransporte de pessoal e material, no nível do Esqd.

10.5.4.1.8 Em uma Op Aet, é desejável que o MS e o mestre de transporte dos aviões atribuídos ao Esqd não sejam elementos chaves no planejamento e execução do plano tático terrestre, tendo em vista não desviar esses elementos, seja no aprestamento, seja no movimento aéreo, de suas tarefas relativas ao planejamento, coordenação e controle das atividades previstas no conceito da operação.

10.5.4.1.9 Os manifestos de voo e lançamento devem ser preparados de forma a manterem, na medida do possível, a integridade tática das frações e dos pelotões. O aerotransporte do Cmt Esqd C Pqdt, EM do Esqd, e de itens críticos de material devem ser distribuídos entre as aeronaves, de forma que a perda de uma aeronave não resulte em prejuízos irreparáveis para a operação.

10.5.4.1.10 O armamento coletivo deve ser embarcado junto com a respectiva guarnição. O mesmo procedimento deve ser adotado no tocante a viaturas e motoristas.

10.5.4.1.11 Para mais informações sobre o acondicionamento e preparação de cargas para o aerotransporte, e deveres do mestre de transporte, deve ser consultado o Manual Técnico de Aerotransporte.

10.5.4.1.12 Para mais informações sobre a reunião de instruções finais (*briefings*) para o lançamento ou aerotransporte, e deveres do MS, deverá ser consultado o Manual Técnico do Mestre de Salto Paraquedista.

10.5.4.1.13 O escalão superior, normalmente, controlará o movimento em sua área de responsabilidade, estabelecendo normas para a circulação e o controle de trânsito. Essas normas poderão constar de um plano de circulação e controle

de trânsito, que regulará a utilização racional da rede viária, maximizando a sua capacidade para o atendimento das necessidades e assegurando a execução sistemática e ordenada do trânsito nas vias e terminais de transporte.

10.5.4.1.14 O plano de circulação e controle de trânsito do Esc Sp abrange, entre outras informações: a classificação das estradas e pontes; a coordenação com relação ao movimento e trânsito civil (se for o caso); as prioridades e regras de trânsito específicas; e as medidas de coordenação e controle. Ele deverá ser replicado pelo S-4 para que todos os Pel tomem conhecimento de seu teor.

10.5.4.2 Atividades de Transporte no Esqd C Pqdt

10.5.4.2.1 As atividades de transporte no Esqd C Pqdt são de pequena monta, resumindo-se, praticamente, ao transporte de suprimentos, à evacuação de feridos e ao controle da circulação e do trânsito na Z Aç do Esqd.

10.5.4.2.2 O Esqd C Pqdt, em seu planejamento logístico, estabelecerá um E Sup Ev, ligando a AT aos Pel, por onde será executado o apoio logístico do Esqd.

10.5.4.2.3 O Esqd é responsável pela segurança do seu E Sup Ev.

10.5.4.2.4 O S-4 é o responsável pela coordenação geral, planejamento e supervisão do transporte de suprimentos e evacuação de material, cabendo ao Cmt do Pel Cmdo Ap a responsabilidade pela execução dos transportes.

10.5.4.2.5 Para eficiência do movimento no Esqd C Pqdt, o S-4 deve:
a) centralizar o controle e descentralizar a execução no Pel Cmdo Ap;
b) regular todos os movimentos, particularmente os logísticos;
c) planejar os movimentos de forma flexível e empregando todos os meios disponíveis;
d) buscar o máximo conhecimento sobre a área e o inimigo, para aumentar a segurança; e
e) verificar se existe previsão de apoio aéreo ou de outros modais.

10.5.4.2.6 A fim de suplementar os limitados recursos de transporte, deve ser feita máxima utilização das viaturas inimigas capturadas.

10.5.5 FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

10.5.5.1 Considerações Gerais

10.5.5.1.1 A 1ª seção pessoal é responsável por planejar, integrar e controlar as tarefas de controle de efetivos, manutenção do moral e do bem-estar, execução dos assuntos mortuários e serviço de higiene pessoal e lavanderia. A 1ª seção

deve prever, prover e apoiar o pessoal, contribuindo para manter elevado o moral do Esqd C Pqdt em operações.

10.5.5.1.2 Durante a fase de preparação da operação e após o término dela, as atividades de manutenção do moral e do bem-estar são planejadas e conduzidas como nas demais operações terrestres, com especial prioridade para o serviço postal, suprimento reembolsável, serviço de higiene pessoal e lavanderia.

10.5.5.2 Controle de Efetivos

10.5.5.2.1 Considerações Gerais
a) O controle de efetivos é o processo que engloba os registros e relatórios relativos às movimentações e às mudanças de situação do pessoal no Esqd.
b) Para o controle de efetivos, no Esqd C Pqdt, é essencial a existência de um fluxo de informações sobre pessoal, desde as frações até a 1ª seção do Esqd. Essas informações constam de registros e de relatórios baseados em sistemas informatizados, que devem ser alimentados.
c) A precisão e confiabilidade dos dados inseridos nos sistemas de informação de pessoal deve ser motivo de fiscalização e orientações do S-1 e garante a efetividade do processo decisório relativo à função logística recursos humanos nos mais altos níveis.
d) Os Cmt dos Pel C Pqdt devem informar, diariamente, ao S-1, na forma e no horário previsto nas NGA ou ordem de operações do Esqd, a situação do efetivo de seus Pel. Devem ser transmitidas todas as alterações relativas ao pessoal ocorridas na jornada e as que permanecem de outras jornadas. Os dados serão transmitidos por posto e graduação, por fração, informando o destino de militares (prontos e em outros destinos), necessidade de recompletamentos, as baixas, os militares que permanecem em recuperação no PS e/ou foram evacuados para o módulo de saúde no Dst Log *etc*.
e) Normalmente, são mantidos registros do pessoal que participa do Ass Aet e do que permanece na área de concentração e aprestamento. Depois da chegada dos diferentes escalões na área de objetivos, o Esqd envia relatórios, sumários e mapas de efetivos ao Esc Sp. Nas fases iniciais da Op Aet, tais documentos são, em muitos casos, confeccionados por aproximação. São incluídos elementos de outras unidades que se tenham juntado ao Esqd, por ocasião do Ass Aet. Os manifestos de voo e lançamento servem de base para a elaboração de tais documentos.
f) Para informações detalhadas sobre controle de efetivos, deverá ser consultado o manual de campanha Estado-Maior e Ordens.

10.5.5.2.2 Registros
a) Caderno de trabalho do S-1 – registro temporário dos dados de interesse da seção, extraídos de mensagens, entendimentos pessoais, decisões e diretrizes do Cmt Esqd C Pqdt, ordens recebidas do Esc Sp e observações pessoais sobre a experiência do Esqd.

b) Diário do Esqd C Pqdt – resumo cronológico dos documentos que tramitaram pelo Esqd, funciona como um protocolo de documentos.
c) Quadro de necessidades de recomplemento – indica as necessidades para preenchimento dos claros e é enviado ao Esc Sp junto ao relatório de perdas.
d) Manifesto de voo e lançamento (PQ-2) – documento que contém os dados referentes ao aerotransporte ou lançamento. É elaborado pela 3ª seção do Esqd C Pqdt, quando responsável pelo lançamento ou aerotransporte.

10.5.5.2.3 Relatórios
a) Relatório de situação de pessoal – elaborado pela 1ª seção, sendo fornecido ao E-1 da Bda/S-1 da FT U Pqdt após a expedição da ordem de alerta, ou diretriz de planejamento. A partir de então, é fornecido conforme NGA ou ordens e diretrizes do Esc Sp.
b) Relatório de perdas de pessoal – acompanhado do quadro de necessidades de recompletamento tem força de pedido de recompletamento junto ao Esc Sp.
c) Sumário diário de pessoal – atualiza os dados sobre efetivos de pessoal do Esqd e elementos em reforço. Permite ao Esc Sp acompanhar a situação do efetivo do Esqd C Pqdt, dando noção da urgência ou prioridade para a distribuição de recompletamento.
d) Mensagem diária de efetivos (MDE) – mensagem em código, por meio da qual os dados do SUDIPE são transmitidos, diariamente, ao E-1 da Bda/S-1 da FT U Pqdt. A MDE não serve como pedido de recompletamento por não conter a qualificação dos militares.
e) Mapa da força – relatório sintético de situação, que discrimina o pessoal orgânico e em reforço, os indivíduos prontos para o serviço e os ausentes. As NGA devem regular as oportunidades em que deverá ser apresentado, cabendo a responsabilidade por sua confecção: nos Pel, ao Adj Pel; e no Esqd C Pqdt, ao sargento ajudante.

10.5.5.2.4 Perdas
a) Uma perda representa a redução do efetivo do Esqd C Pqdt. As perdas ocorrem pela ação do inimigo, doenças, acidentes e fatores de ordem administrativa.
b) As perdas em pessoal podem ser grupadas em três grandes categorias:
- perdas de combate – são ocasionadas pela ação do inimigo, como mortos em ação ou em consequência de ferimentos ou de acidentes em ação; feridos em combate ou em acidentes em ação; doentes em combate (por efeito de armamento QBRN); desaparecidos em ação; e capturados pelo inimigo);
- perdas fora de combate – são as que ocorrem sem ligação com o combate (mortos, acidentados, doentes e desaparecidos fora de combate); e
- perdas administrativas – transferidos para outras unidades; presos; ausentes; desertores; submetidos a rodízio (para repouso); e transferidos para a reserva.

c) A estimativa de perdas é estimada, considerando as de pessoal no movimento aéreo, ações táticas iniciais e subsequentes.

10.5.5.2.5 Claros
a) Chama-se claro a diferença entre o efetivo previsto no quadro de cargos do QO e o efetivo existente no momento considerado.
b) De acordo com o número de claros, o Esqd C Pqdt terá à disposição um percentual de efetivo que exprimirá o seu estado operacional:
- com até 80% do efetivo, inclusive, cumpre qualquer missão dentro das possibilidades do Esqd C Pqdt;
- entre 80% e 70%, inclusive, ataca posições fracamente defendidas e conduz defesa de área ou defesa circular, se a posição for, pelo menos, sumariamente organizada;
- abaixo de 70% do efetivo, perde a capacidade ofensiva; e
- entre 70% e 50%, inclusive, conduz defesa de área ou defesa circular em posição organizada.

10.5.5.2.6 Recompletamento
a) O recompletamento consiste em restabelecer o efetivo pelo completamento dos claros abertos com as perdas do Esqd. É, também, o nome dado ao militar recebido em condições de ocupar um cargo.
b) No Esqd C Pqdt, os pedidos iniciais de recompletamento tem por base a estimativa total de perdas para a operação como um todo, até o retraimento ou junção.
c) A qualificação do militar não é, normalmente, realizada no âmbito do Esqd, uma vez que este, quando em operações, recebe os seus recompletamentos já devidamente qualificados. O Esqd recebe seus recompletamentos já instruídos, fardados, equipados e com seu armamento individual.
d) O Esqd recebe os recompletamentos a tempo de receberem o treinamento juntamente com o Esqd. Normalmente, são mantidos na área de concentração e aprestamento e enviados à área de objetivos, quando necessário.
e) Cabe ao S-1 providenciar a apanha dos recompletamentos e definir as prioridades de distribuição, segundo um dos seguintes critérios:
- equitativo – cada Pel recebe um mesmo número de recompletamentos;
- proporcional aos claros;
- nivelamento dos claros – os Pel ficam com o mesmo número de claros;
- determinações operacionais (manobra tática, Pel em reserva *etc.*); ou
- de acordo com diretriz específica do Cmt Esqd C Pqdt.

10.5.5.3 Manutenção do Moral e do Bem-Estar

10.5.5.3.1 Considerações Gerais
a) O moral elevado é um fator inerente à tropa paraquedista e a sua manutenção deve ser uma preocupação constante em todos os escalões. O repouso, a recuperação e a recreação, na exata medida e no momento oportuno, são fatores fundamentais na manutenção do moral elevado com reflexo decisivo na capacidade operacional do combatente e na conservação do potencial humano.

b) Cabe ao S-1 estudar e propor normas e medidas para a assistência ao pessoal e a manutenção ou elevação do moral da subunidade. Para isto, deve observar, entre outros, os seguintes aspectos: número de dias em ação dos homens e dos elementos de combate; esforços físicos exigidos na ação; e desempenho individual e coletivo em combate.
c) Além das atividades listadas nesta seção, o rodízio entre os Pel e as licenças ao pessoal são medidas relacionadas à manutenção do moral e do bem-estar a serem consideradas pelo S-1.

10.5.5.3.2 Repouso, Recuperação e Recreação
a) Repouso, recuperação e recreação são tarefas que permitem que o pessoal se refaça do desgaste físico, mental e emocional. Elas são realizadas em áreas de repouso, áreas de recuperação e centros de recreação instalados e operados pelo B Log Pqdt na BLB.
b) O Esqd C Pqdt não organiza as atividades ou opera as instalações, apenas usufrui delas. A Bda/FT U Pqdt informará ao Esqd a disponibilidade de vagas e de períodos para que seus militares ou frações completas utilizem as instalações.
c) O S-1 organiza e controla as atividades desportivas e recreativas no Esqd, assessorando o Cmt na concessão de licenças e permissões e no aproveitamento das instalações de repouso, recuperação e recreação.

10.5.5.3.3 Suprimento reembolsável – quando disponível e oportuno, a Bda/FT U Pqdt informará sobre a localização e condições de utilização de cantinas móveis de suprimento reembolsável. O S-1, então, definirá como se dará o atendimento às solicitações dos militares. Quando o funcionamento dessas cantinas for inviável, o Esc Sp poderá autorizar a distribuição de determinados artigos, juntamente com as rações.

10.5.5.3.4 Serviço postal – a agência postal é localizada junto ao B Log Pqdt, no escalão recuado. A agência processa a correspondência recebida da instalação postal do Esc Sp e a entrega diretamente na AT do Esqd C Pqdt, se a situação permitir. Nessa ocasião, recebe a correspondência a ser encaminhada aos familiares dos combatentes ou expedida para outros destinos. De acordo com normas estabelecidas pela Bda/FT U Pqdt, o S-1 poderá estabelecer o funcionamento de um serviço postal e/ou o acesso a mídias específicas para esse fim no Esqd.

10.5.5.4 Execução dos Assuntos Mortuários

10.5.5.4.1 As atividades de sepultamento atendem à dupla finalidade – preservar as condições sanitárias no campo de batalha e manter o moral da tropa. A pronta remoção dos cadáveres, amigos e inimigos, corresponde à primeira finalidade, enquanto a certeza de um tratamento cuidadoso e reverente aos que tombam na luta é fator importante para o moral dos soldados.

10.5.5.4.2 Os mortos inimigos recebem tratamento idêntico aos nossos. Não é permitido, entretanto, misturar amigos e inimigos.

10.5.5.4.3 No âmbito do Esqd C Pqdt, o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as atividades relacionadas aos mortos cabem ao S-1, compreendendo:
a) coleta dos mortos;
b) identificação e registro na ficha de identificação de mortos (nome, posto e graduação, número de registro, Pel, hora e local da morte); e
c) evacuação, até o P Col Mor da Bda/FT U Pqdt.

10.5.5.4.4 Normalmente, os próprios Pel recolhem os mortos nas respectivas Z Aç. O morto deverá ser identificado pelo Cmt Pel por meio da função e dos dados da placa de identificação e será, em seguida, evacuado, por seus companheiros ou por elementos da reserva, para o P Col Mor/Esqd localizado próximo ao P Remn. Desse local, o cadáver será evacuado para o P Col Mor da Bda/FT U Pqdt. A permanência dos mortos, no âmbito do Esqd, deve ser a mais curta possível.

10.5.5.4.5 Os dados para a identificação do cadáver serão remetidos ao S-1, e os pertences pessoais, equipamento e armamento coletados serão entregues na AT.

10.5.5.4.6 As viaturas empregadas no suprimento de Cl V (munição) ou outras viaturas disponíveis, ao retornar vazias para a retaguarda, evacuam os mortos para o P Col Mor do escalão imediatamente superior. Em nenhuma hipótese, os mortos devem ser evacuados em ambulâncias ou viaturas que fazem o suprimento de Cl I. O armamento do morto é evacuado pelo Esqd, por intermédio do S-4, entretanto o Cmdo Esqd pode retê-lo para suprir lacuna de armamento destruído (ou perdido) por ação do inimigo.

10.5.5.4.7 Todos os locais onde haja coleta de mortos devem ser ocultos das vistas dos elementos que transitam na área ou nas estradas que o cortam, mas se situar próximo ao E Sup Ev.

10.5.5.5 Serviço de Higiene Pessoal e Lavanderia

10.5.5.5.1 O B Log Pqdt desdobrará postos de banho e lavanderia na BLB. Eventualmente, o B Log Pqdt poderá instalar posto de banho na C Pnt Ae de forma a atender à maioria dos elementos interessados. Normalmente, por ocasião do serviço de banho, é prestado o serviço de lavanderia, por troca do fardamento, através do fluxo de Sup Cl I.

10.5.5.5.2 Cabe ao S-1 planejar e supervisionar a execução da atividade de banho e lavanderia. A frequência e a oportunidade desse apoio serão condicionadas pela situação tática e pela disponibilidade de água tratada.

10.5.5.5.3 Deve-se considerar que a atividade de banho é fator importante na manutenção das condições de higiene e do moral da tropa.

10.5.5.6 Mão de Obra

10.5.5.6.1 No Esqd C Pqdt serão muito raras as atividades de aproveitamento de mão de obra civil. Quando a Bda autoriza o uso de mão de obra civil local, o S-1 apresenta ao Cmt Esqd o planejamento para seu emprego.

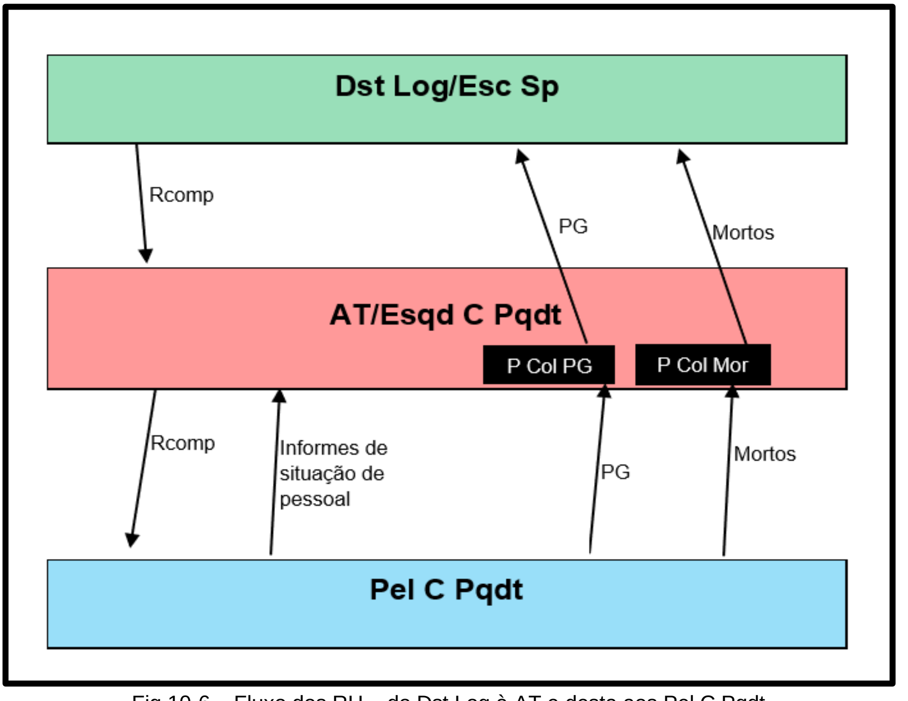


Fig 10-6 – Fluxo dos RH – do Dst Log à AT e desta aos Pel C Pqdt

10.5.6 TAREFAS DO SISTEMA DE COMANDO INTER-RELACIONADAS COM A FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS

10.5.6.1 Considerações Gerais

10.5.6.1.1 As atividades referentes à disciplina, à justiça militar e aos prisioneiros de guerra não fazem parte da logística, estando relacionadas ao sistema de comando. Uma vez que no Esqd C Pqdt essas atividades estão atreladas ao S-1 e serão abordadas neste capítulo.

10.5.6.2 Justiça e Disciplina

10.5.6.2.1 Cabe ao S-1 manter o Cmt informado de tudo o que possa influir no estado disciplinar da tropa e planejar e supervisionar a execução de medidas:
a) preventivas, que incentivam a obediência e o respeito à autoridade, eliminando causas reais ou potenciais de transgressão; e
b) corretivas, que, na falha das medidas preventivas, visam à punição das transgressões.

10.5.6.3 Prisioneiros de Guerra

10.5.6.3.1 O planejamento, a coordenação e a supervisão de tudo que se refere ao PG compete ao S-1. Seguindo as diretrizes do Esc Sp e entendendo-se com os demais membros do EM. O S-1 planeja as ações que se seguem à captura dos PG, até sua evacuação para o posto de coleta de PG (P Col PG) da Bda/FT U Pqdt.

10.5.6.3.2 O mais cedo possível, após a captura, os PG devem ser desarmados e grupados para evacuação, separando-se oficiais, graduados, desertores, civis e mulheres. Essa separação tem por objetivos principais:
a) dissociar os prisioneiros, evitando tentativa de fuga coletiva; e
b) impedir que oficiais e graduados imponham silêncio aos soldados, prejudicando os interrogatórios.

10.5.6.3.3 O tratamento a ser dispensado aos PG é regulado pela Convenção de Genebra de 1949. As principais prescrições, no que interessa ao Esqd, são:
a) não se permitem atos de violência nem medidas de represália;
b) a pessoa e a honra dos prisioneiros devem ser respeitadas;
c) a evacuação deve ser pronta, para não expor os PG a perigos desnecessários;
d) nos interrogatórios, os prisioneiros apenas são obrigados a declarar nome, posto ou graduação, número de identidade e idade;
e) só se permite a discriminação baseada na consideração de posto ou graduação, condições físicas e mentais, qualificações profissionais e sexo;
f) o posto e a antiguidade dos oficiais devem ser convenientemente respeitados;
g) a alimentação dos PG será igual à das tropas amigas em valor nutritivo;
h) os prisioneiros não podem ser empregados em trabalhos diretamente ligados às operações de guerra, particularmente no manuseio e no transporte de material para as unidades combatentes; e
i) será permitido ao PG conservar seu uniforme, placa de identificação, condecorações, insígnias e valores.

10.5.6.3.4 Os Pel devem evacuar os PG até o posto de coleta do Esqd, onde deverão permanecer o tempo estritamente necessário para um ligeiro interrogatório sobre a situação tática. Do P Col PG/Esqd C Pqdt para a retaguarda, a responsabilidade de evacuação é do Esc Sp.

10.5.6.3.5 Durante a evacuação do Pel até o P Col PG, os integrantes dos Pel não devem conversar com os PG e não podem distribuir-lhes alimentos, cigarros ou água antes de serem entregues.

10.5.6.3.6 No desempenho de suas atribuições referentes a PG, o S-1 mantém as seguintes relações no âmbito do Esqd C Pqdt:
a) com o S-2, sobre interrogatório e estimativa de captura;
b) com o S-4, sobre meios de transportes e alimentação;
c) com o oficial de saúde, sobre assistência e evacuação dos feridos; e
d) com o Cmt Pel Cmdo Ap, sobre a instalação do P Col e a guarda dos PG.

10.6 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA LOGÍSTICA

10.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.6.1.1 O planejamento logístico é priorizado durante o período que antecede a concentração e deve ser tão detalhado quanto o tempo permitir, por isso o EM deve empregar procedimentos padronizados e NGA para agilizar seu trabalho.

10.6.1.2 O planejamento logístico do Esqd C Pqdt para toda a Op Aet é dependente do planejamento do Esc Sp, e se processa na sequência inversa das atividades de sua execução, isto é, a partir do início do emprego do Esqd no terreno. A manobra terrestre condiciona as decisões quanto ao desembarque, que por sua vez influencia o movimento aéreo e o aprestamento.

10.6.1.3 Dentro do plano tático terrestre, o planejamento logístico deve abranger o desdobramento das frações logísticas na Z Aç do Esqd C Pqdt, bem como os processos, métodos e procedimentos a serem empregados em sua execução.

10.6.1.4 Para mais informações sobre o planejamento logístico, deverá ser consultado o manual de campanha Logística Militar Terrestre.

10.6.2 PRINCÍPIOS DO PLANEJAMENTO LOGÍSTICO

10.6.2.1 O apoio logístico deve ser dinâmico e procurar atender às necessidades específicas do Esqd, impostas pela situação tática, a fim de proporcionar maior poder de combate aos Pel C Pqdt.

10.6.2.2 O processo de planejamento logístico deve seguir a mesma metodologia empregada no manual de campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT) e ser realizado nas seguintes etapas:
a) análise de logística;
b) elaboração de planos e ordens;

c) elaboração de estimativa logística; e
d) acompanhamento e controle do apoio logístico.

10.6.2.3 Os seguintes princípios devem orientar o planejamento logístico:
a) a logística deve ir ao encontro dos elementos de 1º escalão, reduzindo-se ao máximo os deslocamentos desses até as instalações logísticas;
b) os elementos de 1º escalão devem ser aliviados ao máximo de seus encargos logísticos;
c) o planejamento deve se antecipar às necessidades;
d) o apoio logístico deve ser contínuo, utilizando todos os meios disponíveis, conforme a situação tática o permitir;
e) o suprimento e pessoal de logística devem estar em condições de emprego sempre que necessário;
f) o planejamento da manobra logística deve ser uma atividade contínua de todo o EM do Esqd C Pqdt, capitaneada pelo S-4; e
g) a constante avaliação da situação tática e o levantamento das necessidades para as futuras operações são atividades críticas para o planejamento da manobra logística.

10.6.3 ESTIMATIVA LOGÍSTICA

10.6.3.1 A estimativa logística é uma análise dos fatores que podem afetar o cumprimento da missão do Esqd C Pqdt.

10.6.3.2 O S-4 deve utilizar a estimativa logística para a formulação de linhas de ação e para o planejamento da manobra logística em apoio às operações definidas pelo Cmt Esqd. Os fatores mais relevantes para a confecção da estimativa logística são:
a) a situação do suprimento disponível, particularmente das classes I, III, V e IX;
b) a disponibilidade e características das viaturas e meios aéreos disponíveis;
c) a existência e disponibilidade de zona de desembarque na área de objetivos;
d) a configuração do escalonamento dos meios do Esqd para a Op Aet;
e) a duração estimada da operação; e
f) a possibilidade de obtenção de suprimentos e materiais na área de objetivos.
10.6.3.3 A estimativa logística não consta de um documento específico. O S-1 e o S-4 devem formulá-la, respondendo às seguintes perguntas:
a) qual a situação atual da manutenção, dos suprimentos e dos transportes?
b) quanto e o que é necessário para apoiar a operação?
c) que tipo de apoio externo é necessário?
d) qual processo de suprimento melhor atende às necessidades?
e) o que está faltando e qual o impacto dessa falta na operação?
f) que linha de ação deve ser apoiada?
g) onde estão os elementos a serem apoiados durante a operação?

10.6.3.4 A estimativa deve seguir um processo lógico e sistemático e prever as principais demandas de material e recursos a serem empregados em apoio às operações. Ela deve antecipar soluções para apoiar convenientemente a linha de ação selecionada para a manobra tática ou, também de forma antecipada, demonstrar sua inexequibilidade, propondo alternativas viáveis.

10.6.3.5 A rapidez do planejamento pode ser aumentada pela preparação prévia de quadros de necessidades de aeronaves. O Esqd deve preparar e montar quadros que indiquem o número de aeronaves necessárias para as variadas condições. Esses quadros servem de base para o pedido e para a distribuição de aeronaves para uma operação específica. O S-3 e o S-4 devem ter em mente que os planos têm que ser flexíveis, uma vez que as mudanças nos números, nas capacidades e nos tipos de aeronaves podem ocorrer a qualquer tempo.

10.6.4 MANOBRA LOGÍSTICA

10.6.4.1 Considerações Gerais

10.6.4.1.1 A manobra logística é o conjunto dos planejamentos, procedimentos, métodos e ações realizadas para apoiar pessoal e material de forma integrada e sincronizada à manobra tática, durante todas as fases da operação.

10.6.4.1.2 No Esqd C Pqdt, a manobra logística deve prever que todas as atividades logísticas desenvolvidas pelo Pel Cmdo Ap sejam deslocadas em direção aos elementos de 1º escalão, evitando, sempre que possível, que os elementos de combate se desloquem para a AT em busca de apoio.

10.6.4.2 Planejamento da Manobra Logística

10.6.4.2.1 Durante o processo do planejamento logístico, o S-4 deve estudar as ordens do escalão superior, o conceito da operação, a intenção do comandante, a situação tática e logística e as peculiaridades de sua unidade. Devem ser particularmente considerados:
a) as necessidades;
b) as disponibilidades;
c) a capacidade de comando e controle;
d) os fatores restritivos;
e) a disponibilidade de itens críticos;
f) os fatores da decisão;
g) os fundamentos das operações; e
h) os princípios logísticos.

10.6.4.2.2 Do conceito da operação, devem ser extraídas informações fundamentais para a concepção da manobra logística, como:
a) o que cada elemento apoiado fará no cumprimento da missão;
b) onde cada elemento apoiado estará, em cada fase e no final da missão;

c) que missão será executada ao final da operação; e
d) como os elementos apoiados executarão a missão.

10.6.4.2.3 Após analisar o conceito da operação, o S-4 e o S-1 devem ser capazes de definir o apoio logístico necessário para a operação, determinando:
a) que tipo de apoio é necessário e em que local;
b) que quantidade de apoio será necessária; e
c) qual a prioridade de apoio por tipo e por Pel.

10.6.4.2.4 Com base nas necessidades já levantadas, avaliam-se as possibilidades da logística do Esqd C Pqdt, levantando-se:
a) que recursos logísticos estão disponíveis e quais são suas características;
b) onde estão os recursos e as instalações logísticas do escalão superior;
c) quando os recursos logísticos estarão disponíveis para os Pel; e
d) como os recursos logísticos podem ser disponibilizados.

10.6.4.2.5 Baseado nas informações oriundas da análise da operação e nas necessidades e disponibilidades logísticas, o S-4 poderá iniciar a concepção da manobra logística. Durante o planejamento, ele deverá analisar ainda, como base para propor a priorização de apoio a determinados elementos de combate:
a) a necessidade de manutenção e a disponibilidade do material dos elementos de combate, considerando as características da missão e as prioridades atribuídas pelo Cmt Esqd. Essa análise permitirá planejar o emprego dos elementos de manutenção disponíveis;
b) a situação tática e a missão atribuída a cada um dos elementos de combate, estimando a maior ou menor necessidade de apoio de evacuação de mortos e feridos na operação ou em alguma fase desta. Com base nessa análise, pode planejar o emprego dos elementos de saúde disponíveis;
c) a situação tática e as ordens do escalão superior e do Cmt Esqd sobre alimentação da tropa, a fim de decidir sobre o escalonamento das rações; e
d) a necessidade de propor ao Cmt Esqd o remanejamento de viaturas, armamentos e equipamentos entre os elementos de combate, a fim de contribuir para o cumprimento das missões impostas em determinada operação ou fase da manobra.

10.6.4.2.6 Caso as necessidades mínimas superem as disponibilidades, o planejador formula sugestões e pedidos ao Esc Sp. Tal assessoramento deve ser realizado o mais rápido possível.

10.6.5 PECULIARIDADES DO APOIO LOGÍSTICO NAS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

10.6.5.1 Considerações Gerais

10.6.5.1.1 Para o Esqd C Pqdt, em termos gerais de demandas logísticas, as Op Aet refletem em:
a) elevado consumo de munições;
b) grande necessidade de manutenção e de evacuação de material salvado e/ou capturado;
c) elevado número de baixas e grande necessidade de evacuação de feridos;
d) necessidade de coordenação com o Esc Sp por ocasião do emprego de meios aéreos para a logística;
e) dificuldade na determinação exata dos meios necessários, dimensionando o apoio logístico com base na estimativa logística;
f) ampla utilização de processos especiais de suprimento;
g) necessidade de preparação do material e emprego de material adequado, com vistas ao aerotransporte e ao desembarque;
h) restrição de meios de transporte terrestre disponíveis nas etapas iniciais da operação;
i) limitação de munição e outros itens de suprimento; e
j) perda de pessoal e equipamento devido a problemas no desembarque ou devido a aeronaves abatidas.

10.6.5.1.2 As condições climáticas podem causar o adiamento de operações planejadas ou reduzir a disponibilidade de tempo de uma operação em curso.

10.6.5.1.3 A capacidade de transporte dos meios aéreos limita a capacidade de apoio logístico à C Pnt Ae. Qualquer demanda que extrapole suas possibilidades torna-se inviável de se realizar.

10.6.5.1.4 O fogo de artilharia antiaérea inimigo contra aeronave de reabastecimento, assim como fogos de artilharia de longo alcance, de morteiros e aéreos inimigos podem dificultar a entrega, coleta ou distribuição de suprimentos.

10.6.5.1.5 Frente a essas características das Op Aet, cabe ao S-4 realizar uma previsão acurada das possíveis necessidades futuras.

10.6.5.1.6 Na fase de ações táticas iniciais, o apoio logístico do Esc Sp ao Esqd C Pqdt pode ser prestado em todo, ou em parte, por elementos já infiltrados na área de objetivos.

10.6.5.2 Aprestamento

10.6.5.2.1 O plano de aprestamento do Esqd C Pqdt deve incluir, entre outras, as seguintes informações:
a) instruções detalhadas para o movimento e emprego de instalações e serviços do Pel Cmdo Ap, tais como P Remn, cozinha *etc*.;
b) instruções sobre o deslocamento dos pelotões para a área de aprestamento, se for o caso, e para os locais de carregamento; e
c) instruções para o carregamento de tropas e equipamentos em cada uma das aeronaves atribuídas ao Esqd.

10.6.5.2.2 O aprestamento deve ser realizado no menor tempo possível. Tão logo seja possível, o Esqd recebe o equipamento e os suprimentos que serão utilizados na operação. Inspeções frequentes são realizadas para verificar a situação do material.

10.6.5.2.3 Aos paraquedistas que conduzirão pacotes é dado tempo suficiente para a sua preparação. Pacotes extras, ou seus acessórios, se necessário, são solicitados ao elemento de apoio. Os fardos leves são preparados pelas frações correspondentes.

10.6.5.2.4 Os materiais pesados são conduzidos até as equipes especializadas (DOMPSA), acompanhados por seus respectivos responsáveis ou usuários, que auxiliam na sua preparação.

10.6.5.2.5 O Cmt Esqd C Pqdt é o responsável pelo carregamento do seu material e pelo embarque do seu pessoal conforme as ordens recebidas do Esc Sp.

10.6.5.2.6 O Esqd C Pqdt, normalmente, carrega e ancora seus fardos nas aeronaves tão cedo quanto possível, e embarca o pessoal o mais tarde possível.

10.6.5.3 Incursão Aeroterrestre

10.6.5.3.1 Nesse tipo de Op Aet, os meios logísticos empregados pelo Esqd C Pqdt devem ser os mínimos necessários para a evacuação de mortos e feridos, evacuação de materiais leves danificados, destruição de material avariado e que não tenha condições de ser evacuado e apoio ao retraimento.

10.6.5.3.2 Em razão das características das incursões aeroterrestres, essas serão, inicialmente, desprovidas de ressuprimento e manutenção de seus materiais.

10.6.5.3.3 Havendo necessidade de extensão da permanência no terreno ou evolução da situação tática, os elementos do Esqd dessa incursão aeroterrestre poderão ser ressupridos por via aérea ou valerem-se dos meios que as localidades da Z Aç ofertarem ou dispuserem.

10.6.5.4 Módulo de Apoio

10.6.5.4.1 Para a tropa de cavalaria paraquedista, o Módulo de Apoio (Mod Ap) é a reunião de meios e pessoal orgânicos do Pel Cmdo Ap necessários para prover apoio logístico continuado a um Pel C Pqdt que atue destacado do Esqd, passando a integrar uma FT SU Pqdt.

10.6.5.4.2 O Mod Ap poderá, se necessário, de acordo com o estudo de situação do S-4 e a capacidade logística da SU Pqdt que receberá o Pel C Pqdt, conduzir um Pac Log com suprimento para a operação do Pel.

10.6.5.4.3 Devido à SU Pqdt reforçada ser de natureza diferente, o Mod Ap deve conduzir, principalmente, um Pac Log de suprimentos específicos (principalmente Sup Cl III, V (munição) e IX), além de especialistas e ferramental para executar a manutenção do material de dotação do Esqd C Pqdt.

10.6.6 APOIO LOGÍSTICO NAS DEMAIS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

10.6.6.1 Operações de Segurança

a) O apoio logístico às operações de segurança é realizado em largas frentes e grandes profundidades, exigindo maior segurança do fluxo e das instalações logísticas.
b) Deve haver uma grande flexibilidade no planejamento da manobra logística do Esqd C Pqdt, pois haverá sempre a possibilidade de mudança na atitude da tropa durante a operação, alterando as características do apoio logístico.
c) Nesse tipo de operação complementar, pode-se privilegiar o apoio cerrado, principalmente até a linha de provável encontro (LPE) ou a continuidade do apoio, prevendo-se um mínimo de mudanças da AT.
d) A AT do Esqd C Pqdt pode ser desdobrada nas R Dstn previstas, aproveitando-se o reconhecimento do terreno já realizado. Entretanto, é importante considerar a possibilidade de não desdobrar todas as instalações logísticas na R Dstn, a fim de poder realizar, com celeridade, a mudança de localização dos trens.
e) Dependendo da largura da Z Aç do Esqd C Pqdt, pode-se utilizar processos especiais de suprimento, limitados à capacidade da AT Esqd C Pqdt e do B Log Pqdt. Nesse caso, há necessidade de um elevado grau de controle e coordenação das funções logísticas, tendo em vista a descentralização da ação.
f) Essas operações são caracterizadas por alto consumo de suprimento Cl III e aumento nos trabalhos de manutenção das viaturas. Os níveis de suprimento devem ser compatíveis com a duração da operação e considerados em função da previsão de consumo e da capacidade de transporte do Esqd C Pqdt.

g) A mobilidade e a descentralização da operação dificultam a evacuação médica.
h) O S-4 deve considerar no planejamento logístico do Esqd C Pqdt os seguintes fatores para a escolha do processo de distribuição do suprimento:
- risco admissível na execução do suprimento;
- volumes a serem supridos; e
- natureza, profundidade e duração provável da operação.
i) O S-4 deve estar constantemente atento à situação tática para definir com o Cmt do Esqd C Pqdt o momento adequado para os trens iniciarem o seu movimento para a retaguarda ou em direção aos elementos apoiados, a fim de que não haja interferência no desenvolvimento da manobra.
j) O S-4 deve considerar a influência da categoria das estradas, capacidade dos motoristas e agilidade no processamento dos Pac Log no tempo disponível para o suprimento, que deve ser suficiente para que se alcance toda a Z Aç.
k) Os trens devem ficar o mais à frente possível, respeitando-se a distância mínima de segurança. Nessas operações, o deslocamento dos trens pode ser realizado das seguintes formas:
- quando o Esqd realizar uma marcha tática, os trens deslocam-se na própria coluna, valendo-se da segurança que os elementos de combate podem lhes proporcionar e apoiando-os durante as paradas. Se o Esqd se deslocar por vários eixos, os trens devem, por lanços, colocarem-se em posições centrais, de modo que possam apoiar em melhores condições na direção da maioria dos meios. Os lanços são previstos para R Dstn de onde, através de rocadas, possam atingir qualquer ponto das Z Aç dos elementos de combate. Os trens só devem ocupar as R Dstn, quando for necessário seu emprego desdobrado, caso contrário, devem se deslocar com os elementos de combate do centro e permanecer sobre rodas;
- quando o Esqd C Pqdt se deslocar por vários eixos, em que o apoio logístico poderá se tornar difícil, haverá necessidade de dotar os trens do Esqd de maior quantidade de suprimento Cl III e de elementos de manutenção em reforço. Se possível, nessas operações, o Esqd será melhor apoiado caso conte com o apoio de uma reserva móvel de Sup Cl III; e
- durante os deslocamentos, os mortos são identificados e deixados à margem da estrada, em locais, se possível, não visíveis pela tropa que se desloca à retaguarda. O local é sinalizado e, na passagem dos trens, os elementos que operam o P Col Mor registram os mortos, preparam-nos para evacuação e os sinalizam, para que o B Log Pqdt possa evacuá-los.

10.6.6.2 Operações de Junção

a) No caso de ocorrer uma junção, o fluxo logístico normalmente é estabelecido pela estrada principal de suprimento da força de junção, por via terrestre, tornando o apoio logístico similar ao apoio nos demais tipos de operações.
b) As forças de junção devem complementar temporariamente a logística do Esqd C Pqdt, até que a reversão dos meios na C Pnt Ae seja concluída.

10.6.7 APOIO LOGÍSTICO NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

10.6.7.1 Considerações Gerais

10.6.7.1.1 As operações ofensivas do Esqd C Pqdt caracterizam-se pela grande demanda de apoio logístico (particularmente dos Sup Cl III e V e de apoio de manutenção), requerendo a antecipação de necessidades e dos locais prioritários para o seu emprego. Normalmente, é necessário cerrar o apoio logístico do Esqd visando a reduzir o tempo de resposta às demandas e, consequentemente, aumentar o poder de combate e a prontidão operativa dos elementos de combate. O elemento de combate que realiza a ação ou o esforço principal deve receber um maior volume de apoio logístico.

10.6.7.1.2 A manutenção da iniciativa e da liberdade de ação é essencial, exigindo do S-4 soluções flexíveis e uma estreita coordenação e integração entre o planejamento logístico da Bda/FT U Pqdt, do Esqd e dos Pel.

10.6.7.1.3 Em princípio, as operações ofensivas do Esqd C Pqdt resultam em maior número de baixas, o que deve requerer do S-4 o emprego judicioso dos meios disponíveis e solicitar ao Esc Sp o reforço em meios de evacuação.

10.6.7.1.4 O planejamento logístico do Esqd C Pqdt para as operações ofensivas deve variar conforme o tipo de operação e a forma de manobra a ser executada. Um ataque frontal e um envolvimento, por exemplo, apresentam demandas logísticas diversas.

10.6.7.1.5 Nessas operações, o material salvado ou capturado é deixado pelos Pel em um local e informado ao S-4, que providenciará a sua coleta.

10.6.7.2 Marcha para o Combate

10.6.7.2.1 O apoio logístico pode apresentar um elevado grau de complexidade, principalmente em função das distâncias entre a AT e os objetivos finais, que podem extrapolar a capacidade de apoio dos meios orgânicos do Esqd.

10.6.7.2.2 Nessas operações, as linhas de suprimento podem tornar-se muito extensas e sujeitas à ação do inimigo e o consumo de suprimento de Cl III aumenta, exigindo um planejamento logístico detalhado. São opções para contornar esses desafios:

- intervenção do escalão superior pelo emprego de processos especiais de suprimento e reforço de viaturas de transporte;
- planejamento da Z Dbq próximo à C Pnt Ae;
- ampliação da proteção aos comboios de suprimento e trens; e
- ampliação de estoques, particularmente, no que diz respeito a suprimentos de Classe III.

10.6.7.2.3 Não há necessidade de desdobrar a AT em todas as R Dstn planejadas. Quando se decidir pelo desdobramento dos trens, o S-4 pode determinar que seja apenas parcial, a fim de acelerar a mudança da localização dos trens quando necessário.

10.6.7.2.4 Cada viatura deve transportar um suprimento adicional de rações de combate, de acordo com as possibilidades.

10.6.7.2.5 O número de baixas de combate normalmente diminui, mas a distância para evacuação aumenta. Quando disponíveis, meios aéreos são utilizados para a evacuação das baixas.

10.6.7.3 Ataque e Reconhecimento em Força

10.6.7.3.1 O S-4 deve planejar a localização da AT o mais à frente possível. Isso permiti o apoio cerrado aos elementos de combate em primeiro escalão, com o mínimo de mudanças de sua localização no curso da operação.

10.6.7.3.2 Fatores adversos, como a capacidade de fogos terrestres, aéreos e navais do inimigo, a insuficiência de meios de transporte, deficiências na rede rodoviária e problemas na segurança da área podem desaconselhar a mudança da AT para uma região mais próxima da linha de contato.

10.6.7.3.3 Caso surja a necessidade de aproximar a AT, esse movimento deve ser realizado quando houver uma diminuição no ritmo do combate, por ocasião da conquista de objetivos intermediários ou quando forem determinadas pausas operativas pelo comando do Esqd C Pqdt ou Esc Sp.

10.6.8 APOIO LOGÍSTICO NAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

10.6.8.1 Movimentos Retrógrados

10.6.8.1.1 Considerações Gerais
a) Caracterizam-se pela pressão intensa do inimigo e a necessidade de deslocamentos intercalados por momentos estáticos, gerando situações em que as posições abandonadas pelo Esqd C Pqdt são de imediato ocupadas pelo inimigo. Com isso, a evacuação de material e pessoal se torna uma atividade crítica e o consumo de suprimento das classes III e V aumenta.
b) A mudança de localização das AT para a retaguarda deve anteceder ao deslocamento dos Pel C Pqdt, a fim de evitar o congestionamento das vias.
c) Sempre que possível, os suprimentos são pré-posicionados pelo Esc Sp, à retaguarda das posições do Esqd, de modo a assegurar um apoio contínuo, uma vez que o E Sup Ev do Esc Sp é vulnerável a ataques do inimigo.
d) O movimento das viaturas de suprimento é, normalmente, executado durante períodos de reduzida visibilidade, em virtude da superioridade de poder de combate do inimigo.

e) A manutenção e o reparo do equipamento danificado tornam-se difíceis, uma vez que são executados, normalmente, sob fogo do inimigo. Podem ser adotadas quatro linhas de ação referentes ao destino das viaturas indisponíveis: evacuá-las para o Esc Sp; realizar o máximo de manutenção no local utilizando as equipes de trabalho disponíveis; rebocá-las com as viaturas disponíveis no local (que não as de socorro) e, em última instância, destruí-las. As duas últimas linhas de ação são mais usadas quando de um retraimento sob pressão do inimigo.
f) Nesse tipo de operação, o material salvado ou capturado é transportado pelos Pel e entregue na AT do Esqd. Quando não for possível o transporte deste material, adota-se a mesma sistemática das operações ofensivas.

10.6.8.1.2 Retraimento
a) Os planos de apoio logístico no retraimento preveem o apoio ao grosso e à F Seg em contato com o inimigo. O apoio logístico para o grosso é semelhante ao prestado para uma tropa de cavalaria convencional realizando uma marcha para o combate. O apoio logístico para a força de segurança no retraimento é semelhante ao executado em uma tropa de cavalaria convencional em ação retardadora.
b) Os trens do Esqd podem ser aumentados de modo que possam transportar suprimentos adicionais, para a hipótese do Esqd ficar isolado pela ação do inimigo.
c) Devem ser preparados planos para suprimento por meio de aeronaves. As baixas são, normalmente, evacuadas por meios aéreos.
d) A manutenção fica restrita a pequenos reparos. Frequentemente, o tempo não permitirá a reparação de viaturas em pane, que deverão ser evacuadas rapidamente. Será necessário, frequentemente, estabelecer P Col Slv sucessivos, em profundidade, ao longo do E Sup Ev, com apoio do Esc Sp. Caso a captura do P Col Slv pelo inimigo se torne iminente, o material lá reunido deverá ser destruído.
e) Os planos de apoio logístico devem prever a evacuação ou destruição dos excessos de suprimento e equipamentos, exceto material de saúde, de modo a não comprometer o retraimento. Não é permitida a destruição intencional de equipamentos e suprimento de saúde.

10.6.8.2 Defesa em Posição

10.6.8.2.1 Considerações Gerais
a) Na defesa em posição, as necessidades de segurança e de continuidade do apoio têm grande influência na localização da AT do Esqd C Pqdt. Deverá ser evitada a mudança da AT para a retaguarda, durante esse tipo de operação. A manobra logística deve ser planejada de modo a não interferir na manobra tática.
b) O apoio logístico nesse tipo de operação é caracterizado por um alto consumo de Sup Cl IV, V (munição), VI e aumento na quantidade de baixas.
c) Há um aumento nas necessidades de transporte, sobretudo para o atendimento das demandas de suprimento classe V (munição) e classe IV, o que

exige maior controle do movimento nos E Sup Ev, e de meios para movimentação de carga, inclusive nas posições mais avançadas.
d) A previsão de elevado número de baixas nesse tipo de operações indica a necessidade de cerrar à frente as estruturas de apoio de saúde e reforçar a rede de evacuação de feridos.

10.6.8.2.2 Defesa de Área
a) Na defesa de área, em função de seu caráter estático e da forte pressão do inimigo, a ocorrência de baixas e o consumo de munição são elevados, enquanto a demanda por suprimento de Cl III tende a ser baixa.
b) Após o contato com o inimigo, torna-se difícil o ressuprimento, o que impõe a estocagem de munição junto aos núcleos de defesa para atender o consumo por 24 horas, no mínimo. Assume grande importância, também, o completamento da DO de cada munição, para atender a sustentação do combate durante as prováveis interrupções do fluxo de suprimento.
c) As viaturas de suprimento, sempre que possível, deslocam-se da AT e a eles retornam antes do clarear, beneficiando-se da escuridão.

10.6.9 APOIO LOGÍSTICO NAS ZONAS DE REUNIÃO

10.6.9.1 Nas Z Reu, as operações de apoio logístico são realizadas de acordo com o tempo disponível e a situação tática. É a situação mais favorável para o apoio, pois os Pel C Pqdt estarão próximos e desenvolvendo atividades logísticas voltadas para o cumprimento da missão futura.

10.6.9.2 Suprimento – os suprimentos e equipamentos (bem como seus instrumentos de controle) são inspecionados. Devem estar disponíveis, em boas condições e os estoques autorizados, completos.

10.6.9.3 Apoio de Saúde – normalmente, a tropa recebe apenas o tratamento de primeiros socorros na Z Reu. Aqueles que necessitarem de cuidados adicionais serão evacuados para o Dst Log ou BLB, pelo Esc Sp.

10.6.9.4 Manutenção
a) As guarnições e o pessoal de manutenção devem ter em mente que uma vez deixada a Z Reu, as oportunidades para a execução adequada da manutenção serão limitadas. Todos os Cmt, as guarnições e o pessoal de manutenção farão o máximo esforço possível para assegurar a eficiência operacional do equipamento, bem como para a execução dos reparos e inspeções que não puderam ser realizados convenientemente durante os períodos de combate.
b) Todo o equipamento deverá ser inspecionado, limpo e deixado nas melhores condições possíveis.
c) O material que o Esqd não puder reparar será evacuado.

ANEXO A

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO

A.1 BASEADA NAS FASES DA OP AET

EVENTOS		Fase 1 Preparação	Fase 2 Mvt Ae	Fase 3 Aç Tat Iniciais	Fase 4 Aç Tat Subsequentes
Situação do Inimigo					
Inteligência					
Movimento e Manobra					
Logística					
Fogos	Cinéticos				
	Não Cinéticos				
Comando e Controle					
Proteção	DAAe				
	GE/Ciber				
	DQBRN				

A.2 BASEADA NOS ESCALÕES

<table>
<tr><th colspan="2">EVENTOS</th><th>Esc Prec</th><th>Esc Assalto</th><th>Escalão Acompanhamento</th></tr>
<tr><td colspan="2">Situação do Inimigo</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">Inteligência</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">Movimento
e
Manobra</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">Logística</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Fogos</td><td>Cinéticos</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Não
Cinéticos</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">Comando
e
Controle</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="3">Proteção</td><td>DAAe</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>GE/Ciber</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>DQBRN</td><td></td><td></td><td></td></tr>
</table>

ANEXO B

MEMENTOS DE DECISÕES E ESQUEMAS DE MANOBRA

B.1 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NA MARCHA PARA O COMBATE

....

1. A fim de Estb o contato com o Ini, o 1º Esqd C Pqdt realizará uma M Cmb a partir da L Ct GANCHO, em 310530 Dez 19, constituindo a vanguarda da Bda Inf Pqdt, pelo E Prog AÇO, para isso:

a) até a região de IGREJA SÃO PAULO (L Ct GANCHO), em Coluna de Marcha, com o 1º Pel C Pqdt à frente, seguido do 2º Pel C Pqdt, dos TC do Pel Cmdo Ap e do 3º Pel C Pqdt (como Rtgd);

b) a partir da L Ct GANCHO (PCt 33), em Coluna Tática, até a L Ct PINO – (LPE), com o 1º Pel C Pqdt, constituindo o Esc Cmb e o restante do Esqd C Pqdt compondo o grosso, na seguinte ordem: 2º Pel C Pqdt, TC do Pel Cmdo Ap e do 3º Pel C Pqdt;

c) a partir da L Ct PINO, em Marcha de Aproximação, até a L Ct FITA, mantendo sua organização anterior;

d) após a L Ct FITA e a partir do P Ct 35, empregará o 1º e o 2º Pel C Pqdt, pelo E Prog LANÇA, na direção Vila GUARULHOS – Faz PLANALTO para conquistar a R Altu de O1;

e) a partir da L Ct FITA, manterá o 3º Pel C Pqdt em reserva, na Rg NW P Cot 520 (3810);

f) Dslc os TC do Rgt pelo E Prog AÇO, Ocp as R Dstn conforme Clc Op; e

g) após a Conq de O1, ficar ECD Pross para o E pelos E Prog AÇO ou de Mnt para Ap Ultr de Elm Bda Inf Pqdt.

2. Prioridade de fogos para o 1º Pel C Pqdt durante toda a Op.

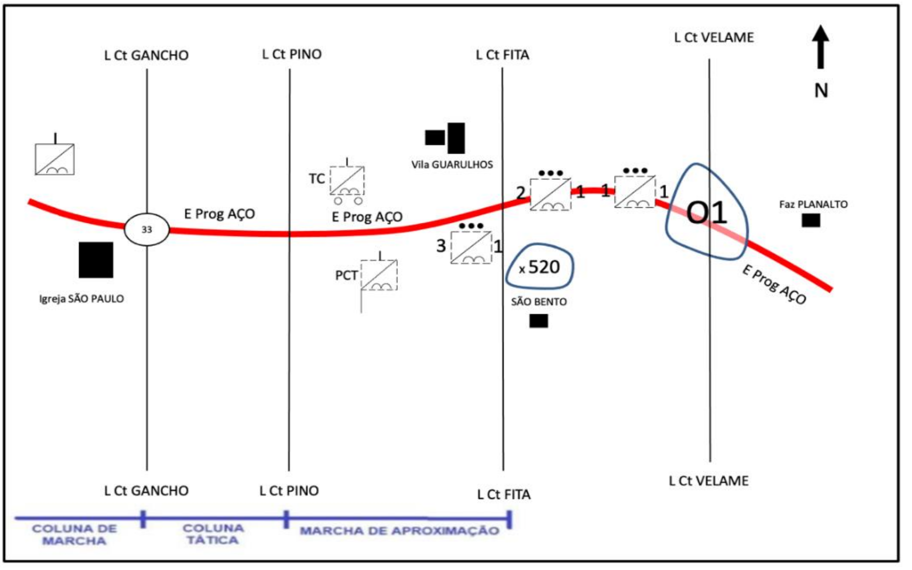


Fig B-1 – Esquema de manobra do Esqd C Pqdt na M Cmb

B.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NO RECONHECIMENTO

B.2.1 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NO RECONHECIMENTO DE EIXO

- A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt na sua Mis de Conq e consolidar a C Pnt Aet, o 1º Esqd C Pqdt Cob a M Cmb, em sua Z Aç, a partir de ____, entre as L Ct _____ e _____. Para isso:

a) O 1º Esqd C Pqdt, a partir de _____, vai reconhecer o eixo ____, entre as L Ct _____ e _____, devendo informar sobre as condições de trafegabilidade e a presença do Ini ao longo do mesmo, empregando o ___ Pel C Pqdt em primeiro escalão;

b) Rec a Loc de ________, devendo informar sobre a presença do Ini e seu DICOVAP;

c) Rec as Rg Psg sobre o rio ______, em sua Z Aç;

d) Dslc dos demais elementos do Esqd pelo Itn Prog ___, a esteira do último Pel C Pqdt, devendo Ocp as R Dstn constantes no Clc Op;

e) Deverá atingir a L Ct _____ (FINAL) até ____;

f) Prio Ap F:

1) Até Conq 01: ___ Pel C Pqdt.

2) Após Conq 02: ___ Pel C Pqdt.

g) Em final de missão:

1) Conq ___.

2) Ap Ultr de Elm da Bda Inf Pqdt.

3) Ficar ECD Pross para ___.

B.2.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NO RECONHECIMENTO DE ZONA

- A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt na sua Mis de Conq e consolidar a C Pnt Aet, o 1º Esqd C Pqdt Cob a M Cmb, em sua Z Aç, a partir de ____, entre as L Ct _____ e _____. Para isso:

a) Reconhecer sua Z Aç, entre as L Ct ____ e ____, devendo informar sobre as condições de trafegabilidade dos múltiplos eixos existentes, as condições de trafegabilidade através do campo e a presença do Ini em sua Z Aç, empregando o ___ Pel C Pqdt a ___, o ___ Pel C Pqdt ao ___ e ___ Pel C Pqdt a ___ para reconhecer suas respectivas Z Aç.

b) Dslc dos demais elementos do Esqd pelo Itn Prog ___, a esteira do último Pel C Pqdt, devendo Ocp as R Dstn constantes no Clc Op;

c) Deverá atingir a L Ct _____ (FINAL) até _____.

d) Prio Ap F:

1) Até Conq 01: ___ Pel C Pqdt.

2) Após Conq 02: ___ Pel C Pqdt.

e) Em final de missão:

1) Conq ___.

2) Ap Ultr de Elm da Bda Inf Pqdt.

3) Ficar ECD Pross para ___.

B.2.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NO RECONHECIMENTO DE ÁREA

- A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt na sua Mis de Conq e consolidar a C Pnt Aet, o 1º Esqd C Pqdt Rlz M Cln Tat, da sua atual Z Reu até a L Ct ____ (INICIAL), com o 1º, 2º e 3º Pel C Pqdt em 1º Esc, a partir de ____, para reconhecer sua área devendo informar sobre:

a) Rec, entre as L Ct _____ e ____, todas as Rg Psg sobre o rio _____;

b) Rec a Loc de _____, devendo verificar a existência de F Ini e a atitude da população civil;

c) Rec a área boscosa, ao norte de ______, devendo verificar a presença do Ini e a possibilidade de trafegabilidade na área.

d) Prio Ap F:

1) Até Conq 01: ___ Pel C Pqdt.

2) Após Conq 02: ___ Pel C Pqdt.

B.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NA AÇÃO RETARDADORA

1. A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt em sua missão de Conq e consolidar a C Pnt Ae, o 1º Esqd C Pqdt retardará em Pos Suc, a partir de D/1200P, o Ini que incidir em sua Z Aç. Para isso, deverá:

a) ocupar a PIR, no corte do arroio CAXAMBU (7460) e do afluente N do rio PINHEIRINHO (6844), empregando o 1º Pel C Pqdt (-) a N, 2º Pel C Pqdt ao C e o 3º Pel C Pqdt a S;

b) estabelecerá PO e Pa com Elm em 1º Esc;

c) levantará dados sobre o dispositivo, o valor, a composição e a direção da maioria dos meios Ini;

d) retardará o Ini entre a PIR e a L C Pnt Ae, ao longo de sua Z Aç, com o mesmo Dspo da PIR, a fim de impedi-lo de abordar o L C Pnt Ae antes de D+2/1200P, devendo ganhar uma jornada na PIR e uma jornada na P2;

e) retrairá das posições Rtrd Mdt O;

f) retrairá através da L C Pnt Ae, na Z Aç do 27º BI Pqdt;

g) após o acolhimento na L C Pnt Ae, passará o Cmdo operacional do 3º Pel C Pqdt para o 27º BI Pqdt;

h) reverterá os Elm em Ref aos seus Cmdo de origem, após ser Aclh L C Pnt Ae; e

i) retirar-se-á até a Rg ROSÁRIO (1036) e passará à Res Bda Inf Pqdt.

2. Prioridade inicial de fogos:

- para o 2º Pel C Pqdt.

B.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA NA DEFESA DE ÁREA

1. A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt em sua missão de defender a C Pnt Ae, o 1º Esqd C Pqdt defenderá no corte do Rio CAXAMBU, a partir de D/0600, a Z Aç compreendida entre o Rio IJUÍ (3664) e o afluente sem nome sul do Rio CAXAMBU (4060). Para isso, deverá:

a) empregar no 2º Pel C Pqdt a N e o 3º Pel C Pqdt a S;

b) estabelecer PAC com os Pel em 1º Esc, na linha de alturas P Cot 409 (4066), P Cot 426 (4066), balizada pela L Ct FERRO; e

c) acolher Elm do 1º Pel C Pqdt (-) (F Cob) que retraírem em sua Z Aç.

2. Prioridade inicial de fogos:

- para o 2º Pel C Pqdt e 3º Pel C Pqdt, nesta ordem de prioridade.

ANEXO C

PREVENÇÃO DE INCIDENTES DE FRATRICÍDIO E DE FOGO AMIGO

C.1 O RISCO DE FRATRICÍDIO NO COMBATE MODERNO

C.1.1 No campo de batalha moderno, a identificação visual não pode ser o critério único de identificação de alvos a grandes distâncias, uma elevada consciência situacional deve ser mantida, a fim de minimizar a ocorrência do fratricídio.

C.2 DEFINIÇÕES BÁSICAS

C.2.1 INCIDENTE DE FRATRICÍDIO

C.2.1.1 Um incidente de fratricídio ocorre, quando armas amigas são empregadas com a intenção de matar o inimigo, destruir seu equipamento ou suas instalações, porém, de forma imprevista e não intencional, resultam em morte ou sério dano a pessoal amigo.

C.2.2 INCIDENTE DE FOGO AMIGO

C.2.2.1 O incidente de fogo amigo é similar ao fratricídio, porém o ataque não causa baixas ou danos sérios.

C.2.3 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

C.2.3.1 Para fins de redução de incidentes de fratricídio e de fogo amigo, a consciência situacional é o conhecimento e a compreensão permanente da situação tática na zona de ação da tropa considerada, nas zonas de ação vizinhas ou áreas de interesse para ela.

C.2.3.2 O conhecimento e a compreensão da situação tática devem ser constantemente buscados por todos os integrantes do Esqd C Pqdt, particularmente pelos integrantes das frações em 1º escalão.

C.2.3.3 A consciência situacional permite a todos os integrantes de uma tropa a avaliação oportuna, precisa, atualizada e relevante na identificação e avaliação de forças inimigas, de forças amigas e de elementos neutros.

C.2.4 IDENTIFICAÇÃO DO ALVO

C.2.4.1 Identificar o alvo é caracterizar, de forma precisa e oportuna, um objeto detectado na zona de ação de uma tropa ou nas zonas de ação vizinhas, como amigo, neutro ou inimigo. A identificação serve de apoio à decisão do comandante da tropa considerada, para ordenar a abertura ou não de fogo.

C.2.5 IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

C.2.5.1 Identificação de combate é o processo de emprego conjunto da consciência situacional (saber onde as forças amigas, inimigas e elementos neutros encontram-se) e da identificação do alvo (confirmar que a assinatura do alvo detectado é coerente com o inimigo), de forma a garantir, com segurança, a tomada de decisão para destruí-lo ou neutralizá-lo, se for o caso.

C.2.6 DETECTAR, IDENTIFICAR, DECIDIR, ENGAJAR E AVALIAR (DIDEA)

C.2.6.1 O DIDEA é um processo sistematizado e padronizado de cinco etapas, empregado na abordagem, identificação e engajamento de alvos. Ele contribui para evitar o tiro impulsivo sobre um alvo não corretamente identificado, ou que não possa ser precisamente caracterizado como inimigo, em um ambiente com a presença de forças amigas ou neutras.

C.2.6.2 O processo deve ser treinado e verificado por ocasião dos ensaios para a missão, particularmente pelos elementos de manobra do Esqd C Pqdt, e pelos observadores avançados dos fogos de apoio. Ele deve ser empregado por todos os integrantes do Esqd C Pqdt, de forma individual, pelas guarnições de armas coletivas e pelas tropas em 1º escalão e, recomendações sobre o seu emprego devem constar do planejamento para redução de incidentes de fratricídio ou de fogo amigo.

C.3 PLANEJAMENTO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA PARA A REDUÇÃO DE INCIDENTES DE FRATRICÍDIO E DE FOGO AMIGO

C.3.1 GENERALIDADES

C.3.1.1 O emprego da F Ter normalmente ocorre em um ambiente conjunto ou combinado, o que aproxima as unidades do EB de unidades das outras forças e/ou de outros países. Nesse contexto, é importante o conhecimento sobre equipamento, uniforme e forma de emprego das forças amigas e inimigas, a adoção das medidas de prevenção de incidentes fratricídio e de fogo amigo, o emprego de TTP de identificação de combate e o estabelecimento de regras de engajamento de alvos.

C.3.1.2 Na maior parte das ações de combate do Esqd C Pqdt, o inimigo será dinâmico por natureza, deslocando-se pela Z Aç, alterando sua localização e direção. O ajuste das medidas de coordenação e controle (Mdd Coor Ct) da Op cabe ao Cmt do Esqd C Pqdt.

C.3.2 REDUÇÃO DE INCIDENTES DE FRATRICÍDIO E DE FOGO AMIGO NO ESQDUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

C.3.2.1 Não existe um modelo padrão a ser seguido na elaboração desse planejamento, entretanto ele deve ser considerado, no mínimo, os aspectos que se seguem.

C.3.2.1.1 Forças Amigas
a) Informações sobre características do uniforme, equipamento, armamento, viaturas e das aeronaves utilizadas pelas forças amigas na operação em que o Esqd C Pqdt tomará parte.
b) Informações sobre a forma de emprego ou características do emprego das tropas amigas, particularmente, daquelas que irão operar em zonas de ação vizinhas à do Esqd C Pqdt, ou que o Esqd deverá ultrapassar.
c) Medidas de coordenação e controle empregadas na condução da operação pelo escalão superior, que possam aproximar o Esqd C Pqdt e suas tropas das forças amigas (pontos de ligação, pontos de coordenação de fogos, áreas de engajamento *etc*.).

C.3.2.1.2 Forças Inimigas
a) Dados conhecidos sobre uniforme, equipamento, armamento, viaturas e aeronaves empregadas pelo inimigo.
b) Natureza da tropa e matriz doutrinária do inimigo esperado na Z Aç do Esqd.

C.3.2.1.3 Identificação do Risco de Fratricídio e Avaliação da Taxa de Risco
a) A identificação do risco de fratricídio deve ser realizada na fase de planejamento da operação e mantida durante a sua preparação e execução.
b) Os riscos identificados devem ser analisados e informados à tropa.
c) A análise da O Op pode fornecer diversos indícios do risco de fratricídio.
d) Sempre que fatores de risco de fratricídio forem identificados, a avaliação da taxa de risco de uma operação aumenta, devendo ser contrabalançada por medidas que mitiguem o risco.

C.3.2.1.4 Normas para Enfrentar Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo
a) O Esqd C Pqdt deve estabelecer suas próprias normas, em função da situação tática e do tipo de operação a ser realizada.
b) O escalão superior pode baixar normas sobre esse assunto, que devem ser incluídas nas normas a serem estabelecidas pelo Esqd.

C.3.2.1.5 Identificação de Combate
a) A maioria dos incidentes de fratricídio e de fogo amigo ocorre por falhas de identificação em combate. Essas falhas podem ocorrer entre forças terrestres e entre essas e aeronaves amigas.
b) O Esqd C Pqdt deve estabelecer normas sobre essa identificação e enfatizar as TTP mais importantes em seu planejamento. As normas baixadas pelo escalão superior devem ser rigidamente seguidas e sua adoção por toda a tropa deve ser fiscalizada pelos comandantes em todos os níveis.

C.3.2.1.6 Regras para Engajamento de Alvos
- Essas regras são normalmente estabelecidas pelo mais alto escalão presente no TO, devendo constar o planejamento do Esqd C Pqdt. Elas estabelecem as circunstâncias e limitam as situações de engajamento de outras forças.

C.3.2.1.7 Treinamento para Redução de Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo
a) O Esqd C Pqdt deve estabelecer o que deve constar desses treinamentos, quando ele deverá ser realizado, quem deve participar e quais padrões devem ser atingidos por todas as frações subordinadas.
b) Nos treinamentos, deve ser enfatizado o processo do DIDEA, particularmente para os elementos em 1º escalão, guarnições e observadores do tiro de armas coletivas e de apoio de fogo.
c) A realização de treinamentos realísticos possibilitará a identificação e correção dos erros da tropa. Os ensaios devem ser repetidos até que os riscos sejam eliminados.

C.3.2.1.8 A experiência em combate, a vivência dos comandantes em todos os níveis e as lições aprendidas pela F Ter e pelas forças amigas ditarão outros assuntos a serem acrescentados aos planejamentos de redução do risco de incidentes de fratricídio e de fogo amigo.

C.4 IDENTIFICAÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO E MEDIDAS PREVENTIVAS

C.4.1 A redução do risco de fratricídio começa durante a fase de planejamento de uma operação e continua ao longo de sua preparação e na execução. Ela deve ser preocupação em todos os escalões, durante cada fase da operação.

C.4.2 Os riscos identificados devem ser comunicados claramente à cadeia de comando, de forma que a taxa de risco da operação possa ser minimizada.

C.4.3 Serão abordadas, a seguir, algumas considerações que influenciam na identificação do risco e algumas medidas que o comandante pode implementar para que o processo de identificação do risco possa ser mais efetivo e ajude a impedir que os incidentes de fratricídio e fogo amigo aconteçam em sua unidade.

C.4.3.1 Na Fase de Planejamento e Preparação

C.4.3.1.1 Quando o planejamento completo da operação é bem compreendido pelo Esqd, o risco de ocorrer fratricídio é minimizado. As seguintes considerações indicarão ao Cmt o potencial de fratricídio em uma determinada operação:
a) o conhecimento da situação do inimigo;
b) o conhecimento da situação das tropas amigas;
c) a intenção clara do Cmt Esqd e seu conhecimento por todos os escalões;
d) a complexidade da operação e o grau de sincronização atingido; e
e) o tempo de planejamento disponível para cada escalão.

C.4.3.1.2 Os esquemas de manobra devem representar claramente o conceito da operação, utilizando convenções gráficas e medidas de coordenação e controle regulamentares, de forma que os subordinados possam compreendê-las corretamente. Como tal, os esquemas de manobra podem ser uma ferramenta na redução do risco de fratricídio ao eliminar conflitos de setores de tiro, zonas de ação, direção de ataque e itinerários de tropas.

C.4.3.1.3 Os seguintes fatores podem contribuir para diminuir o risco de fratricídio durante o processo de preparação:
a) quantidade e tipo de ensaios realizados;
b) nível de treinamento e de eficiência em combate das peças de manobra e de seus integrantes;
c) existência de laços táticos e de relacionamento habitual entre as subunidades e frações que realizarão a operação; e
d) o grau de resistência a esforços físicos intensos e prolongados das tropas que realizarão a operação.

C.4.3.1.4 Reuniões de coordenação, de sincronização e ensaios são ferramentas primordiais na identificação e na redução do risco de fratricídio. As seguintes observações devem ser consideradas:
a) utilizar ordens claras e concisas nas reuniões de coordenação e sincronização e nos ensaios, para assegurar que os subordinados saibam onde estão os riscos de fratricídio e o que fazer para reduzi-los ou eliminá-los;
b) realizar reuniões com os comandantes subordinados para assegurar que eles compreendam a intenção do comandante do Esqd C Pqdt. Destacar, durante as reuniões, as áreas mais propensas à confusão, detalhar as partes que julgar complexas, ou que possam gerar erros nos seus planejamentos;
c) divulgar a intenção do comandante também para os escalões mais baixos, como Pel e Seç e certificar-se de que ela foi corretamente compreendida;
d) a quantidade e o tipo de ensaios que a unidade conduz podem determinar a identificação, ou não, de riscos de fratricídio; e
e) os ensaios devem estender-se a todos os escalões de comando e envolver, no mínimo, todos os elementos-chave da operação.

C.4.3.2 Fase de Execução

C.4.3.2.1 Durante a execução da operação, a capacidade de rapidamente analisar o risco de fratricídio e intervir para impedi-lo são fundamentais para enfrentar situações imprevistas. Os seguintes fatores devem ser considerados na avaliação do risco de fratricídio, após o início da operação:
a) a visibilidade entre unidades vizinhas;
b) o nível de obscurecimento do campo de batalha;
c) a habilidade ou inabilidade da tropa para identificar corretamente os alvos;
d) as semelhanças e as diferenças de equipamento, veículos e uniformes entre as forças amigas e o inimigo;
e) a densidade de veículos no campo de batalha;
f) o ritmo do combate; e
g) a facilidade de identificação no terreno das Mdd Coor Ct estabelecidas.

C.4.3.2.2 O perfeito acompanhamento da situação do combate e a divulgação de sua evolução para todos os escalões envolvidos na operação são fatores chaves na redução do risco de fratricídio. Devem constar das NGA medidas para auxiliar os Cmt de todos os escalões durante o processo de acompanhamento da situação do combate. Essas medidas podem incluir:
a) a permanente escuta da rede do Esc Sp;
b) a comunicação rádio entre os pelotões e as frações vizinhas;
c) o conhecimento preciso da localização de todas as peças de manobra;
d) a troca constante de elementos de ligação com as unidades vizinhas e o Esc Sp e, entre o Cmdo Esqd e as peças de manobra, quando for o caso; e
e) a permanente atualização das planilhas de combate, cartas de situação e outros documentos.

C.5 AVALIAÇÃO DA TAXA DE RISCO DE UMA OPERAÇÃO

C.5.1 GENERALIDADES

C.5.1.1 A taxa de risco de uma operação deve ser administrada por todos os escalões e em cada fase da manobra. Os fatores de risco de fratricídio identificados devem ser informados a todos os escalões, para que medidas para redução do fratricídio possam ser oportunamente desenvolvidas e implementadas.

C.5.2 TABELA REFERÊNCIA PARA AVALIAÇÃO DA TAXA DE RISCO

C.5.2.1 A tabela referência pode ser adotada pelo Cmt do Esqd C Pqdt e pelos Cmt Pel na avaliação da taxa de risco de fratricídio ou de fogo amigo em uma operação.

C.5.2.2 O risco potencial em cada aspecto é avaliado, atribuindo-se um conceito e um valor numérico – baixo (um ponto), médio (dois pontos) ou alto (três pontos). Somando-se as avaliações parciais, chega-se a um parâmetro, o qual estima a taxa de fratricídio resultante a ser utilizada apenas como um guia.

C.5.2.3 A taxa global será baseada nos aspectos observáveis da tabela, mas também no discernimento do planejador para os fatores imensuráveis que afetam a operação. Note-se que, na tabela C-1, somente estão listados os valores (conceitos) extremos. Cabe ao Cmt do Esqd C Pqdt determinar a interpolação a ser feita entre os conceitos extremos, para cada aspecto na coluna do risco médio.

C.5.2.4 Avaliação da taxa de fratricídio global:
a) baixa – 21 a 36 pontos;
b) média – 37 a 48 pontos; e
c) alta – 49 a 63 pontos.

C.5.2.5 A soma total dos pontos pode não refletir o risco de fratricídio com precisão, devendo ser utilizada apenas como base de referência na avaliação do risco real.

FATORES CRÍTICOS QUE AFETAM O FRATRICÍDIO	**CATEGORIAS DE RISCOS POTENCIAIS (com condições variáveis e pontuação)**		
	Baixo Risco (01 ponto)	**Médio Risco (02 pontos)**	**Alto Risco (03 pontos)**
Compreensão do Planejamento			
Intenção do Cmt	clara		vaga
Complexidade	simples		complexa
Situação das ameaças	conhecida		desconhecida
Situação das Forças amigas	conhecida		desconhecida
Regras de engajmento	claras		desconhecida
Regras e normas para emprego com Forças amigas	claras		não clara
FATORES AMBIENTAIS			
Visibilidade entre os participantes da operação	Favorável		Desfavorável
Obscurecimento	Claro		Escuro
Ritmo das operações	Lento		Rápido
Identificação positiva dos alvos	100%		Nula (0%)
MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE			
Relação entre comandos	mesma unidade		unidades distintas
Com rádio	alto e claro		baixo e não claro
Com visual	facilmente visível		difícil localização
Com gráfica	padronizada		não padronizada
Procedimentos operacionais padronizados	utilizados		não utilizados
Elm ligação	eficientes		sem treinamento
Loc, Ori e navegação	segura		não segura
EQUIPAMENTOS			
Forças amigas	similar		diferente
Ameaças – Inimigo	diferente		similar

TREINAMENTO			
Certificação padronizada individual	Realizada e aprovada		Não realizada
Certificação padronizada coletiva	Realizada e aprovada		Não realizada

Tab C-1 – Avaliação na taxa de risco

C.5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RISCO DE FRATRICÍDIO DE UMA OPERAÇÃO

C.5.3.1 No questionário que segue, é traçado um paralelo com uma ordem de operações, levantando-se considerações importantes para a redução do risco de fratricídio. Esse questionário é um exemplo e não esgota o assunto, cabendo ao Cmt do Esqd C Pqdt e seus elementos subordinados levantarem outras considerações julgadas pertinentes a cada operação.

C.5.3.2 Situação

C.5.3.2.1 Forças Inimigas

a) Há semelhanças entre o nosso uniforme, viaturas, armamento e equipamento com os do inimigo, que poderiam aumentar o risco de fratricídio durante as operações?

b) Que idioma falam as forças inimigas? Esse idioma é tão semelhante ao nosso que poderia contribuir para o risco de um fratricídio?

c) Qual é a capacidade de dissimulação do inimigo? Há registro de atividades anteriores de dissimulação?

d) Nós sabemos com precisão a localização das forças inimigas?

C.5.3.2.2 Forças Amigas

a) Existem semelhanças entre o idioma, uniforme, viaturas e equipamentos de alguma força amiga com os do inimigo (nas operações conjuntas ou combinadas), que podem aumentar o risco de fratricídio?

b) Quais diferenças, em equipamento e uniformes, entre nossas forças e as forças amigas, devem ser ressaltadas para a tropa, a fim de se prevenir o fratricídio?

c) Qual é o plano de dissimulação de nossas forças amigas (e vizinhas)?

d) Qual a localização exata das forças amigas vizinhas?

e) Existem grupos neutros, de não combatentes, civis refugiados, entre outros, em nossa Z Aç ou próxima dela? Qual a localização exata desses grupos?

f) Qual é o nível de desgaste, eficiência e confiança do equipamento das forças amigas?

C.5.3.2.3 Nossas Forças

a) Qual é o nível de adestramento do Esqd C Pqdt e das demais OM de nossa brigada, dos elementos em reforço ou em apoio? Nossa tropa possui experiência de combate? Qual a eficiência em combate de nossa brigada?

b) Qual o nível de desgaste e de fadiga de nossa tropa? Existe um plano eficaz de "sono" (descanso) em andamento?
c) O esquadrão e as forças amigas estão aclimatados a essa região? Possuem uniforme adequado?
d) Qual é o nível de desgaste, eficiência e confiança de nosso equipamento? Foi distribuído algum equipamento novo ao Esqd C Pqdt, recentemente? Qual a situação do adestramento da tropa com esse novo equipamento?

C.5.3.2.4 Meios Recebidos e Retirados
a) Os elementos recebidos pela brigada possuem completo conhecimento da situação, do equipamento, do uniforme e das demais informações sobre as forças amigas e inimigas?
b) Os elementos retirados receberam informações corretas sobre a força que passaram a integrar?

C.5.3.2.5 Condições Climáticas
a) Quais são as condições de visibilidade esperadas para a operação (dados sobre luminosidade e chuva)?
b) Que efeitos terão o calor, o frio ou a chuva sobre os soldados, as zonas de lançamento, o equipamento, o armamento e as viaturas?

C.5.3.2.6 Informações sobre o Terreno
a) Nós conhecemos perfeitamente a topografia e a vegetação da área onde operaremos? (áreas urbanas, regiões pantanosas ou alagadiças, campos, cerrados, áreas de mata, regiões de bosques, cursos d'água, represas, lagos, *etc*.)
b) Avaliamos corretamente o terreno com base no PITCIC?
c) Possuímos informações corretas e atualizadas sobre a trafegabilidade do terreno onde nossas viaturas irão operar?

C.5.3.3 Missão

C.5.3.3.1 A missão do esquadrão, bem como todas as ações a executar, as responsabilidades logísticas, de apoio de fogo, de apoio da engenharia *etc*. estão claramente compreendidas? A intenção do comandante é do conhecimento de todos?

C.5.3.4 Execução

C.5.3.4.1 Organização do Esqd C Pqdt
a) Há tropas em reforço? Essas tropas que estão reforçando o Esqd C Pqdt já trabalharam conosco em alguma operação de combate?
b) As NGA de nosso esquadrão são compatíveis com as NGA das tropas que reforçam o Esqd C Pqdt? Essas forças já foram instruídas sobre as nossas NGA?
c) São necessárias marcas ou símbolos especiais para a identificação das viaturas, dos uniformes ou dos equipamentos do Esqd C Pqdt?

d) Serão empregadas na operação novas viaturas blindadas, viaturas não blindadas, equipamentos ou armamentos? Eles são semelhantes aos do inimigo?

C.5.3.4.2 Conceito da Operação

a) Manobra

- Foram identificados riscos de fratricídio nas zonas de ação dos elementos que realizarão a ação principal e as ações secundárias?
- A tropa tem consciência desses riscos e foram tomadas medidas para evitá-los?

b) Fogos (diretos e indiretos)

- As prioridades de fogos estão bem identificadas?
- Foram confeccionadas listas de alvos?
- Os procedimentos para desencadeamento dos fogos são do conhecimento de todos?
- As áreas restritas foram identificadas e são de conhecimento da tropa? (campos de minas, áreas com restrições de fogos *etc.*).
- Existe previsão de apoio aerotático ou da Av Ex para a operação Esqd C Pqdt (após o salto e a aterragem)? Os objetivos das aeronaves estão claramente definidos? Foram planejados sinais de identificação para as viaturas e instalações do esquadrão? Existe coordenação do espaço aéreo sobre a zona de ação do Esqd C Pqdt?
- O apoio de fogo foi sincronizado com a manobra?
- Os limites de cada zona de ação foram identificados pelos pelotões?
- Foram realizados ensaios para um perfeito funcionamento do sistema de apoio de fogo?
- As comunicações do sistema de Ap F foram testadas? Existem meios alternativos para as comunicações entre os elementos do sistema de Ap F?

c) Engenharia

- O esquadrão recebeu em reforço meios de engenharia do escalão superior?
- Esses meios recebidos são suficientes para apoiar a manobra?
- Foram estabelecidas missões e prioridades de apoio para a engenharia?
- Os obstáculos e campos de minas lançados pelo inimigo foram identificados?
- Há um plano para abertura de brechas?
- Foi estimado o tempo necessário para a abertura de brechas nos obstáculos identificados?

e) Prescrições Diversas

- Serão realizados ensaios?
- Estão previstas reuniões coordenadas pelo SCmt do esquadrão, com a participação de todos os comandantes diretamente subordinados para a sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico?
- Serão realizados ensaios? Será realizado o ensaio de sincronização? O Cmt do Esqd C Pqdt expediu suas diretrizes após assistir ao ensaio?
- A tropa pratica de modo constante exercícios de identificação de alvos?

- Todas as frações de combate dos elementos de manobra e os elementos de observação da artilharia e morteiros e outras armas de apoio (Msl AC *etc*.) foram instruídos e realizaram exercícios de identificação de alvos?

- Os elementos subordinados ao esquadrão (particularmente os de manobra e os observadores dos tiros das armas de apoio) conhecem perfeitamente os procedimentos padronizados pelo esquadrão a serem realizados caso sejam surpreendidos por fogo amigo? Todos conhecem os sinais visuais, de rádio ou pirotécnicos para a sinalização de "cessar fogo" e "somos amigos"? Esses procedimentos foram ensaiados?

C.5.3.5 Logística

a) A localização da ATSU, dos PIL, dos E Sup Ev e das Z Aç de cada subunidade são do conhecimento das frações de apoio logístico e dos elementos encarregados da execução da manobra logística?

b) Os sinais de reconhecimento foram difundidos a todos os elementos encarregados de executar o apoio logístico?

c) A localização dos PCF e do PSR são do conhecimento de todos?

d) Os elementos logísticos possuem equipamentos optrônicos para deslocamento noturno (óculos de visão noturna, termais *etc*.)?

C.5.3.6 Comando e Controle

a) Postos de Comando

- Onde estarão o Cmt, o EM e demais decisores do Esqd durante a operação?

- A cadeia de comando é do conhecimento de todos? Quem assumirá as funções de comando e controle, de apoio ao combate e de apoio logístico no impedimento dos titulares dessas funções?

b) Comunicações

- As IE Com Elt incluem palavras códigos e sinais visuais para as situações de emergência?

- Constam das IE Com Elt os sinais e códigos para a identificação de aeronaves e forças amigas?

- Todos os elementos que se utilizam do rádio ou necessitam de conhecer sinais e códigos de identificação de forças amigas possuem cópias das IE Com Elt ou foram instruídos sobre esse assunto?

C.6 MEDIDAS PARA A REDUÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO

C.6.1 O princípio fundamental para a prevenção de incidentes de fratricídio e de fogo amigo pelo Esqd C Pqdt é simples – os elementos de manobra e de apoio de fogo devem saber, a todo momento, quem são e onde estão os seus elementos subordinados, as forças amigas e o inimigo que querem destruir ou neutralizar (consciência situacional atualizada constantemente).

C.6.2 As medidas abaixo proporcionam para o esquadrão um guia para a redução do risco de fratricídio. Elas não são medidas impositivas, nem se pretende que restrinjam a iniciativa do Cmt e devem ser aplicadas com base no estudo da situação tática e nos fatores da decisão:
a) identificação e avaliação do risco real de fratricídio, durante o estudo da situação, o qual deve ser expresso na O Op ou nas ordens fragmentárias;
b) manter-se constantemente informado sobre a situação tática utilizando informações reais e atualizadas, a fim de localizar as peças de manobra, as áreas restritas (minas, obstáculos, fogos), as áreas contaminadas por agentes químicos (gás e fumaça) e acompanhar alterações nos fatores da decisão;
c) assegurar a correta identificação dos alvos e efetivo controle de fogo nas frações;
d) estabelecer uma norma de comando que enfatize e estabeleça medidas de prevenção de fratricídio e assegure que os comandantes, em todos os escalões, verifiquem constantemente o cumprimento de ordens e o padrão de desempenho individual e coletivo, a fim de evitar que os efeitos da fadiga de combate, da tensão emocional e do desgaste físico possam comprometer a segurança da tropa (lembrando que quanto menor a experiência de combate do Esqd, maior a atenção a ser dada a esses efeitos);
e) reconhecer os sinais de tensão do campo de batalha e manter a coesão da unidade, atuando rápida e efetivamente para aliviar a tensão;
f) programar instruções individuais, coletivas e para Cmt de frações sobre conscientização do risco de fratricídio, identificação e reconhecimento de alvos e disciplina de fogo, com ênfase na prática de exercícios de identificação de alvos;
g) estabelecer um plano de operações simples, claro e coerente com as possibilidades do esquadrão;
h) expedir ordens concisas e claras;
i) utilizar a NGA do Esqd C Pqdt, para simplificar a expedição de ordens e, periodicamente, determinar sua atualização, verificando sua coerência com a doutrina em vigor, se adota as normas, símbolos e convenções cartográficas regulamentares e, se está de acordo com as ordens emanadas pelo Esc Sp;
j) buscar o máximo de tempo para o planejamento dos Cmt subordinados;
k) utilizar vocabulário corrente e de fácil entendimento pela tropa, terminologia correta e prevista na doutrina e Mdd Coor Ct padronizadas;
l) assegurar a perfeita compreensão de todos escalões envolvidos, da intenção do Cmt e do planejamento expedido para a operação;
m) planejar o emprego das comunicações de forma correta e clara, com previsão da duplicação dos meios de comunicações para situações de emergência, principalmente na ligação OA - O Lig - CCAF;
n) planejar a localização do PCT onde o comandante do esquadrão possa efetivamente intervir na condução do combate;
o) designar e empregar oficiais/elementos de ligação, quando necessário para a condução da operação;
p) atribuir missões e estabelecer objetivos claros e compatíveis com o valor da tropa que deverá conquistá-los;

q) realizar ensaios em todos os níveis, sempre que o tempo disponível o permitir;
r) manter-se informado, durante o combate, da sua posição, de seus elementos subordinados e dos elementos vizinhos, sincronizando o deslocamento tático das peças de manobra e, no caso de desorientação, solicitar imediatamente a ajuda de seus auxiliares ou de seu Esc Sp;
s) discutir os incidentes de fratricídio nas críticas após o combate, explorando as experiências de seus subordinados e colhendo ensinamentos para operações futuras; e
t) incluir o risco de fratricídio como fator chave na análise do terreno, durante o estudo de situação.

C.7 ENFRENTANDO UM INCIDENTE DE FOGO AMIGO

C.7.1 O esquadrão ou seus elementos Cmb, Ap Cmb ou Ap Log podem ser envolvidos em um incidente de fogo amigo como vítima, como executante do fogo ou como um observador.

C.7.2 Medidas recomendadas para a tropa que for vítima de fogo amigo:
a) reagir ao fogo até que ele seja reconhecido como fogo amigo;
b) cessar fogo;
c) executar ações imediatas para proteger os soldados e as viaturas;
d) utilizar os sinais convencionados para o reconhecimento visual, na direção da tropa que realiza os disparos, na tentativa de fazê-la cessar fogo; e
e) informar ao Esc Sp que sua tropa está recebendo fogo amigo, a localização e a direção dos veículos ou da tropa que realiza os disparos e, se possível, a identificação da tropa que está atirando.

C.7.3 Medidas a serem adotadas quando a tropa engaja pelo fogo de uma força amiga:
a) cessar fogo; e
b) informar ao Esc Sp a força amiga engajada (se não for identificada, informar valor, tipo de viaturas e outros dados disponíveis); a localização da sua tropa e a da força engajada; a direção e distância dos elementos engajados; o tipo de fogo realizado; e o efeito dos fogos nos alvos atingidos.

C.7.4 Ações recomendadas para uma força que observa um incidente de fogo amigo:
a) buscar cobertura e proteção para sua tropa;
b) usar o sinal de “cessar fogo”, na direção da unidade que dispara;
c) informar ao Esc Sp a identificação da força amiga comprometida (se não identificada, informar tipo e quantidade de veículos e outros dados disponíveis); a localização do incidente; a direção e distância da unidade engajada e da força que atira; o tipo de fogo e seu efeito nos alvos atingidos; e
d) providenciar auxílio, se necessário (quando sua tropa já estiver em segurança).

C.7.5 RESPONSABILIDADES DOS COMANDANTES

C.7.5.1 Nas situações que envolvem o risco de fratricídio e de fogo amigo, os comandantes de todos os escalões devem estar preparados para entrar em ação imediatamente, a fim de prevenir vítimas e danos ou destruição do equipamento. As seguintes ações são recomendadas em situações de fratricídio:
a) identificar o incidente e ordenar às partes envolvidas que cessem o fogo;
b) avaliar a taxa de risco da situação rapidamente; e
c) identificar e implementar as medidas para impedir que o incidente se repita.

C.8 IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

C.8.1 GENERALIDADES

C.8.1.1 A incorreta identificação de alvos ou a incorreta identificação de combate são as principais causas de incidentes de fratricídio ou de fogo amigo.

C.8.1.2 O Esqd C Pqdt e seus elementos subordinados são vulneráveis à ocorrência de tais incidentes, que deverão ser combatidos com um detalhado planejamento, um rigoroso treinamento e um cerrado acompanhamento dos riscos envolvidos nas operações e nos incidentes que venham a ocorrer.

C.8.1.3 Todos os elementos empregados em 1º escalão devem conhecer as características e a forma de atuação da tropa inimiga e de seus equipamentos que poderão operar na Z Aç do esquadrão. Eles devem saber identificar as silhuetas em diversas situações e caracterizá-las como um alvo inimigo ou não, de forma precisa e oportuna. A correta caracterização dos alvos é assunto que deve constar dos planejamentos de instrução, dos ensaios e das inspeções previstas pelo Esqd C Pqdt, antes da execução das operações, como forma de reduzir o risco de incidentes de fogo amigo ou de fratricídio.

C.8.1.4 A identificação de combate deve ser considerada prioritária no planejamento e na instrução da tropa que vai entrar em combate, como medida preventiva para a redução dos riscos de incidente de fogo amigo e de fratricídio. Influem decisivamente na identificação de combate a capacidade de caracterização visual de alvos e a consciência situacional permanentemente atualizada, em todos os níveis, dos elementos de manobra e de apoio de fogo.

C.8.2 MEDIDAS DE IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

C.8.2.1 As medidas de identificação de combate, normalmente, são estabelecidas pelo mais alto escalão da F Ter no TO ou na área de operações, devendo constar do planejamento de redução de incidentes de fratricídio e de fogo amigo do Esqd C Pqdt. Caso não sejam estabelecidas por aquele escalão, o Esqd deverá estabelecer essas medidas para os seus elementos

subordinados, antecedendo os planejamentos operacionais. Todos os elementos do Esqd devem estar de posse dessas medidas, antes da emissão de suas ordens de operações, de forma que os elementos subordinados possam entendê-las corretamente e ter a oportunidade de implementar todas as medidas estabelecidas antes de entrar em combate. Elas devem ser difundidas pelo Esqd C Pqdt para todos os seus elementos subordinados ou em apoio e para as tropas vizinhas.

C.8.2.2 As medidas de identificação de combate devem ser coerentes com as regras de engajamento estabelecidas e não devem interferir indevidamente nas frações de combate, tolhendo a iniciativa e a responsabilidade individual no engajamento de ameaças ou do inimigo.

C.8.2.3 Não existe um sistema de identificação de combate perfeito. Mas o planejamento e o emprego de medidas e procedimentos de identificação de combate pode contribuir para uma maior eficácia em combate e para a redução do risco de fratricídio e de fogo amigo.



Fig C-1 – Identificação de combate

C.8.2.4 Um sistema de identificação de combate deve incluir a consciência situacional; a compreensão da doutrina; as táticas, técnicas e procedimentos adotados; as regras de engajamento padronizadas e a tecnologia disponível (equipamentos) para a abordagem direta da prevenção do fratricídio. Embora já existam tecnologias eficazes, para auxiliar na identificação de combate, deve ser considerado que nem todas as forças presentes em um teatro ou área de operações, ou em uma determinada Z Aç, que disponham desses equipamentos.

C.8.2.5 O Esqd C Pqdt pode empregar sinais e marcas para a identificação de suas tropas, que podem permitir a identificação a distância, e evitar o fogo amigo e o fratricidio. Os sinais e marcas devem ser estabelecidos pelo Comandante do

Esqd C Pqdt (se este julgar necessário) e podem possuir um determinado período de tempo para seu uso. Qualquer modificação nas marcas, no seu posicionamento ou no período determinado de uso, não autorizada pelo escalão que as determinou, as invalida como meio de prevenção ao fratricídio. Este anexo não disponibilizará modelos das referidas marcas para não induzir o Cmt do Esqd C Pqdt a seguir referências que podem facilmente ser assimiladas e compreendidas pelo inimigo.

C.8.2.6 Outra consideração importante é que, nenhuma das tecnologias em uso, disponíveis ou em desenvolvimento, realmente identifica o inimigo, elas só podem identificar o amigo ou o desconhecido.

C.8.2.7 Nenhuma tecnologia de identificação de combate substitui a decisão humana. O dado oferecido por qualquer sistema eletrônico deve servir de subsídio e não como uma decisão pronta. A fase decisão do DIDEA jamais deverá ser delegada a uma máquina.

C.8.3 REGRAS DE ENGAJAMENTO DE ALVOS

C.8.3.1 As regras de engajamento de alvos (REA) definem as circunstâncias e limitações sob as quais uma tropa (ou seus integrantes) poderá iniciar e/ou continuar um engajamento com outras forças encontradas em sua zona de ação. Caso não sejam previstas pelo escalão superior do Esqd, caberá à SU estabelecê-las, implementá-las e informar aos elementos vizinhos.

C.8.3.2 As REA crescem de importância nas Operação de Cooperação e Coordenação com Agências (OCCA) e refletem os limites do mandato legal concedido para a operação, as legislações internacionais e outras considerações operacionais, tendo como principal preocupação as restrições sobre o uso da força.

C.8.3.3 As REA são a forma pela qual o Cmt Esqd C Pqdt transmite as orientações legais, políticas, diplomáticas e militares sobre o emprego da força aos seus elementos subordinados. Caso não as receba do Esc Sp, o Cmt Esqd C Pqdt deve estipulá-las com extremo cuidado, a fim de balancear as restrições legais e o controle do risco de fratricídio, com a necessidade de garantir a segurança de sua tropa e o cumprimento da missão. A responsabilidade pelas consequências do emprego da força no estrito cumprimento das REA cabe à autoridade que as aprovou.

C.8.3.4 Durante a condução das operações, os comandantes, em todos os níveis no Esqd C Pqdt, devem garantir que seus subordinados apliquem adequadamente as REA e não realizem ações inadequadas. Em ações de não guerra ou em operações de guerra em áreas com presença de civis, os danos colaterais provocados pelo disparo intencional de uma arma de fogo poderão degradar as relações com a população local, a imprensa e o governo local, comprometendo a operação.

C.8.3.5 Dependendo do ambiente operacional onde o Esqd C Pqdt irá operar, o conhecimento e a aplicação exata dessas REA serão de fundamental importância para o êxito da missão. Em função disso, o Cmdo Esqd deve determinar às frações e aos integrantes da unidade, bem como aos elementos recebidos em apoio ou em reforço, a realização de treinamentos de reação ao engajamento com forças adversas/inimigas e ao contato com elementos neutros, explorando, especificamente, o ambiente operacional onde o Esqd C Pqdt irá atuar. Devem constar desses treinamentos situações extremas e complexas, porém realistas, para preparar a tropa para os engajamentos reais. Os Cmt, em todos os níveis, devem se certificar de que todos os seus subordinados conhecem e entendem perfeitamente as REA, antes de envolvê-los em qualquer ação de combate.

C.8.4 IDENTIFICAÇÃO DE ALVOS E MARCAÇÃO DE POSIÇÃO DA TROPA AMIGA NO CURSO DA OPERAÇÃO AEROTERRESTRE E COM APOIO DA FORÇA AÉREA OU DA AVIAÇÃO DO EXÉRCITO

C.8.4.1 No curso da operação aeroterrestre e com apoio da Av Ex ou da F Ae podem acontecer grande parte dos incidentes de fogo amigo e de fratricídio, em função da velocidade das aeronaves, de condições climáticas adversas e de falhas na identificação da posição da tropa amiga.

C.8.4.2 Para maximizar os efeitos dos sistemas de armas das aeronaves e reduzir a incidência de fratricídio ou de fogo amigo, deve ser estabelecido um eficiente sistema de identificação da tropa amiga nas ações onde for previsto o apoio aerotático ou o emprego de aeronaves. Esse sistema deve garantir que a tripulação da aeronave possa realizar uma identificação positiva de alvos terrestres e das posições amigas, antes de disparar suas armas.

C.8.4.3 A coordenação entre a tropa terrestre e o elemento aéreo requer o conhecimento prévio de todos os procedimentos necessários de marcação e identificação da posição do alvo e da tropa amiga, com base em vários fatores táticos, como:
a) o sinal ou combinação de sinais utilizados deve ser feitos com itens normalmente transportados pela força que está no solo (verificar se a tropa conduz para a operação a sinalização correta para o caso de apoio aéreo);
b) os sinais convencionados devem poder ser observados a olho nu ou por meio de equipamentos optrônicos;
c) os sinais convencionados devem ser treinados pela tropa que está no solo; e
d) considerar sempre a influência de eventos atmosféricos na visibilidade da aeronave para o alvo e para a posição da tropa amiga.

C.8.4.4 Qualquer que seja o método preestabelecido pelo esquadrão para emprego nessas situações, devem sempre ser adaptados à situação tática e às condições atmosféricas existentes no momento do apoio aéreo. A comunicação terra-ar é essencial para coordenar e autenticar os procedimentos de marcação do alvo e da tropa amiga.

C.8.4.5 Dispositivos tradicionais de sinalização como fumígenos, munição traçante, bastões de luz química ou luzes de sinalização, espelhos de sinalização e painéis de identificação de combate no solo podem ser tão eficazes na marcação de posições amigas quanto sofisticados equipamentos optrônicos. Fatores existentes no local do apoio, como a iluminação do solo, contraste térmico e obstruções intermediárias podem influenciar a eficácia desses dispositivos luminosos.

ANEXO D

OS EFEITOS DAS OPERAÇÕES CONTINUADAS

D.1 GENERALIDADES

D.1.1 As operações continuadas têm por finalidade obter o contato cerrado sobre o inimigo e manter a pressão sobre ele.

D.1.2 Essa forma de operar pode ser desencadeada tanto nas operações ofensivas e defensivas quanto nas OCCA, sendo que ao ser desenvolvida nesse tipo de operação, deve-se atentar para as particularidades do ambiente urbano.

D.1.3 A fim de permitir que o Esqd C Pqdt reúna condições de manter a endurância e a capacidade combativa ao longo das jornadas de combate continuado, há a necessidade de seus integrantes lidar com o cansaço e o sono.

D.1.4 A ausência de adestramento, falta de experiência em combate e falta de rusticidade, em virtude da ausência de um treinamento físico adequado, contribuem para o decréscimo de atenção e entusiasmo para com as tarefas a serem executadas durante as operações. Para tanto, somente com a atuação da liderança dos comandantes em todos os níveis, um constante adestramento e a manutenção do vigor físico da tropa poderão obter êxito em tal tipo de operação.

D.2 EFEITOS DO COMBATE CONTINUADO SOBRE A TROPA

D.2.1 O cansaço, sonolência, o desgaste físico e mental e a ausência de uma alimentação adequada contribuem para a fadiga, o estresse em combate, e para o decréscimo das capacidades operativas dos militares.

D.2.2 A fadiga e o estresse em combate atingem a todos os militares, em grau variado, mas a natureza das missões atinentes ao grupo de exploradores pela dinâmica e versatilidade da tropa faz com que os efeitos do combate continuado sejam agravados.

D.2.3 O cansaço e o estresse em combate, se não mitigados, podem causar transtornos temporários como: alucinações, mania de perseguição, ausência de percepção espaço-temporal, os quais potencializam as deficiências e diminuem as capacidades dos militares.

D.2.4 A eficiência individual começa a se deteriorar após 14 horas de combate contínuo e alcançam um nível muito baixo após 22 horas ininterruptas de combate. Após 36 horas sem dormir, a maioria das tarefas que envolvem

habilidades de percepção está degradada e, após 72 horas corrente de combate, os soldados deixam de ser efetivos.

D.2.5 Os comandantes, em todos os níveis, devem saber reconhecer sintomas dos sinais de degradação das capacidades operativas, sendo elencados sintomas como:
a) tempo de reação mais lento;
b) aumento do tempo necessário para realização de atividades rotineiras;
c) dificuldade na execução de atividades que necessitam de precisão, como orientação em combate, codificação e decodificação de mensagens e pilotagem de motocicletas e viaturas;
d) decréscimo da memória para fatos ocorridos recentemente;
e) deterioração na capacidade de assimilar novos conhecimentos;
f) uma maior quantidade de erros por omissão;
g) ausência de iniciativa;
h) olhar vago;
i) mudança de humor;
j) ausência de consciência espaço-temporal;
k) dificuldade de expressão e fazer-se entender; e
l) falta de apetite e entusiasmo.

D.3 FATORES RELEVANTES NO PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO PARA UM COMBATE CONTINUADO

D.3.1 Se há uma necessidade de mudança brusca de rotina e trabalhos haverá um decréscimo de rendimento em operações. A fim de mitigar esse déficit de mudança, deve ocorrer uma adaptação a nova rotina de trabalho, de formas a condicionar o militar a atuar na nova rotina, sendo assim buscando otimizar o rendimento da tropa.

D.3.2 Para tanto, pode-se ter como dado médio de planejamento o mínimo 4 (quatro) horas de descanso para o militar durante o combate continuado, sendo que o limite de jornadas com essa rotina de sono será de 2 (duas) semanas. Se não houver a possibilidade de designar esse tempo, o planejador deve levar em conta que a partir de 36 horas até 72 horas ininterruptas de combate continuado, deverá, impreterivelmente, ser proporcionado 12 horas de sono ou de descanso, para então depois retornar as atividades com efetividade. Caso o planejamento de uma operação continuada tenha a real necessidade de estender-se além de 3 (três) jornadas diuturnas, obrigatoriamente deverá planejar 2 (dois) a 3 (três) dias de descanso para o combatente retemperar suas energias e voltar ao estado normal de combatividade.

D.3.3 No que tange às guarnições de motocicletas, deve ser dada uma atenção especial ao nível de adestramento da tropa, a fim de minimizar os efeitos do combate continuado, principalmente quanto à sonolência, falta de atenção e aos

períodos de ausência de consciência espaço-temporal. Dessa forma, é coerente que todos os militares integrantes do grupo de exploradores, possuam condições de realizar um rodízio funcional, como exemplo o explorador passar a pilotar a motocicleta, em períodos que o contato com o inimigo é inexistente ou pouco provável. Isto proporciona novas incumbências aos integrantes da fração, mudando as exigências e saindo da atividade de rotina.

D.3.4 A fim de obter consciência das prioridades de trabalho nas diversas fases da missão, bem como balancear os tópicos antagônicos segurança e descanso, o Cmt deverá estabelecer níveis de prontidão (NP), a fim de proporcionar ao seu EM e seus Cmt Pel, condições de planejar um quadro de horário que permita uma preparação adequada, a fim de manter a capacidade operativa no combate continuado. Para mais informações vide o anexo “b” ao manual de campanha Regimento de Cavalaria Mecanizado.

D.4 CONTROLE DA FADIGA OU DO ESTRESSE OPERACIONAL

D.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

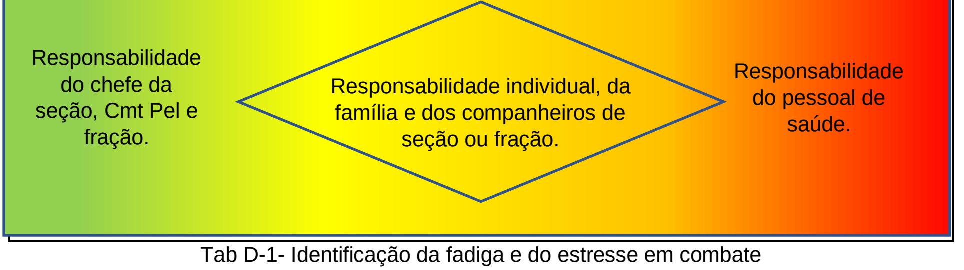
D.4.1.1 O cansaço e a ausência de descanso acarretam a fadiga em combate. Ainda dentre as consequências do combate continuado, pode-se citar o estresse operacional, sendo esse o mais preocupante, pois quando os comandantes em todos os níveis e os integrantes do EM da SU são afetados, no combate continuado e ainda, no que tange à capacidade operacional tende a ser deteriorada.

D.4.2 CLASSIFICAÇÃO DA GRAVIDADE DA FADIGA E DO ESTRESSE DE COMBATE

D.4.2.1 Os casos de fadiga e de estresse são normalmente classificados em quatro áreas, conforme a sua gravidade: verde, amarela, laranja e vermelha.
a) Na área verde estão os militares não atingidos pela fadiga ou estresse de combate. Esses militares são considerados prontos para o combate.
b) Na área amarela estão os militares atingidos pela fadiga ou estresse de combate em grau moderado. Seu quadro pode ser revertido na própria fração, com medidas como plano de sono e redistribuição de tarefas. Esses militares têm condições de reagir, com apoio de seus Cmt imediatos e companheiros.
c) Na área laranja estão os militares atingidos pela fadiga e pelo estresse de combate, de forma mais severa, sendo considerados como “feridos”. Eles necessitam de acompanhamento e de tratamento pelo pessoal de saúde.
d) Na área vermelha estão os militares atingidos pela fadiga e pelo estresse de combate, de forma mais grave, sendo considerados como “doentes”. Eles devem ser atendidos fora da zona de combate, por elementos especializados (após passarem pelo atendimento inicial na seção de saúde a seguir pela instalação

de saúde da BLB, em casos de estarem compondo FT nível SU, os militares deverão passar pela triagem do Pel saúde da CCAp do referido Btl.)

PRONTO (ÁREA VERDE)	REAGINDO (ÁREA AMARELA)	FERIDO (ÁREA LARANJA)	DOENTE (ÁREA VERMELHA)
Definição - Militar enfrenta bem o desgaste. - Está bem adaptado à sua função e fração. - Desempenha com eficiência as suas funções. - Bom humor e bem-estar. **Sintomas** - Militar preparado e bem treinado para o combate. - O controle de suas ações. Seção ou fração coesa. - Bom ambiente de trabalho. - Camaradagem. - Militar com boa situação familiar. - Bom comportamento ético.	**Definição** - Militar apresenta sofrimento leve ou perda do funcionamento normal em função do desgaste. - Angustiado. - Ansiedade leve e temporária. **Sintomas** - Militar facilmente irritável ou triste. - Mudanças físicas ou de comportamento. - Ansioso ou deprimido. - Fisicamente muito excitado ou cansado. - Dificuldade em focar no trabalho e na missão. - Dorme mal. - Não se diverte.	**Definição** - Militar estressado. - Comprometimento mais grave ou perda de função. - A situação deixará "cicratizes". - Maior Risco de doença. **Sintomas** - Pânico ou raiva. - Perda do controle do corpo ou da mente. - Não consegue dormir. - Pesadelos frequentes ou recorrentes. - Vergonha ou culpa persistentes. - Perda de valores e crenças morais. **Causas** - Ameças à vida. - Perdas próximas. - Conflito interno. - Elevado desgaste físico, emocional ou mental.	**Definição** - Angústia persistente ou perda de função. - Transtornos mentais clínicos. - Lesões por estresse não curadas. **Sintomas** - As incapacidades persistem por muitas semanas. - Os sintomas de incapacidade pioram com o tempo. **Tipos** Depressão, ansiedade e outros.



Tab D-1- Identificação da fadiga e do estresse em combate

GLOSSÁRIO

PARTE I – ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
A Coz	Área de Cozinha
A Mnt	Área de Manutenção
A Op	Área de Operações
A Res	Área de Reserva
A Rg	Área de Retaguarda
A Seg	Área de Segurança
AAAe	Artilharia Antiaérea
AAe	Antiaéreo
AC	Anticarro
Aç Cj	Ação Conjunta
Aç Rtrd	Ação Retardadora
Aç Ofs	Ação Ofensiva
Aclh	Acolhimento
ADA	Área de Defesa Avançada
Adj	Adjunto
Ae	Aéreo
AE	Área de Engajamento
AECOP	Área, Estrutura, Capacidade, Organização e Eventos
Aet	Aeroterrestre
Altn	Alternativo
Amb	Ambulância
Amv	Aeromóvel
Anv	Aeronave
AOC	Área Operacional Continental (ou do Continente)
Ap Cmb	Apoio ao Combate
Ap Dto	Apoio Direto
Ap F	Apoio de Fogo
Ap G	Apoio Geral
Ap Log	Apoio Logístico
Apvt Exi	Aproveitamento do Êxito
ARP	Área de Responsabilidade

Abreviaturas/Siglas	Significado
ARP	Aeronaves Remotamente Pilotadas
Art	Artilharia
Art Cmp	Artilharia de Campanha
Ass Aet	Assalto Aeroterrestre
AT	Área de Trens
ATC	Área de Trens de Combate
Atq	Ataque
Atq Coor	Ataque Coordenado
Atq Frt	Ataque Frontal
Atq Not	Ataque Noturno
Atq Oport	Ataque de Oportunidade
ATSU	Área de Trens da Subunidade
ATU	Área de Trens da Unidade
Aux	Auxiliar
Av	Aviação
Av Ex	Aviação do Exército

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
B Log	Batalhão Logístico
B Sau	Batalhão de Saúde
Bda	Brigada
Bda C Mec	Brigada de Cavalaria Mecanizada
Bda Inf Pqdt	Brigada de Infantaria Paraquedista
BI Pqdt	Batalhão de Infantaria Paraquedista
Bia AAAe	Bateria de Artilharia Antiaérea
BLB	Base Logística de Brigada
Bld	Blindada

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
C	Cavalaria
C Atq	Contra-ataque, Contra-atacar
C Dan	Controle de Danos
C Ex	Corpo de Exército
CI	Contrainteligência

Abreviaturas/Siglas	Significado
C Op	Centro de Operações
C Pnt Ae	Cabeça de Ponte Aérea
C Rec	Contrarreconhecimento
C Tir	Central de Tiro
C²	Comando e Controle
CAA	Controlador Aéreo Avançado
Catg	Categoria
Cav	Cavalaria, Cavalo (C)
CC	Carros de Combate
CCAF	Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
CCAp	Companhia de Comando e Apoio
Cçd	Caçadores (C)
Cia Eng Cmb	Companhia de Engenharia de Combate
CIENC	Controle das Instalações das Irradiações Eletromagnéticas
Cl	Classe
CLA	Câmara de Longo Alcance
Cmb	Combate
Cmdo	Comando
Cmp	Campanha
Cmt	Comandante
Cob	Cobertura
Com	Comunicações
Com Soc	Comunicação Social
Coop	Cooperação
Coor	Coordenação
Cpt	Capturado

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
D Aepc	Defesa Aeroespacial
DAAe	Defesa Antiaérea
DAC	Defesa Anticarro
DE	Divisão do Exército
Def	Defesa
Def A	Defesa de Área

Abreviaturas/Siglas	Significado
Def Mv	Defesa Móvel
DEFAR	Força de Segurança de Área
DEI	Dispositivo Explosivo Improvisado
DO	Dotação Orgânica
DOAMEPI	Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura
Dsb	Desbordamento
Dslc	Deslocamento
Dsml	Dissimulação
Dst Log	Destacamento Logístico

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
E Prog	Eixo de Progressão
E Sup	Eixo de Suprimento
E Sup Ev	Eixo de Suprimento e Evacuação
EB	Exército Brasileiro
ECAT	Equipe de Controle Aerotático
ECD	Em Condições De
EEI	Elementos Essenciais de Inteligência
EFD	Estado Final Desejado
Elm	Elemento
EM	Estado-Maior
Enc Mat	Encarregado do Material
Eng	Engenharia
Eng Cmb	Engenharia de Combate
Engj	Engajar, Engajamento
Env	Envolvimento
EPS	Entrada Principal de Suprimento
Eqp	Equipamento
Esc Sp	Escalão Superior
Esqd	Esquadrão
Esqd C Ap	Esquadrão de Comando e Apoio
Esqd C Mec	Esquadrão de Cavalaria Mecanizado
Esqd C Pqdt	Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

Abreviaturas/Siglas	Significado
Esqd CC	Esquadrão de Carros de Combate
Exp	Explorador

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
F	Fogo (somente em conjunto)
F Adv	Força Adversa
F Ae	Força Aérea
F Chq	Força de Choque
F Cob	Força de Cobertura
F Cob Avç	Força de Cobertura Avançada
F Cob Flc	Força de Cobertura dos Flancos
F Cob Rtgd	Força de Cobertura de Retaguarda
F Ini	Força Inimiga
F Jç	Força de Junção
F Lig	Força de Ligação
F Ptç	Força de Proteção
F Ptg	Força Protegida
F Seg	Força de Segurança
F Seg A	Força de Segurança de Área
F Ter	Força Terrestre
F Vig	Força de Vigilância
FA	Força Armada
FAC	Força Aérea Componente
FDAR	Força de Defesa de Área de Retaguarda
Fg	Flancoguarda
Flc	Flanco
FT	Força-Tarefa
FT U Pqdt	Força-Tarefa Unidade Paraquedista
Fur	Furriel
Fuz	Fuzileiro
Fuz Mec	Fuzileiro Mecanizado

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
G Ciber	Guerra Cibernética

Abreviaturas/Siglas	Significado
G Exp	Grupo de Exploradores
GAA	Guia Aéreo Avançado
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
GC	Grupo de Combate
GE	Guerra Eletrônica, Grupo de Engenharia
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
Gp	Grupo
Gp Aprv	Grupo e Aprovisionamento
Gp Com	Grupo de Comunicações
Gp Intlg	Grupo de Inteligência
Gp Log	Grupo Logístico
Gp Mnt	Grupo de Manutenção
Gp Sau	Grupo de Saúde
Gp Sup	Grupo de Suprimento
GPS	Sistema de Posicionamento Global (*Global Positioning System*)
Gpt Log	Grupamento Logístico
GU	Guarnecer, Guarnição, Grande Unidade

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
Inf	Infantaria, Infante
Infl	Infiltração
Ini	Inimigo
Intlg	Inteligência
IODCT	Instrumentos Óticos e de Direção e Controle de Tiro
IP Com Elt	Instrução Padrão de Comunicações e Eletrônica
IRVA	Inteligência, Reconhecimento, Vigiliância e Aquisição de Alvos
Itn	Itinerário

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
L	Linha
L Aç	Linha de Ação
L C Pnt Ae	Linha de Cabeça de Ponte Aérea

Abreviaturas/Siglas	Significado
L Ct	Linha de Controle
L Gr	Lança-Granadas
L Seg	Linha de Segurança
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LCAF	Linha de Coordenação do Apoio de Fogo
LEN	Localizador Eletrônico do Norte
Lig	Ligar, Ligação (L)
Loc Ater	Local de Aterragem
Log	Logística
LP	Linha de Partida
LPD	Linha de Provável Desenvolvimento
LPE	Linha de Provável Encontro
LRF	Linha de Restrição de Fogos

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
M Cmb	Marcha para o Combate
M Tat	Marcha Tática
M^2	Movimento e Manobra
MAC	Míssil Anticarro
MAE	Medida de Ataque Eletrônico
MAGE	Medida de Apoio de Guerra Eletônica
MAPE	Medida de Proteção Eletrônica
MC	Manual de Campanha
Mdd Coor Ct	Medidas de Coordenação e Controle
MDE	Mensagem Diária de Efeito
Mdt O	Mediante Ordem
Mec	Mecanizado
Mnt	Manutenção
Mod Ap	Módulo de Apoio
MP Ciber	Medida de Proteção Cibernética
Mrt	Morteiro
Mrt L	Morteiro Leve
Mrt Me	Morteiro Médio
Mrt P	Morteiro Pesado
MS	Mestre de Salto

Abreviaturas/Siglas	Significado
Msl	Míssil
Mtz	Motorizada
Mun	Munição
Mv	Móvel
Mov Rtg	Movimento Retrógrado

N

Abreviaturas/Siglas	Significado
N Com	Não Comunicações
NGA	Normas Gerais de Ação
NI	Necessidade de Inteligência
Not	Noturno
Nu Def	Núcleo de Defesa

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
O Com	Oficial de Comunicações
O Op	Ordem de Operação
O Trnp	Ordem de Transporte
OA	Observador Avançado
Obj	Objetivo
OCCA	Operação de Cooperação e Coordenação com Agência
Ocp	Ocupar, Ocupação, Ocupante
Ofs	Ofensiva
OM	Organização Militar
Op	Operações
Op Aet	Operação Aeroterrestre
Op Cmpl	Operações Complementares
Op Compl Seg	Operação Complementar de Segurança
Op Def	Operação Defensiva
Op Ofs	Operação Ofensiva
Op Seg	Operação de Segurança
OT	Ordem Técnica
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
P	Posto
P Atq	Posição de Ataque
P Blq	Posição de Bloqueio
P Col Mor	Posto de Coleta de Mortos
P Col PG	Posto de Coleta de Prisioneiros de Guerra
P Col Slv	Posto de Coleta de Salvados
P Ct	Ponto de Controle
P Def	Posição Defensiva
P Distr	Posto de Distribuição
P Lib	Ponto de Liberação
P Lig	Ponto de Ligação
P Remn	Posto de Remuniciamento
P Sen	Ponto Sensível
P Sup	Posto de Suprimento
P Trig	Posto de Triagem
PAC	Posto Avançado de Combate
Pac Log	Pacote Logístico
PAF	Plano de Apoio de Fogo
PAG	Posto Avançado Geral
PBCE	Posto de Bloqueio e Controle de Estradas
PBCVU	Posto de Controle de Vias Urbanas
PC	Posto de Comando
PC Altn	Posto de Comando Alternativo
PCF	Ponto de Concentração de Feridos
PCP	Posto de Comando Principal
PCT	Posto de Comando Tático
Pct Log	Pacote Logístico
Pel	Pelotão
Pel C Mec	Pelotão de Cavalaria Mecanizado
Pel C Pqdt	Pelotão de Cavalaria Paraquedista
Pel Cmdo Ap	Pelotão de Comando e Apoio
Pel E	Pelotão de Engenharia
Pel E Cmb	Pelotão de Engenharia de Combate
Pel Exp	Pelotão de Exploradores
Pel Mrt P	Pelotão de Morteiro Pesado

Abreviaturas/Siglas	Significado
Pel Provs	Pelotão Provisório
PFA	Plano de Fogo de Artilharia
PG	Prisioneiro de Guerra
PI	Ponto Inicial
PIR	Posição Inicial de Retardamento
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis
Plj	Planejamento
Plj In	Planejamento Inicial
PM	Polícia Militar
Pnt	Ponte
Pntr	Penetrar, Penetração
PO	Posto de Observação
POC	Plano de Cotenção de Conhecimento
POP	Procedimento Operacional Padrão
PP	Ponto de Partida
PPCOT	Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres
Prio	Priorizar, Prioridade
Prio F	Prioridade de Fogos
Prog	Progressão
Prsg	Perseguição
PSE	Ponto de Segurança Estático
PSR	Posto de Socorro Regimental
Ptç	Proteção

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QBR	Químico, Biológico e Radiológico
QO	Quadro de Organização

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
R Dstn	Região de Destino
R Op	Rede de Operações
RC Mec	Regimento de Cavalaria Mecanizado

Abreviaturas/Siglas	Significado
RComp	Recompletamento, Recompletar
RE	Regras de Engajamento
Rec	Reconhecimento
Rec A	Reconhecimento de Área
Rec E	Reconhecimento de Eixo
Rec F	Reconhecimento em Força
Rec P	Reconhecimento de Ponto
Rec Z	Reconhecimento de Zona
Ref	Reforçar, Reforço
Res	Reservar, Reserva, Reservista
Ret	Retraimento
Rg	Região, Regional (R), Regionalizar
Rgt	Regimento
RH	Recursos Humanos
RIPI	Região de Interesse para a Inteligência
Rtgd	Retaguarda
RVT	Radar de Vigilância Terrestre

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
S Cmt	Subcomandante
S-1	Oficial de Pessoal
S-2	Oficial de Inteligência
S-3	Oficial de Operações
S-4	Oficial de Logística
SARP	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas
Sau	Saúde
Seç	Seção
Seç Cçd	Seção de Caçadores
Seç Cmdo	Seção de Comando
Seç L	Seção Leve
Seç Log	Seção Logística
Seç MAC	Seção de Mísseis Anticarro
Seç Pes	Seção de Pessoal
Seç Vig Ter	Seção de Vigilância Terrestre
Seg	Segurança

Abreviaturas/Siglas	Significado
SEGAR	Segurança da Área de Retaguarda
SFC	Se For o Caso
Sgt	Sargento
Sgt Adj	Sargento Adjunto
Sgt Aj	Sargento Ajudante
Sgte	Sargenteante
Sp	Superior
SU	Subunidade
SUDIPE	Sumário Diário de Pessoal
Sup	Suprimento
SVTO	Seção de Vigilância Terrestre e Observação

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
Ter	Terra, Terreno, Terrestre, Território, Territorial (T)
TO	Teatro de Operações
Trnp	Transporte
TSU	Trens da Subunidade
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
Tu	Turma
Tu Aprov	Turma de Aprovisionamento
Tu ARP	Turma de Aeronave Remotamente Pilotada
Tu Cçd	Turma de Caçadores
Tu Cmdo	Turma de Comando
Tu Com	Turma de Comunicações
Tu Coor	Turma de Coordenação
Tu Coor Cntz F	Turma de Coordenação e Centralização de Fogo
Tu Ev	Turma de Evacuação
Tu Intlg Op	Turma de Inteligência e Operações
Tu Mnt	Turma de Manutenção
Tu Pes	Turma de Pessoal
Tu Sau	Turma de Saúde
Tu Sup	Turma de Suprimento
Tu Trig	Turma de Triagem
Tu Vig Ter	Turma de Vigilância Terrestre

U

Abreviaturas/Siglas	Significado
U	Unidade
Ultr	Ultrapassagem, Ultrapassar, Ultrapassante

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VA	Via de Acesso
VB	Viatura Blindada
VBC	Viatura Blindada de Combate
VBE	Viatura Blindada Especial
VBE LPnt	Viatura Blindada Especial Lança-Ponte
VBMT-Rec	Viatura Blindada Multitarefa de Reconhecimento
VBR	Viatura Blindada de Reconhecimento
VBTP	Viatura Blindada de Transporte Pessoal
Vgd	Vanguarda
Vig	Vigilância
Vig Ter	Vigilância Terrestre
Vtr	Viatura

Z

Abreviaturas/Siglas	Significado
Z Aç	Zona de Ação
Z Dbq	Zona de Desembarque
Z Reu	Zona de Reunião
ZL	Zona de Lançamento
ZPH	Zona de Pouso de Helicópteros

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 6021 –** Publicação Científica Impressa. Documentação. Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Lista de Tarefas Funcionais**. EB70-MC-10.341. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. EB70-MC-10.307. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Posto de Segurança Estático**. EB70-CI-11.407. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Cavalaria nas Operações**. EB70-MC-10.222. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Logística Militar Terrestre**. EB70-MC-10.238. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. EB70-MC-10.242. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações**. EB70-MC-10.216. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Cavalaria Mecanizada**. EB70-MC-10.309. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**. EB70-MC-10.211. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Regimento de Cavalaria Mecanizado.** EB70-MC-10.354. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Infantaria Paraquedista**. EB70-MC-10.372. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Pelotão de Cavalaria Mecanizado.** EB70-CI-11.457. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Aerotransporte**. EB60-MT-34.404. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEx, 2015.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Mestre de Salto Paraquedista**. EB60-MT-34.402. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEx, 2015.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Trabalho de Comando**. EB60-ME-13.301. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEx, 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.** C 2-36. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1982.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Manual de Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. C 21-30. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Batalhões de Infantaria**. C 7-20. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Estado-Maior e Ordens**. C 101-5. 2. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2011.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Operações em Ambiente Interagências.** EB20-MC-10.201. 1. ed**.** Brasília, DF: EME, 2013.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Catálogo de Capacidades do Exército 2015 - 2035**. EB20-C-07.001. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Movimento e Manobra.** EB20-MC-10.203. 1. ed**.** Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército.** EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Doutrina Militar Terrestre (DMT).** EB20-MF-10.102. 2. ed**.** Brasília, DF: EME, 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-1. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: MD, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: MD, 2021.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 01**. Guarda de Honra. 1. 1. ed. Brasília, SGEx, 2000.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 02**. Passagem de Comando. 1 ed. Brasília, SGEx, 2000.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 03**. Honras de Recepção e Despedida de Autoridade na OM. 1. ed. Brasília, SGEx, 2001.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 04**. Guarda-Bandeira. 4. ed. Brasília, SGEx, 2001.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 06**. Escolta de Honra e Salvas de Gala. 1. ed. Brasília, SGEx, 2001.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 09**. Honras Fúnebres. 1. ed. Brasília, SGEx, 2002.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOUTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 23 de setembro de 2022
www.cdoutex.eb.mil.br